

THE J. PAUL GETTY MUSEUM LIBRARY









# BOLETIM

DA

# SOCIEDADE ARCHEOLOGICA SANTOS ROCHA

N.º 1

## QUINTA SESSÃO PLENARIA

### SUMMARIO

A Sociedade Archeologica Santos Rocha e o seu Boletim.  
Necropole neolithica da Moita no concelho de Cantanhede.  
Materiaes para o estudo do neolithico no concelho da Figueira.  
Materiaes para o estudo da idade do bronze em Portugal.  
Estação luso-romana da Pedrulha.  
Tijolos romanos existentes no Museu da Figueira.  
Noticia de alguns silos e louças arabes do Algarve.  
Pelourinhos do concelho da Figueira da Foz.  
Superstições populares do concelho da Figueira.



FIGUEIRA  
IMPRESA LUSITANA

1904





---

TRABALHOS DE 1898 A 1909

---



BOLETIM

DA

SOCIEDADE ARCHEOLOGICA SANTOS ROCHA

(PROPRIEDADE E EDIÇÃO DA MESMA SOCIEDADE)

---

TOMO I

---



FIGUEIRA

IMPRESA LUSITANA DE AUGUSTO VEIGA

1909



# BOLETIM

DA

# SOCIEDADE ARCHEOLOGICA SANTOS ROCHA

---

N.º 1

QUINTA SESSÃO PLENARIA



FIGUEIRA  
IMPRESA LUSITANA

1904

# Sessão de 28 d'outubro de 1900

PRESIDENCIA DO SOCIO HONORARIO JOAQUIM FILIPPE NERY DELGADO

## COMMUNICAÇÕES

### IDADE DA PEDRA

#### I

*Necropole neolithica da Moita, no concelho de Cantanhede.*

#### II

*Materiaes para o estudo do neolithico no concelho da Figueira.*

### IDADE DO BRONZE

*Materiaes para o estudo da idade do bronze em Portugal.*

### EPOCHA ROMANA

#### I

*Estação luso-romana da Pedrulha.*

#### II

*Tijolos romanos existentes no Museu da Figueira.*

### EPOCHA ARABE

*Noticia de alguns silos e louças arabes do Algarve.*

### TEMPOS MODERNOS

*Pelourinhos do concelho da Figueira*

### ETHNOGRAPHIA

*Superstições populares da Figueira.*

## A Sociedade Archeologica Santos Rocha e o seu Boletim

A nossa Associação foi fundada em 1898 com a denominação de Sociedade Archeologica da Figueira. Teve por fundadores Antonio dos Santos Rocha, advogado, conservador effectivo do Museu Municipal da Figueira; Francisco Ferreira Loureiro, silvicultor e conservador substituto do mesmo Museu; Dr. Frederico Nogueira de Carvalho, medico; Pedro Fernandes Thomaz, professor e escriptor publico; Dr. José dos Santos Pereira Jardim, medico, José Maria Luiz d'Almeida, capitão d'artilharia; Augusto Goltz de Carvalho, professor; Antonio Gonçalves, regente agricola; Dr. Antonio Alvares Duarte Silva, proprietario, e Sotero Simões d'Oliveira, pharmaceutico.

O programma e a organização d'esta sociedade foram traçados pelos fundadores nos sete artigos que formam os seus estatutos.

Eis o teor d'este documento:

*Artigo 1.º* A *Sociedade Archeologica da Figueira*, com séde na cidade da Figueira da Foz, destina-se, em geral, ao estudo de diversos ramos das sciencias archeologicas, procurando contribuir para a resolução dos problemas da prehistoria e da historia antiga do occidente da península; e, em especial, a auxiliar o desenvolvimento do Museu Municipal da Figueira, onde se acham colligidos numerosos e importantes elementos para estes estudos.

*Art. 2.º* Para a consecução do seu fim a sociedade fará pesquisas e excavações, registando fielmente todas as circumstancias d'estes trabalhos, organizará collecções, promoverá por seus delegados em todas as freguezias do concelho da Figueira a aquisição ou conservação dos monumentos da antiguidade que se descobrirem, coordenará todos os materiaes que colligir, dando lhes publicidade, e entrará em relações com outras instituições de indole semelhante.

*Art. 3.º* Podem ser socios todos os que se interessam nos referidos estudos, comprehendendo os menores, auctorizados pelos seus representantes.

§ 1.º Os socios são de quatro cathogorias — effectivos, correspondentes, protectores e honorarios.

§ 2.º A admissão ou exclusão dos socios compete á direcção.

*Art. 4.º* A assembleia geral compõe-se de socios effectivos, e reune-se no dia 1 de Janeiro de cada triennio, para eleger a direcção e tomar contas da gerencia cessante, e todas as vezes que fôr convocada pela direcção para receber e discutir as communicações que forem feitas sobre os estudos a cargo da Sociedade, ou nos casos do art. 7.º

§ unico. A assembleia geral escolhe em cada sessão o seu presidente, servindo-lhe de secretario o da direcção.

Art. 5.º A direcção compõe-se d'um presidente e quatro directores, servindo um d'estes ultimos de vice-presidente, outro de secretario geral e outro de thesoureiro.

§ unico. O presidente tem voto de qualidade nos negocios da gerencia economica ou administrativa.

Art. 6.º Constituem receita da sociedade a quota mensal de 200 reis, que paga cada sócio effectivo, as quotas com que contribuirem os socios protectores e quaesquer outras sommas doadas.

Art. 7.º Os casos inteiramente omissos n'estes estatutos serão resolvidos pela assembleia geral, convocada pela direcção ou por cinco socios effectivos.

Approvados estes estatutos por alvará do Governo Civil de Coimbra de 4 de Fevereiro de 1898, a sociedade deu começo aos seus trabalhos. Na primeira sessão plenaria, que teve logar em 19 de Março do mesmo anno, foram apresentadas dez communicações. Pelo socio Santos Rocha — *As arcainhas do Seixo e da Sobrêda — Mobiliario neolithico disperso no valle inferior do Mondego — Primeiros vestigios da epocha do cobre nas cercanias da Figueira — Vestigio da epocha do bronze em Alvaiazere — Estação luso-romana da caverna do Bacelinho, na Serra d'Alvaiazere — Novos vestigios romanos no valle inferior do Mondego*. Pelo socio Goltz de Carvalho — *Signaes gravados em lages*. Pelo socio Fernandes Thomaz — *Inscripções e emblemas existentes nos sinos das egrejas do concelho da Figueira*. Pelo socio Ferreira Loureiro — *Um azulejo do seculo XVIII*. Pelo socio Duarte Silva — *As moedas recolhidas nas sepulturas do sitio da Igreja Velha, no Negrote*.

Em 24 d'Outubro do mesmo anno celebrou-se a segunda sessão plenaria, em que foram apresentadas nove communicações. Do socio Santos Rocha — *A caverna dos Alqueves — Estação neolithica da Ereira — Novo vestigio da epocha do cobre nas visinhanças da Figueira — Estação romana de Formoselha*.

Dos socios Ricardo Severo e Fonseca Cardoso — *Nota sobre os restos humanos da caverna neolithica dos Alqueves*. Do socio Francisco Franco y Lozano — *Nota sobre algumas hachas e objectos neolithicos do Museu de Badajoz*. Do socio Goltz de Carvalho — *Amuletos de Buarcos*. Do socio Fernandes Thomaz — *Epigraphia do concelho da Figueira*. Do socio João Jardim — *Notas ethnographicas sobre os povos de Timor*.

A terceira sessão plenaria foi celebrada em 9 d'Abril de 1899. Apresentaram-se doze communicações. Do socio Santos Rocha — *Mobiliario neolithico disperso no districto de Leiria — Nota sobre um adorno metalico existente no Museu da Figueira — Estação luso-romana da Pedrulha — Dado romano proveniente das ruinas de Condeixa-a-Velha — Necropole luso romana da Senhora do Desterro*. Dos socios Ricardo Severo e Fonseca Cardoso — *Observações sobre os restos humanos da necropole de Nossa Senhora do Desterro*. Do socio Francisco Franco y Lozano — *Lapide sepulcral de Zalamea de la Serena*. Do socio Pedro Belchior da Cruz — *Amphora de barro proveniente de Valencia del Cid — Arcabuzes de serpe e morrão*. Do socio Fernandes Thomaz — *Nota sobre um grande vaso de barro existente no Museu — Amuletos do concelho da Figueira*. Do socio Goltz de Carvalho — *Delimitação das antigas villas de Buarcos e dos Redondos*.

Na quarta sessão plenaria, de 7 de Janeiro de 1900, os trabalhos apresentados foram oito. De Santos Rocha — *Mobiliario neolithico disperso no concelho de Nellas — Ruinas romanas de Auçã*. De Belchior da Cruz — *Ruinas da*



*orca do Outeiro do Rato.* De José Joaquim Nunes — *Noticia sobre a necropole luso-romana nos arredores de Lagos.* De Goltz de Carvalho — *Calix e relicario de prata da igreja de S. Pedro.* De Ferreira Loureiro — *Alguns exemplares da architectura manuelina.* De Fernandes Thomaz — *Ceramica negra nos districtos de Coimbra e Aveiro.* De João Jardim — *A ceramica de Timor.*

Todos estes escriptos foram publicados na *Portugalia*, fasciculos 1 a 4.

Seguiram-se mais quatro sessões plenarias, em que foram apresentadas numerosas communicações; e na ultima, de 25 d'Outubro de 1903, sob proposta do presidente, conselheiro José Luiz Ferreira Freire, a associação tomou o nome de *Sociedade Archeologica Santos Rocha*.

Tal é a historia, simples e despretençiosa, da instituição de que é órgão o Boletim.

\*

Não foi por vontade de ter uma publicação propria e independente que a direcção da Sociedade criou este novo órgão. A *Portugalia* honrava e protegia com a sua auctoridade os nossos modestos trabalhos; e nós tinhamos n'esta revista, graças á amizade dos seus directores, que são tambem nossos consocios, uma publicação luxuosa e sem encargos; o que era de grande importancia para nós. Por outro lado na *Portugalia* a publicidade dos relatorios das nossas sessões era muito vasta. Trocando esta revista com as mais importantes revistas anthropologicas do estrangeiro, nós corriamos mundo, por todos esses paizes onde se estudam a sério os grandes problemas das origens e desenvolvimento da humanidade; e iamos encontrar acolhimento em povos muito distantes, onde a Figueira nem é conhecida.

Foi simplesmente a redução no volume da *Portugalia* que nos fez perder estas vantagens. Limitada agora a um certo numero de folhas d'impressão, como fôra primitivamente planeada pelos seus fundadores, aquella excellente revista não pôde mais publicar os nossos trabalhos.

Assim era forçoso recorrer a uma publicação puramente nossa.

Encetando vida independente, não é comtudo nosso intuito alterar a indole da publicação. Esta será restricta, como na *Portugalia*, aos relatorios e trabalhos apresentados nas sessões plenarias da Sociedade: e, para que os numeros do Boletim possam ligar-se ás nossas publicações anteriores, damos-lhe o formato das separatas que nos tem fornecido aquella revista.

Figueira, 1 de Abril de 1904.

A Direcção.



## Sessão de 28 d'outubro de 1900

---

Presidencia do socio honorario Joaquim Filippe Nery Delgado

---

### COMMUNICAÇÕES

---

#### NECROPOLE NEOLITHICA DA MOITA NO CONCELHO DE CANTANHEDE

POR A. SANTOS ROCHA

---

A descoberta mais importante que no corrente anno se tem feito na região do valle inferior do Mondego e suas immediações é a de sepulturas neolithicas no concelho de Cantanhede.

Nós deviamos já ao nosso consocio sr. conselheiro José Luiz Ferreira Freire, que reside em Portunhos, alguns vestigios esparsos da epocha neolithica, por elle assignalados na área do seu concelho, e que se acham hoje no Museu da Figueira; mas não se conhecia por alli, até Abril ultimo, logar algum determinado com os caracteres d'uma estação humana d'essa epocha, quer fosse de habitação, quer consagrada aos mortos.

Foi n'aquelle mez que o sr. conselheiro Ferreira Freire, constando-lhe que na freguezia do Outil haviam apparecido umas sepulturas, nos communicou a noticia, a fim de irmos proceder a estudos regulares no local. Nós estavamos longe de pensar que se tratava de sepulturas da idade da pedra. Os vestigios luso-romanos abundam na região que abrange as freguezias de Ançã, Portunhos e Outil, como temos mostrado em diversas communicações a esta Sociedade, encontrando-se até em um outeiro das visinhanças da Pena os restos d'uma povoação romanizada, onde appareceu um pequeno bronze de Diocleciano, e ultimamente no sitio da Lagôa, freguezia do Outil, em torno d'um pequenino lago, as ruínas d'uma fabrica de telhas, com seus tanques d'amassar o barro e fornos, assim como abundantes escorias de fundição de ferro. Por isso conjecturavamos que as sepulturas annunciadas deveriam pertencer a alguma necropole da mesma epocha d'estas estações.

Grande foi a nossa surpresa quando encetámos a exploração no dia 20 de Abril e reconhecemos a existencia d'um verdadeiro tumulus-dolmen; surpresa tanto maior quanto era certo que n'aquelles sitios não se havia ainda colligido mobiliario algum da idade da pedra

A exploração realisou-se facilmente, porque o nosso consocio preparou os trabalhos e teve a generosidade de fornecer o pessoal necessario. Elle assistiu tambem com o reverendo parcho do Outil, sr. Antonio Ribeiro S. Miguel, a todas as phases da descoberta; e por isso póde dar á nossa Sociedade tão minuciosa e exacta informação dos trabalhos como nós.

Devemos notar que o monumento não era unico no local. Pessoas fidedi-

gnas, moradoras nas visinhanças, nos asseguraram terem visto, a algumas dezenas de metros de distancia d'elle, restos d'uma sepultura, que, pela descripção, deviam pertencer a outro dolmen; e é de esperar que ainda se descubram mais, depois de conhecido entre os moradores dos logares visinhos o valor de taes monumentos.

\*

A situação do monumento é no fundo d'um valle, a 400<sup>m</sup> aproximadamente para SE da povoação do Outil, no logar da Moita e em predio de Francisco de Cruz Padeiro. Um ligeiro relevo do solo, sobre o qual se accumulara modernamente grande quantidade de pedra miuda, indicava o *tumulus* já muito destrocado. Entre essas pedras abundavam os ossos humanos fragmentados, provenientes, sem duvida, das profanações dos depositos mortuorios.

Rasgando o solo, encontrou-se o entulho muito incoherente, contendo pequenas lages soltas, cascalho, carvões vegetaes e fragmentos d'ossos humanos em desordem. Tudo demonstrava um remeximento profundo, que atacara e destruiu o proprio pavimento da crypta funeraria, em alguns pontos até á rocha viva.

A excavação poz a descoberto as ruínas de que damos a planta na figura 1. Ellas pareceram-nos indicar um monumento composto d'uma galeria dupla e d'uma sala sepulcral alongada, aproximando-se da fórma elliptica. O eixo maior do monumento seguia o rumo magnetico de ONO a ESE; e a entrada da galeria era do lado de ONO.

O renque de supportes, de que subsistiam restos na sala, media 4<sup>m</sup>,40 no comprimento, e o de que subsistiam restos na galeria 2<sup>m</sup>,90; o que dá para o comprimento total do edificio mais de 7<sup>m</sup>,30.

Os supportes eram lages de calcareo cravadas de cutello, e deviam ser provenientes da encosta fronteira, no sitio dos Chões, a 300 metros aproximadamente do monumento. Afirmaram-nos os visinhos que ha alli pedra inteiramente semelhante.

Quasi todos os supportes da camara sepulcral, comprehendendo a lage *b*, que parecia dividir a galeria em duas, estavam cerceados, apresentando vestigios de fracturas modernas. O proprietario explicou que em recentes excavações alli feitas arrancara muitas pedras e partira uma parte das que subsistiam, para aproveitar o terreno. Só a lage *a* nos pareceu intacta. Este suporte media na altura 1<sup>m</sup>,40.

Em seguimento da lage *b*, para o lado da galeria, appareceu uma bancada de rocha viva, indicada pelas linhas pontuadas *e*. Era provavelmente n'esta rocha que assentava o renque de lages que se seguiam á lage *b*, para divisão da mesma galeria.

Na ligação da galeria com a camara encontrou-se tambem a lage *c*, atravessada e cravada de cutello, formando um resalto sobre o pavimento da camara.

Examinando attentamente a planta, vê-se que a fórma sensivelmente oblonga d'este monumento faz lembrar o dolmen da Capella, pertencente á grande necropole da Serra do Cabo Mondego. A lage formando degrau ou resalto sobre o pavimento da camara tambem appareceu em dolmens d'essa necropole. Entretanto ha differenças em que devemos insistir. A primeira está na situação, poisque os monumentos d'aquella necropole occupam as eminencias, isto é, as cumiadas da Serra. A segunda está na dupla galeria, de que não ha exemplo na mesma necropole. Onde parece ter apparecido uma galeria semelhante, se

é verdadeira a informação que temos, é em um dolmen do Outeiro do Rato, no concelho de Nellas (Beira Alta)

Os objectos interessantes que mais abundavam no entulho eram os fragmentos d'ossos humanos. Entre elles recolhemos exemplares notaveis do fémur de pilastra e da tibia platycnemica.

Os restos animaes eram raros. Só appareceram alguns ossos de coelho e uma concha do *Triton nodiferus*.

Escasso foi tambem o mobiliario. Encontrámos apenas dois machados de pedra, um seixo oblongo, uma faca de silex, um pequeno nucleo de quartzo hyalino e alguns fragmentos ceramicos.

Os machados são de schisto, achatados, com fórma trapezoidal, secção quadrangular, gume convexo e com fracturas modernas, polidos em parte, e que medem no comprimento 0<sup>m</sup>,12 e 0<sup>m</sup>,13.

O seixo é roliço, e parece ter servido de afiador ou polidor.

A faca tem secção trapezoidal e está incompleta, medindo no comprimento 0<sup>m</sup>,083.

Os fragmentos ceramicos pertencem a um pequeno vaso hemispherico e de bordo vertical, semelhante ao exemplar recolhido no dolmen do Cabeço dos Moinhos. Era feito á mão; e a pasta apresenta uma zona vermelha desde a face externa e uma côr parda para o lado da face interna.

De metaes não se encontrou vestigio algum.

Todos estes dados auctorisam a concluir que o monumento da Moita pertenceu a um povo no mesmo estado de civilisação em que se achava o da vasta necropole dolmenica explorada na Serra do Cabo Mondego.

# MATERIAES PARA O ESTUDO DO NEOLITHICO NO CONCELHO DA FIGUEIRA

POR P. BELCHIOR DA CRUZ

## 1.<sup>a</sup> PARTE

Encarregados pelo nosso presidente de organizar um inventario de todos os objectos neolithicos colligidos n'este concelho, depois que o mesmo presidente encerrou os trabalhos que fazem objecto das suas *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira*, afim de servir de supplemento a esta bella obra, pareceu-nos justo tornar esse trabalho, á medida que se vae realisando, assumpto de diversas communicações a esta Sociedade, a quem pertencem quasi todos os objectos sobre que ellas versam.

N'este inventario seguiremos rigorosamente o methodo adoptado na referida obra, começando pela noticia descriptiva dos objectos de cada estação, indicando o numero que teem nas collecções do Museu Municipal d'esta cidade, e apresentando, afinal, algumas considerações ethnographicas que nos parecerem interessantes.

### I

#### Megalitho das Carniçosas

Este monumento, o maior da vasta necropole, pertence á nossa Sociedade desde Janeiro de 1899. Por occasião de se fazerem os alicerces para um muro que cêrca o respectivo *tumulus*, foram encontrados no entulho os seguintes objectos:

*Machados de pedra.* — Um machado de pedra, de fôrma trapezoidal e secção quadrangular, polido nas faces maiores, e fragmentado na extremidade opposta ao gume, que é convexo, afiadissimo, e regular em relação á linha mediana longitudinal. E' de schisto tegular verde. Mede 0<sup>m</sup>,117 de comprimento, 0<sup>m</sup>,044 na sua largura maxima, e 0<sup>m</sup>,03 na maior espessura (n.º 6956).

— Parte inferior d'um machado, tambem de schisto, tendo uma face plana e a outra convexa. O gume é regular e convexo. Parece ter a fôrma do instrumento precedente.

*Ponta de dardo.* — Uma ponta de dardo, de silex, de base biconcava e pedunculada, ligeiramente fragmentado na extremidade superior. E' uma peça interessante, retocada com muita perfeição, tanto nas faces, que são convexas, como nas arestas. E' o typo da figura 176.<sup>a</sup> das *Antiguidades Prehistoricas*. Mede 0<sup>m</sup>,055 de comprimento e 0<sup>m</sup>,02 na base (n.º 6955).

*Serras.* — Tres fragmentos de serras duplas de silex. A sua largura maxima varia entre 0<sup>m</sup>,026 e 0<sup>m</sup>,017.

Uma é de secção trapezoidal, e as outras duas de secção triangular (n.º 6948 a 6950).

### Estação humana do Arneiro

*Machados de pedra.* — Machado de pedra, de fôrma trapezoidal e de secção rectangular, fragmentado, polido sómente nas duas faces maiores. Mede de comprimento 0<sup>m</sup>,128 e 0<sup>m</sup>,045 na sua maior largura (6794).

— Metade longitudinal d'um machado de pedra, polido nas duas faces maiores. E' tambem trapezoidal, de secção rectangular, e tem o gume convexo e regular em relação á linha média longitudinal. Mede 0<sup>m</sup>,095 de comprimento.

*Serra.* — Fragmento de serra dupla de silex, de secção trapezoidal. Mede 0<sup>m</sup>,018 na sua largura maxima (n.º 6797).

*Ponta de setta.* — Uma ponta de setta, de silex cinzento, de base biconcava e pedunculada. E' perfeitamente retocada, tanto nas faces, que são biconvexas, como nas arestas, e mede 0<sup>m</sup>,034 de comprimento, e 0<sup>m</sup>,02 de largura na base (n.º 6519).

Esta peça, quanto á perfeição do trabalho, é unica até ao presente, na estação do Arneiro; e a sua presença não se explica até hoje por um fabrico local, pois que todos os rebotalhos de pontas de setta recolhidos tanto n'esta estação como na da Varzea de Lirio são sómente retocados nas arestas, e muito grosseiramente, como se póde ver nos exemplares expostos no Museu Municipal d'esta cidade, *Secção da Prehistoria*, estante n.º 3, prateleira A, n.ºs 637, a 640, 2198, 2841, 6522 e 6565. E', pois, evidentemente uma peça importada, como as similares dos dolmens, perdida, sem duvida, n'esta estação.

*Raspadores?* — Duas laminas de silex com retoques, que poderiam ter servido de raspadores, (n.ºs 6795 e 6796).

### Mobiliario disperso recolhido em Brenha

*Machados de pedra.* — Pequeno machado de pedra, de fôrma trapezoidal e secção quadrangular, polido nas duas faces maiores (n.º 6514).

— Machado de pedra, de fôrma trapezoidal alonganda e secção quadrangular, polido em parte (n.º 6516).

— Outro machado de pedra, em fôrma de triangulo espherico irregular, com varias fracturas. Tem algumas depressões que serviam provavelmente para a prehensão (n.º 6931).

— Machado de pedra polida, fragmentado no topo. Tem a fôrma d'um trapezio invertido, e a secção é quadrangular (n.º 7346).

— Um machado de pedra, polido, em fôrma de cunha (n.º 6515).

— Parte inferior d'um machado de pedra, polido, de fôrma trapezoidal e secção quadrangular (n.º 6517).

— Uma lasca longitudinal d'um machado de pedra, polido, tambem de fôrma trapezoidal e secção quadrangular.

Estes machados são quasi todos de schisto, havendo um, o n.º 6931, que parece ser de diorite. O comprimento dos exemplares inteiros varia entre 0<sup>m</sup>,065 e 0<sup>m</sup>,16, a largura maxima entre 0<sup>m</sup>,035 e 0<sup>m</sup>,05 e a espessura entre 0<sup>m</sup>,015 e 0<sup>m</sup>,035. Teem todos o gume convexo e regular em relação á linha mediana longitudinal.

## IV

**Mobiliario disperso recolhido na freguezia das Alhadas**

*Machados de pedra.* — Um machado de pedra, polido, em forma de triangulo espherico, achatado (n.º 7008).

— Outro de pedra, polido, em forma de triangulo espherico irregular (n.º 6636). Foi achado na serra das Alhadas.

— Pequeno machado de pedra, polido, em forma de triangulo isosceles alongado e de secção quadrangular (n.º 6635). E' proveniente da mesma serra.

— Parte inferior d'um machado de pedra, tambem de forma trapezoidal e secção quadrangular, polido sómente nas duas faces maiores (n.º 6791). Foi achado na Ponte do Curvo.

Estes machados são um de fibrolite (o n.º 7008) e os outros de schisto. O comprimento dos exemplares inteiros varia entre 0<sup>m</sup>,066 e 0<sup>m</sup>,116; a sua largura maxima entre 0<sup>m</sup>,021 e 0<sup>m</sup>,056; e a espessura entre 0<sup>m</sup>,011 e 0<sup>m</sup>,026. Tem todos o gume convexo e regular em relação á linha mediana longitudinal, excepto o n.º 7008, que o tem obliquo.

*Goiva.* — Uma magnifica goiva dupla, de fibrolite, perfeitissima. Mede 0<sup>m</sup>,068 de comprimento, e 0<sup>m</sup>,02 na sua maior largura (n.º 7365). Foi encontrada no sitio da Oliveira.

Este objecto foi já descripto n'um trabalho do nosso illustre presidente, publicado no *Archeologo Portuguez*.

*Faca.* — Fragmento d'uma faca de silex, de secção triangular, proveniente do Monte Gordo (n.º 7325).

*Lascas.* — Quatro laminas de silex com retoques, a que se não pôde determinar o destino (n.º 7321 a 7324).

## V

**Mobiliario recolhido em Quiaios**

*Machado de pedra.* — Um grande e magnifico machado de pedra, polido, de forma trapezoidal e secção quadrangular, com pequenas fracturas no gume, que é convexo e regular em relação á linha mediana longitudinal. Tem a extremidade opposta fracturada. Mede 0<sup>m</sup>,25 de comprimento, 0<sup>m</sup>,086 na sua largura maxima, junto ao gume, e tem 0<sup>m</sup>,027 de espessura (n.º 6580).

Outro de pedra, polido, em forma de triangulo espherico e fragmentado na parte opposta ao gume, que tambem é convexo e regular em relação á linha média longitudinal. As suas dimensões são: comprimento 0<sup>m</sup>,125, largura maxima 0<sup>m</sup>,049, espessura maxima 0<sup>m</sup>,038.

(*Continúa*).



## MATERIAES PARA O ESTUDO DA IDADE DO BRONZE EM PORTUGAL

POR A. SANTOS ROCHA

A civilisação do bronze não foi ainda restaurada em Portugal. Conhecem-se alguns instrumentos d'esse metal achados aqui e alli, e que em outros paizes passam por pertencerem a uma epocha que immediatamente precedeu o uso do ferro; mas este mobiliario é relativamente raro e pouco variado, e falta a descoberta, bem averiguada e methodicamente estudada, de qualquer estação humana que seguramente possa attribuir-se a esses tempos.

Por isso reputamos do maximo interesse assignalar aos palethnologos todos os vestigios de tão obscura phase da civilisação, que porventura vão apparecendo entre nós.

Ja em tempo communicámos a esta Sociedade a descoberta, em Alvaiazere, d'um fragmento d'espada de bronze (1). Agora vimos annunciar vos o apparecimento, na mesma localidade, de mais dois objectos da epocha de que tratamos.

São os dois machados, de talão e anel lateral, que representamos de face e de perfil nas figuras 2 e 3. O da figura 2 foi achado na Serra dos Carrascos, entre umas pedras, quando se abria um fosso para fabrico de carvão. O outro foi recolhido na fenda d'uma rocha, junto aos *Penedos Altos* da Serra d'Alvaiazere, e proximo do sitio em que havia apparecido o fragmento da espada. Tais são as informações que devemos ao nosso consocio sr. Polycarpo Marques Rosa, que foi quem adquiriu esses preciosos objectos e generosamente os offereceu para as nossas collecções.

Ambos são de bronze. O nosso consocio sr. Sotero Simões d'Oliveira, que tem feito todas as analyses chimicas do Museu, dá-nos, a esse respeito, a seguinte nota:

«Os dois machados metallicos de talão e anel lateral, que deram entrada no Museu Municipal, provenientes das serras de Alvaiazere, foram submettidos a analyse chimica, por via humida, segundo o processo que tenho seguido em trabalhos similares e que se acha exposto nas *Memorias sobre a antiguidade*, pagina 138. Operando separadamente sobre dois grammas de metal, limpo de oxydação, extrahido da massa interna de cada um dos exemplares, verifiquei a existência, em ambos, de uma liga, em que entram sómente o cobre e o estanho, sendo este ultimo em proporção, aproximadamente, de 6 por 100 do metal empregado na operação».

O typo em ambos os palstaves é precisamente o mesmo. Uma das faces é lisa, e na outra ha um forte talão, de cujas extremidades seguem para o topo,

(1) *Portugalia*, t. I, pag. 135.

diminuindo gradualmente de altura, os respectivos rebordos, e, para o lado do gume, arestas ou nervuras, entre as quaes ha uma terceira nervura, descendo tambem do talão, que todas expiram para baixo do meio da lamina. Em ambos o anel está do lado esquerdo d'esta ultima face.

Estes objectos apresentam vestigios bem manifestos de haverem sido fundidos em moldes feitos de duas peças.

O da figura 2 mede no comprimento 3<sup>m</sup>,17 e na largura junto ao gume 0<sup>m</sup>,034, e pesa 300 grammas.

O da figura 3 mede no comprimento 0<sup>m</sup>,2 e na largura junto ao gume 0<sup>m</sup>,04, e pesa 325 grammas.

Este typo de palstaves já tem apparecido em Portugal. Estacio da Veiga dá o desenho de um encontrado no Sabugal (districto da Guarda), que apenas differe dos nossos em ter uma só nervura central, descendo do talão para o lado do gume, e na posição do anel lateral relativamente ao talão (1). Existe outro, que se julga proveniente de Portugal, no Museu de Badajoz, que só differe dos nossos na posição do anel (2).

Mais communs, porém, parecem ser os que teem um anel de cada lado, e que devem ter servido de *herminettes* (3).

Typo semelhante ao dos nossos exemplares apparece em França (4) e nas Ilhas Britannicas (5): mas os desenhos que vimos dos perfis d'estas peças, mostram que são de talão *duplo*, isto é, apresentam um talão em cada face.

E' sabido que o talão era destinado a reter a extremidade do cabo de madeira; de sorte que nos palstaves de duplo talão o cabo bifurcava-se em fôrma de  $\Lambda$ , embutindo se e ligando se cada um dos ramos entre os rebordos e talão de cada face; mas nos exemplares, como os nossos, bastava adaptar a extremidade do cabo á cavidade unica formada pelo talão e rebordos, ligando fortemente as duas peças.

Como esta ultima fôrma é a mais simples, parece licito conjecturar que tivesse precedido a outra.

(1) *Antig. mon. do Algarve*, t. 4.º, est. XXIII, fig. 14.

(2) *Portugalia*, t. 1, pag. 342.

(3) *Les âges préhist. de l'Esp. et du Portugal*, do sr. Cartailhae, pag. 236.

(4) *Musée Préhist.* est. 67, fig.ª 685 e 686.

(5) *L'âge du bronze*, de Evans, trad. Battier, pag. 95 e segg.

## ESTAÇÃO LUSO-ROMANA DA PEDRULHA

POR A. SANTOS ROCHA



Depois das nossas excavações no sitio da Pedrulha, freguezia das Alhadas, os trabalhos agricolas descobriram mais alguns objectos interessantes, que convém assignalar aos archeologos.

Entre varios fragmentos d'esculturas, que se acharam disseminados na terra, appareceu um pedaço d'ornato em estuque, de que damos o desenho na figura 4.

Este ornato é a primeira vez que se nos depara em obras luso-romanas. Nós ignoramos se elle era já usado na Lusitania antes da influencia romana, e por conseguinte se terá pertencido á serie dos elementos decorativos que se encontram em Sabroso, e que em parte recordam a arte mycenica ou egeia.

O que nos parece é que esse typo ornamental existe nas velhas civilisações do Oriente. Nós vemos-o, por exemplo, muitas vezes repetido em um baixo relevo assyrio do tempo dos Sargonidas, epocha de Sennachrib; e alguns archeologos pensam que representa a planta que os francezes denominam *prêle des marais* (1), e que vulgarmente se designa em Portugal pelo nome de *carallinha*, segundo nos informa o nosso consocio Ferreira Loureiro.

Appareceu tambem a fivêla de bronze da figura 5.

Esta peça tem similares no mobiliario de Sabroso e da Citania de Briteiros. Notou-as o sr. Virchow em 1880, e comprehendeu-as entre os vestigios da influencia italica na Lusitania, postoque em Sabroso nada denunciase ao illustre sabio a presença dos romanos (2).

Nós tambem notámos a presença de semelhantes fivêlas no mobiliario gaullez proveniente das necropoles da Marne (3), que são anteriores alguns seculos á conquista da Galia pelos romanos (4); e esta coincidencia não é unica, porque temos registado algumas outras semelhanças entre varias peças d'aquelle mobiliario e as que recolhemos em estações pre-romanas da idade do ferro no valle do Mondego.

Assim o apparecimento d'essa fivêla na estação da Pedrulha, que é do 4.º seculo da nossa era, indica a larga sobrevivencia d'um typo que já existia na Lusitania e em outros paizes antes da influencia romana.

Se relacionarmos este facto com as descobertas feitas nas ruinas romanas de Ançã, que foram objecto d'uma nossa communicação anterior, a hypothese

(1) *Hist de l'Art* por Perrot e Chipiez, t. 2º, pag. 633.

(2) *Compte-rendu* da 9ª sessão do congresso internacional d'anthropologia e d'archeologia pre-historicas, pag. 658 e figura 8.

(3) Museu de Saint Germain en Laye, sala VII, vitrina 14.

(4) *Catal.* do referido museu por S. Reinach, 3ª edição, pag. 162.

d'uma civilização pre romana, com caracteres communs a diversos povos da Europa e vestígios d'influencia oriental, predominando na Lusitania e conservando uma parte das suas velhas tradições durante o dominio romano, parece confirmar-se d'um modo claro no valle inferior do Mondego.

Entre varios productos ceramicos recolheram-se alguns pesos de tear, com fórma rectangular ou trapezoidal, um dos quaes apresenta em relevo na superficie do topo uma inscripção, de que são nitidas as letras *ALLA*, havendo na ultima vestígios de ligação com uma outra, cuja fórma não podemos determinar. Serão a marca do fabricante? Terão qualquer relação com algum nome de que derive o actual nome de *Alhadas*? Nós não sabemos.

Encontraram-se finalmente um fragmento de mó circular e varios objectos de ferro, taes como uma escápula inteira, dois fragmentos de facas e um instrumento, que parece ser uma chave romana, já muito deteriorada.



## TIJOLOS ROMANOS EXISTENTES NO MUSEU DA FIGUEIRA

POR FRANCISCO GIL

.....

Entre os materiaes de construcção romana, colligidos no Museu da Figueira, avultam os tijolos, de que existe uma variedade notavel.

O conhecimento d'estes objectos é tão interessante, sobretudo n'um paiz onde a archeologia romana está ainda pouco avançada, á falta de elementos seguros de comparação, que nos parece util chamar a attenção dos estudiosos para elles.

Nas suas fórmas distinguem-se tres typos fundamentaes, a saber: o *rectangular*, o *trapezoidal*, e o *triangular*.

O typo *rectangular* comprehende quatro grupos:

1.<sup>o</sup> Grupo, representado na figura 6. Tijolo (n.<sup>o</sup> 4237) proveniente das ruinas da *villa* romana de Nossa Senhora do Desterro, em Montemór-o-Velho. As suas dimensões são: comprimento, 0<sup>m</sup>,45, largura 0<sup>m</sup>,30 e espessura 0<sup>m</sup>,055.

### Variedades:

1.<sup>a</sup> — Tijolo n.<sup>o</sup> 4234, proveniente das mesmas ruinas.

Dimensões: 0<sup>m</sup>,41 × 0<sup>m</sup>,272 × 0<sup>m</sup>,038.

2.<sup>a</sup> — Tijolo n.<sup>o</sup> 4242, proveniente de Marim (Algarve).

Dimensões: 0<sup>m</sup>,30 × 0<sup>m</sup>,21 × 0<sup>m</sup>,066.

3.<sup>a</sup> — Tijolo n.<sup>o</sup> 4796, proveniente da estação romana da Pedrulha (Alhadas de Baixo).

Dimensões: 0<sup>m</sup>,28 × 0<sup>m</sup>,143 × 0<sup>m</sup>,035.

4.<sup>a</sup> — Tijolo n.<sup>o</sup> 4802, da mesma proveniencia.

Dimensões: 0<sup>m</sup>,285 × 0<sup>m</sup>,225 × 0<sup>m</sup>,045.

5.<sup>a</sup> — Tijolo n.<sup>o</sup> 6616, proveniente das ruinas romanas de Condeixa-a-Velha.

Dimensões: 0<sup>m</sup>,32 × 0<sup>m</sup>,155 × 0<sup>m</sup>,053.

2.<sup>o</sup> Grupo, representado na figura 7. Tijolo romano, incompleto (n.<sup>o</sup> 4797), proveniente da Pedrulha (Alhadas).

Dimensões: 0<sup>m</sup>,233 × 0<sup>m</sup>,205 × 0<sup>m</sup>,047.

3.<sup>o</sup> Grupo, representado na figura 3. Tijolo romano (n.<sup>o</sup> 4671), proveniente das *thermas* de Milreu, em Estoi (Algarve).

Dimensões: 0<sup>m</sup>,146 × 0<sup>m</sup>,074 × 0<sup>m</sup>,046.

*Variedades:*

1.<sup>a</sup> — Tijolo n.º 4240, proveniente de Marim (Algarve).

Dimensões: 0<sup>m</sup>,195 × 0<sup>m</sup>,052 × 0<sup>m</sup>,047.

2.<sup>a</sup> — Tijolo n.º 4241, da mesma proveniência.

Dimensões: 0<sup>m</sup>,185 × 0<sup>m</sup>,072 × 0<sup>m</sup>,048.

3.<sup>a</sup> — Tijolo n.º 4350 (incompleto), proveniente da estação romana de S. Martinho d'Arvore.

Dimensões: 0<sup>m</sup>,15 × 0<sup>m</sup>,072 × 0<sup>m</sup>,055.

4.<sup>a</sup> — Tijolo n.º 6586, proveniente dos palacios dos Cesares em Roma, onde servia para fazer os pavimentos.

Dimensões: 0<sup>m</sup>,098 × 0<sup>m</sup>,054 × 0<sup>m</sup>,022.

4.<sup>o</sup> Grupo, representado na figura 4. Tijolo romano (n.º 6460), proveniente da Emide (Buarcos).

Dimensões: 0<sup>m</sup>,23 × 0<sup>m</sup>,23 × 0<sup>m</sup>,026.

*Variedades quanto ás dimensões:*

1.<sup>a</sup> — Tijolo n.º 4235, proveniente das ruinas romanas de Nossa Senhora do Desterro, em Montemor-o-Velho

Dimensões: 0<sup>m</sup>,193 × 0<sup>m</sup>,187 × 0<sup>m</sup>,053.

2.<sup>a</sup> — Tijolo n.º 4236, da mesma proveniência.

Dimensões: 0<sup>m</sup>,18 × 0<sup>m</sup>,17 × 0<sup>m</sup>,057.

3.<sup>a</sup> — Tijolo n.º 6623, proveniente das ruinas d'uma *villa* romana em Ançã (Cantanhede).

Dimensões: 0<sup>m</sup>,20 × 0<sup>m</sup>,195 × 0<sup>m</sup>,041.

Além das variedades indicadas no 1.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> grupos, ha fragmentos indicando uma largura e uma espessura como as do n.º 6378 (0<sup>m</sup>,10 × 0<sup>m</sup>,072), proveniente das Arceiras (Benha), e como as do n.º 4795 (0<sup>m</sup>,37 × 0<sup>m</sup>,060), proveniente da Pedrulha (Alhadad), assim como alguns em *bico de flauta* para molduras (n.ºs 4664 e 4665) provenientes das thermas de Milreu, em Estoi (Algarve (1)), cujas espessuras são, respectivamente, 0<sup>m</sup>,043 e 0,047 (figuras 10 e 11).

O typo *trapezoidal* apresenta duas variedades, a saber:

1.<sup>a</sup> — Representada na figura 12. Tijolo n.º 4670,1 proveniente da estação romana da Formoselha. Dimensões: altura, 0<sup>m</sup>,18, bases 0<sup>m</sup>,205 e 0<sup>m</sup>,15 e espessura 0<sup>m</sup>,045.

2.<sup>a</sup> — Representada na figura 13. Tijolo chanfrado (n.º 4233), proveniente de Figueira de Castello Rodrigo. Dimensões: altura, 0<sup>m</sup>,325, bases 0<sup>m</sup>,275 e 0<sup>m</sup>,25 e espessura 0<sup>m</sup>,05.

O typo *triangular* comprehende dois grupos, a saber:

1.<sup>o</sup> — Triangulo rectilineo.

---

(1) V. *Memorias sobre a antiguidade*, por A. dos Santos Rocha, Figueira, 1897, pag. 184.

*Variedades:*

1.<sup>a</sup> — Triângulo isosceles (figura 14). Tijolo n.º 6618. Dimensões: base 0<sup>m</sup>,30, altura 0<sup>m</sup>,140 e espessura 0<sup>m</sup>,055.

2.<sup>a</sup> — Triângulo equilátero (figura 15). Tijolo n.º 6621. Dimensões: base 0<sup>m</sup>,195, altura 0<sup>m</sup>,155 e espessura 0<sup>m</sup>,055.

Ambos estes tijolos são provenientes das ruínas d'uma *villa* romana de Ançã (Cantanhede), e serviam para o revestimento exterior das paredes (figura 16).

2.<sup>o</sup> — Tijolos em fôrma de sector circular. Na figura 17 está representado um tijolo d'esta fôrma, n.º 4632, proveniente das *thermas* de Milreu, em Estoi (Algarve). Dimensões: raio 0<sup>m</sup>,10 e espessura 0<sup>m</sup>,075. Na figura 18 acha-se representado outro tijolo da mesma fôrma, n.º 4238, proveniente da estação romana de S. Martinho d'Arvore. Tem de raio 0<sup>m</sup>,15 e de espessura 0<sup>m</sup>,06.

No mesmo Museu ha, além d'estes, outros tijolos da mesma fôrma e dimensões quasi iguaes, provenientes de S. Martinho d'Arvore e das ruínas romanas de Condeixa-a-Velha (n. s 4239, 6613 a 6615). Serviam estes tijolos para a construcção das columnas.

Na figura 19 damos o desenho d'um troço de columna feita de tijolos d'esta fôrma, proveniente das mesmas ruínas romanas de Condeixa-a-Velha (n.º 6612).

Nos tijolos que actualmente se fabricam n'este concelho, e de que existem exemplares no Museu, sobrevivem ainda as seguintes formas: a quadrangular (figura 6) no tijolo chato para ladrilhos (figura 3) e nos tijolos *burro* e *furado*; e a fôrma quadrada (figura 9) na *tijoleira*.

## NOTICIA DE ALGUNS SILOS E LOUÇAS ARABES DO ALGARVE

POR A. SANTOS ROCHA.

.....

Quando em 1895 fizémos as nossas excursões archeologicas pelo Algarve apresentámos ao Rev.<sup>do</sup> Antonio José Nunes da Gloria, parochó de Bensafrim, o mais importante auxiliar que Estacio da Veiga teve n'aquella provincia, a opinião de que os silos algarvios de certo typo, determinadamente os que viamos no proprio povoado de Bensafrim, eram obra dos arabes; e assim os classificámos depois em um trabalho publicado no *Archeologo Portuguez*.

O douto e intelligentissimo parochó não esqueceu as nossas observações sobre o assumpto; e em carta de Setembro ultimo participou-nos o seguinte:

«Ha pouco tempo um moço, que foi meu serviçal, tendo casado, tratou de arranjar um casebre na rua de Santo Antonio, que fica proxima da minha residencia, e onde se encontraram as tulhas (silos) que foram exploradas por Estacio da Veiga. Quando dei pela obra, tinha o moço cortado a rocha de grés, para profundar o solo da casa, e destruido metade de um silo, que, ao que me parece, ainda estava intacto, havendo na camada superior do entulho que o enchia, grande porção de cinzas, carvão e algumas valvas de marisco. Assisti ao resto da extracção, colligindo uma porçõesinha de fragmentos de louça e outros característicos que julgo merecerem lhe algum interesse.»

Poucos dias depois, fazendo-nos a remessa d'este espolio, insistiu:

«Divergindo o modo de ver do meu bom amigo do que sobre esses monumentos assentou Estacio da Veiga, a ceramica que envio achada em tulha ainda intacta (ao que me parece), deve offerecer lhe curiosidade e interesse».

Ora esta ceramica passa, sem contestação, no Algarve, por arabe; e Estacio da Veiga colligiu muitos exemplares, alguns dos quaes se acham hoje no Museu Ethnologico Portuguez.

Havendo assim concordancia entre o mobiliario recolhido pelo Rev.<sup>do</sup> Gloria no silo de Bensafrim e a opinião por nós emitida quanto á origem dos silos algarvios, é de ver o motivo pelo qual o illustre parochó nos attribuiu um grande interesse na descoberta. Nós temos com effeito confirmado o nosso juizo sobre esses curiosos monumentos.

Damos aqui os desenhos, devidos á penna do nosso consocio sr. Francisco Gil, das principaes peças da olaria, com as devidas restaurações em linhas pontoadas.

O da figura 20 é de barro branco, com esmalte de fundo branco, faxas azues e roxas, e tres crescentes tambem roxos. O da figura 21 é de barro vermelho intenso sem coberta d'esmalte.

A tigella da figura 22 é esmaltada de branco, com faxas azues na superficie interna; e o prato da figura 23 tambem é coberto d'esmalte branco.

A taça da figura 24 é esmaltada de amarello escuro; mas a lampada da figura 25 e o operculo da figura 26 não teem coberta d'esmalte.



A lampada é muito notavel. Estacio da Veiga encontrou exemplares semelhantes no Algarve, e o Museu da Figueira possui um fragmento recolhido pelo nosso consocio sr. Goltz de Carvalho nas excavações que fez em Buarcos. Ella faz lembrar, pela fórma e substancia, as grandes lampadas que vimos com os n.ºs 226 e 227 na sala A dos vasos antigos do Museu do Louvre, provenientes de Chypre, e que Mr. Pottier diz terem sido usadas em todo o dominio phenicio até á epocha greco-romana (1).

Essa fórma tem ainda actualmente, entre nós, seus representantes nas populares candeias de ferro ou de lata.

A tigella da figura 22 e o operculo da figura 26 tambem têm similares na ceramica colligida pelo sr. Goltz nas excavações de Buarcos; e as suas formas subsistem na moderna olaria popular do nosso paiz.

Não pôde o illustre parcho de Bensafrim mandar-nos desenho do silo em que foram encontrados estes objectos, pelo motivo, que já fica exposto, de uma parte d'elle ter sido destruido; mas offereceu nos desenhos de outros que elle havia estudado, acompanhados das indicações seguintes:

«Na Mexilhoeira Grande, diz elle, reformando o formigão do armazem da residencia, notei o som ôco que produzia o choque das ferramentas em um sitio proximo á parede e perpendicular á porta da entrada. Mandeí profundar a cava, e encontrei um silo cuidadosamente tapado com o seu operculo, mas todo rebocado de alvenaria e caiado».

E' o da figura 27. Estava excavado em terreno argiloso e frouxo; o que explica o seu revestimento com argamassa. Tinha a profundidade de 2<sup>m</sup>,20; e o seu diametro media no collo 0<sup>m</sup>,60, na maior largura do bojo 1<sup>m</sup>,22 e no fundo 0<sup>m</sup>,32.

Na mesma localidade e em predio denominado — *da Rocha* — pertencente ao sr. Visconde de Bivar, encontrou o silo da figura 28 com o bocal já destruido. Tinha a profundidade de 2<sup>m</sup>,80; e o seu diametro media no collo 1<sup>m</sup>,10, na maior largura do bojo 2<sup>m</sup>,30 e no fundo 0<sup>m</sup>,72.

Continha dentro cinzas, valvas de mulluscos marinhos e muita louca, que foi enviada a Estacio da Veiga. «Ainda fui encontrar, acrescenta o sr. Gloria, o esboço de tres fragmentos, que reproduzo. Do n.º 29 havia apenas 3 ou 4 pedacos, mas que deixavam perfectamente reconstruir o vaso. Tanto este como o bocal n.º 30 eram de barro amarello, e o n.º 30 tinha uns filetes pretos; e, se bem me recordo, não eram vidrados. O n.º 31 tinha umas listas em zigue zague, não me recordando se era vidrado, nem a côr dos ornatos».

O bocal dos silos era tapado com uma placa discoide de pedra. Nós ainda encontrámos em Bensafrim um d'estes operculos, que era feito de grés.

(1) *Catalogue des vases antiques de terre cuite*, 1.ère part., pag. 114.

## PELOURINHOS DO CONCELHO DA FIGUEIRA DA FOZ

por FERREIRA LOUREIRO

.....

O pelourinho ou *picota* é simplesmente a columna Moenia dos romanos, que elles introduziram na Gallia, e que depois foi por nós adoptada, no começo da monarchia.

Em documentos dos seculos 12 e 13, tanto francezes como inglezes, encontram-se as palavras *Piloria*, *Pilorium*, *Piloritium* e *Pilorinum*, que demonstram claramente a sua etymologia.

Como instituição feudal tiveram os pelourinhos pouca duração entre nós; mas como instituição municipal espalharam-se por todo o paiz, e ainda no seculo 18 alli se executavam as sentenças da justiça.

Consistia o pelourinho primitivo em uma columna de pedra ou de tijolo, tendo na parte superior uma especie de gaiola ou guarita, que girava horizontalmente sobre um eixo, e na qual se expunha o culpado, para que todos o vissem e ficassem conhecendo.

Diz o Visconde de Juromenha que no antigo livro das fortalezas do reino, depositado nos archivos reaes e feito por Duarte d'Armas, pintor d'el-rei D. Manuel, encontrára muitos desenhos de pelourinhos no gosto dos francezes, isto é, com guarita para exposição dos criminosos. Cita até os nomes das povoações do Sabugal, Castello-Mendo, Penaróia e Mogadouro.

Aquelles que nós conhecemos *de visu* ou por desenho, constam geralmente d'uma columna de fuste liso, ou mais ou menos ornamentada, assente perpendicularmente sobre uma base elevada em degraus.

A columna é, em geral, encimada por um capitel com um escudo, umas armas ou a esphera.

Logo abaixo do capitel sahiam quatro braços de ferro tendo na extremidade um anel e uma cadeia á qual eram amarrados os criminosos.

No de Montemór-c-Velho, que já não existe, havia quatro hastes de ferro forjado, d'um gosto um tanto barbaro e original, que ainda hoje se podem ver no Museu Municipal d'esta cidade.

Em Villa do Conde vimos nós, ha annos, um pelourinho que tinha, na parte superior do fuste, um braço de ferro empunhando a espada.

~~~~~

*Picota*, em termos de justiça, quer dizer «local onde eram expostos os malfeitores e onde se administravam as penas determinadas pelas auctoridades locais».

Parece que a palavra *picota* tira a sua etymologia dos ferros que guarneciam os pelourinhos, ou da fôrma pontaguda que no principio deram aquelles

postes; e d'ahi o verbo *empicotar*, que quer dizer «acto de expôr o condemnado á pena da *picota*» (1).

Existe uma deliberação da Camara de Vizeu de 1304, na qual se determina que todo o carniceiro accusado e convencido de se servir de pesos falsos seja exposto.

A mesma determinação diz:

«E toda a padeira que fizer pam, que nom seja do peso tal, qual os Almotacés mandaram, peite cinque soldos e ponham-na na picota».

Em grande numero de povoações do paiz existiam pelourinhos quasi sempre situados nas praças publicas em frente dos Paços do Concelho. O estudo d'estes monumentos, tão porfusamente derramados por todo o reino e construidos em epochas differentes, daria largo assumpto para o conhecimento da architectura em Portugal.

Buarcos e Redondos eram outr'ora duas villas completamente independentes, possuindo cada uma o seu pelourinho.

Mais tarde, certamente pelo augmento da população, estas villas cresceram, acabando por ficarem tão unidas, que a sua linha de separação consistia apenas n'uma rua.

Ora duas villas em uma só não tinha motivo de ser.

Em 11 d'Outubro de 1794 foi a villa de Redondos annexada á de Buarcos a requerimento das suas camaras, por motivo de ser aquella mais pequena e menos populosa.

Eis a razão porque a actual villa de Buarcos possui dois pelourinhos.

Como se poderá ver pelos desenhos juntos (figuras 32 e 33) são estes monumentos tão semelhantes na fórma e dimensões, que parece terem sido feitos ao mesmo tempo, ou com curto intervallo.

Com quanto muito simples, a sua fórma é comtudo graciosa, e a peça de cantaria com que as columnas estão coroadas faz lembrar as antigas guaritas onde se expunham os malfeitoses.

E' para notar que em Villa Nova d'Anços ha um pelourinho exactamente igual a estes, bem como na povoação da Ega, entre Soure e Condeixa, existe outro tambem muito semelhante.

O pelourinho que pertenceu á antiga villa de Redondos tem, na parte superior, a esphera armillar tão geralmente usada na architectura de D. Manuel e ainda na de D. João III, que é quasi como a assignatura d'aquella epocha.

Gravada na base da columna houve, em tempo, segundo nos affirmam, uma data que hoje se não conhece por estar a pedra muito corroida.

Comtudo no dado de cantaria que remata o fuste, vê-se ainda em uma das faces, a esphera e a era de 1. .61. O algarismo das centenas não se distingue bem, mas parece ser um 5.

(1) *Estudos historicos*, de Vilhena Barbosa.

Na segunda face ha um escudo, e na terceira uma cruz. O ornato da quarta face está apagado.

N'este mesmo local ha tambem a notar, na verga do portal d'uma casa que faz angulo com o Largo do Pelourinho, a inscripção seguinte:

ANNO DE 1689

A palavra *anno* está separada da proposição *de* por uma ave em baixo-relevo.

Tambem é digna de menção uma outra casa edificada em frente do pelourinho, onde se lê, no avental da janella central, o millesimo 1760.

O pelourinho da villa de Buarcos está mais deteriorado, talvez por se achar muito proximo do mar, e por isso mais sujeito á acção corrosiva dos temporaes.

O dado de cantaria com que está encimada a columna, tem, em uma das faces, um escudo, e na outra um brazão d'armas: nas duas restantes nada já se percebe por effeito da decomposição da pedra.

O brazão d'armas compõe-se d'um barco em fórma de crescente sobre as ondas, tendo por cima uma estrella e o arco iris com as quinas ao lado.

O foral foi dado a esta villa por D. Manuel, em Lisboa, a 13 de Setembro de 1516 (1).

É o pelourinho da Figueira o terceiro e ultimo dos que actualmente existem n'este concelho. E' de crer que Tavarede e Quiaios, povoações cuja origem remonta a grande antiguidade, tivessem possuido algum; mas, se os houve, não resta d'elles o menor vestigio.

O pelourinho da Figueira é de construcção moderna, pois que foi feito em 1782.

A columna, muito elegante, é torcida, tendo por coroamento um capitel da ordem composita e um escudo (figura 34).

Collocado ao cimo da Praça do Commercio, sobre uma base em degraus, produz excellente effeito.

Sobre a sua applicação nada podemos saber senão, que em tempo, havia alli um quadro de madeira onde se affixavam editaes (2).

(1) *Collecção d'elementos para a historia do concelho da Figueira.*

(2) *Materices para a historia da Figueira*, de Santos Rocha.

## SUPERSTIÇÕES POPULARES DO CONCELHO DA FIGUEIRA

POR PEDRO FERNANDES THOMÁS

.....

Não tem pretensões a um estudo completo, nem as poderia ter, attentas as limitadas proporções d'uma simples communicação, as ligeiras observações que vou apresentar sobre um dos pontos mais interessantes da ethnographia local — *As Superstições Populares*.

A ethnographia portugueza, quasi inteiramente despresada até ha poucos annos, logrou despertar nos ultimos tempos as attentões d'um grupo de homens de sciencia que a tem cultivado com amoroso desvelo, e o gosto por estes estudos tão interessantes tem-se desenvolvido por fôrma que é já grande a colheita dos monumentos da litteratura e da arte popular, que andavam dispersos na tradição oral, e que tem sido recolhidos não só em jornaes e livros, mas até em Revistas especiaes.

E', pois, como simples contribuição para futuros trabalhos mais desenvolvidos, que deve ser considerada esta communicação, em que se archivam as superstições mais espalhadas na Figueira e povoações limitrophes.

Os habitantes do littoral são em todos os paizes extremamente supersticiosos, como o são igualmente os homens do mar em geral, ainda mesmo os dotados d'uma certa illustração.

A imaginação popular, fortemente impressionada pelos extraordinarios espectaculos que offerece tantas vezes o oceano, criou desde tempos bem distantes essa maravilhosa série de lendas phantasticas, que se tem perpetuado na tradição oral através das gerações.

O estudo d'estas lendas e tradições constitue um assumpto altamente interessante e ainda pouco explorado entre nós mas por agora circumscrevemos ao quadro mais restricto, ainda que não menos curioso, das superstições populares.

São ellas muito numerosas entre os homens do mar: tal é por exemplo a que pretende ligar o bom ou mau tempo, que deve fazer n'um dado periodo, com a posição do crescente da lua, quando pela primeira vez apparece no horizonte, e que deu origem ao conhecido proloquio — *lua deitada, marinheiro em pé* — a crença de que em 4 d'Outubro deve haver por força mau tempo, porque é o dia de S. Francisco, que n'essa occasião açouta os mares com o cordão do seu habito — o socegarem os temporaes quando naufraga um navio, d'onde o proverbio — *Navio á costa, mar manso* — e muitas outras geralmente espalhadas entre a população maritima de todo o littoral.

A crença nas bruxas e mulheres de virtude está ainda profundamente arraigada entre o nosso povo; e a ellas recorre muita gente, para cura de enfermidades, descoberta de furtos, amores mal correspondidos, etc.

### Medicamentações

Para a cura das doenças empregam-se principalmente as *rêzas* e as *mézinhãs*, que variam conforme as molestias, taes como — a *espinhela caída*, o *bucho virado*, o *mau olhado*, o *quebranto* e o *mal de inreja*.

Seria longo ennumerar todas as *mézinhãs* de que temos conhecimento, e que fazem parte da complicada therapeutica das benzedeiças. Apontaremos algumas das mais usadas.

*Para a cura do quebranto ou mau olhado:*

Benze se o doente tres vezes com umas contas de azeviche, e defuma-se depois com alecrim benzido em domingo de Ramos. Feito isto o doente deve cuspir tres vezes em cima das brazas onde foi queimado o alecrim, a a benzedeira diz de cada vez que o doente cospe — *para nada prestes!* Em seguida apagam-se as brazas com agua benta tirada da pia d'uma igreja, e vão deitar-se as brazas ao mar.

A cura é certa.

*Para a cura da erysipela* ou de qualquer inflamação de pelle faz-se a seguinte mézinha:

Colhem-se nove rebentos de sabugueiro ou de salgueiro, deitam-se n'uma tijela e misturam se-lhe nove gotas de agua da fonte, nove de azeite tirado d'uma lampada que allumiar o Sacramento e nove pedras de sal. — Unta-se com esta mistura o sitio onde existe a inflamação durante nove dias seguidos, resando-se ao mesmo tempo a seguinte oração:

Pedro Paulo foi a Roma  
Seus sapatinhos calçou  
Ao seu bordão se encostou  
Jesus Christo encontrou  
E elle lhe perguntou:  
Pedro Paulo que vai por lá?  
Muita erysipela e erysipelão  
De que muitos morrerão. —  
Pedro Paulo torna lá  
Cura-a comervas do monte  
Aguas da fonte  
Pedrinhas de sal  
Azeite bento  
Que allumie o Santissimo Sacramento.

*Para curar as nevoas dos olhos:*

Tomam-se tres folhas de oliveira, molham-se em azeite virgem, e passam-se pelos olhos do enfermo, fazendo-lhe cruces nas palpebras e dizendo:

A Bemaventurada Santa Luzia  
Tinõa tres filhas  
Uma amassava  
Outra tendia  
Outra no fogo ardia,  
Em louvor do Senhor da Serra  
Que se vá embora esta nevoa.

Para afugentar as bruxas que andem n'uma casa, faz-se o seguinte remedio:

Deitam se n'uma telha brazas bem accesas, e sobre ellas se lançam alguns ramos de alecrim bento e de loiro, uma mão cheia de sal, e um fio de azeite da lampada do Santissimo Sacramento. Defume se a casa tres noites seguidas ao dar da meia noite, e depois vão deitar-se as brazas ao mar.

Para curar as dôres de peito, é bom apanhar um goraz vivo, abrir-lhe a bocca, cuspir-lhe dentro, e tornal-o a deitar ao mar.

Outras receitas conhecemos para curar as doenças que apontámos, mas não as mencionamos para não alongar em demasia este trabalho.

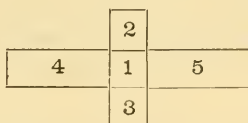
### Adivinhação do futuro. Sonhos

Duas são as fórmãs mais usuas de que se servem as *benzedeiras* e *benzilhões*, para adivinhar o futuro — *Deitar as cartas* e *deitar a peneira*.

Por qualquer d'estes meios pôde descobrir-se um segredo occulto, um furto domestico, se uma pessoa é ou não amada por outra e quaesquer outras cousas por vezes insignificantes, mas que tanto preoccupam os espiritos ignorantes.

A maneira mais usual de *deitar as cartas*, é a seguinte:

Baralham-se bem as cartas, pondo-as depois em cruz, por esta fórmula.



e benzem-se com a mão direita, recitando se o seguinte:

*Jesus! Santo nome de Jesus! sem Jesus nada se faz!*

Feito o signal da cruz, pergunta-se á pessoa que deseje consultar as cartas, o que é que ella quer saber, e baralhando novamente as cartas, diz-se a seguinte

#### Oração

S. Cypriano bemdito, bispo e arcebispo, meu senhor Jesus Christo — sete annos no mar andastes, sete orfãos amparaste, sete vezes a sorte deitaste e perguntaste se a vossa amada vos era leal; assim como desejuste saber se ella vos era leal, assim vos peço me declareis a sorte pedida em verdade, por meio d'este baralho de cartas.

Eis a significação das principaes cartas do baralho:

|                   |                                            |
|-------------------|--------------------------------------------|
| Seis de espadas — | <i>Más fallas.</i>                         |
| Valete de ouros — | <i>O amante.</i>                           |
| Cinco de copas —  | <i>Lagrimas.</i>                           |
| Az de páus —      | <i>Amores.</i>                             |
| Sete de espadas — | <i>Desgosto grande.</i>                    |
| Az de ouros —     | <i>Muito dinheiro, ou prenda de valor.</i> |

|                  |                              |
|------------------|------------------------------|
| Tres de copas —  | <i>Com certeza.</i>          |
| Dois de páus —   | <i>Viagem — Fuga.</i>        |
| Quatro de páus — | <i>Prisão — Degredo.</i>     |
| Sete d'ouros —   | <i>Firmeza — Ventura.</i>    |
| Sete de copas —  | <i>Ciumes — Traição.</i>     |
| Dama de páus —   | <i>A rival.</i>              |
| Duque de copas — | <i>Pobreza — Desgraça.</i>   |
| Espadilha —      | <i>Affirmação — Certeza.</i> |

A adivinhação por meio da peneira data de longos seculos, e era já conhecido na antiguidade com o nome *Coscinomencia*.

Ha varias maneiras de *deitar a peneira*; mas uma das mais usuaes consiste em atal-a a uma tenaz, que se suspende pelas azelhas, e vão-se depois pronunciando os nomes das pessoas de quem se suspeita. Se a peneira oscilla ao pronunciar-se qualquer nome, é certo ter aquella pessoa interferencia no assumpto da consulta. A fórma que inspira mais confiança consiste em suspender-se a peneira de uma thesoura grande aberta, cujos bicos se cravam n'um dos lados d'ella, pondo-se-lhe dentro um pente e uma moeda de prata; duas pessoas, uma de cada lado, suspendem a peneira pelas orelhas da thesoura, e procede-se como no primeiro caso.

Antes de se interrogar a peneira a benzedeira recita a seguinte invocação:

Peneira, minha peneirinha!  
 Tu que peneiras a farinha  
 Tambem peneiras a christandade  
 Venham as tres pessoas da Santissima Trindade  
 Declaram-me aqui esta verdade!

A crença nos sonhos tambem está profundamente arrejada no nosso povo. Quem ignora que, sonhando-se por exemplo tres vezes a fio com um thesouro escondido, é certo encontral-o? Mas ai de quem contar o sonho a alguém, porque então, em lugar do apetecido thesouro, só carvões encontrará o fallador!

Para se saber qualquer coisa em sonhos ha um curiosa oração de Santa Helena, que recolhemos ha tempo na Figueira. Esta oração resa-se tres noites a seguir, accompanhada d'um Padre Nosso e d'uma Ave-Maria. Deve resar-se sempre do mesmo lado, e adormecer-se sem mudar de posição. Á terceira noite a santa declara em sonhos o que se deseja saber.

#### *Oração a Santa Helena*

Santa Helena  
 Rainha de Sena  
 Sobre as ondas do mar andastes  
 Com as onze mil Virgens te associastes  
 Pão e queijo com ellas ceastes  
 A' cruz de Christo te agarrastes  
 Tres cravos que tinha, todos tres lhe tirastes  
 O primeiro deitastes ao mar, porque era sagrado  
 O segundo déstes ao Vosso Mano padre Constantino, para com elle vencer  
 a batalha da Santa Fé  
 E o terceiro em Vosso Santissimo peito o cravastes



Peço-vos Santa Helena que me declareis em sonhos .. (Diz-se o que se pretende saber).

Ou em aguas claras  
 Ou em roupas lavadas  
 Ou em casas caiadas  
 Ou em jardim de flores.

Algumas superstições referentes aos sonhos:

- Sonhar com uvas brancas, é signal de lagrimas — com uvas pretas, carta com más noticias — com gallinhas, grande desgosto — com defuntos, signal de herança — com peixe, signal de presente, ou de boas noticias de alguém ausente.
- Sonhar que alguém morreu, é dar lhe vida.
- Pôr as meias em cima da cama, faz sonhar.
- Sonhar com aranhas, é falso testemunho, com cerejas, é casamento.

### Superstições diversas

Quebrar-se um espelho em casa é signal de morte.

O mesmo succede quando tres pessoas fazem uma cama, ou quando comem treze pessoas á mesa.

Quem quizer mal a uma pessoa e a queira ver morrer em pouco tempo, é misturar-lhe em qualquer bebida terra de cemiterio apanhada á meia noite.

Pôr uma luz no chão ou em cima da cama é signal de morte.

Nunca se deve mudar de cama um doente, porque pôde morrer: o mesmo succede se lhe fizerem a cama de lavado. Em qualquer dos casos a morte é certa se o facto succeder a pedido do doente.

Quando alguém está doente e succede passar na rua um enterro, devem erguer o enfermo e sental-o na cama, aliás vae atraz do defunto.

Não se devem apagar as luzes que estão em volta d'um cadaver, sem que este chegue ao cemiterio.

Ninguem morre senão na vasante da maré, assim como todos nascem na enchente.

Para que o cadaver d'um afogado appareça, é necessario que a madrinha vá á praia e chame por elle tres vezes.

Para afugentar as trovoadas é bom queimar alecrim ou louro bento em domingo de Ramos, e accender um côto de vella que estivesse n'alguma igreja durante a Semana Santa (se fôr amarella melhor é), ou então resar a *Magnificat*, que foi a oração que Nossa Senhora rezou em casa de Santa Isabel.

Não se deve pôr dinheiro em cima da mesa onde se come, porque se faz pobre o dono da casa.

Deve tomar se sempre um numero impar de banhos de mar, assim como deve ser impar o numero de ondas que se tomar em cada banho.

Duas pessoas não se devem lavar na mesma agua, porque bulham com certeza.

Não se deve fiar em Quinta feira Santa, porque foi n'esse dia que os judeus fiaram as cordas com que prenderam Nosso Senhor.

Não se deve igualmente pescar em dia de S. Pedro, porque S. Pedro foi pescador.

Quando chove no dia d'um casamento, é bom signal.

Quando se entra n'uma casa pela primeira vez para habitar n'ella, devem contar-se as tabuas do tecto do primeiro compartimento em que se entrar, dizendo em cada uma d'ellas: *Oiro — prata — cobre — nada* até chegar á ultima. O nome que recahir na ultima, é o que nos succederá em quanto lá vivermos.

Dormir á sombra d'uma figueira, faz sezões.

Não se deve varrer os pés d'uma pessoa solteira porque não casa.

Quando cae a saia a uma mulher, é signal de que lhe andam com o marido, ou com o namorado.

Para saber os segredos d'uma pessoa bebe se o resto da agua que ella deixou.

Comer um canto de pão faz casar cedo.

Quando uma mulher anda grávida não deve trazer objecto algum no seio, porque saem os filhos malhados.

Não se devem pôr a chocar ovos em Maio, porque os pintos nascem doídos.

Quando apparece em casa uma aranha preta, é signal de dinheiro.

Quando uma gallinha se cata ou cóça com o bico, é signal de chuva. O mesmo succede quando os gatos aguçam as unhas ou quando apparece alguma centopeia na parede.

Ter pombos em casa traz infelicidade; e para que não succeda mal a quem os tem, deve arranjar-se tambem um casal de rolas, para desfazer o *enguço*.

Se apparecer uma pulga na roupa que se veste pela primeira vez, é signal de que o dono a ha-de romper com saude.

Quando um gallo canta antes da meia noite, é signal de estar um navio para entrar a barra.

Quando succede alguma cousa que não se espera, é porque está para nascer algum burro.

No dia 1.º de Maio deve comer-se logo de manhã uma castanha secca, para o Maio não entrar no corpo da gente; assim como no dia de Reis se deve partir uma romã e dividil-a por toda a familia, comendo-se alguns bagos, para ter dinheiro todo o anno.

No dia da Ascensão os passaros não vão aos ninhos senão depois do meio dia.

Ha uma quadra popular que diz:

Se os passarinhos soubessem  
Quando é dia d'Ascensão  
Nem punham o pé no ninho,  
Nem o biquinho no chão.

No dia da Ascensão, ao meio dia em ponto, deve-se cortar uma fatia de pão, que se põe a seccar ao sol até á uma hora da tarde. Embrulha-se depois a fatia n'um panno de linho, e mette se n'uma gaveta. Em egual dia do anno seguinte, vae se buscar a fatia, que está secca e não bolorenta, parte-se aos bocados, e faz se sopas d'ella em agua e assucar. E' um excellente preservativo para muitas doenças.

Arrancando-se um cabelo da cabeça com raiz, e deitando-se na agua, nasce uma cobra.

Para que uma picada de agulha não faça mal, deve-se enterrar logo a agulha n'uma cebola.

O goraz tem uma malha preta de cada lado da cabeça, que lhe ficou desde

que S. Pedro agarrou um andando a pescar. As malhas são os signaes dos dedos do Santo.

Para curar o soluço devem beber-se nove golos de agua a seguir, e sem tomar respiração.

As creanças não devem pegar nos gatos ao côlo, porque os gatos tem asthma, que se pega ás creaturas.

Quando se deitam ovos a uma gallinha, deve dizer se:

Em louvor  
de S. Salvador  
nascam tudo frangas  
e um só galador!

As paadeiras ao deitar o pão no forno, dizem estas palavras:

S. Mamede  
Te levéde  
S. Vicente  
Te acrescente.

A intervenção da divindade e dos santos protectores nas circumstancias mais angustiosas da vida, principalmente nas doenças, desastres imminentes, etc., é aqui vulgarissima, como dê resto em todos os paizes catholicos; e por isso as *promessas*, que se traduzem nos *ex-votos* e em outras manifestações de agradecimento, são frequentes nos santuarios de maior devoção popular.

Entre estes tem o primeiro logar a *Senhora da Encarnação*, que é objecto d'um culto fervoroso, não só na Figueira e arredores, mas ainda em terras distantes. Por isso na pittoresca capella onde se venera a Santa, templo humilde que alveja na encosta da montanha sobranceira ao mar, se amontôam os quadros votivos dos marinheiros em perigo, os modelos de pernas, bracos, olhos, as tranças de cabello, as velas de cêra pintalgadas de côres variegadas, dos enfermos e aleijados. . .

Do mesmo culto ardente e ingenuo compartilha o *Senhor da Vida*, na igreja da Misericordia da Figueira, e o velho thaumaturgo portuguez, o bondoso e presenteiro *Santo Antonio*, tão querido das donzellas casadoiras! . .

Referiu-se o nosso illustre consocio Sr. Dr. Santos Rocha á costumeira inveterada de se dirigirem ao Santo cartas de empenho, que é uso depositarem junto da sua imagem.

E a crença está ainda espalhada por todo o paiz; o que facilmente pôde verificar-se percorrendo as paginas d'uma revista religiosa que se publica em Braga — *A Voz de Santo Antonio* — onde abundam as cartas de empenho e de agradecimento dirigidas ao thaumaturgo. Tudo lhe pedem, empregos, livramentos de recrutas, protecção nos exames . . E' um nunca acabar!

E o Santo Precursor? Com que acrisolada devoção se lhe dirigem as raparigas tambem? Quem não ouviu, por noites perfumadas de Junho, alguma voz argentina erguer-se junto da fogueira tradicional, entoando o conhecido estribillo:

S. João, S. João, S. João  
Não deixeis este v'rão passar:  
Dai me noivo, S. João, dai me noivo  
Dai me noivo, que quero casar!

E Santa Ritta de Cassia, advogada dos impossiveis? Que gente se lhe dirige nas attribuições da existencia, fazendo-lhe por vezes as promessas mais extravagantes!

Para não alongar demasiadamente estas ligeiras notas, omitto ainda outros santuarios, objecto das devoções populares, mencionando apenas o milagroso Santo Amaro, em volta de cuja capella, junto ás Alhadas, homens e mulheres, no dia consagrado ao Santo, circulam carregadas litteralmente de braços e pernas de pau, e o não menos venerado S. Thomé da Ferreira, a cuja romaria correm, de muitas leguas de distancia, carros pittorescamente ornamentados, atrelados de robustas juntas de bois, formando uma longa procissão, que circula lentamente em volta da capellinha.

Como por todo o paiz, a crença nos mouros e mouras encantadas que guardam no seio da terra thesouros incontaveis, reservados para o feliz mortal que souber um dia descobri-los, quebrando o encanto dos tristes condemnados, conserva-se tambem entre o nosso povo viva e persistente.

São muitas as historias que a este respeito a tradição tem conservado, e é crença geral, que, principalmente na Serra da Boa Viagem, existem soterradas riquezas fabulosas.

Citarei a este respeito uma quadra que recolhi d'uma das povoações da serra, e que uma boa velhinha me recitou, para confirmar a veracidade d'uma longa historia dos thesouros occultos, e que ella dizia ter sido dita pelos mouros ao embarcarem para a sua terra:

Monte da Maia, Monte da Maia!  
 Aguas vertentes ao mar,  
 Aqui deixámos nossos thesouros  
 Cá os havemos de vir procurar!

E ainda hoje, por horas mortas, os rudes habitantes da montanha, esperam com impaciencia ouvir o bater dos alviões na terra dura, onde ha tantos seculos existem occultos os opulentos thesouros da moirama exilada!

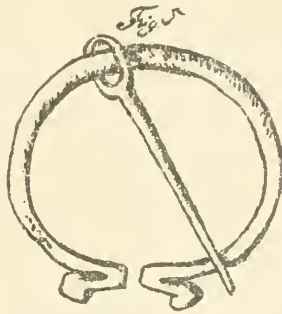
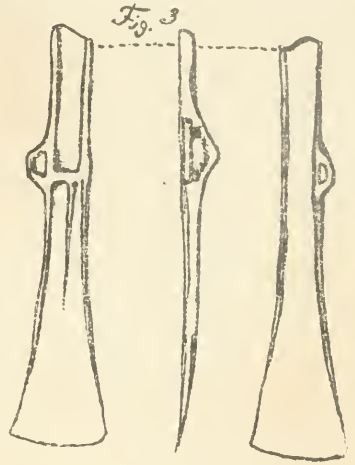
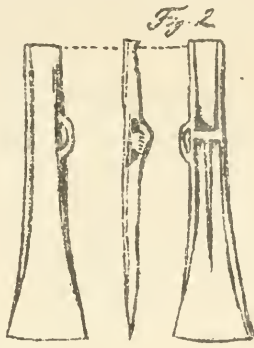
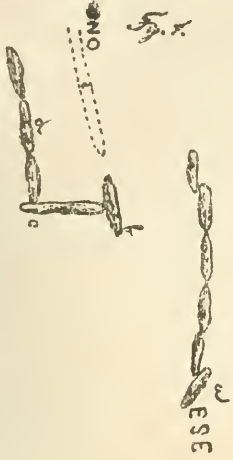


Fig. 6 (n<sup>o</sup> 4237)

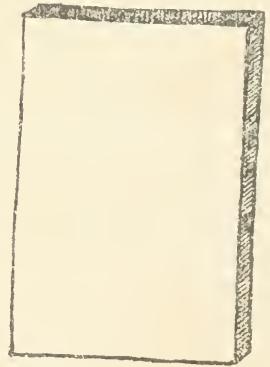


Fig. 7 (n<sup>o</sup> 4788)

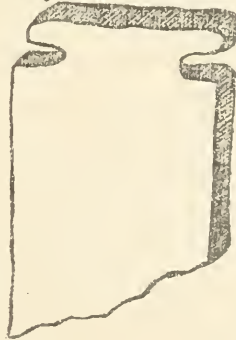
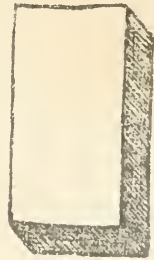


Fig. 8 (n<sup>o</sup> 4671)



ESSE



Est. II

Fig. 9 (n.º 6466)



Fig. 10 (4665)



Fig. 12 (n.º 4670)



Fig. 11 (n.º 4664  
4665)

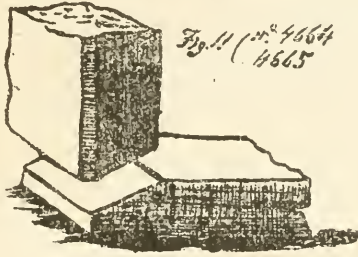


Fig. 13 (n.º 4233)

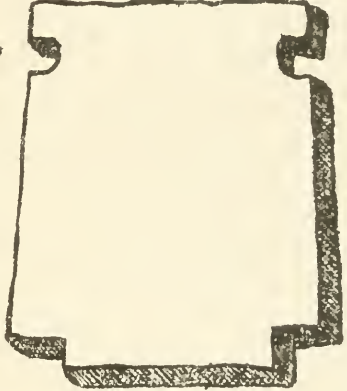


Fig. 15 (n.º 6627)



Fig. 14  
n.º 6618

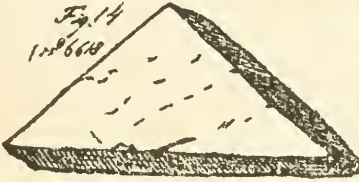


Fig. 16

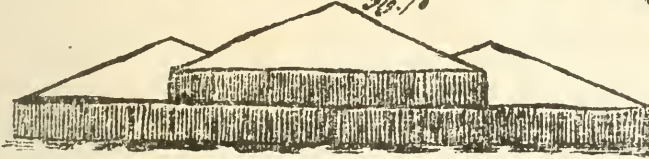


Fig. 17 (n.º 4632)



Fig. 18 (n.º 4238)



Fig. 19 (n.º 6612)

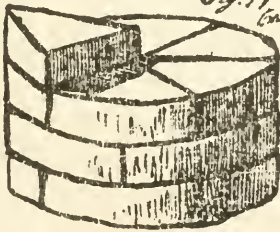


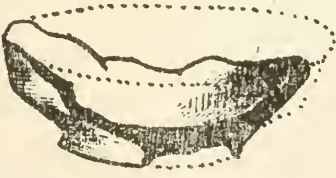
Fig. 20



Fig. 21  
92 3/4



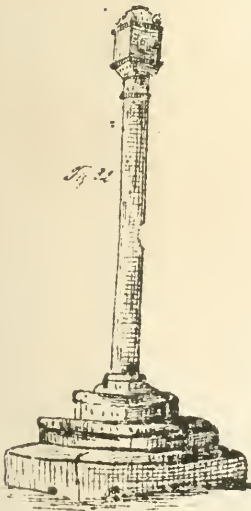
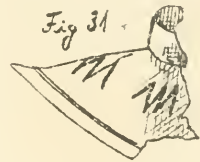
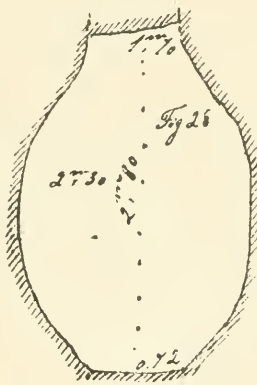
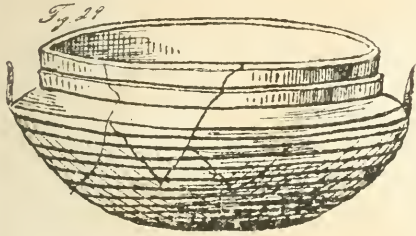
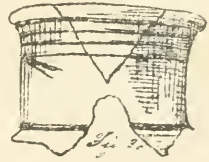
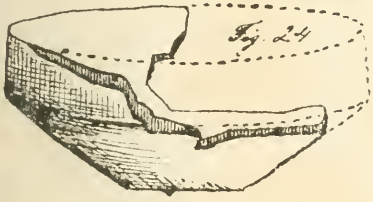
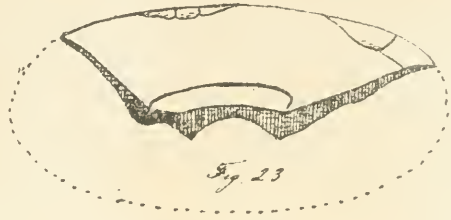
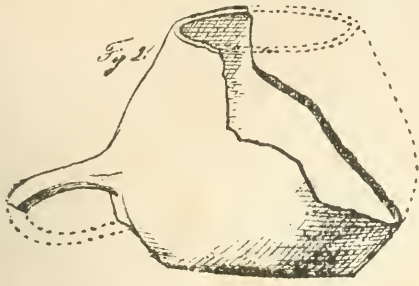
Fig. 22







Est. III







## EXPEDIENTE



**O Boletim é gratuito para os socios ordinarios.**

**Preço d'assignatura — 200 reis cada numero.**

**Os pedidos devem dirigir-se a José Netto Rocha, Figueira.**

# BOLETIM

DA

## SOCIEDADE ARCHEOLOGICA SANTOS ROCHA

TOMO I—N.º 2

SEXTA SESSÃO PLENARIA

### SUMMARIO

- Relatorio da gerencia de 1900-1901.
- Dolmens de Alcalar (Algarve).
- Materiaes para o estudo do neolithico no concelho da Figueira.
- Materiaes para o estudo da epocha do cobre em Portugal: necropoles algarvias da Baralha e do Serro de Bartholomeu Dias.
- Estudo sobre um artefacto pre-romano d'ouro descoberto no Algarve.
- O lagar luso-romano do valle do Marinho no Algarve.
- Restos da Figueira antiga e seus arredores.



FIGUEIRA  
IMPRESA LUSITANA

1904



# BOLETIM

DA

# SOCIEDADE ARCHEOLOGICA SANTOS ROCHA

N.º 2

SEXTA SESSÃO PLENARIA



FIGUEIRA  
IMPRESA LUSITANA

1904





## Sessão de 13 d'Outubro de 1901

Presidencia do socio Manuel José de Sousa

### Relatorio da gerencia de 1900-1901

*Senhores.*

O terceiro periodo da gerencia da actual Direcção, que abrange as contas hoje submittidas ao vosso julgamento, periodo que decorreu desde abril do anno ultimo até agosto do anno corrente, marca uma era notavel na existencia da nossa Sociedade e tambem nos progressos da palethnologia portugueza.

Em dezembro ultimo fômos, com o nosso consocio sr. dr. Joaquim Pereira Jardim, fazer uma excursão scientifica pelo Algarve. Dois eram os principaes fins da nossa missão: procurar e estudar alguns monumentos neolithicos, recolhendo materiaes para a ethnographia comparada dos povos que n'essa epocha habitaram o valle do Mondego e o littoral algarvio; e procurar tambem vestigios authenticos das primeiras idades do metal, ainda muito mal estudadas no nosso paiz e representadas pobremente no Museu a nosso cargo.

O campo das nossas investigações foi fixado entre Lagos e Portimão, na bella região que se estende desde a serra de Monchique até ao mar. Allí tinhamos reunidas, pelo menos, a celebrada caverna do Sêrro do Algarve, as necropoles neolithicas e cuprolithicas de Alcalar, e as do bronze da Donalda, annunciadas por Estacio da Veiga.

O plano dos nossos trabalhos devia levar-nos a atacar primeiramente a caverna; mas o proprietario, aliás bastante rico, era um velho sonhador de riquezas escondidas no seio da terra, e obrigou-nos, com a recusa do seu consentimento, a irmos divagar, durante alguns dias, pelos montes do concelho de Lagos, enquanto altas influencias de Monchique procuravam encaminhal-o para uma solução que nos fosse favoravel.

Encontrámos o velho e bondoso amigo dos archeologos, o respeitavel padre Antonio José Nunes da Gloria, parcho de Bensafrim, que nos dirigiu para a Côte do Bispo, propriedade do sr. Mathias Côte-Real; e depois de fatigantes caminhadas por selvaticos maninhos e extensos estevaes, em vez de encontrarmos umas sepulturas que o reverendo sr. Gloria tinha em vista, fômos dar em ruinas da epocha romana e em um silo de typo mourisco.

Só a extrema amabilidade do sr. Côte-Real e seu filho, que receberam de braços abertos os humildes operarios da sciencia, pôde consolar-nos da quasi

inutilidade das nossas primeiras fadigas. De material para estudo só recolhemos alli uma peça interessante: era um pequenino fragmento de cerâmica pintada, que o habito da observação nos fez distinguir nos entulhos do silo; entulhos manifestamente introduzidos n'este em tempos muito proximos de nós. Essa cerâmica parece nos da ultima epocha da influencia carthagineza na Peninsula, isto é, dos fins do 3.º seculo antes de Christo; mas provavelmente ainda continuou a ser fabricada pela população d'origem punica até á romanisação da Lusitania.

Encontrámos tambem o nosso saudoso consocio e companheiro de trabalho, reverendo José Joaquim Nunes, capellão do regimento de infantaria 15, estacionado em Lagos; e esse encaminhou-nos para o Molião, propriedade do sr. Cesar Landeiro, em um monte fronteiro á cidade, pelo lado oriental. Fôra alli que o illustre philologo reconheçera uma necropole luso-romana — onde Estacio da Veiga havia sonhado archeologia prehistorica, a que não reputava extranha a civilisação do bronze. Fizémos sondagens e descobrimos mais uma sepultura e ruinas d'outra. Um grande bronze, que era destinado a pagar a Charonte a passagem da alma do morto na barca infernal, veio revelar-nos, na primeira d'estas sepulturas, que essa necropole era do 3.º seculo da nossa era. O sr. Landeiro, que nos recebeu com a mais amavel cortezia, teve a generosidade de offerecer-nos não só o mobiliario funebre que recolhemos por nossas proprias mãos, mas tudo o que os seus serviçaes haviam encontrado quando destruíram a necropole.

Esta ultima collecção conserva o seu nome no nosso Museu.

Depois fômos installar-nos na alegre e pittoresca povoaçãozinha da Mexilhoeira Grande, onde o reverendo parochó, sr. Manuel Damaso da Rocha, cavalleiro muito obsequioso e muito illustrado, nos deu todas as facilidades para as nossas pesquisas, e foi nosso companheiro e nosso amigo.

Alli dividimos os trabalhos. Ao nosso consocio, sr. dr. Joaquim Jardim, coube Alcalar, a 5 kilometros do povoado. Elle devia procurar alli monumentos ainda não descobertos, nem mesmo assignalados por Estacio da Veiga, e exploral-os a rigor. Acompanhava-o o collecter da Sociedade, Francisco Dias Cardoso, homem de inteira confiança, que devia fixar a sua residencia junto das excavações. Os valiosos resultados das suas intelligentes pesquisas constam do relatorio que tenho a honra de apresentar-vos n'esta sessão. O mais notavel é sem duvida a descoberta d'um dolmen *de cupula*, em que esta é formada por uma abobada de silhares convergentes, typo de meia laranja, feito com longas placas de schisto e argila. É a primeira que se encontra, não só em Portugal, mas talvez até na architectura dolmenica da Europa. Ella prova uma influencia manifestamente oriental, e ao mesmo tempo indica que não deve recuar-se a ultima phase do neolithico algarvio para além das relações com os antigos navegadores vindos do oriente mediterraneo.

A nos couberam-nos os restantes trabalhos. Para E. da Donalda descobrimos a necropole da Baralha, e proximo da Mexilhoeira Grande a necropole do Sêrro de Bartholomeu Dias. Estas necropoles correspondiam perfeitamente a um dos fins da nossa excursão, por serem da plena idade do cobre, cuja existencia na Europa fôra, durante muito tempo, largamente contestada pelos sabios. Ellas fazem objecto d'uma communicação que tambem temos a honra de apresentar-vos na sessão d'hoje.

Fômos em seguida atacar a caverna do Sêrro do Algarve. Subimos até lá, agarrando-nos aos arbustos e penedos, e tivemos de mandar desobstruir a entrada que fica a mais de meia encosta do monte. A exploração lá dentro, feita á luz de acetylene, em um pequeno recinto, e no meio d'uma poeira suffocante

que se levantára com o trabalho, pois que o entulho era pulverulento e estava inteiramente secco, desceu até á rocha viva. Os resultados foram desanimadores: fragmentos ceramicos, uns da idade da pedra, e outros da idade do ferro, alguns modernos, e nada mais!

Vestigios da epocha luso-romana appareceram, sem que nós os procurassemos, em varios sitios d'aquella região.

No proprio Sêrro de Bartholomeu Dias uma sepultura profanada, tendo ainda restos de vasilhos de vidro; no valle de Marinho um lagar de fazer vinho, excavado no grés; e na Senhora do Verde umas ruinas que nos foram assignaladas pelo reverendo Damaso da Rocha. Estas ultimas manifestavam-se por restos de materiaes de construcção romanos, tijolos, telhas, argamassas á mistura com ossos humanos, bases de columnas e varias molduras de marmore.

Com esta excursão ao Algarve a nossa Sociedade nada despendeu: os proprios salarios e despezas do collector foram a cargo dos excursionistas; mas teve o proveito, porque estes lhe offereceram todo o mobiliario que colligiram.

Regressando á Figueira, trabalhos consideraveis executados desde janeiro ultimo, fizeram concluir a exploração do Crasto, na freguezia de Tavarede, proceder a pesquisas na Asseiceira e outros logares da Serra, e descobrir em Santa Olaya as ruinas de duas habitações pre-romanas que se achavam a dois metros de profundidade. Esta ultima exploração, que durou de março a maio, foi a mais rica em ceramica, de todas as que temos feito no valle do Mondego. Mais de vinte vasos, comprehendendo dois grandes *pitthoi* de quatro azas, um mais pequeno sem azas e tres grandes amphoras foram restaurados. Este trabalho de restauração levou-nos cinco mezes!

Muitos d'elles são pintados. Esta ceramica é d'origem punica, como já notámos, mas não fabricada em Carthago; e deve pertencer á epocha que precedeu a romanisação da Peninsula.

Mas a exploração mais rica em objectos metallicos, associados a productos da manufactura carthagineza, foi a do Crasto. Algumas armas, entre ellas uma adaga, fibulas, alfinetes, aneis, arrecadas e outros objectos de bronze, alli recolhidos, formam hoje uma das mais valiosas colleções do nosso Museu.

A fóra tudo isto fômos descobrir no Monte Gordo, proximo de Caceira, vestigios d'uma aldeia neolithica, consistindo em fundos de cabanas com restos d'industrias; e o nosso thesoureiro, sr. Augusto Goltz de Carvalho, recomeçando as suas explorações em Buarcos, exhumou do pavimento terreo da sua propria habitação muitos fragmentos de louças arabes, que offereceu á nossa Sociedade.

A estes donativos, que ficam indicados, devemos accrescentar outros que foram feitos por varios socios.

O sr. Antonio Mesquita de Figueiredo offereceu-nos um cranio e outros ossos humanos e um vaso de barro, que elle recolheu na exploração da caverna dos Alqueves, assim como uma interessantissima colleção de fragmentos ceramicos provenientes da Crasta da Sé de Lisboa. O sr. João Gaspar de Lemos Amorim uma colleção de moedas de prata do Transvaal. O sr. Augusto Veiga prestou-nos bons serviços na sua typographia.

Eis o mais importante da nossa ultima gerencia. Se acrescentarmos a isto que o presidente da vossa direcção consumiu a maior parte do mez de julho ultimo em Paris a estudar nos museus do Louvre e de Saint-Germain o que interessava á orientação dos trabalhos, ninguem dirá que a somma dos nossos esforços e sacrificios para honrar o cargo que vos dignastes confiar-nos, não foi bastante para deixar-nos a consciencia tranquilla sobre o cumprimento do nosso dever.

Finda agora o nosso mandato, porque é decorrido o praso dos Estatutos. Ahi vos fica, senhores, o cabedal de mais tres annos de trabalhos para juntar ao de onze annos que o presidente da vossa direcção já vos havia offerecido. Elle passará despercebido do vulgo, que julga a archeologia á altura das coisas inuteis; mas para vós, que vêdes n'ella uma alavanca da historia e um meio de o homem se conhecer a si proprio e aperfeiçoar-se, segundo a lei da finalidade humana; para vós, senhores, que sabeis quanto custa a poucos homens, só por sua iniciativa e recursos proprios, reunir tantos materiaes preciosos, tem isto um alcance consideravel.

E nós, que nunca esperámos recompensas das nossas fadigas senão na satisfação da propria consciencia, temos de vós aquella que mais podia honrarnos:— a vossa collaboração leal e desinteressada e a confiança absoluta que nos dispensastes.

Figueira da Foz 13 d'Outubro de 1901.

O Presidente da Direcção

*Antonio dos Santos Rocha.*

## COMMUNICAÇÕES

### Dolmens de Alcalar

POR A. SANTOS ROCHA

As explorações que fazem objecto d'esta comunicação, foram empreendidas e dirigidas pessoalmente pelo nosso consocio sr. dr. Joaquim Pereira Jardim. Foi elle tambem que delegou em nós, que verificámos e estudámos com minuciosidade as suas interessantes descobertas, o honroso encargo de fazermos o relatorio dos trabalhos, fornecendo-nos elle todas as indicações importantes que colhera no acto da exploração.

Nós vamos tentar o desempenho d'esta ardua missão com tanto maior prazer quanto é grande o interesse que o assumpto das suas pesquisas nos desperta; e, para que estas sejam bem comprehendidas, convém começar por um golpe de vista sobre os trabalhos archeologicos anteriores na mesma região.

\* \* \*

É sabido que Estacio da Veiga explorou na região de Alcalar ou Alcalá, a mais de 5 kilometros da Mexilhoeira Grande, concelho de Portimão, sete dolmens, que lhe pareceram formar uma só necropole, estando seis soterrados e agrupados em um relevo do solo, que existe no cercado de Francisco Furtado, e o setimo soterrado no alto d'uma colina pouco elevada, 160 metros para o norte d'aquelle grupo, em terreno da sr.<sup>a</sup> D. Maria Firmino, de Alvor.

Nos seis primeiros monumentos distinguiu tres variedades, a saber:

— 1.<sup>a</sup> Dolmen de typo megalithico, tendo uma pequena galeria ou vestibulo com 1<sup>m</sup>,60 de extensão, e guarnecido de mobiliario neolithico (n.º 1 da serie).

— 2.<sup>a</sup> Dolmens megalithicos, com ou sem nichos adjacentes á crypta, tendo longa galeria, que mede de 6<sup>m</sup>,10 a 8<sup>m</sup>,20 no comprimento, repartida em quatro secções por meio de toscas portas, e que continham mobiliario neolithico associado ao cobre (n.ºs 2 e 3 da série).

— 3.<sup>a</sup> Dolmens com galerias megalithicas, que medem 3<sup>m</sup>,95 a 8<sup>m</sup>,90 no comprimento, repartidas em duas ou tres secções por meio de portas, e com crypta approximadamente circular, provida ou não de nichos adjacentes, e coberta por uma cupula, sendo as paredes e cupula feitas com placas de schisto, dispostas em fiadas horisontaes e cimentadas com terra, sobresaindo successivamente as fiadas superiores ás inferiores, para formarem o que se chama uma abobada de silhares divergentes. Um d'estes monumentos continha mobiliario neolithico associado ao cobre; e os outros não apresentavam vestigios de metal (n.ºs 4 a 6 da série).

Em dois d'estes tres ultimos monumentos a galeria apresentava já uns pedaços de muro de pedra secca a substituir alguns supportes monolithicos.

No setimo monumento, desgarrado do grupo, só a cobertura da galeria era de typo megalithico. Os supportes eram substituidos por muros de pedra secca; e a crypta em fôrma de cupula, com nichos adjacentes, feita pelo systema já indicado. O mobiliario tinha feição indubitavelmente neolithica (1).

\* \* \*

Procedendo a pesquisas n'esta região, em dezembro ultimo, encontrou o sr. dr. Joaquim Jardim primeiramente um novo dolmen para O da linha das explorações de Estacio da Veiga. Pertence a uma série de monumentos que se reconhece estarem disseminados por esta zona, e dos quaes Estacio da Veiga só assignalara um, no predio de José Marques da Fonte.

Depois descobriu outro, a 20<sup>m</sup> aproximadamente para o norte do setimo explorado por Estacio da Veiga; e encontrou indicio de mais um no mesmo sitio. Estes factos e a semelhança entre o monumento agora descoberto e o setimo de Estacio da Veiga parecem demonstrar que o alto da colina é, no todo ou em grande parte, perfurado com dolmens, como o relevo do solo que a 160 metros se acha no cercado de Francisco Furtado, constituindo assim um grupo distincto de monumentos, uma nova necropole.

Elle explorou o primeiro e quasi todo o segundo, que ficam sendo o oitavo e o nono dos monumentos funerarios já estudados n'esta celebre região; e deixou para futuros trabalhos o estudo do resto da necropole do alto da colina.

#### — 8.º Dolmen —

Demora a 300 metros aproximadamente para O da necropole de Francisco Furtado. Está em predio de Manoel Furtado, n'uma planura que faz parte do fundo do valle de Alcalar.

Um ligeiro relevo do terreno, resto sem duvida do primitivo *tumulus*, e os topos d'alguns supportes da galeria e crypta, aflorando o solo, denunciaram a sua existencia. Da cobertura ou meza só restava uma lage na galeria.

O monumento foi atacado pelo começo da galeria; e o trabalho seguiu d'alli systematicamente até á completa desobstrucção da crypta.

O entulho, de natureza argilosa, e muito secco, offereceu séria resistencia. A exploração foi lenta e difficil, para salvar os restos que o monumento encerrava.

Apesar da dureza do entulho, tudo estava profanado. O remeximento fôra profundo, alcançando o proprio pavimento. Fragmentos de ossos humanos e de mobiliario funebre, carvões vegetaes e restos de conchas marinhas e de ossos de coelho estavam disseminados, na maior desordem, por todo o entulho e em todos os niveis, principalmente dentro da crypta funeraria. Os ossos humanos indicavam individuos de mui diversas idades, e eram tão poucos que a substancia de todos não seria talvez equivalente á do esqueleto completo d'um adulto.

Estacio da Veiga imaginou varias hypotheses para explicar factos semelhantes que elle observara na exploração dos seus monumentos. Nós, que estamos ha 15 annos familiarizados com estes trabalhos, pensamos que a profanação, e só ella, explica bem o estado dos depositos mortuarios e a falta de ossos

(1) *Antiquidades monum. do Algarve*, vol. 3.º, pag. 131 e segg.

humanos. Mais de um dolmen temos encontrado, em que os depositos tinham desaparecido inteiramente com as profanações, deixando apenas vestígios nos terrenos contíguos; e alguns explorámos, em que o osso humano era mui raro ou não existia já, e comtudo continham ainda peças do mobiliario funebre.

Os profanadores, como nós, deviam muitas vezes extrahir dos acanhados recintos todo o entulho que envolvia os esqueletos, para melhor o examinarem e procurarem n'elle os objectos da sua cobiça; porque a experiencia lhes teria mostrado que o mobiliario estava associado aos ossos. E tão natural isso é, que ainda hoje o praticam os que procuram thesouros n'estes monumentos. No dolmen do Seixo, concelho d'Oliveira do Hospital, um dos proprietarios, julgando haver ouro onde appareciam carvões ou ossos, carregou o entulho do monumento para sua casa, com excepção d'uma pequena parte que estava junto aos supportes que ameaçavam ruina!

Na figura 1 damos a planta do monumento, tal como foi descoberto pela exploração. O seu eixo maior estava orientado de ONO a ESE; e a entrada era por este ultimo lado.

Na galeria faltavam, além de quasi todas as lages da cobertura, os supportes e peças que formavam a porta d'entrada. Era composta de dois renques de sete lages cada um, cravadas de cutello, interrompidos em alguns pontos por muros de pedra secca, que vão marcados com os n.ºs 4 e 12; e media no comprimento 6<sup>m</sup>,20 e na largura 0<sup>m</sup>,85 junto ao pavimento.

Tres pares de hobreiras, com a espessura de 0<sup>m</sup>,10 a 0<sup>m</sup>,17, marcadas com o n.º 13, indicavam a existencia de tres portas interiores, sendo a ultima na ligação da galeria com a camara; de sorte que a galeria estava dividida em tres secções, pelo menos. O vão da primeira d'estas portas, a contar da entrada, era o mais largo. O da segunda media na largura 0<sup>m</sup>,58, e o da ultima apenas 0<sup>m</sup>,50 junto ao pavimento.

Dos supportes 1, 2 e 3 restavam apenas fragmentos. A largura do n.º 1 não excedia 0<sup>m</sup>,35.

Os supportes 5 a 11 e 14 a 17 mediam na largura entre 0<sup>m</sup>,60 e 0<sup>m</sup>,90, como indica a escala da planta. A altura, acima do pavimento, em toda a porção da galeria onde os supportes estavam inteiros, attingia 1<sup>m</sup>,10.

O pavimento descia em ligeiro declive para a crypta. Fôra provavelmente revestido com lages; mas agora só apresentava um fundo de rocha viva e irregular coberto d'argilla.

A crypta, de fórma polygonal, era formada por 11 lages tambem cravadas de cutello; e media no eixo longitudinal do monumento 2<sup>m</sup>,50, e na maior largura 2<sup>m</sup>,80. Os supportes, n.ºs 18 a 28, tinham a largura média de 0<sup>m</sup>,50 a 0<sup>m</sup>,95, e attingiam a altura de 1<sup>m</sup>,25 acima do pavimento, que era tambem de rocha viva e coberto d'argilla.

Assim, o comprimento total do edificio, no estado em que este se encontrou, era de 8<sup>m</sup>,70. As pedras, pela maior parte de calcareo e algumas de grés, todas da região, com a espessura de 0<sup>m</sup>,20 a 0<sup>m</sup>,35, não nos pareceram apresentar vestígios de trabalho com instrumento metallico.

Entretanto este dolmen é do mesmo typo de outros, já explorados na localidade, em que Estacio da Veiga encontrou objectos de cobre; e por isso pôde bem pertencer á epocha de transição para o metal, isto é, á epocha cupro-lithica.

Os objectos que se colligiram n'este monumento são os que passamos a descrever.

**Hacha.** Um objecto de calcareo, com a fórma de machado, coberto de tufo, medindo no comprimento 0<sup>m</sup>,053. Deve ser uma peça meramente votiva, como tantas outras que Estacio da Veiga encontrou.

**Percutor.** Um seixo de quartzite, achatado, de fôrma amygdaloide, com vestígios de ter servido de martello.

**Lascas brutas de sílex.** Muitas lascas brutas de mau sílex, algumas ponteadas e que podiam ser simulacros de pontas de setta.

**Facas.** Uma tosca lasca de sílex, de bordos irregulares, grossa, larga e facetada no dorso. Comprimento 0<sup>m</sup>,118, largura maxima 0<sup>m</sup>,041 e espessura maxima 0<sup>m</sup>,012.

— Alguns fragmentos d'outras laminas de sílex, mais regulares e de secção triangular. Largura maxima 0<sup>m</sup>,03.

**Serras.** Uma serra dupla ou de dois fios restaurada, feita de sílex verdeo, de secção trapezoidal. Comprimento 0<sup>m</sup>,155, largura maxima 0<sup>m</sup>,025 e espessura maxima 0<sup>m</sup>,015.

— Parte d'outra serra dupla de sílex, de secção trapezoidal. Largura maxima 0<sup>m</sup>,025 e espessura 0<sup>m</sup>,006.

— Uma serra dupla inteira, feita de sílex. Comprimento 0<sup>m</sup>,105, largura 0<sup>m</sup>,024 e espessura maxima 0<sup>m</sup>,008. A secção é semelhante á das anteriores.

— Parte d'uma serra simples de sílex, tendo a secção trapezoidal. Largura maxima 0<sup>m</sup>,029 e espessura 0<sup>m</sup>,005.

— Fragmentos de outras serras de ambos os typos, apresentando secção triangular ou trapezoidal. Largura 0<sup>m</sup>,020 a 0<sup>m</sup>,026 e espessura 0<sup>m</sup>,005 a 0<sup>m</sup>,009.

Com excepção do primeiro exemplar, estas laminas apresentam uma *patine* profunda, e todas estão grosseiramente trabalhadas.

**Retocador?** Fragmento d'um pequeno objecto de sílex, espesso, alongado e com retoques. Uma parte das arestas está abatida por trabalho de pressão. Parece ter sido um retocador.

**Adornos.** Duas pequenas contas discoides de callaite, com o diametro de 0<sup>m</sup>,008 e 0<sup>m</sup>,01, uma com furo biconico, operado dos dois lados, e outra com furo conico.

— Fragmentos d'uma delgada placa de schisto, com furo de suspensão, aberto dos dois lados.

— Fragmento d'outra placasinha de schisto bem polida, com as faces ligeiramente convexas. Largura 0<sup>m</sup>,023 e espessura maxima 0<sup>m</sup>,006.

**Pontas de setta.** Recolheram-se tres typos, todos em sílex, a saber: — 1.º quatro exemplares em fôrma de mitra, com a base muito cavada, serrilhadas nos bordos lateraes, tendo as faces ligeiramente convexas e retocadas, e que medem no comprimento 0<sup>m</sup>,022 a 0<sup>m</sup>,035 e na maior largura 0<sup>m</sup>,014 a 0<sup>m</sup>,017 (figuras 2 a 5); — 2.º um exemplar de fôrma triangular, medindo por lado 0<sup>m</sup>,026 a 0<sup>m</sup>,028, com os bordos lateraes e a base concavos (figura 6); — 3.º cinco exemplares com a fôrma vulgar de triangulo isosceles, de bordos ligeiramente convexos e base concava, medindo no comprimento de 0<sup>m</sup>,022 a 0<sup>m</sup>,030, e na largura da base 0<sup>m</sup>,015 a 0<sup>m</sup>,019.

— Mais um fragmento de ponta triangular, e outro indicando um exemplar de base biconcava e pedunculada.

**Grãos.** Quatro grãos e parte d'outro, todos de calcareo e bem polidos (figuras 7 a 11). Diametro na bocca 0<sup>m</sup>,05 a 0<sup>m</sup>,067, e altura 0<sup>m</sup>,03 a 0<sup>m</sup>,047.

**Cerâmica.** Recolheram-se fragmentos, que parecem ter pertencido a 24 vasos de barro, todos fabricados á mão. Em geral a pasta, negra, parda, vermelha ou castanha, tem uma forte dóse de quartzo branco moído, e ás vezes de mica branca, e é bastante dura. Excepcionalmente apresenta certa pureza ou é branda.

Os exemplares mais importantes são os seguintes:



— Um pequenino vaso hemispherico (figura 12). Altura 0<sup>m</sup>,05, e diametro na bocca 0<sup>m</sup>,07.

— Parte restaurada d'um vaso em fórma de esphera deprimida (figura 13). Diametros approximados, na bocca 0<sup>m</sup>,11, e no bojo 0<sup>m</sup>,16. Altura 0<sup>m</sup>,065.

— Parte restaurada d'outro vaso semelhante a este ultimo.

— Fragmento d'um vaso de fundo convexo e bordo quasi vertical (figura 14). Diametro do fundo 0<sup>m</sup>,09, e altura 0<sup>m</sup>,05.

— Parte d'um vaso de barro negro com fórma hemispherica.

— Fragmento d'um grande vaso com a espessura maxima de 0<sup>m</sup>,025.

— Numerosos fragmentos de mais dois ou tres grandes vasos com a espessura média de 0<sup>m</sup>,017.

**Phallus?** Um calhau de quartzite com veios de quartzo branco, apresentando a fórma phallica (figura 15).

**Restos de animaes.** Uma concha de *Triton Nodiferus*, privada das primeiras voltas da espira, indicando ter servido de tuba.

— Duas phalanges de cavallo (figura 16). Provavelmente representam idolos; e fazem lembrar certas bonecas africanas, consistindo em um metatarso de boi revestido com adornos, de que existe um exemplar no Museu da Figueira.

— Fragmentos de valvas de molluscos marinhos (*Tapes decussata*).

— Ossos de coelho.

Estes ultimos objectos são provavelmente restos de comida offerecida aos mortos.

**Objectos diversos.** Uma pyrite de ferro, que póde ter servido para fazer fogo.

— Muitos seixos e lascas de schisto.

**Ossos humanos.** O estado d'estas peças era tál, que apenas se aproveitaram alguns pequenos fragmentos, para registar a sua presença no monumento.

#### — Comparações ethnographicas —

A fórma d'este dolmen é vulgar tanto em Portugal como em outros paizes da Europa. Sem duvida a sua galeria é bastante alongada; mas esta variante não altera, a nosso ver, o typo fundamental do monumento: e é certo que se encontram galerias superiores a 4<sup>m</sup> d'extensão nos dolmens da necropole da Serra do Cabo Mondego (1), e ainda mais longas em dolmens do Alemtejo (2), e nos do Seixo e da Sobrêda, concelho d'Oliveira do Hospital (3). As longas galerias apparecem tambem em dolmens da França e dos paizes escandinavos (4).

Se entrarmos nos detalhes da construcção, as semelhanças tambem não se encontram sómente em outros dolmens de Alcalar explorados por Estacio da Veiga. Nós temos muros de pedra secca, a substituir supportes monolithicos, em dolmens da Serra do Cabo Mondego (5), assim como em monumentos similares da França (6); e tambem encontramos em um d'aquelles dolmens a *meia porta interior*, que nos indica o systema de dividir a galeria em diversas secções (7).

(1) *Antiquidades prehist. do concelho da Figueira*, pag. 18 e 94.

(2) *O Archeologo Portuguez*, vol. 1, pag. 121; *Les Ages Prehist. de l'Esp. et du Port.*, pag. 175.

(3) *Portugalia*, t. 1, pag. 14 e 17.

(4) *Musée Prehist.*, pl. LVIII, n.ºs 562, 564 e 569; *La France Prehist.*, pag. 183 e 204; *Les Temps Prehist. en Suède*, etc., pag. 34.

(5) *Antig. Prehist. do concelho da Figueira*, pag. 192 e 209.

(6) *La France Prehist.*, pag. 182.

(7) *Ant. prehist. do concelho da Figueira*, pag. 204.

Quanto ao mobiliario, as hachas, os percutores, as lascas brutas de silex, as facas e serras, as placas de suspensão e contas de callaite, as pontas de setta do 3.º typo, os vasos de barro hemisphericos, as conchas do *Triton Nodiferus* sem as primeiras voltas da espira, e a pyrite de ferro têm sido encontrados nos dolmens da referida necropole da Serra do Cabo Mondego; e muitos d'esses objectos se recolheram tambem nos mencionados dolmens do concelho de Oliveira do Hospital, comprehendendo os pequeninos vasos de barro, que alguns consideram meramente votivos (1).

As pontas de setta do 1.º typo (*mitriformes*, figuras 2 a 5) não são raras no Algarve; e o sr. Cartailhac já tinha notado a sua grande semelhança com as dos tumulos de Mycenae e até com as de certos povos da actualidade (2). Na verdade Schliemann apresenta desenhos de peças eguaes recolhidas nos tumulos da velha cidade de Argolida (3).

O sr. Luiz Siret, encontrando ha pouco algumas d'estas pontas de setta em dolmens da provincia hespanhola de Almeria, situados em um planalto sobranceiro ao rio Andaran, dolmens que são indubitavelmente da epocha cuprolithica, invoca aquella semelhança como um dos factos indicadores da contemporaneidade da velha civilisação mycenea ou egeia e dos mesmos dolmens, e da influencia por ella exercida sobre o povo d'esta necropole (4).

Entretanto as settas d'esse typo encontram-se, sem o cobre, em estações puramente neolithicas do sul de Portugal, parecendo assim que o seu uso é anterior ao metal. Podemos citar Aljezur, um dos dolmens de Alcalar (n.º 1) e os da Nora e de Marcella (5).

Ellas apparecem tambem no neolithico do norte da Europa. Menciona-as Evans na Inglaterra (6), e Montelius na Escania (7).

Raras nos parecem as pontas do 2.º typo, figura 6. Inteiramente semelhantes não as conhecemos em Portugal.

Nas estações prehistoricas do valle inferior do Mondego e immediações não só faltam as settas d'estes dois typos, mas os grões semelhantes aos das figuras 7 a 11, de que aliás Estacio da Veiga colligiu muitos exemplares no Algarve. Apenas um gral com outra fôrma e mais grosseiro foi por nós recolhido em Valle de Romão (8).

Esses grões apparecem comtudo fóra do Algarve, nas grutas artificiaes de Palmella (9), e em estações de transição para o metal do sueste da Hespanha (10).

Na ceramica ha a notar a mistura do quartzo triturado, quando o que predomina nas louças dos dolmens da região da Figueira é o spatho calcareo moído ou a areia.

Tambem se nota a ausencia completa de ornamentação, que não é rara na ceramica da nossa região.

(1) *Portugalia*, t. 1. pag. 20.

(2) *Les Ages Prehist. de l'Esp. et du Port.*, pag. 159 e segg.

(3) *Mycènes*, pag. 144, figura 126. e pag. 354, figura 435.

(4) *Annales de l'Académie Royale d'Archeologie de Belgique*, LII, 5.ª série, tom. 11, 4.ª livraison, pag. 571 e segg.

(5) *Antiquidades monumentaes do Algarve*, vol. 1, est. E, n.º 8, pag. 194 e 195, est. III, n.º 1 e 3 a 6, pag. 224-225, est. 14, n.º 10 e 11, pag. 252-253, e est. 17, n.º 1 a 6, pag. 262-263.

(6) *Les Ages de la pierre*, trad. de Barbier, pag. 378.

(7) *Les temps préhist. en Suède*, pl. V, figura 4.

(8) *Antig. prehist. do concelho da Figueira*, pag. 225 e 247.

(9) Obra cit. do sr. Cartailhac, pag. 127 e figura 173.

(10) *Les premiers ages du metal dans le sud-est de l'Espagne*, por Henri e Luiz Siret, *Extrait de la Revue des questions scientifiques*, 1888, pag. 20.

Comtudo os vasos em fôrma de esphera deprimida lembram ôs vasos hemisphericos e de bordo reintrante recolhidos em alguns dos nossos dolmens.

O seixo com fôrma phallica parece ter um character symbolico. Nem a ideia d'um culto phallico na idade da pedra é novidade na sciencia: ha quem tenha lembrado a sua representação nos proprios *menhirs* (1).

Menos surprehende o facto de se encontrarem vestigios d'elle em estações da aurora dos metaes. Tanto no mobiliario das grutas de Palmella, existentes no museu da Direcção dos Servicos Geologicos, como no mobiliario das estações prehistoricas do sueste da Hespanha exploradas pelos srs. Henri e Luis Siret, existem esculpturas que apresentam a fôrma do phallus.

Como é sabido, este culto tinha profundas raizes no Oriente, onde a sua origem se perdia nos tempos fabulosos (2).

Das phalanges de cavallo ha exemplares recolhidos em um dos monumentos de necropole do valle de S. Martinho, nas visinhanças de Cintra, associados a mobiliario neolithico (3), e na estação andaluza de Campos, que os srs. Siret attribuem á epocha de transição para o metal, mas que outros julgam ser de plena idade do bronze (4). Sómente differem os exemplares de Alcalar em não terem ornamentação alguma.

Sobre o seu character symbolico lembraremos que ha exemplos na antiguidade de representações, não menos grosseiras, de divindades. Um simples cone de pedra, entre os phenicios, representava Astarté; e Perrot e Chipiez reproduzem o desenho de um d'esses cones, que, sem grande esforço, se approxima de fôrma dos ossos de que tratamos (5).

#### — 9.º Dolmen —

Está a uma vintena de metros approximadamente para o norte do 7.º, e quasi paralelo a elle, soterrado em predio do sr. Manoel José Judice d'Abreu, de Alvor.

O seu eixo maior segue a orientação de NO a SE, ficando a galeria e respectiva entrada d'este ultimo lado.

A galeria appareceu coberta, na extensão de 2<sup>m</sup>,40 approximadamente, com tres lages de calcareo, das quaes a mais comprida attingia a espessura de 0<sup>m</sup>,50. Pela figura 17 se mostra o aspecto que ella apresentava.

Levantadas com grande fadiga as duas maiores lages d'esta cobertura, e levada a excavação quasi até ao fim da galeria, reconheceu-se que esta só tinha dois supportes monolithicos, os quaes se achavam á entrada. Todo o resto da mesma galeria, exceptuadas as hobreiras das portas, compunha-se de muros feitos com placas de schisto sobrepostas e cimentadas com argila.

Estes muros mal se distinguíam do singular entulho que obstruia toda esta parte do monumento. Compunha-se d'uma enorme massa de placas de schisto, dispostas geralmente em fiadas horisontaes e ás vezes de cutello, bem unidas de modo que pareciam formar uma rocha viva.

Manoel Lourenço, que foi capataz das explorações de Estacio da Veiga em Alcalar, e que na mesma qualidade assistiu á exploração d'este monumento, affirmou nos que na exploração do dolmen n.º 7 se encontrára a galeria obstruida

(1) *La France Préhist.*, pag. 315.

(2) *Hist. de l'Art*, de Perrot e Chipiez, t. 4.º pag. 646 e 653, e t. 5.º, pag. 51, 121, 122 e 217; *Ilios*, de Schliemann, pag. 562 segg.; Diodoro Siculo, liv. I, 22 e 88, e liv. IV, 4.

(3) *O Archeol. Port.*, vol. II, pag. 217.

(4) *Antig. mon. do Algarve*, t. 3.º, pag. 322.

(5) *Hist. de l'Art*, t. 3.º, pag. 265 e 270, figura 202.

pelo mesmo systema, obrigando aquelle illustre explorador a mandar abrir a escopro e a picão, com pessoal adequado, uma passagem por essa terrivel massa de schistos. Esta circumstancia não foi mencionada no relatorio dos trabalhos, que se encontra nas *Antiguidades monumentaes do Algarve*; e todavia parecemos muito interessante.

Existindo em dois monumentos muito proximos, e tendo todos os caracteres d'uma obra propositada, faz presumir que taes monumentos foram encerrados para sempre, e protegidos por esse meio, contra a sagacidade dos profanadores. Nem parece verosimil que um trabalho de profanação posterior deixasse as galerias em semelhante estado. Seria preciso suppor que em ambos, os profanadores, depois de devassarem e explorarem tudo, se occuparam em ir a bastante distancia buscar alguns metros cubicos de lages de schisto e em fazer pacientemente a laboriosa obra que lá se encontrou!

Entretanto é fóra de duvida que o monumento estava profanado. Segundo as observações de Estacio da Veiga, as hobreiras e vergas ou architraves das portas interiores dos monumentos que elle explorou, eram destinadas a receber lages verticaes, para vedação; e nenhuma d'estas ultimas peças appareceu na galeria de que se trata, apesar de conter alguns vãos de porta interiores. Além d'isto na penultima secção da mesma galeria, do lado da crypta, appareceram isolados alguns ossos humanos, sendo um fragmento do radió e diversas peças da mão ou pé; e verificou se depois que a crypta estava inteiramente profanada.

Assim parece que a profanação teria abrangido a galeria.

Mas — cousa singular — a crypta não tinha trabalho algum de obstrucção parecido com o da galeria! Estava entulhada com terra e pedras calcareas disseminadas ao acaso!

Como explicar tudo isto? Eis o que nós pensámos sobre o caso. As portas interiores existiram enquanto o monumento serviu de sepultura: eram o meio mais commodo de vedação, por manterem facilmente o accesso á crypta. Preenchida a crypta com os depositos mortuorios, as portas eram desnecessarias, e tornar-se-iam prejudiciaes, por denunciarem a existencia do subterraneo: e por isso foram substituidas pela obra que lá se encontrou, de tal modo urdida que chegou a desorientar-nos. Seria então que se deslocariam da crypta para a galeria os ossos a que alludimos.

Mais tarde os profanadores atacaram a entrada d'esta, levantando a primeira ou primeiras lages da cobertura e destruindo qualquer vedação existente na bocca da mesma galeria, como prova o estado em que se encontrou esta parte do monumento (figura 17); mas, dando n'aquella enorme massa de pedra, abandonaram esse ponto, e foram atacar directamente a crypta, rompendo a abobada; trabalho na verdade muito mais simples, e que o proprio sr. dr. Jardim imitou quando viu que, chegado quasi ao fim da galeria, os seus esforços eram sem resultado.

De facto o nosso consocio, sondando o terreno alto que se seguia á galeria, depois de ter descoberto, na direcção da linha média longitudinal ou eixo maior do monumento, uma pedra estreita e alongada como um pilar, sem apparelho algum, um pouco tombada para o lado da galeria, indicando ter talvez servido de balisa, verificou que havia um espaço de fórma approximadamente elliptica, que na sua maior parte ficava pelo sul d'aquella linha, espaço onde não appareciam umas fiadas de placas de schisto que se viam em redor. Pensou, pela disposição d'estas pedras, que existia alli uma abobada, talvez semelhante á que Estacio da Veiga mencionara no monumento visinho, e que essa abobada tinha uma larga ruptura, pela qual deviam ter penetrado os profanadores.

Por alli se propôz entrar tambem; mas a crypta apparecia entulhada com

terras da superfície e algumas pedras, e este entulho estava tão secco e duro que resistia ás ferramentas. Por outro lado a abertura carecia de maior capacidade, para facilitar o trabalho a mais de dois homens, que mal podiam fazer uso dos alviões e picaretas em tão acanhado recinto.

Por isso um córte mais largo foi planeado, e executado em seguida com muita fadiga.

Um problema surgiu logo no principio. As fiadas de placas de schisto, que iam apparecendo, apresentavam todas uma forte inclinação para dentro, e estavam cimentadas entre si com argilla amarella. Seriam assim as fiadas inferiores, ou a abobada fôra de silhares horisontaes, e por conseguinte divergentes, e teria assentado em muro circular, como Estacio da Veiga indicou no monumento visinho, devendo attribuir-se aquella inclinação das fiadas superiores a qualquer deslocação, resultante das pressões lateraes?

O exemplo assinalado por Estacio da Veiga em outros monumentos de Alcalar apoiava com effeito a hypothese d'uma abobada d'aquelle systema, e fazia-nos pensar que a inclinação das pedras teria resultado de deslocação. Mas á medida que o trabalho avançou estas presumpções foram perdendo a sua força, e afinal tiveram de ceder a um facto que nos parece novo na palethnologia portugueza. As fiadas inferiores appareceram sempre inclinadas para dentro e cimentadas com argilla, reconhecendo-se que ellas avançavam regularmente de todo o contorno da excavação para o centro. Encontrado o pavimento da crypta, que era formada por lages de grés, e limpa d'entulho mais da terça parte do recinto, que é circular e tem o diametro de 3<sup>m</sup>, como o monumento n.º 7, ficou bem manifesto que a mesma crypta era coberta por uma cupula, indicando a fôrma de meia laranja, que começava junto ao pavimento.

Posto que as pedras, em vez de terem a fôrma de cunha fossem simples lages de schisto, muitas vezes com espessura sensivelmente igual, a sua inclinação, desde a base da abobada, era obtida com a argilla que servia de cimento.

A espessura da abobada media geralmente 0<sup>m</sup>,60, attingindo ás vezes 0<sup>m</sup>,80. Não foi possivel medir a flecha do respectivo arco, isto é, a altura da cupula no ponto mais central do recinto; mas pela curvatura da parte inferior d'esse arco, a contar do pavimento, e pela altura que as fiadas de schisto attingiam acima da lage subsistente na cobertura da galeria, cuja face superior distava 0<sup>m</sup>,95 do pavimento da crypta, calculamos que a maior altura não excederia 1<sup>m</sup>,45.

Na figura 18 damos a planta do monumento na escala de 0<sup>m</sup>,008:1<sup>m</sup>, com a ultima lage da cobertura, que não foi levantada; e na figura 19 o córte da parte da camara onde a curva da abobada foi posta em evidencia, reservando-nos qualquer correção para quando, terminada a desobstrucção da crypta, se tomarem medidas mais rigorosas.

A galeria media no comprimento 4<sup>m</sup>,30 approximadamente, na largura 0<sup>m</sup>,65, e na altura, á entrada, 1<sup>m</sup>. Além dos grandes monolithos da cobertura, só tinha do lado da entrada, como dissémos, os das letras **a** e **b**, cravados de cutello, a servirem de supportes, medindo na largura 0<sup>m</sup>,60 e 0<sup>m</sup>,70 e na espessura 0<sup>m</sup>,30, e que estavam acunhados com as pedras **c** e **d**. A' entrada uma pequena lage **e**, tambem cravada de cutello, servia de degrau. O pavimento apresentava uma ligeira inclinação para a crypta.

Seguiam-se aos supportes monolithicos os membros d'um primeiro vão de porta interior, isto é, as hobreiras ou pilares **f f**, sobre os topos dos quaes pousava a verga ou architrave **g** com 1<sup>m</sup>,10 de comprimento, todos de grés. O vão d'esta porta media na largura 0<sup>m</sup>,50 e na altura 0<sup>m</sup>,92.

Succediam-se os muros de schisto **h h**, na extensão de 1<sup>m</sup>,10, e depois um

novo degrau, deslocado, *i*, e uma segunda porta interior *k j k*, formada, como a primeira, de pilares e verga de grés. O vão media na largura 0<sup>m</sup>,40 e na altura 0<sup>m</sup>,64.

Adiante continuavam os muros de schisto *ll*, na extensão de 1<sup>m</sup>,55, até a uma terceira porta interior *n m n*, disposta como as anteriores e feita com pedras de grés, cujo vão media na largura 0<sup>m</sup>,45 e na altura 0<sup>m</sup>,85.

Depois d'esta porta os muros de schisto prolongavam-se ainda 0<sup>m</sup> 85 até á crypta, onde a verga *p* d'uma ultima porta assentava nas fiadas de schisto do recinto.

Só na terceira secção da galeria, onde a planta apresenta o *m*, appareceram sobre o pavimento os poucos ossos humanos a que alludimos. De mobiliario nada se encontrou.

Na exploração da crypta appareceram, desde a camada superficial do entulho, diversas lages de calcareo e umas pedras brutas, estreitas e alongadas, como pilares. Junto ao pavimento ficaram ainda dois volumosos fragmentos de rocha, que não houve tempo de remover. A colheita de mobiliario e de restos humanos foi insignificante: alguns pedaços de ossos, entre os quaes a extremidade inferior de um humero com a fossa olecraneana perfurada, duas contasinhas de callaite, quatro fragmentos de ceramica, alguns carvões vegetaes e ossos de coelho, tudo disseminado sobre o pavimento.

O monumento parecia soterrado na colina, em vez de coberto por um *tumulus*. Provavelmente tanto elle como o 7.<sup>o</sup> e um outro que se assignalou de permeio seriam cobertos por mamôas, que no decorrer dos seculos foram abateo e alastrando, de modo que se uniram e perderam inteiramente o seu primitivo relevo. Julgámos ver a prova d'isto no facto de encontrar-se por fóra do monumento esse amontoado de pedras que temos visto formarem em numerosos casos o esqueleto das mamôas.

Tambem não nos passou desapercibida a presença de volumosas pedras, aflorando o solo, em torno da abobada da crypta, n'um perimetro que correspondia á circumferencia d'esta. Provavelmente serviriam de *encontros* ou contra-fortes da mesma abobada.

#### — Comparações ethnographicas —

Este dolmen apresenta o typo do n.<sup>o</sup> 7, salvos os nichos e o que Estacio da Veiga diz quanto á estrutura e fórma da abobada.

O character megalithico, que ainda predomina no do n.<sup>o</sup> 8 e se mantem nas galerias dos n.<sup>os</sup> 4 a 6, só apparece aqui na cobertura da galeria e á entrada d'esta.

A construcção com pequenos materiaes, applicando a argilla como cimento, e sobretudo a abobada de lages horisontaes e sobrepostas representam, já de si, um progresso muito notavel. Mas o systema de formar a abobada com silhares que convergem sensivelmente para um centro commum, é uma innovação de tão grande alcance, que suppõe um desenvolvimento intellectual muito superior ao que era de presumir nos constructores dos dolmens. Se os dolmens de typo megalithico e com longas galerias, onde o muro d'alvenaria é excepção, pertencem em Alcalar á aurora do cobre ou epocha cupro-lithica, pensamos que não deve o n.<sup>o</sup> 9 attribuir-se a uma epocha anterior, postoque n'elle se não recolhesse objecto algum metallico. Em um dos dolmens de cupula, com galeria megalithica, encontrou Estacio da Veiga o cobre.

Tudo nos leva a crer que essas innovações na arte de construir foram in-

troduzidas no Algarve depois de os neolithicos de Alcalar estarem no uso d'este metal.

Uma abobada de silhares divergentes, isto é, feita com lages horisontaes e sobrepostas, cobria a crypta do monumento do Monge, na Serra de Cintra, que Carlos Ribeiro attribuiu á epocha cupro-lithica ou de transição para o metal. Elle notou, com muito acerto, a semelhança d'esta crypta com as grutas artificiaes de Palmella, onde ao mobiliario neolithico estava associado o cobre (1). Estas grutas, como é sabido, são circulares e com abobada hemispherica ou de meia laranja (2), precisamente com a fôrma da crypta do monumento n.º 9 de Alcalar; e alguns sabios estrangeiros teem já approximado taes grutas de certas grutas sepulcraes da Sicilia e da ilha Pianosa (3).

Abobada semelhante á do monumento do Monge parece ter existido em duas sepulturas da necropole do valle de S. Martinho, nas visinhanças de Cintra; e, apesar de o mobiliario, alli recolhido, ser neolithico, ha a mesma razão para attribuil as á epocha cupro-lithica (4).

A palethnologia franceza tambem regista o apparecimento da abobada de silhares divergentes em um dolmen, cujos supportes eram substituidos por muros de pedra secca; mas pelo facto de este monumento ter sido violado na epocha do Baixo Imperio o sr. Cartailhac parece pôr em duvida que a abobada pertença á obra primitiva, apesar de n'outra parte consignar a ideia de que semelhantes construcções existiram na architectura dolmenica e de elle proprio citar varios outros dolmens com as cryptas cobertas por esse systema (5).

Na Andalusia o sr. Luiz Siret descobriu monumentos perfeitamente semelhantes ao do n.º 7 de Alcalar; e n'elles o mobiliario neolithico estava associado ao cobre. O illustre investigador nota a semelhança entre a abobada de lages brutas sobrepostas, que cobria a crypta, e a dos tumulos com cupula de Mycênas. Nós é que não encontrámos na velha cidade da Argolida um termo de comparação para a abobada do monumento n.º 9. Encontramos o systema d'esta na civilisação etrusca e em outras ainda mais antigas do Oriente, onde era tambem velhissima a abobada de silhares divergentes.

No Egypto, por exemplo, o principio fundamental da abobada de silhares convergentes apparece em monumentos que remontam á 6.<sup>a</sup> dynastia, como se vê determinadamente em um arco da necropole de Abydos, no qual a inclinação das aduellas foi obtida por meio de calhaus interpostos com um cimento qualquer. Em mais larga escala usaram os caldeus e assyrios esse systema de cobertura, levantando verdadeiras cupulas com a fôrma hemispherica ou parabolica, e comtudo elles não empregavam geralmente n'estas obras senão os tijolos rectangulares, a que davam a inclinação com a propria argilla que lhes servia de cimento (6).

Determinar, porém, a origem da abobada nos monumentos neolithicos ou cupro-lithicos da Peninsula parece nos difficil no estado actual dos nossos conhecimentos. O que nos é licito admittir, em face do pequeno numero de dolmens com toscas abobadas de silhares divergentes até hoje assignalados na Hespanha e em Portugal, e do facto de não conhecermos n'estes paizes outro dolmen com abobada semelhante á do n.º 9 de Alcalar, é que nenhuma d'estas abobadas se-

(1) *Noticia d'algumas est. e mon. préhist.*, pag. 74 e segg.

(2) *Les Ages préhist. de l'Esp. et du Port.*, pag. 120 e segg.

(3) *Obra cit.*, pag. 138 e segg.

(4) *O Archeol. Port.* vol. 2.º, pag. 210 e segg.

(5) *La France Préhist.*, pag. 182, 215 e 310.

(6) *Hist. de l'Art* de Perrot et Chipiez, t. 1.º, pag. 112—115, 229, 530 e segg., e t. 2.º, pag. 143 e segg., 174 e segg., e 231 e segg.

ria inventada na Peninsula. São systemas de construcção exóticos, introduzidos por algum povo de cultura mais avançada do que os peninsulares.

O sr. Jules Martha, estudando o problema com relação á Etruria, onde não só era conhecida e praticada a primeira abobada, que elle denomina *á encorbellement*, mas a segunda denominada *á roussoirs*, vê nos phenicios, velhos senhores do commercio do Mediterraneo, os introductores d'estas construcções na Italia, e até na Sardenha e nas Baleares, onde os nuraghas e os talayots apresentam a primeira d'estas abobadas (1).

Os argumentos em que elle se funda podem, na maior parte, applicar-se á Peninsula: mas ha um que, se porventura tem justificação nos dolmens de cupula explorados pelo sr. Luiz Siret na provincia de Almeria (2), não pôde por emquanto applicar-se a Portugal. E' o mobiliario com feição phenicia, que se recolheu em monumentos funerarios da Etruria, nos quaes existia a abobada de silhares divergentes. Nenhum objecto, a que possa seguramente attribuir-se semelhante origem, se encontrou até ao presente nos monumentos cupro lithicos, nem mesmo nos da plena epocha do cobre em Portugal.

(1) *L'Art Etrusque*, pag. 145 e segg.

(2) Vej. o escripto d'este sabio na *Revista* citada.



## Materiaes para o estudo do neolithico no concelho da Figueira

por P. BELCHIOR DA CRUZ

### 2.ª PARTE

#### VI

#### Estação humana de Monte Gordo

Em fins de fevereiro do corrente anno, no sitio do Monte Gordo, proximo de Caceira, freguezia das Alhadas, e a uns 300 metros para o Sul do cruzamento da estrada de Coimbra com a linha ferrea da Beira Alta, e em propriedade do nosso consocio dr. José Jardim, procedendo-se a plantação de vinha, descobriu-se uma pequena aldeia neolithica, distribuida em tres grupos de cabanas, distantes entre si apenas algumas dezenas de metros, e orientados de E a O.

Os trabalhos de plantação da vinha destruíram os fundos d'estas cabanas, misturando os entulhos com as terras que lhes estavam por cima e aos lados. D'isto resultou apparecerem á superficie do sólo tres grandes manchas escuras, contendo carvões e restos d'industria disseminados, taes como machados de pedra polidos, uns inteiros e outros fragmentados, quartzos e quartzites lascadas, instrumentos de silex, percutores e fragmentos de ceramica grosseira trabalhada á mão, um dos quaes ornamentado.

A nossa Sociedade procedeu immediatamente a sondagens, tanto no terreno arroteado, como no contiguo, e encontrou-se ainda intacta parte da orla d'um fundo de cabana com a espessura de alguns centímetros apenas. Este fundo de cabana era formado de terra muito comprimida, com carvões vegetaes muito miudos, e coberta superficialmente d'uma camada de pequenos seixos de quartzo, que pareciam revestir o pavimento. Sobre elle estava um martello de pedra.

Parte d'esse fundo foi recolhido e depositado no Museu Municipal (1).

Esta estação neolithica dista, quando muito, um kilometro da linha dos dolmens.

Proveniente das visinhanças d'este sitio, havia já dado entrada no Museu um instrumento de pedra, que se acha descripto nas «Antiguidades prehistoricas», pag. 230.

*Machados.* — Machado de schisto, polido, em fôrma de triangulo espherico (n.º 7596).

— Pequeno machado de fibrolithe, polido, de fôrma trapezoidal e secção quadrangular, tendo o tampo convexo e muito regular (n.º 7595).

— Machado de pedra, polido, tambem de fôrma trapezoidal e secção quadrangular, fragmentado nas extremidades (n.º 1491).

(1) Secção da *Prehistoria*, Est. 5, E, n.º 7313.

— Machado de pedra, polido, igualmente de fôrma trapezoidal e secção quadrangular (n.º 7524).

— Outro, de schisto, polido, de fôrma e secção dos antecedentes (n.º 7320).

— Outro, polido, tambem de schisto, roliço, fragmentado no tampo (n.º 2187).

— Parte d'um machado de pedra, polido, de fôrma trapezoidal e secção quadrangular (n.º 2481).

— Varios pedaços e lascas de machados de pedra, polidos.

Todos estes machados, á excepção do n.º 7524, teem o gume convexo e regular em relação á linha mediana longitudinal. O n.º 7524 tem o gume obliquo.

O comprimento d'estes machados varia entre 0<sup>m</sup>,118 e 0<sup>m</sup>,058; a largura entre 0<sup>m</sup>,048 e 0<sup>m</sup>,029; e a espessura entre 0<sup>m</sup>,034 e 0<sup>m</sup>,008.

*Percutor.* — Um percutor de pedra, fragmentado.

*Lascas.* — Varias lascas de quartzo, quartzite e silex, algumas com retoques.

*Ceramica.* — Alguns fragmentos de ceramica lisa, pasta grosseira, trabalhada á mão. Entre elles ha um fragmento de bordo d'um vaso que accusa a fôrma hemispherica, tão commum nos vasos da idade da pedra. Ha um unico fragmento ornamentado, que recorda a bella ceramica das grutas de Pamella (n. 1540).

## VII

### Estação humana da Junqueira

*Machados.* — Machado de schisto, de fôrma trapezoidal e polido n'uma das faces maiores (n.º 6654).

— Pequeno machado, polido, de fibrolithe, em fôrma de triangulo espherico (n.º 6055).

— Machado de schisto, polido, de secção ellyptica, achatado, e alongado para a parte do gume, que está fragmentado (n. 6931). E' proveniente da Asseiceira.

— Pequeninino machado de pedra, polido, de fôrma trapezoidal, alongado (n.º 6587). E' proveniente do valle do Romão.

Todos estes instrumentos teem o gume convexo e regular em relação á linha mediana longitudinal; o seu comprimento varia entre 0<sup>m</sup>,085 e 0<sup>m</sup>,044; a largura entre 0<sup>m</sup>,056 e 0<sup>m</sup>,02.

*Faca.* — Uma lamina de faca, retocada n'uma das arestas para servir de raspador (n.º 6521).

*Serra.* — Uma lamina de serra simples, fragmentada (n.º 6567).

*Ponta de setta.* — Uma lasca de silex, ponteaguda, em fôrma de folha de loureiro, com retoques nas arestas, esboçando uma ponta de setta (n.º 6565)

*Ceramica.* — Muitos fragmentos ceramicos, uns lisos e outros ornamentados, restos de vasos trabalhados á mão (n.ºs 6324 e 6348).

## VIII

### Mobiliario disperso, colhido no sitio do Crasto, freguezia de Tavarede

*Machados.* — Um pequeninino machado de pedra, polido, de secção quadrangular, achatado (n.º 7364).

— Machado de pedra, de fôrma approximadamente oval, achatado (n.º 1485).

— Outro, em fôrma de triangulo espherico alongado, tendo o tôpo fragmentado (n.º 6319).

Outro, da mesma fôrma (6320).

Todos estes machados são de schisto, polido, e teem o gume convexo e regular em relação á linha mediana longitudinal. O seu comprimento varia entre 0<sup>m</sup>,122 e 0<sup>m</sup>,056; a largura, entre 0<sup>m</sup>,054 e 0<sup>m</sup>,017; e a espessura entre 0<sup>m</sup>,06 e 0<sup>m</sup>,015.

### Ethnographia

*Natureza das estações.* — Os dados colligidos confirmam a existencia das estações humanas já descriptas nas «Antiguidades prehistoricas», apparecendo-nos uma, completamente nova, a do Monte Gordo, com os fundos de cabanas perfeitamente definidos, o que até agora se não havia encontrado em nenhuma das estações exploradas n'esta região.

Os fundos de cabanas neolithicas são muito raros em Portugal. Temos conhecimento d'um, na estação neolithica do Forno da Cal, na Vinha da Rainha (concelho de Soure), explorada pelo nosso presidente (1).

Na Hespanha, os irmãos Siret, nas explorações que fizeram no sueste d'aquelle paiz, encontraram fundos de cabanas circulares d'alguns metros de diametro e cinco decimetros de profundidade, contendo detrictos e restos de mobiliario, louças grosseiras, com grãos de quartzo e de schisto, e outra mais fina (2).

Em França são bastante conhecidos os fundos de cabanas; entre outros citaremos os da estação de Champigny, em Blangy-sur-Bresle, os do Campo de Chassey (Saône-et-Loire) (3), e os de Catenoy (4).

Na Belgica conhecem-se os fundos de cabanas de Latinna e de Vieux-Waleffes, proximo de Liège, explorados pelos srs. Davin-Rigot e De Puydt (5).

Na Italia são conhecidos os fundos de cabanas neolithicos do Valle de Vibrata (Abruzzos), e os de Calerno, Albinea, Rivaltella, Campeggine, etc. (6), as estações neolithicas de Colunga, no Bolonhez, cerca de doze kilometros a O. de Bolonha (7), e a estação de Alba, no provincia de Cuno (8).

Na maior parte das estações citadas não appareceram instrumentos de pedra polida, ao contrario dos nossos fundos de cabanas, em que elles são relativamente abundantes.

Quanto ao mobiliario disperso, composto de peças inteiras ou fragmentadas, parece-nos que simplesmente accusa a passagem do homem nos logares onde foi encontrado, e que representa objectos inutilizados e abandonados ou perdidos.

*Epocha.* — Todos os instrumentos descriptos são neolithicos; mas a ornamentação da loiça da Junqueira, assim como o fragmento ceramico com ornamentação que lembra a ceramica de Palmella, podem bem indicar que o homem neolithico d'esta região viu raiar a aurora dos metaes.

(1) *Mem. sobre a antiguidade*, pag. 91.

(2) *Les premiers âges du métal dans le sud est de l'Espagne*. Extr. da *Revue des questions scientifiques*, 1888, pag. 10.

(3) *Le Préhistorique*, 1885, pag. 488.

(4) *Revue de l'Ecole d'anthropologie de Paris*, 10.<sup>e</sup> année, pag. 358 e 377.

(5) *Fonds de cabanes néolithiques de la Hesbaye*, Marul de Puydt. Estr. *Bull. de la Soc. d'anthropologie de Bruxelles*, tom. XLV, 1895-1896.

(6) *Le Préhistorique*, pag. 489.

(7) *Bull. de Palethnologia italiana*, anno XXIII, n.º 1—3, 1897, pag. 38.

(8) *Id.* anno XIX, n.º 7—9, 1893, pag. 164.

## Utensilios e armas

I *Machados*. — Nos vinte e sete machados que temos descripto não ha fórma alguma diferente das apresentadas pelo sr. dr. Santos Rocha nas «Antiguidades prehistoricas». São na sua quasi totalidade de schisto, havendo dois de fibrolithe, e um que parece ser de diorite.

As dimensões d'estes instrumentos, se exceptuarmos os n.ºs 6586, 6587 e 7364, são regulares, achando-se comprehendidas nos limites de 0<sup>m</sup>,185 e 0<sup>m</sup>,063 para o comprimento, e 0<sup>m</sup>,06 e 0<sup>m</sup>,003 para a largura, estabelecidos pelo nosso presidente nas suas já citadas «Antiguidades». O n.º 6586 excede aquelle limite, pois tem de comprimento 0<sup>m</sup>,25 e de largura maxima 0<sup>m</sup>,06. Os n.ºs 6587 e 7364 são de pequeninas dimensões, pois que medem, o primeiro 0<sup>m</sup>,044 de comprimento e 0<sup>m</sup>,02 de largura, e o segundo 0<sup>m</sup>,056 e 0<sup>m</sup>,015. São mais duas pequeninas hachas de pedra a accrescentar á série descripta pelo nosso illustre presidente nas «Memorias sobre a Antiguidade», pag. 21 e segg.

II *Percutor*. — O exemplar proveniente do Monte Gordo é identico a muitos outros encontrados nas estações da nossa região. E' um seixo bruto com vestigios do trabalho de percussão.

III *Laminas de facas*. — As duas laminas de facas descriptas são de silex e ambas fragmentos. A secção é triangular. Um dos exemplares está retocado n'uma das arestas para servir tambem de raspador, facto já assignalado pelo sr. dr. Santos Rocha n'alguns exemplares recolhidos nos dolmens e estações da região.

IV *Serra*. — Os cinco fragmentos de serra descriptos são todos de silex. Dois são de secção trapezoidal e os restantes de secção triangular. Dos cinco exemplares quatro são serras *duplas*, ou de dois fios, isto é, dentados em ambas as arestas.

V *Pontas de setta e de dardo*. — Na ponta de dardo, de silex, proveniente do dolmen das Carniçosas, e nas de setta, da mesma rocha, provenientes uma do Arneiro e outra da Junqueira, não ha nada a acrescentar ao já notado nas «Antiguidades», senão o facto do apparecimento, como em tempo observámos, d'uma ponta de setta dos dolmens na estação humana do Arneiro.

VI *Goiva*. — Quanto á goiva de dois gumes encontrado no sitio da Oliveira, freguezia das Alhadas, cumpre-nos notar que o sr. Luiz Siret recolheu um exemplar igual n'um dolmen.

VII *Raspadores?* — As duas laminas de silex retocadas, provenientes do Arneiro, parecem indicar que o seu uso fosse o de raspar. Muitas laminas identicas foram recolhidas nos dolmens e estações da nossa região.

VIII *Ceramica*. — Sobre a ceramica encontrada na Junqueira, localidade muito proxima da grande estação humana da Varzea de Lirio, temos a notar o seguinte:

A ornamentação de parte d'ella é interessante. Consta de linhas onduladas (figura 21), pontuadas ou de covinhas (figuras 20, e 25), e de figuras ovulares e outras gravadas na pasta (figura 24). Ha tambem um fragmento com um orificio junto ao bordo, aberto á maneira dos furos das louças neolithicas, isto é, com fórma conica.

A estrutura da pasta d'esta ceramica é semelhante á das louças neolithicas encontradas nos dolmens e estações da região. A ornamentação, porém, é que differe em parte. O ornato de covinhas e de pequenos traços alinhados e paralelos ao bordo, havia-os já o sr. dr. Santos Rocha encontrado em fragmen-

tos ceramicos recolhidos por elle na estação do Forno da Cal (1), fragmentos que se acham expostos no Museu Municipal, secção de *Prehistoria*, estante 5. O ornato de fachas pontuadas foi tambem encontrado na mesma estação, bem como na ceramica recolhida pelo mesmo senhor no dolmen do Seixo, concelho de Oliveira do Hospital (2), tambem exposta no mesmo Museu e secção (estante 5); e igualmente apparece o mesmo ornato nas louças das grutas de Palmella.

Tambem na ceramica recolhida n'alguns fundos de cabanas da estação belga de Vieux-Waleffes appareceu o mesmo ornato (3). Vasos com fachas pontuadas temos conhecimento d'alguns provenientes da Dinamarca, da Bretanha, da Provença e dos Pyreneus (4), e de tumulos da Inglaterra (5).

Na ceramica da Junqueira nota-se a aza annular, junto ao bordo, em um fragmento, n. 6338. Este fragmento (figura 22) é deveras interessante, pois que tem na base da aza, e de cada lado d'ella, duas pequenas saliencias de fórma ovoidal. A saliencia mammillar apparece-nos no fragmento da figura 24, e os botões discoides em relevo nos das figuras 23 e 25.

A aza annular era já nossa conhecida na estação do Forno da Cal. A saliencia mammillar tambem havia sido já encontrada nas estações da nossa região; mas os botões é que nos apparecem aqui pela primeira vez, posto que sejam já conhecidos na ceramica prehistorica italiana.

Pela regularidade das ornamentações d'estes fragmentos ceramicos, vê-se que ellas foram feitas, umas com uma especie de cunho ou carimbo, e outras com estyletes, enquanto fresca a pasta.

(1) *Mem. sobre a antig.* pag. 91 e segg.

(2) *Portugalia*, 1, pag. 15 a 18.

(3) *Fonds. de cabanes néolithiques de la Hesbaye.*

(4) *Mortillet, Musée préhistorique*, Pl. LV, figuras 528 a 531; Pl. LVI, figuras 533 a 540. Cartailhac, *La France préhistorique*, pag. 262, figuras 137 e 138.

(5) Joly, *L'homme avant les métaux*, pag. 143, figuras 52 e 53.

## Materiaes para o estudo da epocha do cobre em Portugal

As necropoles algarvias da Baralha e do Serro de Bartholomeu Dias

POR A. SANTOS ROCHA

Estacio da Veiga tinha annuciado que no sitio da Donalda, concelho de Villa Nova de Portimão, n'uma quinta do sr. Ranulfo e junto á casa de habitação, existia um grupo de sepulturas abertas na rocha viva, que elle attribuia á epocha do bronze (1).

Esta necropole interessava-nos vivamente, não só por falta d'estudos sobre a epocha do bronze em Portugal, mas porque o Museu da Figueira era po-brissimo em materiaes para estes estudos: e por isso resolvemos ir exploral-a.

Chegados á Mexilhoeira Grande em 11 de dezembro ultimo, e obtida a auctorisacão da actual proprietaria, a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Anna da Trindade Motta, de Portimão, fômos logo no dia immediato ao local, que fica a cinco kilometros approximadamente para E da Mexilhoeira, e vimos com effeito junto á casa da quinta algumas sepulturas, em fórma de cistos, abertas em uma penha que aflorava o solo.

Infelizmente o exame d'estas sepulturas convenceu-nos que estavam inteiramente profanadas havia muitissimos annos, e que nada tinhamos alli a fazer em proveito dos nossos estudos.

Outras indicações, que nos foram dadas por ordem do sr. Trindade, sobrinho da proprietaria, conduziram-nos mais para E, a distancia de 500 metros approximadamente, onde sé descobrira alguns annos antes uma nova necropole, em que as sepulturas eram cistos feitos de lages. Alli, e só alli, constava terem apparecido alguns vasos e outros objectos associados a ossos humanos: e provavelmente d'estas ultimas sepulturas, e não das primeiras, é que sairiam os dois vasos de barro que Estacio da Veiga diz terem sido encontrados na propriedade.

O terreno estava plantado de vinha. Informaram-nos que as sepulturas haviam sido destruidas quando se fez esta plantação; mas que se suspeitava que a necropole se estendia pelo terreno contiguo, onde estavam umas oliveiras, e que alli podiamos fazer livremente a exploração.

Mais de trinta sondagens foram executadas n'esse terreno, a intervallos de um metro; mas nada se encontrou que denunciasse a presença de taes sepulturas. O sub-solo era completamente esteril sob o ponto de vista archeologico.

(1) Vej. *Antiquidades momum. do Algarve*, t. 4.º, pag. 235 e seg.

Abandonando tambem este logar, que é no fundo d'um valle, subimos a encosta fronteira á Donaldá; e, chegados ao cimo da collina, que em parte pertence á mesma proprietaria, um serviçal d'esta contou-nos que alli perto o arado dera em uma lage, collocada horisontalmente, e que não era propria do terreno, e a levantara, pondo a descoberto alguns ossos humanos.

Tal foi o indício que nos levou á descoberta d'uma terceira necropole n'aquella região, dentro d'um espaço que nos parece não exceder a um kilometro.

\* \* \*

— Necropole da Baralha —

O sitio da Baralha está na encosta oriental da collina que se ergue a nascente da Donaldá.

Quasi no cimo d'essa encosta, onde o declive do solo é mais suave, mandámos fazer numerosas sondagens, em torno do ponto onde apparecera a primeira sepultura, que tinha sido destruida.

Depois de muita fadiga, porque o solo estava durissimo, foi posto a descoberto um grupo de pequenas lages, postas horisontalmente e contiguas entre si, occupando uma área que media 1<sup>m</sup>,68 por 1<sup>m</sup>,35. Figura 26. Eram de calcareo muito brando.

Levantadas estas lages, notámos que as maiores estavam grosseiramente apparelhadas na face inferior. O apparelho consistia em largos e rêpetidos golpes dados com um instrumento cortante de metal, empregado á maneira d'enxó ou escopro, sem duvida com o fim de desbastar e aplanar aquella face das pedras,

Por debaixo das mesmas lages appareceram os bordos d'um cisto ou caixa quadrangular, feito com outras lages de rocha semelhante, postas de cutello. Figura 27. No interior do cisto, até 0<sup>m</sup>,25 de profundidade, encontrou-se terra da superficie. Depois todo o recinto appareceu tapado com tres pequenas lages horisontaes, apresentando o mesmo grosseiro apparelho notado nas lages da cobertura superior.

O exame minucioso d'esse apparelho fez-nos logo lembrar que os golpes teriam sido obra d'um instrumento semelhante a algumas hachas de cobre que temos visto; e, para nos certificarmos, fizemos extrahir uma lasca de pedra contendo vestigios d'aquelle trabalho. A verificação fez-se no Museu a nosso cargo. Ahi existe uma hacha de cobre, proveniente de Espite, concelho de Villa Nova d'Ourem, que, applicada sobre os vestigios, se ajustou d'um modo notavel (1).

Extrahidas as referidas pedras e explorado cuidadosamente o entulho que estava debaixo, puzemos a descoberto um esqueleto humano, a que faltava a cabeça, com os membros dobrados pelas articulações e deitado sobre o lado direito. Os pés estavam para o lado do norte; e no sitio onde existira a cabeça appareceram alguns dentes. Os braços jaziam curvados para o espaço que devia ficar adiante da face, notando se que a mão esquerda estava junto do ponto onde se encontrou o punhal adiante mencionado.

Este esqueleto pousava na terra nua que formava o fundo da sepultura.

Tres vasos de barro de fundo convexo faziam parte do mobiliario funebre. O da figura 28 mettido dentro do da figura 29, collocados ambos em frente do thorax, e o da figura 30 pelo sul d'aquelles, junto ao sitio que devia ficar em frente da face. São feitos de barro negro impuro, polidos e lustrados nas su-

(1) Esta hacha é a da figura 3 da estampa que se segue a pagina 140 das nossas *Memo-rias sobre a antiguidade*.

perfícies. O primeiro mede no diametro do fundo  $0^m,113$  e na altura  $0^m,044$ ; o segundo  $0^m,148$  por  $0^m,06$ ; e o terceiro  $0^m,103$  por  $0^m,055$ .

Debaixo d'este ultimo vaso estavam um pequeno instrumento metallico com a fórma e dimensões approximadamente d'uma sovêla ou ponção (figura 31), cylindrico para o lado da ponta e quadrangular para o lado da base, e o punhal da figura 32, tambem de metal, ambos com as pontas voltadas para o sul, isto é, para o lado onde devia ter existido a cabeça. O primeiro d'estes objectos mede no comprimento  $0^m,049$  e na maior espessura  $0^m,002$ ; e a secção quadrangular da base indica que fôra encabado.

O punhal, em vez das chanfraduras que agora se notam do lado da base, tinha dois furos, em que estavam ainda mettidas as cavilhas que o deviam ter fixado no cabo. Ao levantar-o da terra é que os bordos dos orificios se romperam, porque o metal, n'esses pontos, reduzido a insignificante espessura, estava inteiramente oxydado. Mede no comprimento  $0^m,125$ , na maior largura  $0^m,026$  e na maxima espessura  $0^m,002$ . Esta arma tem os bordos lateraes acuminados e vac engrossando gradualmente para o meio da lamina.

A'cerca da natureza do metal o nosso consocio sr. Sotero Simões d'Oliveira diz-nos o seguinte:

«Empregando o processo por via humida de que tenho usado em outras analyses chemicas de metaes para o Museu da Figueira, operei em um gramma de metal limpo d'oxydação, extrahido da lamina do punhal, e o resultado foi encontrar apenas o cobre, sem vestigio algum de qualquer liga. Não fiz a analyse do outro pequeno objecto, ponção ou sovêla, que o acompanhava, porque seria forçoso destruil-o, attendendo ás suas exiguas dimensões; mas o aspecto do metal indica tambem o cobre.»

E' notavel a dureza da lamina do punhal; mas não nos surprehende. A peça foi forjada, e não fundida; e o cobre bem batido a golpes de percutor adquire aquella qualidade, sem duvida pela forte compressão das moleculas metallicas, como temos verificado em outros instrumentos prehistoricos descobertos em Portugal.

Os ossos humanos, muito frageis, estavam de tal modo empastados na argilla secca e durissima do fundo da sepultura que não foi possivel retirá-los senão em fragmentos.

O cisto media na altura ou profundidade  $0^m,47$ . Era formado por quatro lages, estando a do lado oriental um pouco deslocada para dentro, provavelmente pela pressão lateral das terras; e media  $1^m,30$  no comprimento e  $0^m,58$  na maior largura. O seu eixo maior estava orientado de norte a sul.

A  $2^m,40$  d'esta sepultura encontrou-se outra. Uma só lage a cobria (figura 33).

Afóra a cobertura o cisto era composto de quatro lages brutas de calcareo, postas de cutello, de modo a formarem uma caixa rectangular, medindo no comprimento  $1^m$ , na largura  $0^m,60$ , comprehendida a espessura das lages, que era de  $0^m,1$  a  $0^m,15$ , e na profundidade  $0^m,40$ .

Como na anterior, o eixo maior d'esta sepultura estava orientado de norte a sul.

Não tinha entulho. O esqueleto, privado da cabeça, como o primeiro, jazia no fundo, dobrado pelas articulações e deitado sobre o lado esquerdo, com os pés para o sul, braços curvados para o lado do norte e a mão direita proxima do punhal adiante mencionado. Estava meio enterrado em um sedimento d'argilla introduzido pelas aguas d'infiltração.

Os ossos achavam-se muitissimo deteriorados, e saíram em fragmentos, como os da primeira sepultura. Alguns dentes appareceram no sitio onde devia ter existido a cabeça.



Em frente do thorax encontraram-se dois vasos de barro (figuras 34 e 35); e ao lado d'estes um punhal metallico, com a ponta voltada para o sul, isto é, para o lado dos pés do esqueleto (figura 36).

Os vasos, feitos de pasta semelhante á dos recolhidos na primeira sepultura e trabalhados do mesmo modo, medem no diametro do fundo  $0^m,102$  e  $0^m,135$ , e na altura  $0^m,045$  e  $0^m,055$ .

O punhal é de cobre. O nosso consocio sr. Sotero Simões d'Oliveira, que o analysou chimicamente, enviou-nos a este respeito um relatorio semelhante ao que fica transcripto, em que conclue ser aquelle o unico metal empregado.

Tem os bordos acuminados, e vae augmentando gradualmente d'espessura para a linha media longitudinal. Mede no comprimento  $0^m,109$ , na maior largura  $0^m,02$  e na maxima espessura  $0^m,002$ .

E' notavel este exemplar por ter na base duas azelhas, que serviam sem duvida para melhor o fixar no cabo. Uma cavilha cravada no orificio que existia no ponto onde agora se vê uma chanfradura, reforçaria a ligação das duas peças.

As sondagens descobriram ainda para o norte d'estas sepulturas algumas pedras soltas, que pareciam ter pertencido a um cisto destruido; mas não estavam associadas a restos humanos nem a objectos d'industria.

\* \* \*

#### — Necropole do Serro de Bartholomeu Dias —

O Serro de Bartholomeu Dias é uma collina que fica a um kilometro aproximadamente para NE da Mexilhoeira Grande.

Na encosta de E e S ha um predio de Antonio Aguas, cultivado até dois terços da altura e inculco na parte mais elevada.

O proprietario, homem bondoso e obsequioso, como quasi todos os lavradores algarvios com quem temos travado relações, sabendo das nossas pesquisas, mandou dizer nos que no seu terreno a lavoura fizera recentemente descobrir uma sepultura, que elle destruiu em parte, recolhendo n'ella um vaso de barro que continha uma conta de vidro. Ao mesmo tempo nos enviou um fragmento do primeiro e esta ultima, que vae representada na figura 37.

Em 15 de Dezembro fui ao local; e o meu primeiro cuidado foi examinar o sitio da sepultura alludida, encontrando ainda duas lages de grés vermelho, postas de cutello, formando parte d'um cisto, e alguns fragmentos de ossos humanos. Em seguida pedimos ao proprietario os fragmentos ceramicos que elle abandonara; e apresentou-nos tres, sendo dois pertencentes ao vaso de que nos mandara uma parcella (figura 38), e um pertencente a vaso diverso (figura 39); o que prova que elle encontrara mais do que um vaso na referida sepultura.

Quanto á conta de vidro, postoque não nos repugnasse admitir que fosse contemporanea da inhumação, apesar da sua origem manifestamente oriental, porque é nossa convicção que algum povo do oriente mediterraneo manteve relações com os habitantes da Peninsula, pelo menos, desde a epocha cupro-lithica, nós guardamos a maior reserva sobre esse facto. Este elemento isolado d'um collar, mettido dentro d'um vaso, tendo a sepultura sido invadida pelas terras da superficie, como o proprietario nos informou, pôde bem ser um objecto introduzido com estas.

A pasta dos fragmentos ceramicos é negra, como nos vasos da Baralha, mas misturada com spatho calcareo nos da figura 38, e tem todos os caracteres de ser trabalhada á mão, isto é, sem intervenção da roda.

Procedendo a sondagens nas proximidades, encontrámos outro cisto, já sem tampa e cheio de terra durissima. Esta sepultura, feita de quatro lages brutas de grés vermelho, não provenientes da localidade, apresentava a fôrma rectangular, medindo no comprimento 1<sup>m</sup>, na largura 0<sup>m</sup>,50 e na profundidade 0<sup>m</sup>,40, e tinha o eixo maior orientado de NE a SO (figura 40). A lage do O estava um pouco inclinada para dentro.

No fundo, sobre a terra nua, jazia um esqueleto humano encolhido, isto é, dobrado pelas articulações e deitado sobre o lado esquerdo. A cabeça, um pouco deslocada, com a face voltada para baixo, occupava o angulo do norte; mas o maxillar inferior encontrou-se junto dos illiacos, com o bordo alveolar voltado para cima. Os braços estavam dobrados de modo que o cotovello direito pousava sobre os illiacos, junto do maxillar inferior desiocado, e o esquerdo ficava por debaixo do femur correspondente; e as mãos appareceram estendidas á altura das clavículas.

A connexão natural em que se encontraram quasi todos os ossos indicava que não tinha havido remeximento; mas como explicar o facto de o maxillar inferior se encontrar tão afastado da cabeça? Nós attribuímos a causa aos pequenos roedores.

Todas as peças estavam fendidas pela pressão do entulho; de sorte que só recolhemos fragmentos. O craneo sobretudo fôra tão fortemente comprimido pela desaprumação da lage do O, que ficou na maior parte esmagado.

N'este cisto não se encontrou mobiliario algum

As sondagens no terreno contiguo descobriram ainda as ruinas d'outra sepultura. Restavam d'ella alguns pedaços de lage de grés vermelho, fragmentos d'ossos humanos esparcos e o vaso da figura 41. Este objecto tem a pasta semelhante á dos fragmentos ceramicos recolhidos pelo proprietario e que vão representados nas figura 38.

A 50<sup>m</sup> approximadamente d'estas sepulturas, quasi na base da encosta, fômos encontrar outro cisto, já sem tampa e sem a lage de E, completamente entulhado. As lages restantes eram de calcareo local, sem apparelho algum, e estavam cravadas de cutello, as dos lados maiores muito inclinadas, para dentro. A sua disposição indicava a fôrma rectangular (figura 42).

Media esta sepultura 0<sup>m</sup>,90 no comprimento, 0<sup>m</sup>,50 na largura e apenas 0<sup>m</sup>,35 na profundidade; e o seu eixo maior seguia o rumo de E a O.

Um esqueleto humano, dobrado pelas articulações, jazia *de bruços* sobre a terra nua, com a cabeça para o lado de E, e as mãos estendidas á altura das clavículas. Era a primeira vez que encontravamos um esqueleto n'esta posição. Nenhum mobiliario o acompanhava.

O proprietario informou-nos que para o lado do sul do predio existiam pedras dispostas como as d'estes cistos; mas, para não se destruir a seara que alli existia, pediu-nos que adiassemos as nossas pesquizas para outra occasião.

\* \* \*

#### — Comparações ethnographicas —

Apesar da falta de mobiliario funebre nas sepulturas melhor conservadas do Serro de Bartholomeu Dias, nós consideramos as duas necropoles como pertencentes á plena idade do cobre. O typo das sepulturas é o mesmo; e em ambas os corpos foram dobrados pelas articulações e deitados, ora sobre o lado direito, ora sobre o lado esquerdo, havendo um caso de inhumação de bruços, que não passa d'uma variante n'aquelle systema de inhumação.

A mesma fôrma predomina nos vasos das figuras 28 a 30, 34, 35, 38 e 39, sem faltarem as saliências na linha media dos que vão representados nas figuras 35 e 38; e, se o da figura 41 apresenta fôrma um pouco differente, que resulta de ter o fundo plano, é certo que a pasta é igual á dos outros exemplares da mesma necropole.

Uma necropole, que reputamos da mesma epocha, já nós tínhamos reconhecido e explorado, em parte, na Campina de Faro. As sepulturas allí eram tambem cistos feitos de lages, embora com fôrmas diversas, talvez resultantes de deslocções, e os corpos tinham sido dobrados pelas articulações e deitados sobre o lado direito. No mobiliario appareceram alfinetes ou sovêlas de cobre, e tambem uma lamina, que parecia do mesmo metal, e a que nós démos o nome de ponta de lança, que tinha a fôrma do punhal da figura 32 (1).

Estacio da Veiga tambem já tinha descoberto no Algarve muitos cistos quadrangulares de pequenas dimensões, que não permittiam a inhumação horizontal de pessoas adultas, taes como os da Canada das Bias, Serro de Alcaria, S. Bartholomeu, Zambujeira, Corte do Guadiana e Serro da Eira da Estrada; e em alguns recolheu punhaes de cobre do typo da figura 32, vasos de barro semelhantes aos das nossas figuras 28, 29, 34, 35, 38 e 39, assim como ponções de cobre (2).

Entretanto esse typo de sepulturas, denominadas cistos, não teve origem na propria idade do cobre. Nós já o tínhamos encontrado entre os monumentos da idade da pedra, epocha neolithica, na Serra do Cabo Mondego (3); e outros o encontraram, da mesma epocha, em diversos paizes, como na Hespanha, França, Suissa e Italia (4).

Tambem a inhumação dos corpos dobrados pelas articulações e *deitados sobre o lado esquerdo ou direito* existiu, pelo menos, na epocha neolithica. Uma sepultura d'esta epocha descoberta em Mosio, provincia de Mantua, continha um esqueleto humano n'essa posição, com os braços dirigidos para a face (5); e era esse o modo d'inhumação neolithica nas cavernas da Liguria e muitos outros logares (6).

Na transição do neolithico para o cobre, isto é, na epocha cupro lithica, além das sepulturas em grutas naturaes, como a de Cascaes, em grutas artificiaes, como as de Palmella, em dolmens, como os de Alcalar, e em sepulturas trapezoidaes, como as de Odemira, apparece em Portugal o cisto na necropole de Villa Nova de Milfontes (7).

Assim, o que parece inferir-se das descobertas já feitas é que o cisto, originario da idade da pedra, mas raro então no nosso territorio, só teve n'elle larga applicação na plena idade do cobre, pelo menos nas regiões meridionaes. De facto nós não conhecemos em Portugal outro typo de sepulturas em que o cobre não se ache associado a objectos caracteristicos do neolithico.

(1) *Memorias sobre a antiguidade*, pag. 111—127.

(2) *Antig. mon. do Algarve*, t. 4.º pag. 105, est. XI, n.º 1, 3 e 4, est. XII, n.º 4, est. XIII, n.º 8 e 11 a 13, pag. 121, est. XIV, e est. XV, n.º 5 e 6.

(3) *Antig. prehist. do concelho da Figueira*, pag. 49, figura 82, e pag. 85.

(4) *Les premiers ages du metal dans le sud est de l'Espagne*, por Henri e Luiz Siret, extracto da *Revista das questões scientificas*, 1888, pag. 15 e 16; *Le Prehist.* do sr. Mortillet, pag. 597; *Compte rendu do congresso intern.* de 1889, pag. 236 e segg.; *Il sepolcreto di Remedello sotto*, pag. 90, 91, 96, 98-99; *L'Anthropologie*, t. XII, n.º 3 e 4, pag. 269.

(5) *L'Anthropologie*, 1900, tom. VI, n.º 1, pag. 264.

(6) *Il Sepolcreto di Remedello-sotto* do sr. Colini, pag. 89, 98 e 99; *L'Anthropologie*, t. XII, n.º 3 e 4, pag. 269 e seguintes.

(7) *Antig. mon. do Algarve*, vol. III, pag. 131 e segg., vol. IV, est. XI, figuras 5 e 6, pag. 140 e segg., e 148 e segg.

Quanto ao mobiliario, a fôrma dos vasos das figuras 28 a 30, 34, 35, 38 e 39 filia-se manifestamente n'uma fôrma neolithica (1), sendo para notar que em estações neolithicas do sueste da Hespanha os srs. Henri e Luiz Siret até encontraram vasos inteiramente semelhantes aquelles (2).

Os mesmos srs. Siret, explorando algumas estações d'essa região, que attribuem a idade do bronze (que, para elles, succedeu simultaneamente com o cobre á idade da pedra), mas das quaes algumas pertencem manifestamente á idade do cobre, como já tinha notado Estacio da Veiga (3), tambem encontraram, entre outros typos de sepulturas, muitos cistos, onde os corpos haviam sido inhumados dobrando-se pelas articulações. Estes cistos, feitos de lages como os nossos, mediam 0<sup>m</sup>,60 a 0<sup>m</sup>,80 no comprimento 0<sup>m</sup>,45 a 0<sup>m</sup>,60 na largura e altura. O desenho que os srs. Siret apresentam de uma d'estas sepulturas figura o esqueleto deitado sobre o flanco direito (4). No mobiliario metallico alli recolhido appareceram ponções ou sovêlas de cobre, como o da Baralha; e um d'elles ainda estava encabado (5).

Na Italia os cistos parecem ter desaparecido com o neolithico. Já não se encontram na epocha de transição para o metal; epocha que o illustre professor sr. Colini, d'accordo com outros sabios, denomina *eneolithica*, mas que corresponde bem á epocha cupro-lithica de Portugal. Os mortos eram depositados em covernas, grutas artificiaes, ou mais frequentemente em simples fossas ovaes ou ovoidaes abertas no solo.

Entretanto a posição d'uma grande parte dos corpos n'estas fossas era semelhante á que se encontra nos esqueletos das nossas necropoles da plena idade do cobre. Ficavam encolhidos, isto é, dobrados pelas articulações, deitados geralmente sobre o lado esquerdo, com a cabeça para o N ou entre o NNE e O, e algumas vezes deitados sobre o flanco direito, com a cabeça para NO, tendo ora as mãos junto da barba, ora os braços estendidos, ou o braço direito dobrado sobre o peito ou ventre e o esquerdo estendido ao longo do tronco ou dobrado sobre o peito, ou emfim a mão esquerda sob a cabeça e a direita sobre o ventre. Um caso de inhumação sobre os joelhos faz lembrar a inhumação de bruços do Serro de Bartholomeu Dias; e outros de inhumação de mais d'um corpo na mesma sepultura são analogos ao que observámos na Campina de Faro.

Muitas sepulturas italianas não continham mobiliario, como n'aquelle Serro; mas em algumas um punhal de cobre jazia ora sobre o peito, com a ponta para cima, quasi a tocar na maxilla, ora á altura dos quadris, tambem com a ponta para cima e ao alcance da mão. Um dos punhaes tem o typo da nossa figura 32; e não é unico nas estações italianas d'essa epocha. Parece até que semelhante typo continuou na idade do bronze em Italia. O sr. Pigorini, tratando d'esta idade na Italia meridional, cita uma sepultura da communa de Matera, em que se recolheu um punhal com duas cavilhas na base, tendo precisamente a fôrma do nosso exemplar; e nós vimos outro, que existe no Museu Civico de Bolonha, proveniente da terramara de Pragatto.

Tambem não faltavam os ponções ou sovêlas de cobre nas referidas fos-

(1) *Antig. Prehist. do conc. da Figueira*, est. 24, figura 318.

(2) *Les premiers ages du metal dans le sud-est de l'Espagne*, extracto da *Revista das questões scientificas*. 1888, pag. 10.

(3) *Antig. men. do Algarve*, t. III, pag. 289 e segg.

(4) Vej. o escripto cit., pag. 35, 36 e 58.

(5) *Ibid.*, pag. 48, n.º 8, e 50.

sas sepulcraes, nem os vasos de barro negro, feitos á mão, collocados ás vezes á altura da cabeça (1).

Assim as semelhanças entre as nossas necropoles da idade do cobre e as chamadas *eneolithicas* da Italia são numerosas, comprehendendo o proprio rito funerario.

O facto mais interessante agora observado na necropole da Baralha é a falta das cabeças em duas sepulturas. A presença de dentes prova que ellas foram d'alli retiradas depois de as carnes estarem consumidas; e a connexão anatomica em que encontrámos os outros ossos prova tambem que a violação dos depositos não foi mais além. Representará esse facto algum costume analogo ao de certos povos primitivos da actualidade, em que a viuva recolhe o craneo do marido, depois da destruição das carnes? Nós não sabemos.

Entretanto o caso não é unico. Em sepulturas neolithicas da ilha de Jersey, duas das quaes eram formadas por cistos de pedra, tambem se encontraram esqueletos sem cabeça (2).

---

(1) *Il sepolcreto di Remedello sotto* pelo sr. C. A. Colini, parte primeira: *Bulletino di paleontologia italiana*, anno XXVI, n.º 1 a 3, pag. 9-11, e est. I, figura 1.

(2) *La France Prehist.* do sr. Cartailhac, pag. 232.

## Estudo sobre um artefacto pre-romano d'ouro descoberto no Algarve

POR A. SANTOS ROCHA

O reverendo prior de Bensafrim, sr. Antonio José Nunes da Gloria, a quem as sciencias archeologicas devem muitos e assignalados serviços, enviou-nos em agosto ultimo um objecto d'ouro, com a nota de haver sido encontrado junto a uma urna cineraria na necropole romana da Fonte Velha, freguezia de Bensafrim, de que nós haviamos explorado uma grande parte em 1895 (1).

Não relacionou o illustrado e intelligente parochó este objecto com as obras d'arte romanas, apesar do sitio em que foi recolhido, sem duvida porque notou a sua feição especial, muito diversa de taes obras, que aliás não são raras no Algarve; e nós, depois de minucioso exame, pensámos do mesmo modo. A obra pertence indubitavelmente a uma arte que já existia na Lusitania antes da influencia romana, e cujas origens devem procurar-se do lado do oriente mediterraneo.

A peça vae representada com o duplo da sua grandeza. (Figura 43).

E' uma finissima folha d'ouro, pesando apenas 1<sup>g</sup>,2, com forma discoide, tendo o diametro de 0<sup>m</sup>,036; e foi rebatida sobre um molde, que produziu os ornatos em relevo que n'ella se vêem.

Estes ornatos estão dispostos em tres zonas concentricas. Na zona exterior, comprehendida entre dois circulos, está uma longa fila de SS, muitos dos quaes pelo engrossamento da parte inferior parecem tomar o aspecto de aves, provavelmente palmípedes. Na zona media ha uma figura maior, repetida cinco vezes, que consiste em uma linha descrevendo uma espiral junto á zona exterior, seguindo d'alli até aos circulos que existem no meio do disco, e voltando a formar outra espiral ao lado da primeira, ou terminando no maior d'esses circulos e partindo d'elle uma nova linha que vae enrolar-se em espiral ao lado da primeira. Entre as espiraes de cada uma d'estas figuras ha um pequeno circulo; e ao lado das mesmas espiraes ha uma pequenina figura, representada cinco vezes, que consiste em um segmento de circulo, com a corda voltada para a zona exterior, e atravessada por uma flecha que remata na parte superior, isto é, sobre o arco, com duas saliencias globulares sobrepostas, sendo a ultima mais pequena. A extremidade inferior de uma d'essas flechas apresenta um apêndice circular.

Um pequeno arco ou crescente granulado parece envolver o remate supe-

(1) Voj. *Memorias sobre a antiguidade*, pag. 193 e segg.

rior de cada uma d'estas ultimas figuras; e o resto dos espaços é preenchido com outras linhas granuladas.

Ha n'estes ornatos granulados fórmas que fazem lembrar certos caracteres dos alphabets gregos archaicos, sobretudo do alphabeto eolo-dorico (1).

A zona central é apenas guarnecida com dois circulos concentricos, tendo ao meio um orificio com o diametro de 0<sup>m</sup>,007.

Quasi todos os elementos d'esta decoração se encontram nas estações minhôtas de Sabroso e da Citania de Briteiros. Lá temos os circulos concentricos ou envolvendo varios desenhos; os ornatos pontuados ou granulados, a espiral e os S S levantados e em fila, ou a fila de aves (2). Com o ornato de S S enfileirados ha no nosso Museu um fragmento ceramico da segunda d'aquellas estações. O que não vemos lá representado é a pequena figura em fórma de segmento de circulo, nem a disposição que se nota nos ornatos granulados do nosso exemplar.

O sr. Cartailhac sustenta que na arte antiga os S S representam aves (3); e o objecto de que tratamos favorece esta opinião. Tambem nos artefactos do gentio de Timor apparece esse ornato, como pôde ver-se em alguns exemplares do Museu a nosso cargo; e o nosso consocio sr. João dos Santos Pereira Jardim, que estacionou por muito tempo n'aquella ilha, affirma que entre os indigenas os S S representam gallinhas.

Ora a arte n'aquellas estações do Minho tem muitas semelhanças com a antiga arte da Italia e de Mycenas. Notou-as o sr. Virchow por occasião do congresso internacional de 1880 (4); e provou-as o illustre Martins Sarmento em um dos seus ultimos escriptos, relativamente a Mycênas (5). O sr. Cartailhac tambem reconheceu a semelhança de certos motivos ornamentaes com os de Mycênas, e notou que o ornato de S S ou aves em fila fôra muito usado na civilização de Villanova, pertencente á primeira idade do ferro na Italia, á qual julgou não serem estranhas as origens de Sabroso (6). De facto, examinando as estampas que illustram a obra do conde Giovanni Gozzadini sobre Villanova, encontra-se com frequencia não só aquelle ornato, mas tambem o de circulos concentricos ou envolvendo outros desenhos (7). Até a espiral não é estranha a esta primitiva civilização dos etruscos (8).

Decorações semelhantes apparecem no mobiliario da idade do bronze na Escandinavia; e o sr. Møntelius, referindo-se á espiral, não duvida attribuil-a a uma importação oriunda do sueste da Europa (9).

Quanto a nós, confrontando os elementos decorativos do objecto de que tratamos com os desenhos do mobiliario mycenico que nos apresenta Schliemann, pensamos que elles devem filiar-se na velha arte mycenica ou egeia. O typo da

(1) Vej. *Diction.* de Daremberg e Saglio, pag. 499.

(2) *Compte rendu da 9.ª sessão do congresso internacional d'anthropologia e d'archeol. prehist.*, pag. 653, 654 e nota (1), e est II, n.º 1 a 4, 9, 13, 16 e 17; *Les ages prehist. de l'Esp. et du Port.* do sr. Cartailhac, pag. 279 e 286; *Portugalia*, t. I, pag. 2 e segg.

(3) Obra cit. do sr. Cartailhac, pag. 280.

(4) *Compte-rendu cit.*, pag. 658, 659 e 661.

(5) *Portugalia*, log. cit.

(6) Obra cit., pag. 280-281 e 283.

(7) *Di un sepolcreto etrusco scoperto presso Bologna*, tav. II, figuras 6 a 9, tav. III, figuras 1 a 3, 8, 10, 11 e 14, tav. IV, figuras 2, 3, 7, 8, 12, 22, 26 e 28, e tav. V, figura 1.

(8) *L'Art etrusque* de Julio Martha, pag. 63, figura 53.

(9) *Les temps prehist. en Suède et dans les autres pays scandinaves*, pag. 61 e segg., 91 e segg., 116 e 121 e segg.

espiral dir-se-ia copiado de artefactos de Mycênas (1). As aves em fila tambem alli não são raras (2). Os SS são considerados pelo sr. Virchow como uma derivação do proprio ornato espiraliforme (3); alguns sabios os notam em uma cou-raça d'ouro de Mycênas, attribuindo-lhes origem egypcia (4); e nós tambem jul-gamos vêl-os em outros artefactos mycenicos (5).

Circuitos concentricos ou envolvendo outros desenhos, e ornatos granula-dos, guarnecendo objectos d'ouro, são tambem vulgares na velha acropole de Agamemnáo (6).

Alli recolheu tambem Schliemann discos d'ouro ornamentados em zonas concentricas, alguns furados ao centro, como o nosso exemplar, medindo no diametro 0<sup>m</sup>,05 approximadamente, e que elle julgou destinados a guarnecerem os punhos das espadas (7).

Muitos sabios attribuem á arte mycenica uma forte influencia asiatica; e, se folhearmos a obra de Schliemann sobre Hissarlik, na Troada, notamos na segunda das estações prehistoricas que alli descobriu, e que elle tomou pela pro-pria Troia homericas, todos os elementos ornamentaes do nosso disco: a verda-deira espiral combinada de diversos modos (8), e até com o typo precisamente da que se acha n'aquelle objecto (9), um ornato que se assemelha ao de SS em fila (10), os circuitos concentricos ou envolvendo outros ornatos (11), os ornatos granulados em joias d'ouro (12), e até uma figura que faz lembrar a do segmento de circulo do nosso exemplar (13). Segundo os trabalhos do sr. Doerpfeld, essa esta-ção é muito anterior á Troia de Homero e á civilização mycenica, e deve rem-ontar a mais de 2000 annos antes da nossa era (14).

Os mesmos ornatos apparecem em monumentos asiaticos de epochas me-nos remotas. Taes são, por exemplo, os da civilização assyria. Filas d'aves (15) e determinadamente de palmipedes (16), circuitos concentricos ou cercando certos desenhos (17), a espiral semelhante á do nosso objecto (18), e os ornatos granula-dos (19), tudo se encontra n'esses monumentos. A este exemplo poderiamos ainda ajuntar outros (20).

(1) *Mycènes*, pag. 383 e 409, figuras 458, 515 e 518.

(2) *Ibid.*, pag. 123, figura 3, pag. 125, figura 40, pag. 126, figura 45. Vej. tambem pag. 173, 191 e 192.

(3) *Compte-rendu*, cit., pag. 661.

(4) *L'Anthropologie*, t. XI, n.º 2 e 3, pag. 278.

(5) *Mycènes*, pag. 266, lado esquerdo da figura 282, pag. 352, figura 428, e pag. 389, figura 467.

(6) *Ibid.*, pag. 128, 129, 131, 146, 252, 265, 267, 271, 309, 326, 330, 342, 343, 345-347, 401, 404, 405, 407, 409-411.

(7) *Ibid.*, pag. 351-353 e 387.

(8) *Ilios*, trad. de Mad. Egger, pag. 392, 436, 467, 616, figura 899, e pag. 618 e 619.

(9) *Ibid.*, pag. 616, figura 898, e pag. 624.

(10) *Ibid.*, pag. 489, figura 452.

(11) *Ibid.*, pag. 506, figura 512, e pag. 630, figuras 967 e 968.

(12) *Ibid.*, pag. 618, figuras 904, 906 e 907, pag. 620, figuras 923 e 924; e pag. 627, figu-ras 945 a 948.

(13) *Ibid.*, pag. 510, figura 538.

(14) Vej. o resumo d'esta questão no *Catalogue des vases antiques* do Louvre, por M. Pot-tier, pag. 38 e 39-40.

(15) *Hist. de l'art* por Perrot e Chipiez, t. II, pag. 715, figura 377.

(16) *Ibid.*, pag. 739.

(17) *Ibid.*, pag. 739 e 741 e segg.

(18) *Ibid.*, pag. 766, figura 437.

(19) *Ibid.*, figura 438.

(20) Obra cit., t. V, pag. 297, 327, 331 a 333, 515, etc.



Assim, os elementos decorativos do disco d'ouro que nos occupa, teriam provavelmente passado da Asia para a Grecia pre-homerica, e d'esta para a Italia e para a Iberia.

De resto no tumulo gaulez de Magny-Lambert (Côte-d'Or), attribuido á primeira idade do ferro, appareceu um pequeno disco de folha d'ouro estampada, apresentando um ornato granulado, e o illustre sabio Alexandre Bertrand notou que objectos da mesma arte se recolheram em muitos logares da Gallia e n'outros paizes da Europa, e que o seu lavor denuncia uma influencia oriental (1).

---

(1) *Archéologie Celtique et Gauloise*, pag. 325 e seg.

## O lagar luso-romano do valle do Marinho, no Algarve

POR PEDRO BELCHIOR DA CRUZ

Em Janeiro ultimo deu entrada no Museu o esboço d'um lagar luso-romano, descoberto pelo presidente da nossa Sociedade na sua ultima excursão scientifica pelo Algarve.

Como o objecto é interessante, chamo sobre elle a attenção dos estudiosos, offerecendo-lhes, com a devida vénia, todas as indicações que me foram fornecidas pelo descobridor.

Está situado no valle do Marinho, freguezia da Mexilhoeira Grande, em predio de José Antonio Guerreiro, de Odeaxere, a mais de meia encosta que fica voltada para E.

E' excavado no grés vermelho, e tem o eixo maior orientado de NNO para SSE.

O tanque C (figura 44) é quadrado, tendo um dos cantos arredondado; e méde 1<sup>m</sup>,50 de lado. N'este tanque ha uma fossasinha circular D, de 0<sup>m</sup>,07 de diametro. O tanque communica ao fundo, por um pequeno canal E, de 0<sup>m</sup>,07 de largura, com uma outra excavação em fórma de cuba arredondada, F, que tem 0<sup>m</sup>,85 na sua maior largura e 0<sup>m</sup>,75 de comprimento maximo. A sua profundidade varia entre 0<sup>m</sup>,32 e 0<sup>m</sup>,50.

Pelo NNE do tanque ha uma cavidade ligeiramente trapezoidal B, de 0<sup>m</sup>,80 de altura, tendo na base maior 0<sup>m</sup>,60, e na menor 0<sup>m</sup>,50. Na extremidade N d'esta cavidade ha um sulco vertical A, aberto na rocha, de 0<sup>m</sup>,16 de largura. Esta cavidade B acha-se aberta em nivel superior ao tanque, e por isso fórma resalto sobre o fundo do mesmo tanque.

Todo o lagar tem uma inclinação para SSE. Parece que o sulco A, aberto verticalmente na face externa da penha, serviria para alli se fixar algum póste destinado a receber o eixo da vara.

Estes lagares abertos na rocha parece não serem raros no Algarve. Nas «Memorias sobre a antiguidade» (1) dá o sr. dr. Santos Rocha noticia de dois, ambos na freguezia de Bensafrim.

O funcionamento d'estes lagares parece estar naturalmente indicado pela disposição dos recipientes. No tanque C se pisava a uva, ou simplesmente se espremia o bagaço. O succo, em virtude da inclinação do fundo, escorria para SSE, e pelo canal E ia cahir na cuba F, d'onde devia ser retirado para as vasilhas.

(1) Paginas 214 e 216.

## Restos da Figueira antiga e seus arredores

POR FERREIRA LOUREIRO

É facto incontestavel que o tempo, no seu percorrer continuo, vae apagando todos os vestigios do passado.

As grandes cidades da antiguidade, Ninive, Babylonia, Memphis, Troya e muitas outras tem quasi desaparecido, e algumas houve de que só existe o nome.

Que resta dos assombrosos monumentos Assyrios, Caldeus e Phenicios construidos para gloria ou por capricho dos poderosos?

O tempo e o homem destruíram quasi tudo. O homem na sua inconsciencia arraza e destroe; e por tempo a vegetação, envolvendo pouco e pouco as ruinas, acaba por sepultal-as n'um impenetravel manto de verdura.

Onde outr'ora existiu um templo, um obelisco, um grande palacio, encontra-se agora um bosque viçoso e luxuriante, apparecendo apenas por entre o arvoredor, aqui e além, o angulo d'um capitel, a secção d'um fuste, uma fracção d'estatua.

Não é só o tempo que destroe: temos ainda a hygiene e a moda.

As casas que habitaram os nossos avós já não nos servem a nós.

Os andares baixos, os aposentos com pouco ar e luz, as janellas pequenas e apertadas ainda pelas gelosias, as habitações resaltando para a rua de andar em andar, as viellas estreitas e tortuosas. . . . tudo isso acabou.

As casas tornaram-se mais elevadas; rasgaram-se grandes janellas; alargaram-se as ruas, e o sol e o ar entraram livremente; mas o pittoresco e o imprevisto desapareceram.

O typo da idade média, o typo mourisco, tão vulgar entre nós e tão interessante, foi substituido pela linha recta monotona e sem gosto.

E o verdadeiro artista, outr'ora seduzido pelos effeitos da luz, pelo claro-escuro, pela projecção das sombras, pelos tons quentes das paredes esburacadas, olha agora desanimado e triste para essas casarias enfileiradas, para essas arvores plantadas a cordel e tosquiadas á mesma altura.

A tantos agentes de destruição ainda ha um meio que, se bem que lhes não resista, conserva nos ao menos a memoria do que foi.

E' a tradição transmittida de idade em idade: são as descripções deixadas pelos historiadores passados.

Frangeis pergaminhos escriptos em caracteres hieroglyphos conservaram-se através de seculos, para hoje nos virem contar e descrever as grandes cidades, os grandes palacios construidos no marmore, e que, parecendo eternas, não poderam resistir á acção corrosiva dos elementos e do homem.

Que resta hoje da Figueira antiga? A Figueira que, comparadamente com algumas cidades do nosso paiz, se lhe pôde chamar de hontem!

Que resta dos seus edificios, dos seus costumes? Onde estão as habitações tão características e usuaes, com a escada exterior, o balcão e o alpendre? Onde as ruas estreitas e irregulares, as portas pequenas de cantarias ornamentadas e as janellas de rotulas?

Onde estão os santos de devoção collocados em nichos de pedra e alumia-dos durante a noite pela mortiça luz d'uma lanterna, que beata devota lhes mandava accender?

E as grandes chaminés e as enormes lareiras, onde, nas longas noites de inverno, se reunia toda a familia, amos e serviçaes, não esquecendo o somno-lento gato?

E a rôca de fiar? e a candeia de barro pendurada no angulo da chaminé? e a herva benta presa por um cordél, para livrar de maleitas e mau olhado?

E o terço resado ás portas e repetido em côro pela rua abaixo?

Tudo isso lá vac; a moda apagou tudo. . . .

Que bello effeito deviam produzir, na Figueira, em dia de festa, os trajes do seculo 18.º! O homem abastado com cabelleira de rabicho, casaca azul ou côr de mel (1), calção de velludo ou *belbute* com pintunhas encarnadas, meia de seda e sapato de fivella; em quanto que o homem plebeu, com jaqueta de panno azul, calção e bota, mostrava assim a elegancia varonil das fórmas.

E as mulheres! com a competente saia da *sarafina*, *melania* ou *durante* (2), *roupinhas de primavera verde*; e no inverno saia de *camelão* de riscas encarnadas, amarellas, de varias côres, e por cima a capa ou capote de panno alvadio, côr de rosa, ou encarnado.

As senhoras de mantilha na cabeça, vestido inteiro de *durante* côr de rosa ou d'outras côres, meia de seda bordada e sapato de *lemiste*, lá iam á tarde, visitar as amigas, levando cada uma a sua colher, para, em alegre convivio, sentadas no chão, comerem as papas ou o arroz de leite (3).

Que effeito pittoresco devia produzir este matizado de côres? Que felizes os pintores d'aquella epocha, que para colorirem um quadro animado de tons vivos e quentes, bastava reproduzirem o que viam!

E a moda com tudo acabou.

(1) Materiaes para a historia da Figueira — Santos Rocha.

(2) Idem.

(3) Idem.

Apresentamos hoje o desenho de uma antiga casa da Figueira em cujas janellas ainda existem uns restos de rotulas. Construida em frente do adro da Egreja Matriz (1), com sua enorme chaminé e suas janellinhas de gelosias, devia ter sido uma habitação importante. Quem sabe se n'essa casa, que hoje tão feia nos parece, se deram em tempo afamados *balancés* onde se dançava o *minuete* e se cantavam chorosas modinhas acompanhadas no *cravo*!



Segue o desenho d'uma outra casa, sita na rua da Oliveira, com seu andar em resalto.

N'este systema de edificação o 1.º andar crescia sobre a rua, o 2.º avançava sobre este, e assim successivamente, por fórma que haviam ruas em que os telhados das casas quasi tocavam uns nos outros.

Este uso tambem nos parece importado dos mouros.

Talvez que o fim d'estas construcções fosse para evitar a entrada do sol, tornando assim as ruas mais frescas.

É o unico predio n'este genero que ainda hoje existe na Figueira.

(Continúa).



(1) Existem documentos do principio do seculo 18º que fallam de casas de *sobrado* construidas no largo da Egreja.









Fig. 19

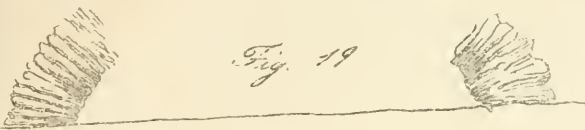
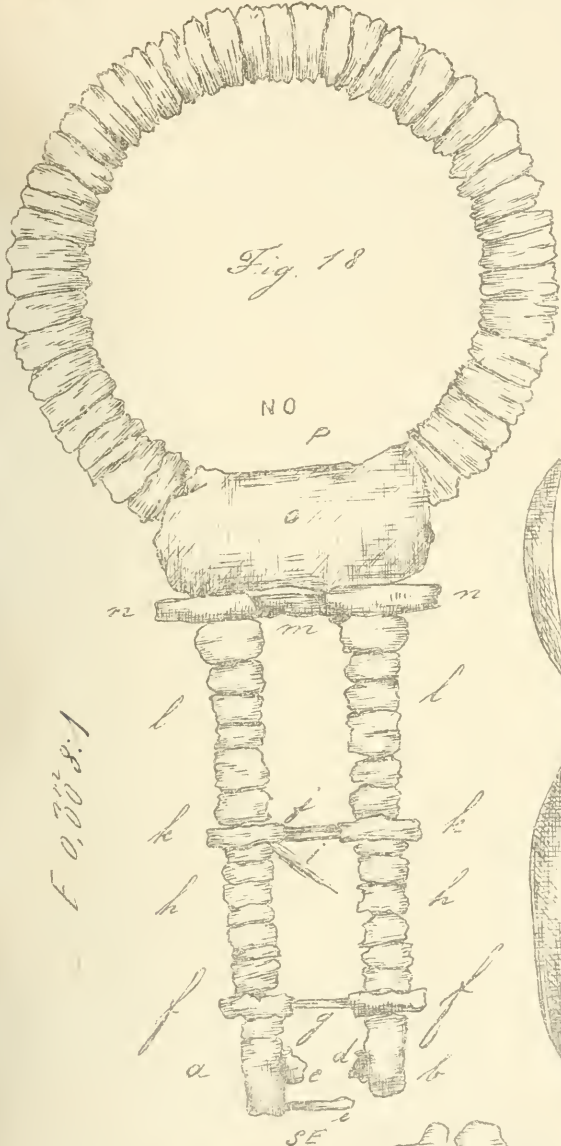


Fig. 18



F 0.0028.1



Fig. 21



Fig. 22

Fig. 23

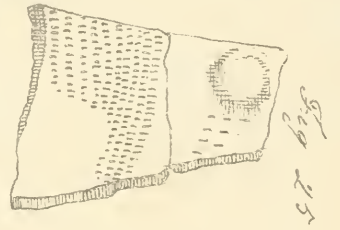


Fig. 25



Fig. 28

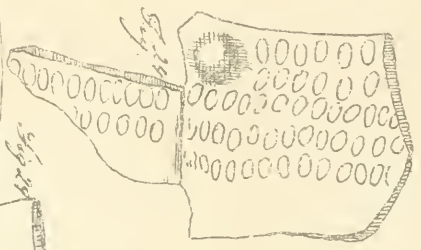


Fig. 24



Fig. 27



Fig. 30

Fig. 31



Fig. 32

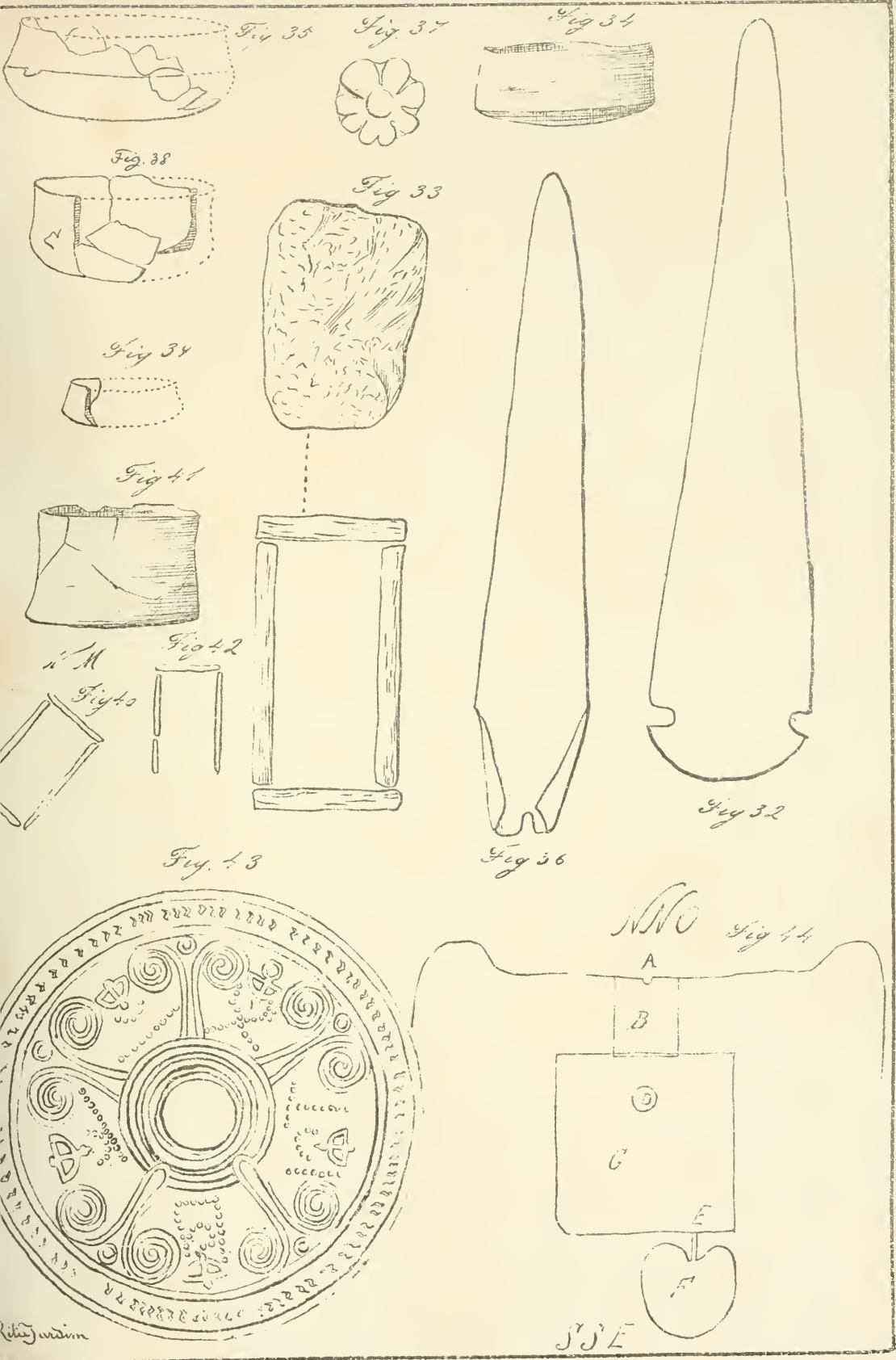


Fig. 26



Fig. 29





W. J. W. W.

SSE





## EXPEDIENTE

---

O Boletim é gratuito para os socios ordinarios.

Preço d'assignatura — 200 reis cada numero.

Os pedidos devem dirigir-se a José Netto Rocha, Figueira.

# BOLETIM

DA

# SOCIEDADE ARCHEOLOGICA SANTOS ROCHA

TOMO I—N.º 3

SETIMA SESSÃO PLENARIA

## SUMMARIO

- Relatorio da gerencia de 1901-1902.
- Nota sobre um caso de microcephalia.
- Estação neolithica de Santa Olaya.
- As grutas de Palmella.
- Velho bronze dos arredores de Brenha.
- A necropole da Moirama, nas visinhanças de Celorico.
- Necropole luso-romana do Molião.
- Alguidar de typo mudejar encontrado em Buarcos.
- As barreiras ou trincheiras no casamento beirão.



FIGUEIRA  
IMPRESA LUSITANA

1906





# BOLETIM

DA

# SOCIEDADE ARCHEOLOGICA SANTOS ROCHA

TOMO I—N.º 3

SETIMA SESSÃO PLENARIA



FIGUEIRA  
IMPRESA LUSITANA

1906



## Sessão plenaria de 12 d'Outubro de 1902

Presidencia do socio honorario, sr. Joaquim Filippe Nery Delgado

Secretario — Pedro Belchior da Cruz

### Relatorio da gerencia de 1901-1902

*Senhores.*

Vae decorrendo o quinto anno da existencia da nossa Associação, e já os seus modestos trabalhos têm atravessado periodos de milhares e milhares d'annos, que, em grande parte, escapam a toda a indagação historica.

Lança um golpe de vista sobre as collecções do Museu a nosso cargo: vós podeis contemplar os productos do trabalho humano desde os tempos em que o nosso antepassado, semi-nu e armado d'uma lasca de seixo, vagueava pelo valle do Mondego, disputando aos animaes ferozes o seu miseravel sustento, até aos ultimos seculos. Alli podereis segui-lo em diversas phases do seu desenvolvimento, no periodo neolithico, na transição para o metal e em plena idade do ferro. Possuis até as suas ossadas: vós podereis, senhores, tocar esses venerandos restos, e mergulhar os vossos olhos nas orbitas descarnadas e profundas, onde ha milhares de annos brilhava a intelligencia selvagem d'aquelle filho da natureza!

Sem duvida, algumas das series d'essas obras são pobres, e soffrem largas interrupções no immenso periodo do desenvolvimento da humanidade. Nós não possuímos do homem quaternario senão raros vestigios, pertencentes aos seus tempos primitivos; quando em outros paizes, mais afortunados, se têm recolhido abundantes productos da sua industria, que chegam até ás obras, verdadeiramente artisticas, da epocha magdaleneana. A idade do bronze, ainda por estudar em Portugal, está representada por alguns objectos apenas. A primeira idade do ferro, tambem por estudar no nosso paiz, não tem representação. Mas, apesar de tantas lacunas, vós podeis colher nas nossas collecções os traços geraes do desenvolvimento humano: verificareis que no valle do Mondego, ainda no periodo da influencia carthagineza, ahi pelos fins do 3.º seculo antes de Christo, quando o ferro era já muito usual n'estes logares, o homem estava tão barbaro, que recordava o selvagem da idade da pedra, trabalhando, como elle, a sua ceramica, usando as suas mós para triturar os cereaes, empregando os

seus martellos de pedra, enfeitando-se com os seus collares de contas de barro, etc.; e ser-vos-ha facil recompôr, por esta selvageria, o quadro das suas miserias nas epochas mais remotas — do bronze e do principio do ferro.

Como todos estes materiaes se colligiram vós o sabeis, senhores! Trabalhos pertinazes e fatigantes, excavando a terra, e arrancando do seu seio, um a um, esses pedaços de pedra, osso ou barro que formam o grande livro da nossa historia local: todos esses pobrissimos cacos, que o vulgo olharia com desdem, d'onde surgiu a maravilhosa serie de vasos da nossa secção de proto-historial

É por ella que Santa Olaya se ergue hoje, como um grande fóco de luz, illuminando os obscuros horisontes do nosso passado. Quando tudo fazia crer que a influencia punica fôra nulla nas civilisações do occidente da Peninsula, é d'alli que parte o primeiro protesto. Lá está a ceramica de typo carthaginez, tal como Bonsor a exhumou dos Alcores, perto de Carmona, e podem contemplar-se muitas fórmãs e decorações que copiam precisamente as que o Rev.<sup>do</sup> Padre Delattre descobriu nas necropoles da velha Carthago; lá os bronzes dos Alcores, os ensaios indigenas para reproduzir os objectos importados, a mó circular a substituir, pouco a pouco, a mó primitiva, a construcção de pedra e barro a substituir a choupana de ramos de arvores revestida com argila, a transformação gradual, emfim, dos processos de trabalho do velho lusitano do valle do Mondego, sob a influencia das colonias semitas do sul da Peninsula

Ha um anno, estando aqui reunidos, tínhamos já assignalado á vossa attenção a descoberta, n'aquelle logar, das ruinas de duas casas, sepultadas a 2.<sup>m</sup> de profundidade, onde se haviam recolhido restos ceramicos, que permittiram a restauração de mais de vinte vasos exóticos. Agora temos o prazer de comunicar-vos que exhumámos do lado do NE do outeiro, até á profundidade de 4.<sup>m</sup>, dois verdadeiros povoados, sobrepostos, pertencentes, sem a menor duvida, ao mesmo periodo da influencia punica, mas de epochas diversas; que por cima do povoado superior, na camada superficial do terreno, encontrámos um deposito de restos romanos, que attinge, em certos pontos, a espessura de 0.<sup>m</sup>,95; que n'este deposito foi descoberta uma sepultura feita de pedra secca aparelhada grosseiramente; e que uma parte d'este monumento estava destruida para dar logar a um muro d'alvenaria ordinaria que parecia pertencer a idade media.

E não foram sómente estas epochas que vimos representadas no largo córte praticado no terreno: nos entulhos do povoado inferior manifestou se aqui e allí, por vestigios esparsos, a existencia d'uma estação humana da idade da pedra, que faz objecto d'uma communicação que hoje temos a honra de apresentar-vos.

A ceramica encontrada n'aquelle povoado foi abundante. Extrahimos mais de dois metros cubicos de fragmentos, de que se fizeram novas e interessantes restaurações. A pintura, sob a fórmula de faxas horisontaes e parallelas em redor dos vasos, de lozangos e linguetas, em que figuram as côres vermelha, branca e parda, é frequente na louça importada. Os maiores vasos d'esta louça são caracterisados por um pequeno collo ou por falta d'elle, e as suas fórmãs são compostas de troncos de cône e porções da esphera, apresentando muitas vezes um typo ovoide ou de barril alongado. O que distingue principalmente a ceramica exotica do mais antigo povoado é a presença dos *pithei* listrados e de grandes amphoras, muitas vezes pintadas de branco, com o fundo ovoide.

Ao mesmo tempo dezenas de fuzaiólas, alguns alfinetes, fibulas e anneis de bronze e pedaços de ferro muito oxydado saíram dos entulhos, á mistura com certos fragmentos de ceramica que recordam os oppidos do Minho!

Escusado será dizer-vos que nada genuinamente romano se encontra n'esta mistura. As proprias fibulas, se ás vezes recordam a Italia, não é a Italia ro-

mana. Para nós é fóra de duvida que os habitantes dos dois povoados não chegaram a receber o baptismo da civilisação romana.

Assim, no estado actual dos nossos conhecimentos, podemos annunciar-vos que nos tempos que precederam immediatamente a romanisação do valle do Mondego as populações de Santa Olaya estiveram em relações com o norte da Lusitania e com as colonias punicas do sul da Peninsula; e a este poderoso factor se deve a transformação que se vê operada nas industrias indigenas, algumas das quaes estão largamente representadas no mobiliario já colligido.

Eis, senhores, onde se consumiram uma grande parte da nossa actividade e todos os recursos da nossa Associação durante o anno findo. Aquelle material enorme custou sobretudo enormes sacrificios pessoaes, de que só vos podem dar ideia esses numerosos vasos, compostos de centenaes de fragmentos, que nós extrahimos pacientemente, durante muitos mezes, d'um montão de ruinas.

Em compensação, recuando alguns seculos a nossa historia, elles representam um dos maiores triumphos com que hoje se honra a nossa Sociedade!

Figueira da Foz, 10 d'Outubro de 1902.

O Presidente da Direcção

*Antonio dos Santos Rocha.*



# COMMUNICAÇÕES

## Notas sobre um caso de microcephalia

por FREDERICO NOGUEIRA DE CARVALHO

O estudo dos microcephalos mereceu sempre um lugar importante em anthropologia, pois que elles transportam para as sociedades modernas fórmulas organicas retardadas, verdadeiras excrescencias teratologicas.

Fornecendo, pois, um elemento de estudo e de confronto com o aspecto geral dos homens primitivos, merece ser assignalado o caso de microcephalia que apresento.

Antonia Francisca, natural de Quiaios, tem 15 annos d'idade. E' uma idiota.

Na historia nosologica da sua familia não se encontram elementos alguns que possam relacionar-se com o estado do atraso das suas faculdades mentaes, nem foi possivel descobrir estigmas degenerativos.

Na sua historia pregressa apenas pude certificar-me de que quatro dias depois do seu nascimento, aliás de termo, começára a soffrer de ataques convulsivos, epileptiformes, de que actualmente soffre ainda.

A sua cabeça e o seu corpo apresentam as medidas seguintes:

### Cabeça

#### 1.º Diametros:

|                                   |                     |
|-----------------------------------|---------------------|
| Antero-posterior maximo . . . . . | 0 <sup>m</sup> ,135 |
| » » iniaco . . . . .              | 0,13                |
| transverso maximo . . . . .       | 0,115               |
| » supra auricular . . . . .       | 0,09                |
| » temporal maximo . . . . .       | 0,10                |
| » frontal minimo . . . . .        | 0,085               |
| vertical auricular . . . . .      | 0,08                |

#### 2.º Curvas:

|                                           |                    |
|-------------------------------------------|--------------------|
| Inion frontal total . . . . .             | 0 <sup>m</sup> ,21 |
| parte frontal total . . . . .             | 0,08               |
| parte sub-cerebral anterior . . . . .     | 0,01               |
| Circumferencia horisontal total . . . . . | 0,38               |
| » transversal bi-auricular . . . . .      | 0,26               |
| » » supra-auricular . . . . .             | 0,22               |

**Face**

|                                                   |                    |
|---------------------------------------------------|--------------------|
| 1.º Angulo facial de Camper . . . . .             | 69.º               |
| 2.º Para os indices:                              |                    |
| do ponto sub-mental á raiz dos cabellos . . . . . | 0 <sup>m</sup> ,15 |
| do ophryon ao ponto alveolar . . . . .            | 0,066              |
| largura bi-zygomática . . . . .                   | 0,122              |
| comprimento do nariz . . . . .                    | 0,04               |
| largura do nariz . . . . .                        | 0,03               |
| saliencia do nariz . . . . .                      | 0,01               |
| comprimento da orelha . . . . .                   | 0,065              |
| 3.º Comprimentos:                                 |                    |
| do ophryon á raiz dos cabellos . . . . .          | 0 <sup>m</sup> ,05 |
| do » á raiz do nariz . . . . .                    | 0,01               |
| do » ao ponto sub-nasal . . . . .                 | 0,054              |
| do ponto sub-nasal ao ponto alveolar . . . . .    | 0,01               |
| do » » ao ponto sub-mental . . . . .              | 0,04               |
| altura do mento . . . . .                         | 0,015              |
| 4.º Larguras:                                     |                    |
| bi-orbitaria . . . . .                            | 0 <sup>m</sup> ,09 |
| bi-carmucular . . . . .                           | 0,02               |
| palpebral . . . . .                               | 0,01               |
| bi-malar . . . . .                                | 0,10               |
| boccal . . . . .                                  | 0,052              |
| bi-goniaca . . . . .                              | 0,095              |
| 5.º Medidas obliquas:                             |                    |
| gonio nasal . . . . .                             | 0 <sup>m</sup> ,09 |
| mento-goniaca . . . . .                           | 0,072              |

**Indices**

|                         |       |
|-------------------------|-------|
| 1.º cephalico . . . . . | 85    |
| 2.º facial . . . . .    | 54,09 |

**Corpo**

|                                                                                                         |                    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------|
| Altura acima do solo, do vertex (estatura) . . . . .                                                    | 1 <sup>m</sup> ,35 |
| Comprimento do membro superior, do acromion á<br>extremidade dos dedos . . . . .                        | 0,66               |
| Comprimento do membro inferior, do grande trochan-<br>ter ao solo . . . . .                             | 0,67               |
| Distancia da extremidade d'uma das mãos á extre-<br>midade da outra, estando os braços abertos. . . . . | 1,40               |



Nesta *microcephala* o prognathismo não é muito accentuado. O seu cráneo é *brachicephalo*, e não apresenta deformações. O diametro transverso máximo, que differe apenas dois centímetros do diametro antero-posterior máximo, e a pequenez do seu diametro vertical auricular dão a configuração da sua cabeça, que é arredondada.

O nariz é achatado. A dentadura é regular, e não tem dentes do siso. A abobada palatina não apresenta deformações. O peito é achatado e mal desenvolvido.

Os membros superior e inferior do lado direito, pronunciadamente atrophiados, com parestia e enfraquecimento do senso muscular respectivo, difficulando por isso a marcha, e sobretudo os movimentos da mão direita, quasi extinctos. Não pôde pois usar d'ella como meio apprehensor.

A marcha é tambem, por isso, pesada e hesitante, pondo os pés *à plat* no chão, alargando muito as pernas, parecendo haver uma certa incoordenação dos movimentos locomotores.

A visão e a audição são normaes.

O olphato parece muito defeituoso, não se importando com cheiros agradaveis, nem a incomodando o cheiro d'uma solução d'ammonia.

A memoria, enfraquecida, porém não extincta.

Conserva a lembrança desagradavel de lhe haver medido a cabeça e a face, pois que se recusa a novas investigações, fixando então a cabeça sobre os joelhos, ou lançando se ao chão a gritar.

Tornou-se por isso inteiramente impossivel photographal a em diversas attitudes, obtendo entretanto uma photographia ao fim de cerca de duas horas de tentativas.



Todavia não se lembra do que come, nem é capaz de dizer o que tomou na ultima refeição.

Não conhece as pessoas pelos nomes.

Conta sómente até 4; porém não segue n'esta operação a ordem numerica, alternando sempre os numeros, e repetindo muitas vezes 3 e 4 ou 2 e 3. São inuteis todos os esforços para contar de 4 até 10 ou mais.

A noção da côr não existe; mas gosta muito de roupas claras.

Tambem não existe a noção do tempo.

Come com voracidade e dorme um somno profundo.

Tem habitos pouco limpos, coçando sempre a cabeça logo que a contrariam.

E' este um signal constante e precursor de agitação.

O instincto da conservação é muito apagado. Merece-lhe pouco cuidado a sua saude. Quando adoce, não se queixa, sendo por isso difficil localisar-lhe as suas impressões morbidas.

Conserva ainda o sentimento de propriedade. Se lhe dão algum objecto de que gosta, e sobretudo uma moeda de prata, entrega-a á mãe com signal de

alegria, para que esta lh'a guarde, e alguns dias depois volta-se para ella e diz — dá, dá — querendo dizer assim, que lhe entregue os objectos guardados.

Não tem aptidão alguma para o trabalho.

O poder de attenção está quasi extincto, sendo incapaz de comprehender as cousas mais simples e que exijam um esforço de intelligencia.

Se lhe dizem — vae chamar teu pae — caminha para o logar onde o pae se encontra, e limita-se a agarrar-se a elle. Raras vezes ainda lhe diz — vão —, quando elle se encontra a pequena distancia.

Conserva sentimentos affectuosos pela familia, com quem vive, sendo para ella motivo de grande alegria, quando á noute regressa do trabalho.

O seu vocabulario é muito reduzido: apenas pronuncia algumas palavras ou phrases, sendo todavia incapaz de dar uma resposta que exija associação de muitos termos.

Quando a contrariam ou a violentam por qualquer fórma, a sua linguagem transforma-se n'uma successão de sons inarticulados.

Profere então tambem palavras obscenas, com uma prodigalidade extraordinaria, denunciando pela vivacidade do seu olhar, pelos seus gestos desordenados, e pelos gritos que solta, a confusão das suas impressões sensoriaes.

N'este estado a tenho por vezes observado, sendo de notar que facilmente se encolerisa, coçando constantemente a cabeça, ou mordendo qualquer objecto, e com grande frequência o pollegar esquerdo. É um phenomeno tão commum, que á força de ser muito repetido, occasionou na face dorsal d'este dedo e do seu metacarpico uma notavel tumefacção callosa de 5 centimetros de comprimento por 2 centimetros de largura.

N'esta attitude se conserva por alguns minutos imprimindo então á cabeça um movimento de lateralidade continuo, soltando um som rouco prolongado, e dando ao conjuncto o aspecto um pouco simiano.

De resto as funcções da vida organica exercem-se em geral regularmente, embora não tenha sido ainda menstruada.

Eis a traços largos as características mais salientes d'esta microcephala.

As suas faculdades cerebraes soffreram, pois, uma suspensão ou alteração no seu desenvolvimento, e acham-se manifestamente reduzidas a um estado verdadeiramente rudimentar, de que dão conta os dados anatomicos e os factos de observação.

Durante muito tempo a microcephalia foi considerada como a expressão d'uma regressão atavica para um tronco commum ao homem e aos anthropoides.

A theoria do atavismo reinou na sciencia, devido principalmente ao impulso de Charles Vogt, physiologista celebre de Genebra.

As cabeças dos microcephalos eram então caracterisadas por craneos de macaco, assentes em faces humanas de raça inferior ou prognatha.

No estado actual da sciencia é insustentavel a idéa de approximação com qualquer typo simiano.

Não ha um typo unico de microcephalos, nem sob o ponto de vista anatomico, nem sob o ponto de vista psychologico.

Anatomicamente o nosso caso afasta se pelos seus caracteres craneometricos do maior numero, porque em geral os microcephalos idiotas são dolicocephalos, e o craneo da microcephala de Quiaios é brachicephalo, podendo dizer-se que é um craneo reduzido, e que pelo facto da sua reducção e de assentar em face normal, mas saliente, adquiriu a sua physionomia especial.

Psychologicamente a sciencia regista abundantes factos demonstrativos de quanto é profunda a separação entre microcephalos e anthropoides.

Os simianos são dotados d'uma organisação completa, para a satisfacção

das necessidades physiologicas da sua existencia. N'elles a hereditariedade e a adaptação estabeleceram o consenso de orgãos, de funcções e de necessidades que lhes tornam a vida inteiramente harmonica.

Os microcephalos pelo contrario são verdadeiras monstruosidades, não possuindo alguns os meios indispensaveis, até, para garantirem a sua propria conservação, como se reconhece no nosso caso.

A pequenez do craneo é muitas vezes a consequencia de factos pathologicos que tiveram o cerebro por séde, e trouxeram a sua atrophia, com redução concomitante da caixa craneana. Outras vezes é o resultado da falta d'evolução d'algumas regiões do encephalo.

E' pois forçoso, como diz Virchow, renunciar á theoria do atavismo.

O estudo d'estes seres entra portanto no dominio da pathologia cerebral, devendo por isso ser apreciado nas differentes alterações da massa encephalica.

Em geral os microcephalos têm uma vida curta.

Concluimos por notar que é de presumir, que a microcephala de Quiaios ainda nos forneça novos e mais completos elementos de investigação scientifica.

## Estação neolítica de Santa Olaya

POR A. SANTOS ROCHA

.....

Santa Olaya é um pequeno outeiro que se ergue sobre os campos da margem direita do Mondego, a nascente da villa de Maiorca, no ponto onde termina esse grande lanço rectilíneo da estrada publica que segue da mesma villa, pelo meio dos campos, em direcção a Montemor o-Velho.

A obra d'esta estrada cortou-lhe o pendor do norte, deixando lhe apenas uma insignificante parcella, onde se acham as escadas de pedra que dão accesso á capellinha que está no cimo, dedicada a Santa Eulalia. Pelo lado do sul a rocha viva ergue-se a prumo n'uma altura superior a 12<sup>m</sup>,0, e pelos lados do nascente e poente os declives são rapidos, mas accessiveis com algum esforço.

O Mondego passa-lhe ao sul, na distancia d'um kilometro aproximadamente; mas em occasião de cheias o rio trasborda, e quasi tudo fica inundado em redor d'aquella elevação.

Ahi talvez pelo seculo 11.<sup>o</sup> da nossa era a inundaçáo era constante, mas pelas eguas do mar. Os campos circumvisinhos faziam parte do proprio estuario do rio, e estavam sujeitos ás marés, como provam o fundo da vasa marinha que se estende, no percurso d'alguns kilometros, para o norte, no sub-solo do Paul de Foja, a profundidade de 1<sup>m</sup>,50 a 2<sup>m</sup>.

Isto fez nos pensar que em tempos muito anteriores, e até durante a epocha neolithica, o sitio seria talhado de molde para habitaçáo do homem. A algumas dezenas de metros, para o lado do Ferrestello, ha agua potavel. Nos montes proximos devia abundar a caça. O rio fornecia o peixe e os molluscos comestiveis; e as condiçóes do logar prestavam-se facilmente á defeza.

De facto viemos a adquirir a certeza de que o homem d'esses tempos alli estacionou. As nossas excavaçóes do lado do NE, pondo a descoberto, uns povoados sobrepostos da segunda idade do ferro, epocha luso carthagineza, e a seguir, para a superficie, uma camada de restos romanos, e por ultimo ruinas de construcçóes que pertencem á Idade Media, permittiram-nos recolher, esparsos principalmente nos entulhos que cobriam o povoado inferior, vestigios inequívocos da sua presença.

Verdade é que ainda não se encontraram os fundos de cabanas d'essa epocha, restos de habitaçóes caracterizados pela accumulacáo de carvões, cinzas e rebotalhos de cosinha. Entretanto as excavaçóes estão ainda longe do seu termo; e é possivel que, descendo até á rocha viva, se recolham vestigios mais valiosos e abundantes.

Eis o inventario dos objectos colligidos até ao presente.

**Nucleos.** — Alguns nucleos de quartzite com plano natural da percussáo.

**Machados.** — Um machado de schisto, achatado, de fôrma trapezoidal e secção quadrangular, com o gume convexo. Mede no comprimento  $0^m,1$ , e na largura junto ao gume  $0^m,055$ .

— Outro machado de fibrolithe(?) em fôrma de triangulo espherico alongado, roliço, mas de secção irregular por defeito natural da rocha. Mede no comprimento  $0^m,1$  e na largura junto ao gume  $0^m,033$ .

São typos muito communs no valle do Mondego, e de que já temos publicado os desenhos (1).

**Talão de machado.** — Uma peça feita de chifre de veado, trabalhada com serra e faca de pedra, de secção circular n'uma extremidade, cujo diametro externo mede  $0^m,032$ , e da secção eliptica na outra extremidade, cujo eixo maior mede  $0^m,04$ . E' o que os palethnologos francezes chamam *gaine*; e pertence ao typo das que eram embutidas em cabo de madeira, em vez de serem atravessadas por este. Mede no comprimento  $0^m,1$ .

Este typo vem figurado em muitas obras estrangeiras. É a *gaine á talon* do sr. Gabriel de Mortillet, vulgar nas estações lacustres da Suissa e da França (2).

Na figura 1.<sup>a</sup> damos a imagem do nosso exemplar, a cujo alvado se adapta perfeitamente um dos machados do nosso Museu.

Esta especie d'utensilios apparece-nos pela primeira vez no valle do Mondego.

**Punhal.** — Uma robusta lamina d'osso, talhada e polida em fôrma de punhal, isto é, ponteaguda n'uma extremidade e ligeiramente desbastada na outra, provavelmente para ser embutida em algum cabo. Tem secção quadrangular; e mede no comprimento  $0^m,132$ , na maior largura  $0^m,014$  e na maxima espessura  $0^m,008$ . Figura 1 (a).

E' o primeiro exemplar que se tem encontrado nas nossas estações neolithicas.

**Ponta de dardo.** — Uma esquirola d'osso talhada em fôrma de dardo, de base triangular e com a ponta partida. Figura 1 (b). Mede no comprimento  $0^m,103$ , na largura da base  $0^m,011$  e na maior espessura  $0^m,004$ . Os dardos ou settas d'osso são raros na nossa região. Só encontrámos uma ponta nas ruinas do dolmen do Porto Saboroso.

**Ponção.** — Um instrumento d'osso, ponteagudo n'uma extremidade e achatado e largo na outra, onde apresenta um orificio. Figura 2. Mede no comprimento  $0^m,055$ .

O orificio indica que o objecto era suspenso. A fôrma é a d'um ponção.

Nós já tinhamos encontrado ponções d'osso nos dolmens da Serra do Cabo Mondego (3); mas com orificio de suspensão é o primeiro exemplar recolhido na nossa região. Outros se têm encontrado entre as antiguidades neolithicas da Escandinavia, com a differença de apresentarem fôrma diversa nas extremidades furadas; e o sabio Nilsson os julgava destinados a furarem as pelles e outras substancias brandas, e a andarem suspensos na cintura (4).

Devemos lembrar que Schlemann encontrou na estação mais antiga de Hissarlik um objecto semelhante, que classificou como agulha (5), e que na Hespanha tambem os srs. Siret recolheram outro exemplar em estações do começo dos metaes.

(1) *Antiquidades prehistoricas do concelho da Figueira*, figuras 6, 21, 22 e 24.

(2) *Le Prehistorique*, pag. 544 e 545, 2.<sup>a</sup> edição; — *Musée Prehist.*, figuras 443 e 473.

(3) *Antiquidades prehist. do concelho da Figueira*, pag. 108 e figuras 254 a 256.

(4) *Os habitantes primitivos da Escandinavia*, pag. 119 e figuras 263-265, trad. franceza de 1868.

(5) *Ilios*, pag. 327, figura 141, e pag. 328.

**Alfinetes.** — Dois alfinetes inteiros e quatro fragmentos d'outros, feitos d'osso. Dois dos fragmentos têm secção circular, pertencendo um á ponta e o outro á cabeça, sendo esta ultima ornada com tres sulcos paralelos; e o terceiro fragmento, contendo a cabeça, é achatado. Figuras 3 a 5. Achatado é tambem o da figura 5 (a).

Um dos exemplares inteiros é tambem achatado, e mede no comprimento  $0^m,105$ . Figura 6. Outro apresenta secção circular, e mede no comprimento  $0^m,143$ . Figura 7.

Este ultimo é o mais bello exemplar que temos encontrado. Do lado opposto á ponta está ornamentado quasi até meio com finos traços gravados. Junto á extremidade ha quatro traços paralelos em redor da peça. Entre este grupo e um outro formado por cinco traços semelhantes, n'uma faixa de  $0^m,02$ , é guarnecido de linhas paralelas que a contornam em espiral, como as voltas d'um parafuzo. Entre o segundo grupo de traços circulares e um terceiro formado por sete traços semelhantes, na extensão de  $0^m,023$ , ha um ornato composto de grupos de linhas paralelas contornando em espiral, mas em direcções oppostas e interrompendo-se. Figura 7 (a).

**Cabos de instrumentos.** — Tres pontas de corno de veado, serradas e munidas de alvado, indicando que n'este se embutia e fixava qualquer instrumento. Figuras 8 e 9.

**Objectos com vestigios de trabalho.** — Alguns fragmentos de cornos de veado com golpes de serra de pedra, e um apresentando tambem golpes de machado.

**Ceramica.** — Mais de um metro abaixo da base dos alicerces d'uma casa do primeiro povoado inferior, em terra misturada com carvões, recolhemos, com uma lasca de silex e a pedra da figura 10, os dois fragmentos de ceramica das figuras 11 e 12, ambos de pasta grosseira trabalhada á mão. O ornato da figura 11 encontra-se nas louças neolithicas do valle do Mondego; mas o da figura 12 apparece-nos pela primeira vez n'esta região, e tem semelhança com o de certas louças da estação da Rotura (1) e das grutas de Alcobaca (2) e da Furninha, em Peniche (3), e com o das faxas que ornam o vaso dinamarquez de que o sr. Montellius dá o desenho na sua obra «*Os tempos prehistoricos na Suecia*», figura 33, pag. 32.

(1) *O Archeologo*, vol. viii, n.ºs 5 e 6, est. vi, figura 75, e est. vii, figuras 97, 99, 100, 101 a 106, e est. viii, figuras 107, 110 a 112.

(2) *Portugalia*, fasciculo 4.º est. xiv, figura 164, e est. xv, figura 170.

(3) *Compte-rendu do congr. intern. d'anthrop. e d'archeol. prehist., celebrado em Lisboa*, 1880, est. xiii, figuras 109 e 116.

## As grutas de Palmella

POR P. BELCHIOR DA CRUZ

.....

Varios escriptores se têm occupado das grutas artificiaes de Palmella; mas nenhum ainda publicou tudo o que ha de importante n'estas notaveis estações. Carlos Ribeiro, que as fez explorar, não chegou a escrever a monographia que lhes destinava; e do relatorio das explorações não ha mais do que apontamentos incompletos e mal redigidos, escriptos por um dos collectores que as executaram por ordem d'aquelle sabio, e por este emendados.

Estacio da Veiga, nas suas *Antiguidades Monumentaes do Algarre* (tomo 3.º, pag. 128) publicou os desenhos de nove pontas de setta metallicas, encontradas n'aquellas grutas, affirmando serem de cobre.

O sr. Cartailhac, na sua obra *Les âges prehistoriques de l'Espagne et du Portugal* deu a descripção de duas das grutas, acompanhada de desenhos (plantas e córtes), e descreveu e desenhou diversas peças da ceramica e sua ornamentação, os graes, a pedra com uma canellura em volta, alludindo ligeiramente aos machados e outros objectos de pedra, de que desenhou tres serras e algumas contas de collar. Quanto ao mobiliario em metal deu os desenhos de quatro peças (paginas 116 a 135).

Nas *Religiões da Lusitania*, vol. I, pag. 227 e seg., o sr. dr. José Leite de Vasconcellos transcreveu varios trechos dos referidos apontamentos manuscritos que deixára o collector, e reproduziu em substancia a materia d'outros trechos, assim como alguns dos desenhos que os acompanham, completando a noticia com notas e desenhos tirados do livro do sr. Cartailhac.

Entretanto a publicação textual e integral dos apontamentos, que constituem verdadeiramente o relatorio da exploração das grutas, era absolutamente indispensavel, por ser o documento original e authenticocomprobativo do estado em que foram encontradas essas grutas e das condições de jazida dos objectos que ellas encerravam. Por elle e só por elle poderia o publico verificar e interpretar os factos que se dizem alli observados, e assegurar-se da exactidão dos extractos e das referencias feitas aos trabalhos do explorador. Indispensavel era tambem illustrar o relatorio com um album, contendo não só os desenhos das grutas, mas do maior numero de peças do seu mobiliario, pelo menos dos typos mais importantes ou ainda não publicados, de modo a reunir em um só escripto todos os elementos d'informação sobre estas notaveis estações.

A necessidade d'esta publicação impunha-se sobretudo por duas razões especiaes: — 1.ª o facto d'estas estações serem de transição da pedra para o metal (epocha cuprolithica), e assim interessarem á questão da primeira idade

do metal na Europa; — 2.<sup>a</sup> a semelhança já assinalada pelo sr. Cartailhac entre essas grutas e outras da Sicilia e da ilha Pianosa, semelhança que vae até certas peças de cerâmica e sua ornamentação, e que o sr. Colini, illustre professor da Universidade de Roma, confirma plenamente, notando que allí appareceram também objectos metallicos, se não exclusivamente, pelo menos quasi sempre de cobre, e que civilisação analoga á d'aquellas grutas se encontra em cavernas da Sardenha (1).

E tão justa é esta aproximação, que até a ponta de setta de cobre de Palmella, n.<sup>o</sup> 10 da série desenhada por Estacio da Veiga, se encontra no mobiliario da gruta de S. Bartholomeu (Cagliari), como se vê na figura 1, est. XVII da obra do sr. Colini (2), e no mobiliario de Palmella se encontra a peça de que este escriptor dá o desenho na figura 2 da estampa XIX da mesma obra.

Assim se explica que o nosso presidente, obtendo do socio honorario, sr. Nery Delgado, a permissão de copiar e reproduzir pela imprensa o mesmo manuscrito, com os desenhos das grutas e do mobiliario, tudo em poder da Direcção dos Serviços Geologicos, e de fazer desenhos outras peças que não tinham ainda sido representadas, me encarregou de pôr em ordem todo este material, e apresental-o a publico, sob a fôrma de communicacão feita á nossa Sociedade.

Tal é a razão do escripto que tenho hoje a honra de apresentar-vos.

Segue o relatorio.

*«Descripção das furnas situadas no Casal Pardo, logar dos Bacellos (Quinta do Anjo), 4 kilometros oeste de Palmella e na encosta da serra dos Loiros. Estas furnas foram exploradas pelos collectores Antonio Mendes e Agostinho José da Silva, em abril, 76.»*

*«Primeira furna.* — Em volta redonda, a sua circumferencia mede 10<sup>m</sup>,40 na sua parte mais larga; altura, contada inteiramente, 2<sup>m</sup>,20; o tecto fôrma uma abobada, cujo centro está aberto por uma claraboia quasi circular, de diametro aproximadamente de 4<sup>m</sup>,20.

A porta está S 60 E. A primeira entrada é uma concavidade de 1<sup>m</sup>,80 de comprimento, aliás, largura, e 1<sup>m</sup>,20 d'altura; fôrma uma especie de meia lanranja; na frente tem a porta interior que dá entrada para a furna.

Esta porta tem 0<sup>m</sup>,80 de altura e 0<sup>m</sup>,70 de largura. A rocha d'esta furna é formada de fragmentos d'outras. Esta furna estava quasi cheia de terra e tinha grande quantidade de pedras de diferentes tamanhos; eram todas da mesma qualidade da rocha continente. No começo da exploração estava a terra muito macia; aqui e allí se encontram fragmentos de loiças e d'ossos humanos; antes de chegar ao sólo, n'uma espessura de terra de 0<sup>m</sup>,30, foi onde appareceram alguns objectos pequenos, como abaixo menciono. Os poucos ossos humanos que aqui appareceram, e esses mesmos em fragmentos, bem como as loiças no mesmo estado, dão prova que esta furna já foi mechida, mas não creio que fosse toda, porque tinha em partes bocados duros, mas isto só se conhecia em baixo; na espessura de terra que appareceram os objectos pequenos. Pela parte de baixo de tudo isto ha uma camada muito rija com pouca espessura, também tem alguns ossos humanos.

Objectos que appareceram: 4 lanças de cobre, 8 lancinhas de silex, 2 facas inteiras da mesma rocha, 3 bocados de calcareo redondos, 3 machados cel-

(1) *Il sepolcreto di Remedello-solto*, parte 1.<sup>a</sup>, paginas 119, 123, 124, 126, 128, 130, 134 e est. xvii e xviii.

(2) Obr. cit., pag. 118.



ticos, 1 tijela de calcareo e metade de outra (pequenas), 2 ossos aperfeiçoados, 2 conchas de marisco furadas cada uma com dois buracos. Tanto os ossos como as conchas parecem ter servido como collares. Contas varias.»

Ha adiante, no manuscrito, um desenho que se refere manifestamente ao córte d'esta gruta, posto que as cotas em algarismos não correspondam ás medidas indicadas no texto. Aqui damos a copia fiel d'elle (figura 13).

A planta da mesma gruta foi publicada pelo sr. Cartailhac. É da sua obra que a reproduzimos (figura 14).

«*Descripção da segunda furna.*—Tambem em volta redonda; tem menos diametro que a primeira; mede 9 metros; altura 2<sup>m</sup>; a abobada é de ponto mais subido que a primeira; no centro tem tambem claraboia com 1<sup>m</sup>,9 de diametro aproximadamente. A entrada é pela parte de cima da rocha, a 4<sup>m</sup> da claraboia; tanto a entrada como a furna estavam totalmente cheias de terra e pedras; a porta dentro da furna tem 0<sup>m</sup>,70 de altura e 0<sup>m</sup>,65 de largura; está virada para N 50 E. Toda a espessura da terra dentro da furna estava muito macia; mesmo em baixo, á camada branca, tambem lhe succedia o mesmo. Junto ao sólo, 0<sup>m</sup>,20 d'altura de terra, appareceram uns pequenos objectos inteiros, e muitos fragmentos de louças com desenhos e alguns ossos humanos, uma lança de cobre alguma cousa mais comprida que as outras que se acharam na primeira furna, 1 machado celtico, 4 bocados de facas de silex, um bocado de calcareo redondo, alguns ossos longos e uma maxilla superior com tres dentes, não inteira; tudo isto é humano. Pelos fragmentos da louça e dos ossos e pela terra tão macia e pelas poucas cousas que appareceram, bem deixa ver que esta furna já tinha sido mechida.»

Do desenho que se acha no manuscrito, em seguida a esta parte do relatório, damos aqui a copia exacta (figura 15).

Um desenho quasi igual foi publicado nas *Religiões da Lusitania* (1). É provavelmente esta gruta que se acha representada nas figuras 155.<sup>a</sup> e 156.<sup>a</sup> da obra do sr. Cartailhac. Tudo leva a crer que este sabio a mandou desenhar de novo, com mais exactidão.

«*Descripção da terceira furna.*—Esta está destruida pelo lado sul, proveniente de tiros que lhe metteram para tirar pedra para construcções de alguma propriedade; não se póde reconhecer se tinha claraboia; o que se nota é ser mais larga e a abobada alguma cousa mais abatida. A porta está para S 40 O. A espessura de terra, 1<sup>m</sup>,50, tinha bastante pedra desde cima até abaixo; não deu indícios de ter sido mechida; reconheceu-se bem pela razão de ter louças e craneos e ossos humanos inteiros. Pela parte de baixo da primeira camada de terra havia uma muito negra com alguns ossos de animaes; pelo pouco fossilizados que estavam se reconhecia serem recentes. Pela parte de baixo estava a camada amarella; foi aonde appareceram as louças e parte dos objectos que em baixo declaram; por baixo ainda d'esta, ha uma camada com pouca espessura; tambem tem alguns ossos humanos, mas estes são pequenos. Aqui appareceu: 5 lancinhas, 5 machados celticos e algumas contas; o mais tudo foi na dita camada amarella. Foi alli (tinha 0<sup>m</sup>,30 de espessura) que colligi: 10 machados celticos de rocha diorite, 2 objectos de cobre que parecem ter servido para fazer os desenhos nas louças, 27 lancinhas de silex, mais 2 de quartzo crystalino,

(1) Pagina 230, figura 45.

4 facas de sílex muito delgadas, 12 partidas e muitos bocadinhos das mesmas, 10 pedaços de crystal de rocha, 29 contas grandes, 80 pequenas, 5 bocados de calcareo redondos, 2 ossos aperfeiçoados que parece terem servido com os collares. 1 assobio de barro, 2 ossos redondos aperfeiçoados pequeninos, metade d'uma placa de schisto cinzento com desenhos e metade de outra de calcareo. As louças inteiras são: 2 tijelas grandes com desenhos, 6 pequenas, tendo 4 d'estas desenhos, 1 grande sem desenho (partida), 2 com desenho (partidas), 2 pequenas sem desenho, 10 ossos longos inteiros e alguns bocados, 3 craneos, sendo um em bom estado, com o maxillar superior perfeito, e 4 maxillas inferiores; todos estes ossos eram humanos; encontrou-se alguns dentes soltos bem como alguns fragmentos de ossos.

N'esta furna não dou razão de haver carvão. Os ossos não tinham regularidade; estavam muitas vezes juntos, jámais os ossos longos; estes com os craneos muito juntos das louças; notei que os craneos estavam collocados de diferentes modos, o mesmo succedia com as maxillas inferiores que se encontravam soltas; algumas estavam com os dentes para o sólo; pela razão de os ossos estarem aos montes, é que poucos se podiam tirar inteiros. Esta furna está dividida por uma saliencia que faz quatro divisões, como mostro na figura em baixo; esta saliencia tambem sobe pela abobada á altura de 1 metro e acaba em bico. Junto a esta saliencia é que appareceram as lanças de sílex, as mais aperfeiçoadas e as contas as mais variadas; parece que aquella divisão pertencia ao chefe d'aquella tribu.»

O desenhos que acompanham esta parte do manuscripto são dois, que reproduzimos fielmente (figuras 16.<sup>a</sup> e 17.<sup>a</sup>)

Seguem-se uns apontamentos a lapis, de Carlos Ribeiro, que dizem:

«\*\*\* Saliencia do tufo n'esta caverna, formando um cordão que para O. se trifurca (A); e deixa ver-se adherente á parede E, formando como um tabique que adelgaça para a superficie e desaparece, como succede aos veios de tufo que atravessam as rochas persistentes.»

No alto da pagina do relatorio, onde se acha a descripção d'esta furna, lê se a seguinte nota, a tinta: «A parede S. d'esta furna foi desmontada a polvora para lhe aproveitarem a pedra, tendo deixado intacta parte do contheudo de N. e E.»

*Descripção da quarta furna.*— «Pelo muito destruida que está por cima não se reconhece se foi feita com claraboia; tem parte da abobada que está mais de um metro escangalhada. Dentro tinha duas pedras grandes, que se conhecia serem da abobada; estavam descidas de aonde deviam ter sido, perto de 1 metro; tinha para seu amparo uma lage ao alto, que era aqui de grés; junto a estas pedras, ao lado esquerdo, tambem estava uma outra pedra, tambem de grés, maior e com maior espessura; estava um pouco espetada para a frente. Por entremeio d'estas tinha algumas mais pequenas de grés, e estas pedras, da maneira que estavam collocadas, faziam desconfiar duas cousas: ou que ellas foram postas para amparar umas ás outras; ou então para formar altar. Esta furna está muito mal acabada, tanto na abobada como no sólo, que está todo em altos; e é mais pequena em relação a todas as outras; terá 9<sup>m</sup> de largura e 1<sup>m</sup>,56 de altura; a porta está para S 40 E. Altura d'esta 0<sup>m</sup>,60 e largura 0<sup>m</sup>,65; tudo isto approximadamente. Dá entrada para esta furna uma outra mais pequena, que está muito destruida por cima, e mal se lhe percebe a porta.

N'esta furna pequena, via-se ao lado direito, junto ás paredes, uma porção, não sei se de cinzas, tão cimentada que era difficil poder tirar alguma cousa inteira; por isso soffreu a tijela que está cheia da tal desconfiada cinza; tambem tinha alguns ossos humanos e appareceu mais uma tijela de calcareo e metade de uma faca de silex; ao lado esquerdo estava um bocado de calcareo redondo muito bem acabado, pela parte de cima de tudo isto uma espessura de terra de 1 metro que é quasi a altura da furninha; tambem alli se colligiu um craneo, mas em mau estado, e alguns ossos, tudo humano. N'esta furninha appareceram algumas migalhinhas de carvão, e na grande contigua tinha maior porção, e alguns bocadinhos maiores.

Os craneos e ossos longos estavam quasi todos em posição não regular; muitos foram vistos com a parte superior para cima, e tambem alguns de lado, as maxillas inferiores a bastante distancia dos craneos, a que deveriam pertencer, e quasi todas com falta de dentes adiante; seria por isso que se encontram bastantes dentes soltos.

Cheguei a ver tres craneos com bem pouca espessura de terra de uns aos outros, quasi juntos. Dei sempre por falta de ossos pequenos, jámais d'aquelles que os esqueletos teem em maior quantidade, como costellas e vertebras dorsaes, estes eram os que mais se notavam em consequencia de serem por nós conhecidos.

Objectos encontrados:

Machados celticos de diorite, lançasinhas de silex, lanças de cobre, calcareo redondo, facas inteiras, placas de schisto inteiras com desenhos, idem partidas com desenhos, placa de calcareo sem desenho e partida, ossos com rosca, ossos que serviram com os collares, ossos cortados de differentes feittos, ossos estyletes, pedras d'ambar inteiras, ditas partidas, contas pequenas, contas grandes, conta de pau partida.»

Esta descripção não é acompanhada de desenho algum. Das *Religiões da Lusitania* copiamos o que da quarta gruta publicou o sr. dr. Leite de Vasconcellos. (Figura 18.<sup>a</sup>)

## MOBILIARIO

### Objectos de pedra

**Machados** — Trinta e nove machados de pedra, polidos, inteiros, e quatro fragmentos d'outros. A fórma d'estes instrumentos é trapezoidal (figura 19.<sup>a</sup>) em 24, sendo os restantes em fórma de triangulo espherico (figura 20.<sup>a</sup>), mais ou menos alongado. Têm, á excepção de trez, o gume convexo e regular em relação á linha media longitudinal.

O seu comprimento varia entre 0<sup>m</sup>,16 e 0<sup>m</sup>,045.

A largura maxima é de 0<sup>m</sup>,06, e a espessura 0<sup>m</sup>,036.

Alguns d'estes instrumentos são delgados como as *herminettes* (figura 21.<sup>a</sup>)

As rochas empregadas são o schisto, a diorite e a fibrolite.

**Percutores** — Dois percutores discoides, de pedra, e alguns seixos rolados, porventura applicados para o mesmo fim.

**Nucleos** — Desnove nucleos de crystal de rocha, medindo, termo médio, 0<sup>m</sup>,032 d'altura.

**Lascas** — Algumas lascas de silex e de crystal de rocha.

**Facas** — Quarenta e duas laminas de facas de silex, umas inteiras e outras simples fragmentos, de secção triangular ou trapezoidal.

Nas figuras 22.<sup>a</sup> a 28.<sup>a</sup> damos os desenhos d'alguns exemplares.

Dos exemplares inteiros o maior (figura 25.<sup>a</sup>) méde  $0^m,162$  de comprimento,  $0^m,025$  na sua maior largura e  $0^m,0105$  na espessura, e é de secção trapezoidal; o menor  $0^m,028$  de comprimento e  $0^m,006$  na sua largura maxima. A largura dos restantes exemplares varia entre  $0^m,026$  e  $0^m,008$ .

— Uma pequeniina faca de crystal de rocha, de secção triangular, tendo  $0^m,022$  de comprimento e  $0^m,007$  na sua maior largura.

**Serras**—a) *Serras simples*—Muitas serras simples, isto é, com um só fio, de silex, quasi todas em fragmentos, de secção triangular ou trapezoidal. O comprimento do exemplar da figura 29.<sup>a</sup> é de  $0^m,085$ , e a sua largura maxima de  $0^m,019$ . Nos restantes fragmentos a largura varia entre  $0^m,016$  e  $0^m,022$ .

—b) *Serras duplas*—Numerosos exemplares de serras duplas, isto é, de dois fios, em silex, quasi todos em fragmentos.

Na figura 30.<sup>a</sup> e 31.<sup>a</sup> reproduzimos dois em tamanho natural.

**Raspadores** — Classificamos assim o objecto da figura 32.<sup>a</sup>, representado em tamanho natural.

**Pontas de setta e de dardo** — Setenta pontas de setta, de silex, quasi todas inteiras, podendo-se classificar, pelas fórmãs, nos seguintes grupos:

1.<sup>o</sup> — *Triangulares de base biconcava e pedunculada* — Damos desenhos de dois exemplares, em tamanho natural, nas figuras 33.<sup>a</sup> e 34.<sup>a</sup> São todas retocadas em ambas as faces, e com os bordos mais ou menos serrilhados.

2.<sup>o</sup> — *Triangulares de base recta e pedunculadas* — Dois exemplares, em que a aresta da base, em lugar de descrever duas cavidades, como nas anteriores, é recta. Ambos têm os bordos serrilhados e a extremidade superior fragmentada.

A largura da base é de  $0^m,013$  e  $0^m,010$ , respectivamente.

Na figura 35.<sup>a</sup> damos o desenho d'um d'elles em tamanho natural.

3.<sup>o</sup> — *Triangulares de base concava* — Pertencem a este grupo trinta e dois exemplares. Estas pontas de setta têm a base mais ou menos concava, e não têm pedunculo, formando a base com as arestas lateraes angulos mais ou menos salientes. Todos os exemplares são retocados nas faces, excepto um, que só tem retoques junto aos bordos. Estes são serrilhados em vinte e dois exemplares. Quatro, pelas suas dimensões, pedem ser classificados como dardos.

O seu comprimento é termo médio de  $0^m,050$ , e a largura na base varia entre  $0^m,0121$  e  $0^m,0180$ . Nas outras vinte e oito pontas de setta, que estão, umas completas e outras ligeiramente fragmentadas na parte superior, havendo uma que tem uma das farpas partida, o comprimento varia entre  $0^m,042$  e  $0^m,012$ , e a largura na base entre  $0^m,0123$  e  $0^m,010$ . Os bordos são rectilíneos em vinte e um exemplares, levemente convexos em nove, e ligeiramente concavos em dois. Ha ainda a considerar, em um dos exemplares, que os angulos da base, que formam as farpas, não estão na linha do bordo, mas projectam-se para fóra; e em outros que o vertice é acuminado.

Nas figuras 36.<sup>a</sup> a 38.<sup>a</sup> representamos tres exemplares em tamanho natural.

4.<sup>o</sup> — *Triangulares de base concavo-recta* — Um unico exemplar, de que damos o desenho na figura 39.<sup>a</sup>, em tamanho natural.

5.º — *Triangulares de base rectilínea, sem pedunculo* — Pertencem a este grupo dez exemplares. Sete são inteiros; dois estão ligeiramente fragmentados no vertice; e um está bastante incompleto, pois que tem uma grande fractura no vertice.

Este exemplar, o maior do grupo, méde, da base até á fractura, 0<sup>m</sup>,0365, e completo deveria ter de comprimento 0<sup>m</sup>,052. Póde, pois, classificar-se como dardo, attendendo ás suas dimensões. Na base tem de largura 0<sup>m</sup>,021.

As dimensões dos outros nove exemplares são: comprimento entre 0<sup>m</sup>,037 e 0<sup>m</sup>,020; largura na base entre 0<sup>m</sup>,0255 e 0<sup>m</sup>,011. Todos os exemplares têm os bordos serrilhados, os quaes são rectilíneos em seis, e levemente convexos nos restantes.

Nas figuras 40.<sup>a</sup> a 42.<sup>a</sup> representamos tres exemplares em tamanho natural.

6.º — *Base triangular* — Pertencem a este typo, caracterisado pela junção de dois triangulos unidos pela base, sete exemplares. Todos os exemplares estão completos: têm os bordos serrilhados e ligeiramente convexos, á excepção do mais pequeno, que os têm concavos. As dimensões d'estas sete pontas de setta são: comprimento entre 0<sup>m</sup>,046 e 0<sup>m</sup>,0185; largura na base entre 0<sup>m</sup>,018 e 0<sup>m</sup>,012.

Nas figuras 43.<sup>a</sup> e 44.<sup>a</sup> representamos dois exemplares.

O da figura 45.<sup>a</sup> é interessante pela sua estreiteza e por ter na linha da sua maior largura duas incisões por onde passava o fio que prendia a ponta á haste.

Tambem podemos incluir n'este grupo o exemplar da figura 40.<sup>a</sup>, de bordos convexos na parte superior e concavos na base, formando duas farpas bastante agudas.

7.º — *Base convexa* — Quatro pontas de setta d'este typo. Todos os exemplares estão inteiros, são retocados, e têm os bordos rectilíneos ou ligeiramente convexos. As suas dimensões são: comprimento entre 0<sup>m</sup>,033 e 0<sup>m</sup>,028; e largura na base entre 0<sup>m</sup>,011 e 0<sup>m</sup>,006.

Dois vão representados nas figuras 47.<sup>a</sup> e 48.<sup>a</sup>

8.º — *Base trapezoidal* — Dois exemplares completos, e que medem de comprimento um 0<sup>m</sup>,024 e outro 0<sup>m</sup>,0235. Têm os bordos serrilhados e ligeiramente convexos. A sua largura maxima é de 0<sup>m</sup>,014 e 0<sup>m</sup>,0115 respectivamente.

Na figura 49.<sup>a</sup> damos o desenho d'um d'elles.

Todas estas fórmias de pontas de setta são communs nas estações portuguezas. Nos dolmens e estações da Serra do Cabo Mondego colheu o sr. dr. Santos Rocha bastantes exemplares dos seis primeiros grupos. (1) Do setimo e do oitavo colheu o sr. Carlos Ribeiro no dolmen do Monte Abrahão (2), e o sr. Nery Delgado na gruta da Furninha (3).

**Goivas** — Goiva simples, polida, d'amphibolite, tendo uma das faces lateraes lascada. Este instrumento tem na extremidade opposta um gume como o dos machados, convexo e regular em relação á linha mediana longitudinal (figura

(1) *Antiquidades prehistoricas do concelho da Figueira.*

(2) *Estudos prehistoricos em Portugal, II. Mon. meg. das visinhanças de Bellas*, paginas 33, 36 e 37.

(3) *La grotte de Furninha à Peniche*, in *Compte rendu du Congrès. inter. d'anthr. et archeol. prehist.* 1880.

50.<sup>a</sup>). Tem de comprimento 0<sup>m</sup>,095; de largura maxima junto ao bordo 0<sup>m</sup>,027; e na maior espessura 0<sup>m</sup>,018.

—Goiva simples de pedra, polida. Comprimento 0<sup>m</sup>,093; largura maxima 0<sup>m</sup>,026; espessura maxima, 0<sup>m</sup>,014.

**Placas**—Quatro placas de schisto trapezoidaes, ornamentadas, e com um orifício ao meio do tópo.

Estes exemplares estão fragmentados. O maior mede 0<sup>m</sup>,26 d'altura. Na figura 51.<sup>a</sup> damos o desenho d'um.

—Alguns fragmentos de placas da mesma rocha, tambem ornamentadas.

—Uma placa de schisto sem ornamentação e com orifício. O sr. Estacio da Veiga, referindo se a esta placa, diz que estava preparada para receber a ornamentação (1).

—Uma placa de calcareo, rectangular, tendo 0<sup>m</sup>,136 de comprimento, 0<sup>m</sup>,076 de largura e 0<sup>m</sup>,02 de espessura, sem orifício algum.

— Tres fragmentos de placas da mesma rocha.

**Cylindros**—Nove cylindros de calcareo com os tópos perfeitamente lisos (figura 52.<sup>a</sup>). O comprimento varia entre 0<sup>m</sup>,125 e 0<sup>m</sup>,06; e o diametro entre 0<sup>m</sup>,035 e 0<sup>m</sup>,016.

O uso d'estes objectos é desconhecido. Foram igualmente encontrados nas grutas de Cascaes e no dolmen do Monte Abrahão, bem como n'outras estações portuguezas. O sr. Carlos Ribeiro, que explorou este ultimo dolmen, crê que o uso d'um cylindro achado n'aquelle monumento fosse o de insignia d'auctoridade (2).

**Graes**—Dois graes de marmore, e parte d'outro (figura 53.<sup>a</sup>). Medem d'altura 0<sup>m</sup>,04, e os dois exemplares inteiros têm de diametro na bocca 0<sup>m</sup>,065 e 0<sup>m</sup>,060 respectivamente.

Tanto o sr. Estacio da Veiga como o sr. dr. Santos Rocha encontraram exemplares identicos nos dolmens de Alcalar (Algarve).

**Contas**—Duzentas e quatorze contas de *ribeirite*. A fôrma predominante é a espherica, levemente achatada nas extremidades do eixo. Ha-as tambem em fôrma d'azeitona, alongadas e mais ou menos achatadas, cylindricas e discoides (figuras 54.<sup>a</sup> e 55.<sup>a</sup>). As contas globulares são pequeninas, variando as suas dimensões entre 0<sup>m</sup>,010 e 0<sup>m</sup>,005. As maiores são as de fôrma d'azeitona, em numero de sete. Uma d'ellas tem 0<sup>m</sup>,059 de comprimento por 0<sup>m</sup>,02 de diametro. Todas as contas são atravessadas d'um a outro lado por um orifício muito regular e de pequenino diametro.

Das contas discoides a maior (figura 56.<sup>a</sup>) tem 0<sup>m</sup>,016 de diametro.

—Uma conta de quartzo em fôrma d'anel (figura 57.<sup>a</sup>). Tem de diametro 0<sup>m</sup>,025; espessura 0<sup>m</sup>,0049; diametro do orifício 0<sup>m</sup>,008.

—Uma conta discoide, de schisto (figura 58. ). Diametro 0<sup>m</sup>,019; espessura 0<sup>m</sup>,005; diametro do orifício 0<sup>m</sup>,003.

—Cinco contas de linhite, tendo a fôrma de dois troncos de cône unidos pelas bases (figura 59.<sup>a</sup>). Todas estão mais ou menos fragmentadas, e são atravessadas por um orifício no sentido do comprimento. As suas dimensões são: comprimento maximo 0<sup>m</sup>,026; largura maxima 0<sup>m</sup>,017.

Nos dolmens da Serra do Cabo Mondego foram tambem encontradas bastantes contas de *ribeirite* e algumas de linhite, de formas identicas ás de Palmella.

(1) *Antig. Mon. do Algarve*, vol. II, pag. 458.

(2) *Estudos prehistoricos em Portugal—II. Mon. meg. das visinhanças de Bellas*, pag. 43.

**Pendentes**—Varios pendentes de collar, de pedra, em fôrma de triangulo, com a base arredondada (figura 54.<sup>a</sup>).

**Phallus**—Uma peça de pedra polida, achatada, representando um phallus (figura 60.<sup>a</sup>). Mede de comprimento 0<sup>m</sup>,094 e na sua maior largura 0<sup>m</sup>,027.

No dolmen d'Alcalar n.º 8, explorado em dezembro de 1900, encontrou o sr. dr. Joaquim Jardim, não um objecto como o de que tratâmos, trabalhado intencionalmente, mas um seixo com a fôrma phallica.

**Objectos d'uso indeterminado**—Um objecto de quartzite, especie de bola muito achatada, tendo em toda a volta, no sentido do comprimento, uma canellura pouco profunda e de 0<sup>m</sup>,01 de largura. Esta peça mede 0',09 de comprimento, e 0<sup>m</sup>,061 na sua maior largura (figura 61.<sup>a</sup>).

O sr. Cartailhac, na sua obra *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, tratando d'este objecto, apresenta a hypothese de que esta peça tenha sido um projectil para arremessar por meio de *laçõ*, como ainda hoje se pratica na America do Sul. O sr. Nilson, na sua obra *Les habitants primitifs de la Scandinavie* (1), dá noticia d'um objecto semelhante ao nosso, e opina que elle tenha servido de peso de linha.

—Um objecto de schisto (figura 62.<sup>a</sup>), tendo um orificio para suspensão. Parece ser um pendente de collar. E' de fôrma trapezoidal, e as suas dimensões são: comprimento 0<sup>m</sup>,047; espessura 0<sup>m</sup>,002; largura nas bases 0<sup>m</sup>,011 e 0<sup>m</sup>,006 respectivamente.

—Um objecto de calcareo em fôrma de triangulo isosceles, com os cantos arredondados e tendo junto ao vertice dois orificios de 0<sup>m</sup>,003 de diametro (figura 63.<sup>a</sup>). As suas dimensões são: base 0<sup>m</sup>,036; altura 0<sup>m</sup>,052; espessura 0<sup>m</sup>,0025.

—Outro objecto, tambem de calcareo e da fôrma do precedente, mas sem orificio algum (figura 64.<sup>a</sup>). Mede 0<sup>m</sup>,031 de base, 0<sup>m</sup>,06 d'altura e 0<sup>m</sup>,006 de espessura.

—Uma peça de pedra (figura 65.<sup>a</sup>), tendo as duas faces sensivelmente planas e os bordos recortados. Mede 0<sup>m</sup>,112 de comprimento e 0<sup>m</sup>,042 na maior largura.

#### Objectos d'osso

**Estylletes**—Quatro objectos formados de lascas d'osso aguçadas n'uma das extremidades, e com a superficie bastante polida. O maior mede 0<sup>m</sup>,135 de comprimento, e o menor 0<sup>m</sup>,088.

A figura 66.<sup>a</sup> representa um d'esses objectos.

Instrumentos semelhantes foram encontrados na gruta da Furninha pelo sr. Nery Delgado (2) e no dolmen de Monte Abrahão pelo sr. Carlos Ribeiro (3).

**Botões**—Dois botões d'osso circulares, concavo-convexos. Têm a superficie convexa muito polida e dois orificios diametralmente oppostos, medindo 0<sup>m</sup>,003 de diametro. A maior das duas peças mede no diametro 0<sup>m</sup>,037 (figura 67.<sup>a</sup>).

—Nove outros botões d'osso de fôrma quadrangular, com dois bordos retilineos e os outros dois recortados (figuras 68.<sup>a</sup> e 69.<sup>a</sup>). Oito têm na face posterior dois orificios convergentes, abertos na espessura do osso e communicando entre si. O nono tem um orificio sensivelmente a meio da peça, que a atravessa d'uma a outra face (figura 68.<sup>a</sup>). As dimensões da maior d'estas peças são no comprimento 0<sup>m</sup>,047 e na largura 0<sup>m</sup>,035; e as do menor são, respectivamente 0<sup>m</sup>,030 e 0<sup>m</sup>,020.

(1) Pagina 45 e Pl. II, fig. 32.

(2) *La Grotte de Furninha à Peniche*, fig. 38 e 42.<sup>a</sup> Pl. V, e fig. 55, pl. VI.

(3) *Est. Preh. em Portugal*—II. *Mon. meg. das visinhanças de Bellas*, pag. 47, fig. 49

Peças similares foram encontradas na Casa da Moura pelo sr. Nery Delgado.

No Museu da Figueira da Foz existe também um botão d'osso, d'esta ultima forma, proveniente do dolmen do Cabeço dos Moinhos, pertencente á grande necropole neolithica da Serra do Cabo Mondego.

**Alfinetes** Restos de dois alfinetes d'osso, existindo apenas a cabeça e uma pequena parte da haste. A cabeça d'estas peças é constituída por um cylindro d'osso, de 0<sup>m</sup>,014 de diametro médio e 0<sup>m</sup>,022 de comprimento, no qual entrava a haste ossea (figura 70.<sup>a</sup>).

— Uma peça d'osso, de forma tronconica, ornada de estrias paralelas á base. Mede 0<sup>m</sup>,026 de comprimento, e os diametros dos planos de truncatura, têm, respectivamente, 0<sup>m</sup>,012 e 0<sup>m</sup>,007. Parece ser a cabeça d'um alfinete.

O sr. Nery Delgado encontrou na gruta da Furninha um alfinete quasi igual (1). O sr. dr. Santos Rocha recolheu n'alguns dolmens da Serra do Cabo Mondego alfinetes d'osso identicos, mas em que a cabeça é desprovida d'ornamentação (2).

**Tubos** Una peça d'osso (figura 71.<sup>a</sup>), levemente tronconica, medindo 0<sup>m</sup>,045 de comprimento, e 0<sup>m</sup>,035 e 0<sup>m</sup>,040 de diametro nas bases. E' polida em toda a superficie externa

— Fragmentos de quatro peças identicas, tendo uma d'ellas um sulco circular junto a uma das extremidades. O seu comprimento varia entre 0<sup>m</sup>,070 e 0<sup>m</sup>,047.

No Museu da Figueira existem restos de manilhas d'osso, recolhidos pelo sr. dr. Santos Rocha nos dolmens da Serra do Cabo Mondego; mas não se assemelham áquelles objectos. Semelhante é uma peça recolhida na Caverna dos Alqueves, suburbios de Coimbra, explorada pela Sociedade Archeologica da Figueira em junho de 1898 (3).

**Outros objectos** — Uma peça cylindrica d'osso, furada no sentido longitudinal. Mede 0<sup>m</sup>,056 de comprimento e 0<sup>m</sup>,012 de diametro médio.

— Outra da mesma forma, mas estreitando até proximo d'um dos tôpos (figura 72.<sup>a</sup>). Mede 0<sup>m</sup>,072 de comprimento.

**Phalanges** — Partes de duas pequenas phalanges de quadrupede, facetadas nas extremidades, e tendo um furo que as atravessa no sentido do comprimento.

No já citado dolmen n.º 8 d'Alcalar encontrou o sr. dr. Joaquim Jardim duas phalanges de cavallo, que o sr. dr. Santos Rocha presume que representem idolos.

#### Objectos de barro cozido

**Ceramica** — A ceramica das grutas de Palmella é notavel pela ornamentação de muitas das peças.

— Cinco vasos ornamentados, um inteiro e os outros restaurados e completados. São vasos elegantes, em forma de calice, e terminando inferiormente em ponta. Damos o desenho d'um na figura 80.<sup>a</sup>

O sr. Cartailhac, na já citada obra *La âges préhistoriques*, apresenta o desenho d'outro vaso semelhante, das mesmas grutas. A ornamentação d'estes vasos é em faxas paralelas ao bordo, constituídas por traços rectilíneos perpendiculares ao bordo e por faxas pontilhadas; n'outros as faxas são obliquas e alternadas. Todos os traços foram gravados na pasta quando fresca. O diametro da

(1) *La Grotte de Furninha à Peniche*, Pl. V, fig. 40.

(2) *Antig. preh. do concelho da Figueira*.

(3) Obr. cit.: e *Portugalia*, fasc. II, pag. 338, fig. 1.



bocca dos cinco exemplares é, termo médio, de  $0^m,12$ ; e a altura regula entre  $0^m,105$  e  $0^m,085$ .

—Dois vasos, um dos quaes representamos na figura 89.<sup>a</sup> São ambos ornamentados: um com traços parallelos entre si, e obliquos em relação á linha do bordo; e o outro, como se vê na nossa figura, com traços tambem parallelos e obliquos, mas ligados de maneira a formarem linhas em zigue zague. O fundo d'estes dois vasos é plano n'um d'elles, e ligeiramente convexo no outro.

As dimensões dos vasos são: diametro da bocca,  $0^m,07$ ; altura d'um  $0^m,037$ , e do outro  $0^m,022$ .

—Dezeseis vasos em fôrma de calote espherica, uns, em numero de onze, ornamentados, e os restantes lisos.

Dos primeiros alguns estão inteiros, e outros restaurados e completados. A sua ornamentação, como se vê nas figuras 81.<sup>a</sup> a 88.<sup>a</sup>, é rica, e constituida por faxas de traços parallelos ao bordo, traços em zigue-zague, traços perpendiculares ao bordo, traços obliquos, etc. A ornamentação d'estes vasos vae até ao fundo (figura 88.<sup>a</sup>).

D'estes onze vasos ornamentados os dois maiores têm  $0^m,295$  e  $0^m,285$  de diametro na bocca, respectivamente.

Dos cinco medianos o menor tem  $0^m,189$  de diametro na bocca, e os outros entre  $0^m,260$  e  $0^m,238$ .

O diametro dos quatro mais pequenos varia entre  $0^m,13$  e  $0^m,12$ . A altura média d'estes ultimos é de  $0^m,055$ , e a dos outros sete está comprehendida entre  $0^m,097$  e  $0^m,076$ .

N'esta série ha vasos que têm o bordo direito; e outros que o têm mais ou menos inclinado para dentro, accentuando-se muito esta inclinação em um d'elles. Ha, porém, um em que o bordo é inclinado para fóra.

Em todos o bordo é ornamentado, como se vê na figura 86.<sup>a</sup>, e a sua largura varia entre  $0^m,018$  e  $0^m,006$ .

—Cinco vasos inteiros ou restaurados e completados, com a fôrma dos anteriores, mas sem ornamentação alguma. O diametro da bocca nos dois maiores é de  $0^m,268$  e  $0^m,247$  respectivamente; outro mede  $0^m,17$ ; e os dois menores  $0^m,11$ . A sua altura é, em média, de  $0^m,05$ , havendo, porém, um que tem  $0^m,078$ .

—Um vaso espherico, incompleto, liso, tendo uma aza em fôrma de crescente, com um furo na mesma, de cima para baixo (figura 79.<sup>a</sup>). Mede no seu maior diametro  $0^m,083$ , e na altura  $0^m,068$ .

—Um pequeno vaso hemispherico, tendo  $0^m,08$  de diametro na bocca, e  $0^m,05$  d'altura.

—Parte d'outro vaso da fôrma do antecedente e quasi das mesmas dimensões.

—Muitos fragmentos d'outros vasos, tanto lisos como ornamentados.

Todos os vasos de Palmella apresentam a côr vermelha ou acinzentada.

**Fuzaiola**—Uma fuzaiola ou volante de fuзо, cônica, de barro cozido. É proveniente da furna n.º 3.

**Objecto indeterminado**—Um objecto de barro cozido (figura 73.<sup>a</sup>). Mede de comprimento  $0^m,038$  e no diametro maior  $0^m,039$ .

### Objectos de metal

**Pontas de flécha ou de dardo**—Nove pontas de flécha ou de dardo, feitas de cobre (figuras 74.<sup>a</sup> a 77.<sup>a</sup>). A maior mede  $0^m,118$  no comprimento do vertice á extremidade do espigão; e a menor  $0^m,056$ .

A largura nas laminas varia entre  $0^m,041$  e  $0^m,025$ .

Um dos exemplares, o representado na figura 76.<sup>a</sup>, foi analysado pelos srs. Charles Lepierre e Marce Lachanel, chimicos do Laboratorio de Chimica Mineral da Escola Polytechnica de Lisboa. O resultado da analyse deu a percentagem de 96,16 de cobre (1).

— Um alfinete do mesmo metal (figura 78.<sup>a</sup>). Mede 0<sup>m</sup>,170 de comprimento e 0<sup>m</sup>,002 de espessura. A lamina que lhe fórma a cabeça tem 0<sup>m</sup>,03 na sua maior largura.

— Uma peça do mesmo metal, de secção quadrangular, mais grossa na parte média do que nas extremidades. Mede no comprimento 0<sup>m</sup>,113 e de espessura maxima 0<sup>m</sup>,005.

— Dois fragmentos d'instrumentos, igualmente de cobre, talvez restos de sovélas.

— Uma pequena placa do mesmo metal, tendo 0<sup>m</sup>,05 de comprimento e 0<sup>m</sup>,008 na sua maior largura.

**Ossos humanos** — Dois craneos incompletos e uma calote d'outro.

— Trinta e seis maxillares inferiores e superiores, uns inteiros e outros em simples fragmentos.

— Doze femures, alguns fracturados e restaurados.

— Sete tibias e varios outros ossos longos, taes como humeros, peroneus e clavículas, etc.

— Muitas phalanges e dentes.

**Restos d'animaes** — Ossos e dentes de mammiferos (generos Bos, Canis e Felis), aves e peixes.

(1) *Notice de quelques objets préhistoriques du Portugal, fabriqués en cuivre*, por Alfredo Bensaude, in *Communicações da Comissão dos Trabalhos Geologicos em Portugal*, tomo II, pag. 120.

## Velho bronze dos arredores de Brenha

POR A. SANTOS ROCHA

.....

O objecto, que tenho a honra de submeter ao vosso exame, pertence ao dominio da arte; caso raro na nossa região

Tudo o que podémos saber das condições em que foi achado, resume-se em pouco: appareceu no amanho das terras no sitio da Oliveirinha, proximo do povoado de Brenha, sem estar associado a qualquer outro objecto que ferisse a attenção do descobridor. Examinando nós o local, não nos forneceu na verdade qualquer indício de antigas industrias, faltando até os restos ceramicos e de cozinha, que aliás abundam por toda a Serra.

E', pois, uma peça isolada, que não póde relacionar-se com qualquer estação archeologica já conhecida no Valle do Mondego, e de que nós só poderemos tentar a explicação pelo assumpto que ella representa.

Consiste o objecto em um fragmento de placa de bronze, com a espessura de 0<sup>m</sup>,001 a 0<sup>m</sup>,002. A sua fórma é discoide, com o diametro de 0<sup>m</sup>,043 aproximadamente. Em um terço do bordo ha vestigio de fractura contínua, que concorda com a interrupção do ornato n'essa parte; e um pequeno appendice, que existe na parte opposta do bordo, parece tambem estar incompleto.

Uma das faces é lisa, e apresenta duas saliencias perforadas, como os pés de botões metallicos; e na outra face está gravado a buril um singular ornato. Esta disposição indica manifestamente que o objecto erá applicado pela face lisa e ligada pelos appendices furados a qualquer peça do vestuario, e pertencia provavelmente á placa d'um cinto.

O ornato conserva vestigios do buril que o lavrou. O traço é duro; e os golpes muito irregulares, denunciando um trabalho grosseiro.

Um desenho elucidativo d'esta communicação (figura 90.<sup>a</sup>) representa o lavor e fórma do objecto. Uma linha grosseiramente granulada, que faz lembrar certas peças barbaras do norte escandinavo, descrevendo uma figura periforme, serve de cercadura. Dentro a mão do artista gravou um ser phantastico de natureza animal.

Um tronco, coberto de escamas, adelgaçando para uma das extremidades, termina alli por tres appendices, em fórma de ferros de lança, que parecem indicar a cauda tripartida do animal; — do meio d'esse tronco sae para cada lado, em curva, um collo, tambem escamoso, terminando por uma cabeça; — e da outra extremidade e na mesma disposição partem dois novos collos escamosos com as respectivas cabeças.

São, pois, quatro as cabeças. A fórma d'estas faz lembrar as de certas

aves. O appendice que n'ellas se vê, parece indicar um corno, com a differença de que nas duas da extremidade do tronco foi muito exaggerado, talvez com o fim de preencher os espaços lisos da peça.

Esta monstruosidade recorda algum ser semelhante á famosa Hydra de Lerna, que figura nos mythos do Hercules grego, e a que Deodoro da Sicilia attribua nada menos de cem cabeças (1). Decharme, um dos escriptores mais abalisados sobre a materia, concede-lhe apenas nove (2).

E na verdade, se ella se não explica precisamente pelo velho mytho da Argolida, nem a obra tem a menor influencia grega, ha outra mythologia em que naturalmente parece filiar-se—a do norte escandinavo. Lá, nas Sagas, como em muitos outros mythos do paganismo, e até nas proprias lendas christãs, tambem figura um dragão (3). Na Saga de Sigurd Fafnesbane, esse dragão chama-se Fafne; e uma esculptura de Ramsundsberg, parochia de Jäder (Suecia), representa-o com uma cauda tripartida, precisamente como a do nosso exemplar, e tambem com quatro cabeças, mas dispostas em seguida ao longo do corpo, occupando a ultima a extremidade opposta á cauda (4).

D'este modo a peça de que tratamos deve ser obra de godos, e recorda provavelmente uma das lendas do seu paiz d'origem.

---

(1) *Biblioth. Hist.*, liv. IV, XI.

(2) *Mythol. de la Grèce antique*, pag. 519, 2.<sup>a</sup> edição.

(3) Daremberg e Saglio, *Dict.*, v. *draco*.

(4) *Les Temps prehist. en Suède* de Oscar Montelius, trad. de S. Reinach, pag. 295 a 297 e figura 411.

## A necropole da Moirama, nas visinhanças de Celorico

POR A. SANTOS ROCHA

.....

Em 14 d'Outubro do anno findo relatou nos o nosso consocio sr. dr. Antonio Carlos Borges a visita que fizera a uma vasta necropole sobre as penedias que ficam para o norte de Celorico, um kilometro aproximadamente além da linha ferrea da Beira Alta, em sitio que os pastores denominavam — a Moirama, declarando-nos ter observado que as sepulturas eram excavadas nas fragas de granito; — que duas d'ellas tinham a fórma indicada em *b* no desenho que reproduzimos com o n.º 91, e eram cercadas por um rebordo *a*, dentro do qual se collocavam provavelmente as pedras da tampa ou cobertura; — que estas duas sepulturas mediam no comprimento 1<sup>m</sup>,72 a 1<sup>m</sup>,79 e na maior largura 0<sup>m</sup>,42 a 0<sup>m</sup>,44; — que uma outra media apenas no eixo maior 0<sup>m</sup>,61 e no menor 0<sup>m</sup>,34, indicando ser de um adolescente; e que esta necropole devia ter pertencido a uma povoação proxima, pois que no terreno que fica contiguo e inferior ao fraguado das sepulturas abundavam pedaços de telhas e de tijolos, de que nos enviou alguns exemplares.

Examinando esta ceramica não nos restou duvida que o povoado fôra da epocha romana. Eram fragmentos de *tegula*, *imbrex* e *dolia*, como os que se encontram por todo o paiz, em estações que soffreram a influencia romana. Só restava saber se porventura essas ruinas poderiam relacionar-se com a necropole.

Tendo ido a Celorico em principios de Janeiro ultimo com os nossos consocios srs. drs. Antonio Carlos Borges e José Jardim, houve ensejo de fazermos uma rapida inspecção aos logares; e eis o que notámos.

Na encosta meridional da serra que se ergue ao norte da parte da linha ferrea que se avisinha da estação de Celorico, estende-se em baixo uma longa facha de terreno aravel, e a seguir para cima um enorme fraguado de granito que attinge as cumiadas. Na face superior d'estas massas rochosas é que estão excavadas as sepulturas.

Nós examinámos muitas, a começar nos primeiros penedos que se seguem á zona de cultura; e pareceu nos que a necropole é bastante vasta, e se estende costa acima por algumas centenas de metros.

As sepulturas estão geralmente disseminadas, sem ordem alguma apparente. A's vezes encontram-se duas na mesma fraga. A fórma que nos desenhara o sr. dr. Borges, pareceu-nos pouco commum. Nos exemplares, que vimos, predomina a oval alongada (figura 92.<sup>a</sup>) ou a fórma ellipsoidal. As dimensões divergem, como era natural em attenção ás idades e corpulencia dos mortos.

Nas fossas distinguam-se bem os vestígios do instrumento de ferro com que forama abertas. Parece-nos que devia ser algum semelhante ao picão da actualidade.

Em algumas a rocha foi primeiramente aplanada, abrindo-se uma excavação pouco profunda, e no meio d'esta abriu-se a fossa propriamente dicta, de fôrma sensivelmente trapezoidal. E' o systema revelado no desenho do sr. dr. Borges, em que a primeira excavação era destinada a receber e encaixar a cobertura. Nós já havíamos encontrado este systema na necropole luso-romana de Maratéca, proxima de Lagos, com a differença apenas de as excavações serem allí abertas na marne calcarea (1).

Todas as sepulturas descobertas estavam vasias. Por mais que procurasemos, em alguns punhados de terra que existiam dentro d'ellas, quaesquer vestígios de ossos humanos ou de objectos d'industria, nada encontrámos. A profanação foi systematica, e arrastou para fóra todos os depositos funerarios, de que provavelmente só se descobrirão restos nas terras que cercam as bases dos penedos, se porventura alguma crença semelhante á que causou o desaparecimento do entulho do dolmen do Seixo, não os fez levar para longe (2).

\*

No terreno que fica immediatamente contiguo e inferior á necropole abundam os vestígios do povoado, que foram bem notados pelo sr. dr. Borges. O exame superficial do solo forneceu-nos restos de telhas romanas e fragmentos de vasos de pasta *indigena*, isto é, de barro impuro, misturado com spatho calcareo e grãos de quartzo, precisamente como a que temos encontrado em estações romanisadas do valle do Mondego. Era a pasta que usavam os oleiros lusitanos da nossa região, já muito antes da influencia romana, e que tinha a sua origem na idade da pedra.

\*

Assim, tres dados archeologicos concorrem para estabelecer a contemporaneidade das duas estações, e que estas pertenceram a um povo lusitano em via de romanisação, a saber: a sua contiguidade, a presença das telhas romanas e de fragmentos de dolios, e a fôrma de certas sepulturas.

Mas ha mais: nós encontrámos no Moledo, em Nellas, no meio de ruinas da epocha romana, duas sepulturas abertas na rocha viva. Tinham d'um lado a configuração da parte superior do corpo humano, isto é, a fôrma da cabeça e dos hombros (3).

(1) Vej. as nossas *Memorias sobre a antiguidade*, pag. 249 e seg.

(2) *Portugalia*, vol. 1.º, pag. 45.

(3) *O Archeologo Portuguez*, vol. VI, pag. 79-80.

## Necropole luso-romana do Molião

por A. SANTOS ROCHA

Foi o nosso consocio Rev.<sup>do</sup> José Joaquim Nunes que nos descobriu a necropole do Molião, proxima de Lagos. N'uma communição feita á nossa Sociedade, e que elle publicou no *Archcologo Portuguez*, vol. 5.<sup>o</sup>, pag. 102, deu noticia de muitas sepulturas que alli haviam sido destruidas, e descreveu uma que elle proprio examinara, assim como varias peças do mobiliario recolhido em toda a necropole.

Este mobiliario, reduzido a fragmentos, está hoje no nosso Museu, por offerta do sr. Cesar Landeiro, de Lagos, proprietario do terreno da necropole.

Aproveitando a nossa passagem pela velha cidade algarvia, em dezembro de 1900, fômos com o nosso consocio sr. dr. Joaquim Pereira Jardim explorar o sitio, que fica no monte fronteiro á cidade, do lado do nascente.

Por infelicidade uma plantaçào de vinha revolvera profundamente o solo e tudo destruiu no cimo do monte e na encosta do oeste.

Só nos restava uma nesga da terra a seguir para o pendor de E e NE, onde nos informaram que não chegára a devastaçào; e foi alli que encetámos os trabalhos.

A 0<sup>m</sup>,40 da superficie démos em uma sepultura, que já não estava coberta. O nosso desalento foi grande, pensando que a profanaçào fôra até ao fundo: tão grande que quizémos abandonar o monumento, e mandámos fazer numerosas sondagens em toda a parcella de terreno, em procura d'outro exemplar que estivesse intacto e merecesse o trabalho minucioso d'uma exploraçào regular. Mas por este lado as nossas pesquisas foram inuteis: apenas encontramos as ruinas d'uma outra sepultura, feita de telhas romanas, que, pela sua disposiçào, indicavam um d'esses typos de sepultura em fórma de cabana triangular, ou antes de telhado de duas aguas, que nós haviamos presumido na descriçào do Rev.<sup>do</sup> Nunes.

Entretanto a excavaçào da primeira sepultura foi descendo; e com grande surpresa nossa o entulho estava tão duro, que repellia a hypothese d'uma profanaçào até ao fundo em epocha recente. A esperança voltou; e nós redobrámos d'attençào, e descemos ao fosso com as nossas facas a cortar a terra com o maior cuidado. Afinal o bordo d'um vaso foi assignalado!

Apesar de um pouco familiarisados com estas descobertas, sentimos uma viva impressào. E' que os depositos mortuarios antigos poucas vezes se encontram, em Portugal, nas primitivas condiçõe de jazida!

Trabalhando alternadamente com o nosso companheiro, conseguimos em

meia hora retirar da argila secca e durissima um bello prato romano, feito de barro vermelho muito fino. Estava assente sobre o fundo, mas inclinado para O, a 0<sup>m</sup>,29 de profundidade, contados do bordo da sepultura.

A integridade e a grande fragilidade d'este vaso vieram confirmar-nos que o deposito nunca fôra remexido.

A 0<sup>m</sup>,35 de profundidade, e por debaixo do prato, encontrámos as tibias d'um esqueleto humano, que fomos seguindo até pôrmos a descoberto o cranio.

Era o esqueleto d'um adulto, deitado horisontalmente sobre as costas, com os pés para SE e a cabeça para NO, braço direito estendido ao longo do tronco e o braço esquerdo dobrado sobre o peito, tendo a mão sobre as clavículas.

A cabeça estava assente sobre a base do cranio e maxillar inferior, com a face olhando a direita; disposição resultante, sem duvida, das deslocções operadas com a decomposição cadaverica e pressão natural das terras.

Ao lado direito dos pés estavam um pequenino vaso romano de barro, que se quebrou no acto da exploração, e um grande bronze imperial.

O vasinho (figura 93.<sup>a</sup>) mede na altura 0<sup>m</sup>,085 e no diametro da bocca 0<sup>m</sup>,067. O prato (figura 94.<sup>a</sup>) mede no diametro do bordo 0<sup>m</sup>,255 e na altura 0<sup>m</sup>,044. O primeiro servira de *unguentarium*, contendo o oleo perfumado do ritual. O segundo entrara na cerimonia das libações, para derramar o liquido sobre o cadaver. O bronze fôra destinado, como é sabido, a pagar a passagem do morto na barca infernal. Os mesmos costumes se observaram nas sepulturas por incineração da necropole luso-romana da Fonte Velha, em Bensafrim; mas o *unguentarium* ou a *ampula* eram geralmente de vidro, e os pratos tinham outras formas, sendo muitas vezes substituidos por taças com pé.

E' interessante notar que nos fragmentos do mobiliario funebre conservados pelo proprietario existem muitos exemplares do *unguentarium* ou *ampula* de vidro e dois fundos de pratos com pé em louça *aretina*, semelhantes aos da Fonte Velha. Este facto pôde indicar a contemporaneidade de certas sepulturas da necropole do Molião com a de Bensafrim; mas não auctorisa a attribuir á mesma epocha a sepultura de que tratamos. As necropoles servem a muitas gerações; e a falta, na necropole de Bensafrim, do prato da figura 2.<sup>a</sup>, que aliás não é raro no espolio do Molião, quando os dois logares se acham na mesma região, separados por alguns kilometros, torna verosimil que aquella sepultura corresponda a uma phase diversa na industria ceramica.

A sepultura era rectangular, medindo no comprimento 1<sup>m</sup>,80 e na largura 0<sup>m</sup>,50, toda construida de pedra e barro, tendo á mistura grossos fragmentos de telhas de rebordo e tijolos romanos, e rebocada interiormente com argamassa de cal e areia.

O fundo era revestido com tres tegulas, a que foram quebrados os rebordos, voltando-se as fracturas para baixo.

Dos ossos só podémos aproveitar o cranio e maxillar inferior, que saíram inteiros. Nós levamol-os, bem embrulhados em espessa camada d'estopa, para a Mexilhoeira Grande, encerrados n'uma das nossas caixas; mas, tendo-os retirado do seu envolucro para os seccarmos e darmos-lhe a gelatina, foram, na nossa ausencia, quebrados pelas pessoas que nos serviam.

A epocha d'esta sepultura está indicada na moeda de bronze. Esta é de Julia Mamaea Augusta, mãe de Alexandre Severo; e por conseguinte pertence á terceira ou quarta decada do 3.<sup>o</sup> seculo da nossa era.

Esta epocha concorda com a ausencia da ceramica de typo *aretino* na nossa sepultura; porque parece averiguado que semelhante louça não se fabricou depois do 2.<sup>o</sup> seculo da nossa era.



O systema de construcção com pedra se barro, que e nota n'esta sepultura, existia na Peninsula muito antes da influencia romana. A sua origem remonta á idade da pedra, como mostrámos no relatorio dos trabalhos do nosso consocio sr. dr. Joaquim Pereira Jardim em Alcalar (Algarve), apresentado na sessão anterior. Tambem o encontrámos nos povoados da 2.<sup>a</sup> idade do ferro, época punica, descobertos em Santa Olaya.

Representa, pois, um velho uso indigena, que atravessou a epocha romana, como se vê não só na sepultura do Molião, mas nas ruinas d'Ançã, concelho de Cantanhede, e nas da Pedrulha (Alhadas de Baixo), concelho da Figueira. Ainda hoje é o systema seguido na nossa região em construcções de gente pobre ou em obras que não exigem grande solidez.

O facto de a sepultura ter o fundo revestido com telhas não é isolado. Apareceu nas sepulturas da epocha romana em Ferrestello, de que ha um exemplar restaurado no nosso Museu; e tem sido observado em França e na Italia. D'este ultimo paiz temos até um caso recente, notado na necropole de Polazzolo Vercellese (região transpadana). «Si ebbe un esempio, diz uma revista italiana, di una tomba ben composta con tegolini, *tre dei quali sul fondo*, uno su ciascuno dei lati minori, tre sui lati maggiori e tre nel coperchio (1).»

A orientação das sepulturas de NO a SE e a inhumação dos corpos com a cabeça para NO não apparecem sómente no Molião. Ellas são notadas na necropole algarvia de Marim e na de Ferrestello (2).

A ausencia de pregos na sepultura prova que o corpo não fôra encerrado em caixão de madeira, ao contrario do que se observou em Marim e em varias necropoles dos paizes estrangeiros, como são as de Poitiers e de Mouy-Bury (Oise) (3).

A pratica de collocar o vaso que servira de *unguentarium* aos pés do morto diverge da que observámos nas necropoles de Marim e de Maratéca, onde esse vaso era deposto ao lado da cabeça (4).

Quanto á moeda, é a primeira que encontramos em sepultura por inhumação.

(1) *Notizie degli scavi di Antichità comunicate alla R. Accademia dei Lincei*. Marzo, 1900, pag. 75.

(2) Vej. as nossas *Memorias sobre a antiguidade*, pag. 169.

(3) *Ibid.*, pag. 170 e 222 e n. 1; Catalogo do Museu de Cluny, pag. 643.

(4) *Memorias* citadas, pag. 170 e 221.

## Alguidar de typo mudejar encontrado em Buarcos

POR AUGUSTO GOLTZ DE CARVALHO

.....

N'uma excavação que mandei fazer ha poucos dias em minha casa, appareceram os restos de um grande alguidar, a uma profundidade que desde longo tempo se não revolia.

Como a parte encontrada indicava sufficientemente a fórma que o alguidar deveria ter quando inteiro, tratei de o restaurar (1). Appareceram na mesma terra onde chegou a excavação duas moedas portuguezas de cobre, uma do seculo XV, outra do seculo XVI, e tambem parte de um azulejo hispano-mourisco.

Como de typo mourisco ou *mudejar* deverei considerar este alguidar, guiando-me pela classificação de louças imitantes, existentes no Museu da Figueira, e provenientes do Algarve. A sua fórma differe notavelmente da que se vê presentemente nos que andam em uso por estes sitios. Tem proporcionalmente um fundo mais amplo, as abas mais caídas e o rebordo mais grosso. Mede no seu diametro superior 0<sup>m</sup>,80 e no fundo 0<sup>m</sup>,47. De altura tem 0<sup>m</sup>,16. Tem um vidrado de côr verde por dentro; vidrado muito commum em louças *mudejares*, como se vê, por exemplo, nos vasos archivados no Museu de Sevilha, segundo me informam.

O rebordo é muito cavado na parte externa inferior, e por cima, em volta, é ornado de muitos traços pequeninos.

---

(1) *Catalogo geral do Museu da Figueira*, n.º 7963, pag. 194.

## As barreiras ou trincheiras no casamento beirão

POR A. CARLOS BORGES

.....

Confinadas nos invios desfiladeiros ou airoosamente agrupadas nas cristas dos morros graníticos e adustos, as aldeias da Beira olham impassíveis esse correr vertiginoso do tempo com as suas inovações, os seus progressos, as suas glórias e as suas tragédias, cuja resonancia não embate n'aquellas penedias longinquas, nem desperta os nervos d'essa população que patriarchalmente prosegue na sua labuta de sol a sol, arando a terra e pascendo as fartas piaras de gado, sem que a actividade indefessa dos musculos deixe aos espiritos mais do que a memoria para as preces e para os mortos e a astucia para os pequenos negocios.

Por estas aldeias andam esparsos e seguros, como lichens em troncos seculares, antiquissimos usos, banidos pela apparatusa e fria conveniencia, implantada pela civilisação, em que porventura se nos entremostam varias phases e aspectos da evolução dos povos.

Um dos mais significativos e pittorescos é o das chamadas—barreiras ou trincheiras.

Pela aldeia, em vespervas d'um casamento, corre um fremito: os convidados prelibam as delicias do festim, os velhos coscovilheiros formam corrilho em que se faz o inventario do enxoval dos noivos e se bacoreja o seu futuro, a gente môça cruza ligeiros remoques em que outros casamentos se adivinham, em quanto a parentella corre azafamada ao forno, em que os tenros cordeiros lourejam dentro das frigideiras, a casa dos visinhos pedindo um supplemento de baixela, á entrada da povoação para receber os padrinhos ou os parentes que chegam de longa jornada.

No dia seguinte, de caminho para a Igreja, os noivos são saudados pelo povo e passam livremente; mas no regresso as ruas estão todas vedadas pelas *barreiras*, que consistem n'uma fita larga de seda, segura por duas raparigas, tendo ao lado uma mesa ou até uma simples cadeira com um açafate de flores, uma garrafa de vinho, alguns copos e uma bandeja.

Os noivos, para passarem, têm de lançar na bandeja uma pequena moeda de cobre ou prata, recebendo em troca um ramilhete de flores, felicitações e gracejos amigaveis.

Algumas vezes, em vez do ramilhete, as donas da trincheira espargem sobre os noivos punhados de flores, ao mesmo tempo que exclamam—rosas e cravos aos senhores esposados!

E assim seguem os noivos rua fóra, pagando resgates e recebendo flores.

Muitas vezes as trincheiras são postas por mera ganancia, e não é raro que as vestes dos noivos se resintam da morosidade ou reluctancia com que se esportularam.

Os ramos offerecidos obedecem a certos preceitos, e obrigam a uma rigorosa selecção de flores.

Assim a offerta ao noivo d'um ramo que contenha flores de coloração amarella, é reputada injuria gravissima, e significa que a noiva não vae impolluta ao thalamo conjugal.

Esta pratica não é privativa das aldeias da Beira.

Existe na Italia aonde a designam pela expressão—fare il serraglio—fechar a barreira; na Corsega sob o nome de —Far la travata—ou—Far la spalliera—fechar o mantelletê ou fazer a espaldeira; e na Hungria.

Sobre a origem d'esta curiosa usança têm bordado alguns escriptores as mais imaginosas opiniões: uns julgam-n'a um simulacro do rapto das Sabinas; outros o resultado da influencia da mythologia oriental; e ainda outros uma manifestação da *exogamia* ou obrigação imposta aos individuos d'uma tribu de procurarem consorte em tribu estranha.

Lubbock julga que ella traduz a primitiva violencia que o esposo praticava contra os direitos de propriedade que a familia e a tribu exerciam sobre a esposa.

Finalmente Mantegaza tem na por sobrevivencia do rapto ou violação da liberdade da mulher, e concomitantemente dos direitos que sobre ella tinham os seus parentes.

As *barreiras* ou *trincheiras* são, segundo este escriptor, uma recordação, guardada no espirito popular, da primeira fórma da conquista da mulher—o rapto.

Esta se afigura a opinião mais accetavel.

O homem primitivo, obedecendo ao impulso cego e bruto do instincto, em pleno dominio da força, empolgou a mulher pela violencia.

As rivalidades primeiro e depois os direitos de familia fizeram com que a posse da mulher fosse precedida d'um combate, até que as relações de commercio e d'alliança substituiram a essa fórma barbara a da compra e da troca.

A seducção veio mais tarde, se é que não andou confundida com aquellas duas.

E quando não bastasse esta analyse da evolução humana, a historia dar-nos-ia provas irrecusaveis de que o rapto foi largamente praticado em varios paizes.

Encontramol-o entre os hebreus e os spartanos.

Em Roma estava consagrado pelo direito e pela religião, estes dois apagnios dos patricios.

No casamento romano simulou-se o rapto durante largo tempo com todas as cerimonias, ritos e ficções que constituiram, primitivamente, a propria essencia da religião e do direito.

Entre os Germanos o rapto era frequente, e na Russia os epithalamios tratavam o noivo d'inimigo e d'estrangeiro, ao passo que o ameaçavam com violencias e combates, dos quaes resultaria a perda da noiva.

Alguns povos selvagens ainda hoje celebram o casamento por meio do rapto, ou o symbolisam de tal guisa que não deixa duvidas, como se vê das relações de viajantes e exploradores, taes como Cook, Richardson e outros.

O rapto, apesar dos Codigos e da ferocidade dos paes, ainda é o supremo recurso dos apaixonados ou dos especuladores, poucas vezes dos criminosos, sem que a consciencia collectiva fique muito alarmada, a não ser pelas curiosidades enfermias dos sentimentaes e pelos commentarios causticos dos criticos.

E esse reparo que os psychologos do romanticismo tanto proclamaram e gastaram de que á mulher do ultimo seculo, tão espiritual, tão complicada, tão transcendente, mais resaltava e seduzia a belleza mascula, audaciosa e forte, do que o talento, as honras e a riqueza, esses quadros medievaes em que a castellã rende o coração ao cavalleiro que esforçadamente se bateu em justas e pelejas, enquanto ouve insensível e altiva os rendilhados madrigaes das Côtres d'Amor ou as choradas trovas dos menestreis que erram ao luar das noites sentimentaes penando a sua paixão, esse reparo e este quadro reduzido, o exagero das novellas, mostram afinal o predominio que o homem, todo força e instincto, exercia sobre a mulher que arrebatava e defendia em lucta encarniçada e corajosa.

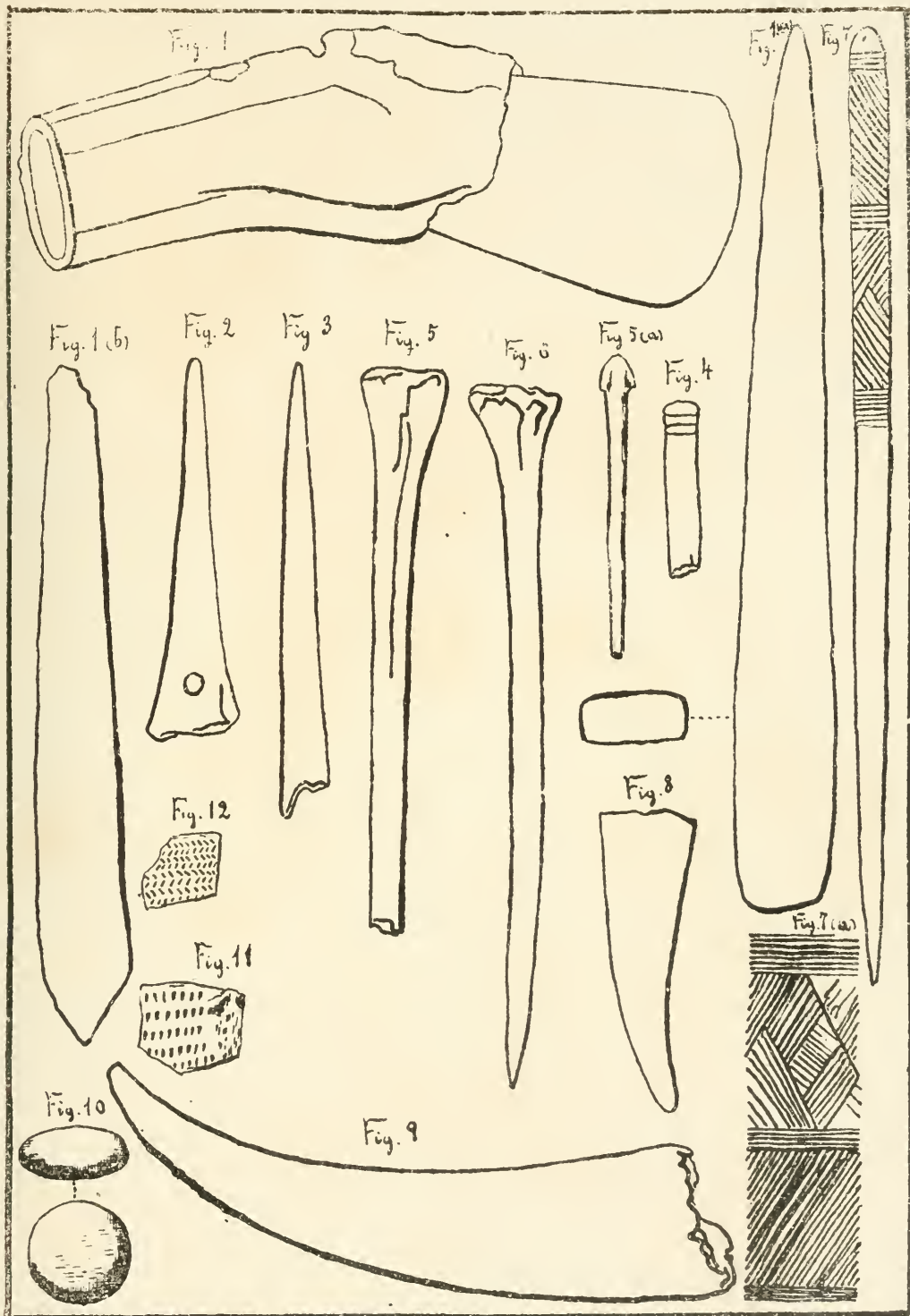
Póde dizer-se que as mulheres conservam ainda, por atavismo, umas lembranças vagas do rapto ancestral, assim como os povos as guardam nas barreiras e n'outras praticas similares.



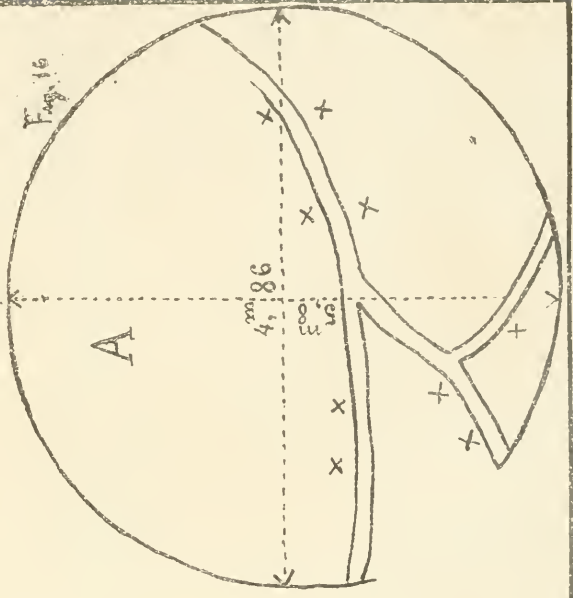
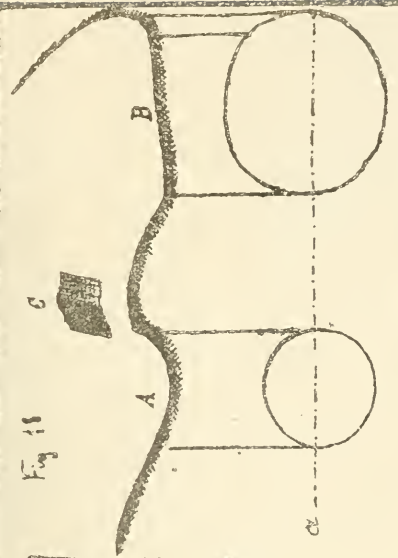
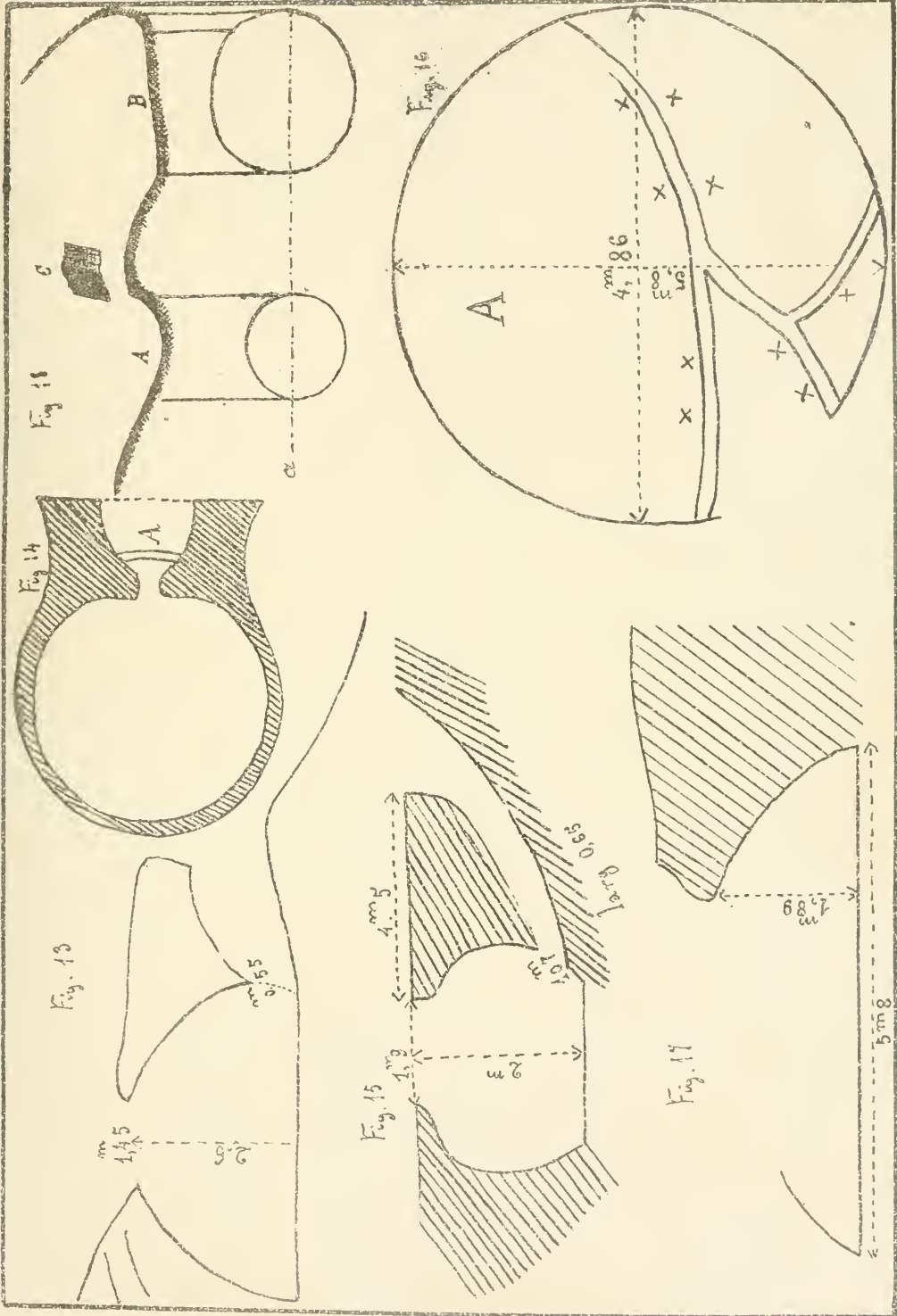














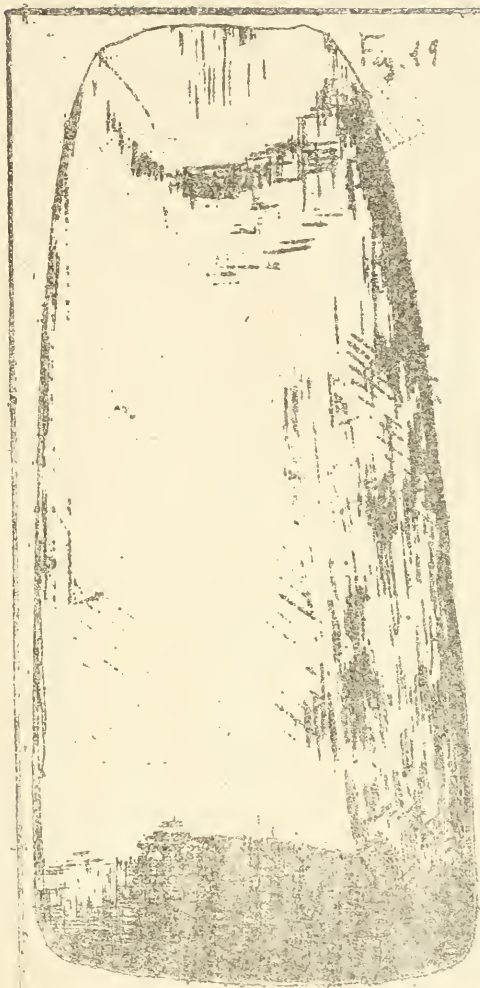


Fig. 19

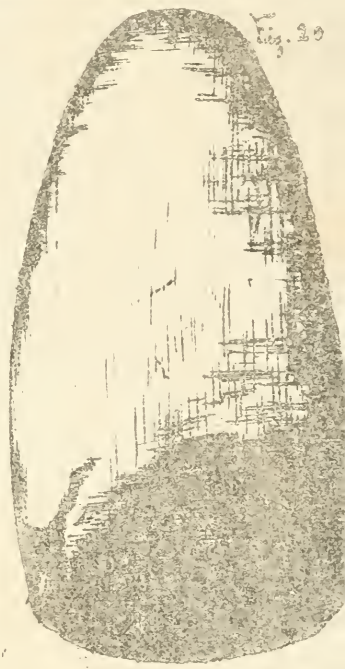


Fig. 20



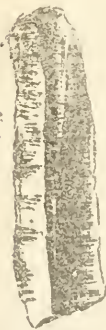
Fig. 21.



Fig. 25.

Fig. 23

Fig. 24.



R. J. Smith



Fig. 25

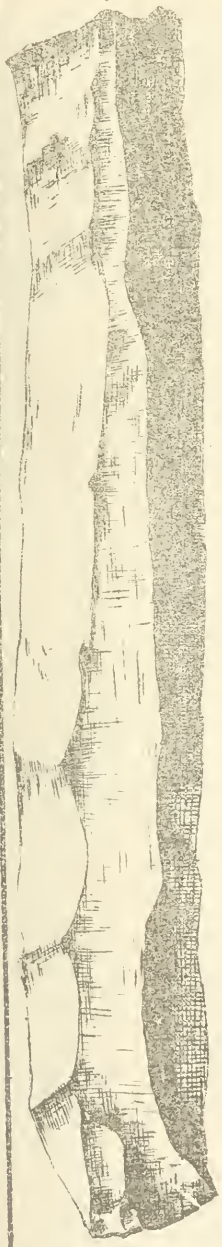


Fig. 26

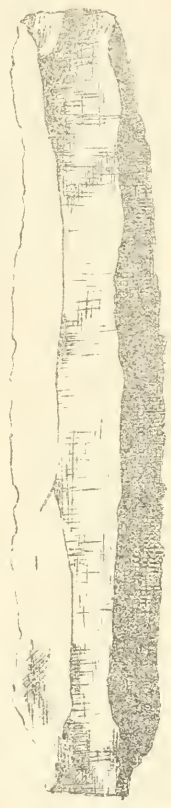


Fig. 27



Fig. 28



Fig. 29



Fig. 30



Fig. 31



R. Jordan.





Fig. 32



Fig. 33



Fig. 35



Fig. 36



Fig. 37



Fig. 34



Fig. 38



Fig. 40



Fig. 41



Fig. 39



Fig. 42



Fig. 43



Fig. 44



Fig. 45



Fig. 40



Fig. 47



Fig. 49



Fig. 48



Fig. 50



R. Jordan.



Fig. 51

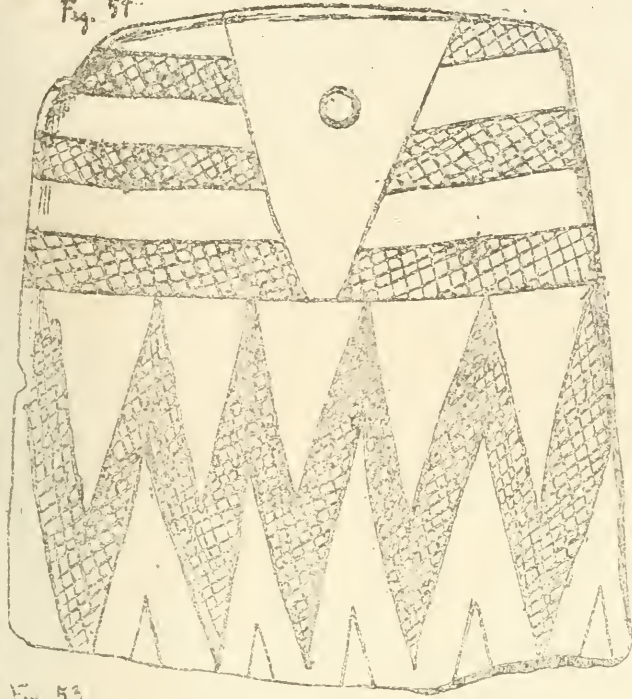


Fig. 52



Fig. 53

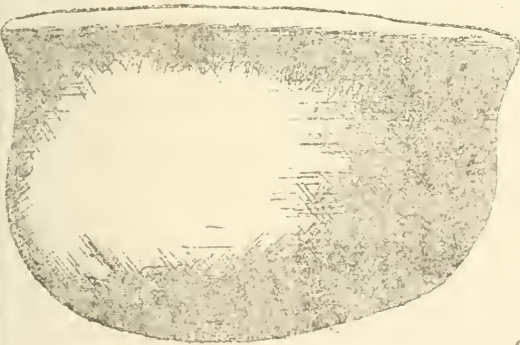


Fig. 55



Fig. 56



Fig. 57



Fig. 58



Fig. 59



Fig. 60





Fig 64



Fig 54

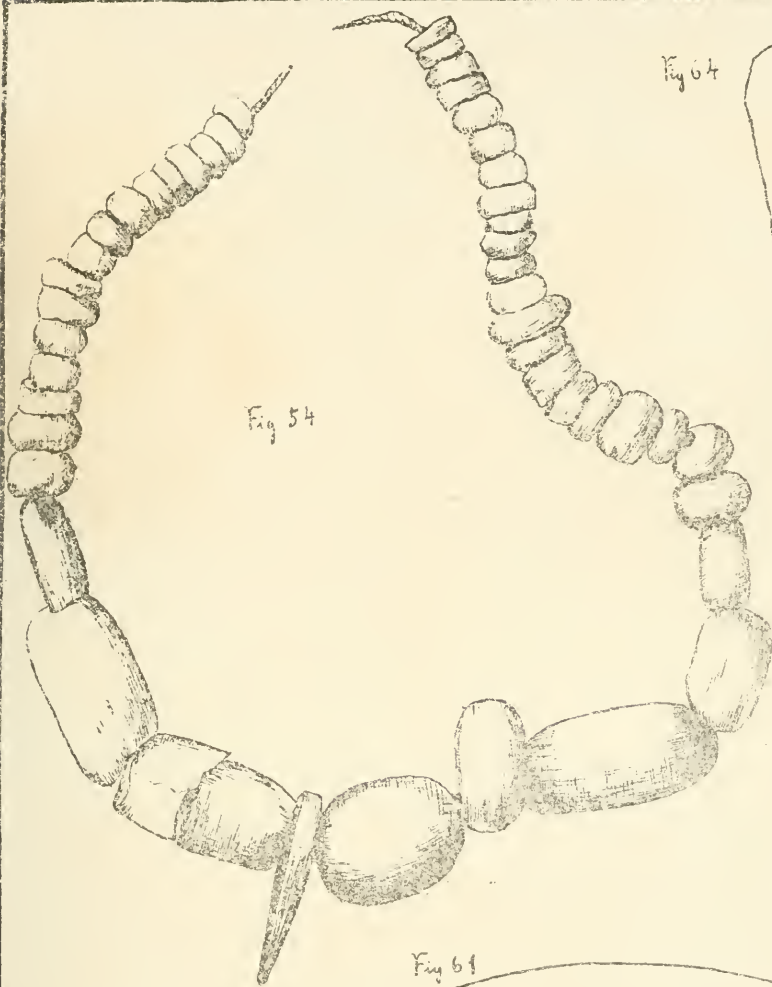


Fig 62



Fig 61

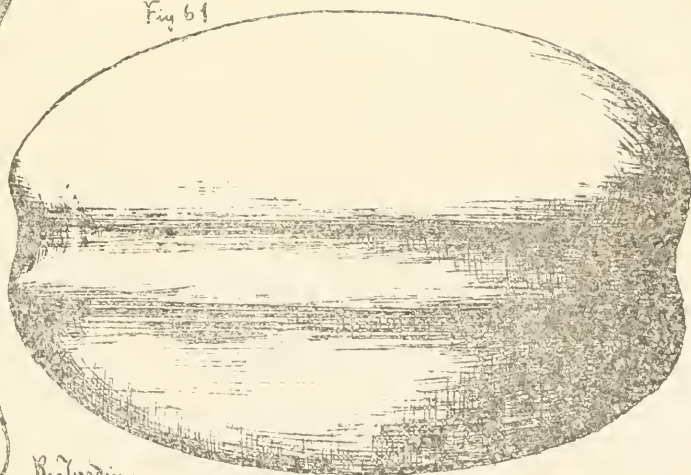


Fig. 63



R. J. L. J. J. J.



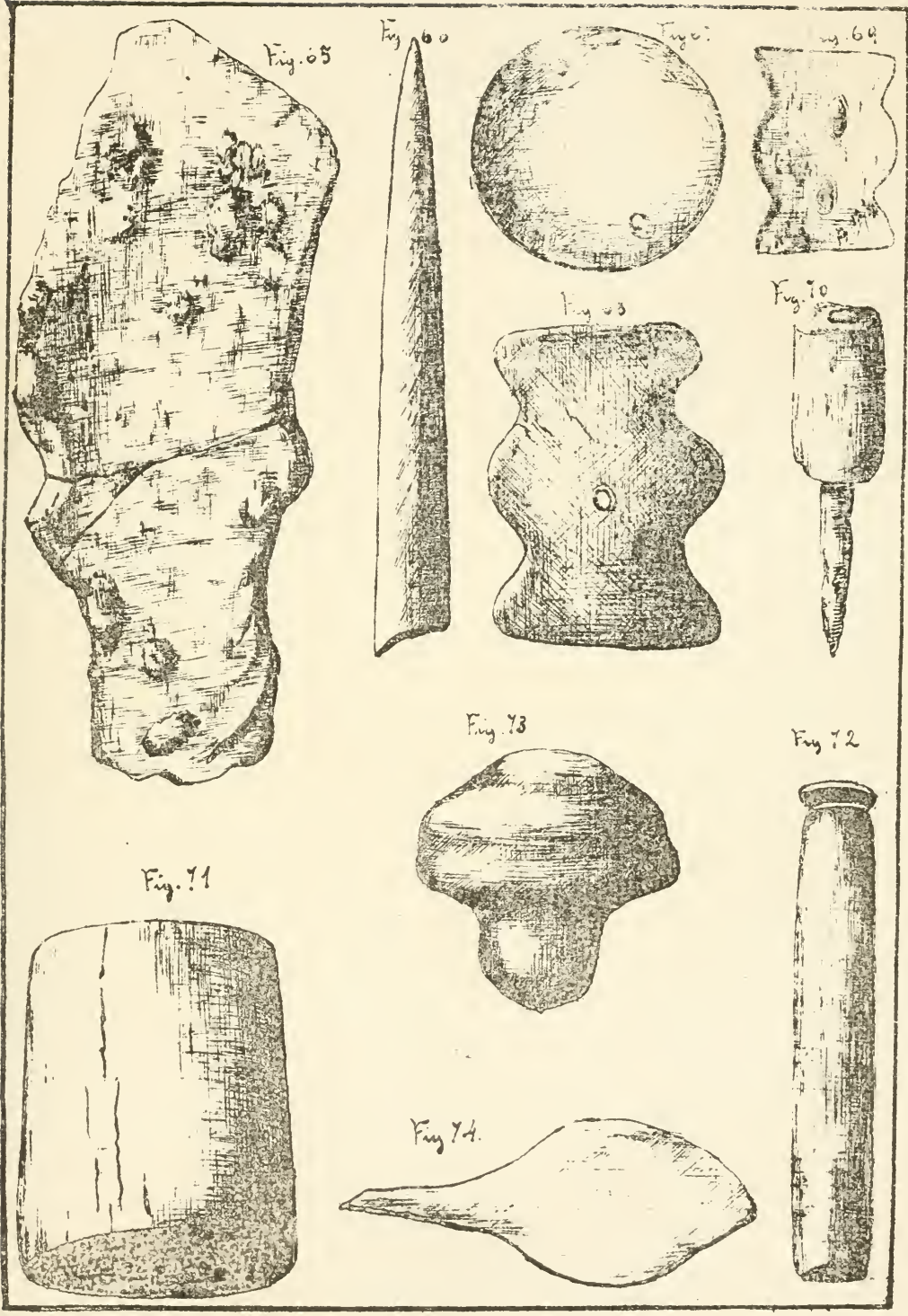






Fig. 75



Fig. 76



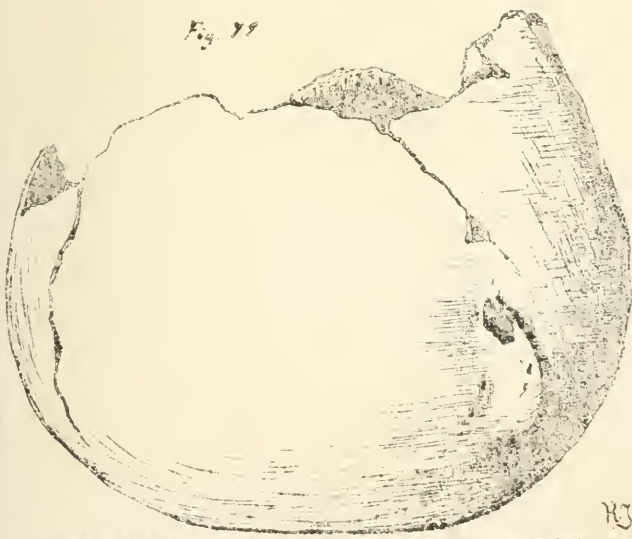
Fig. 77



Fig. 78



Fig. 79



H. Jardin



Fig. 81

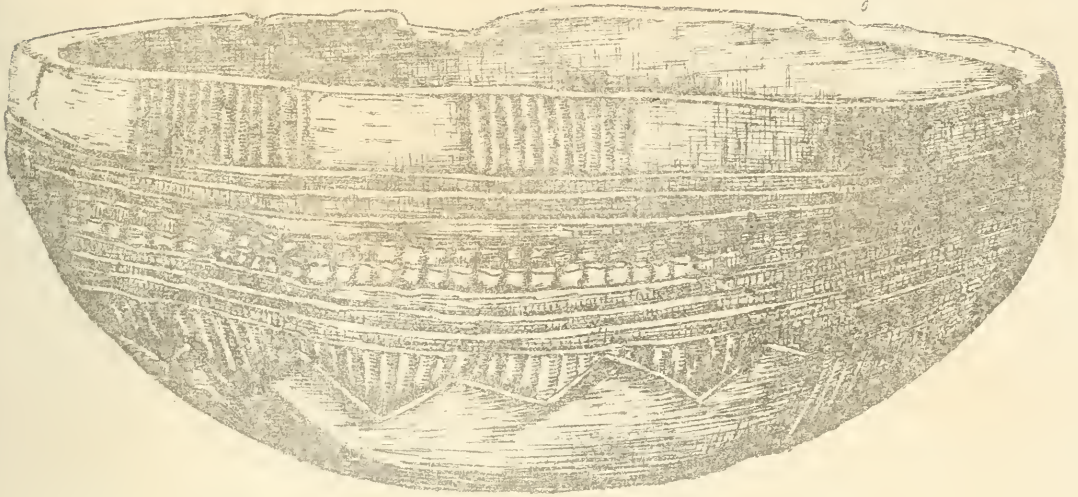


Fig. 80

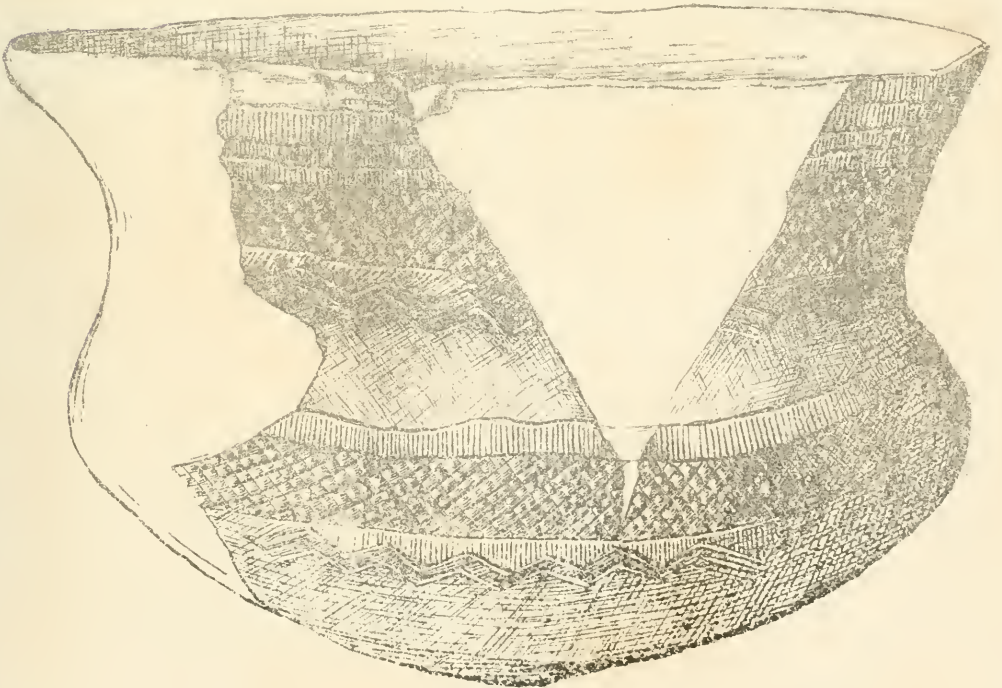




Fig. 82

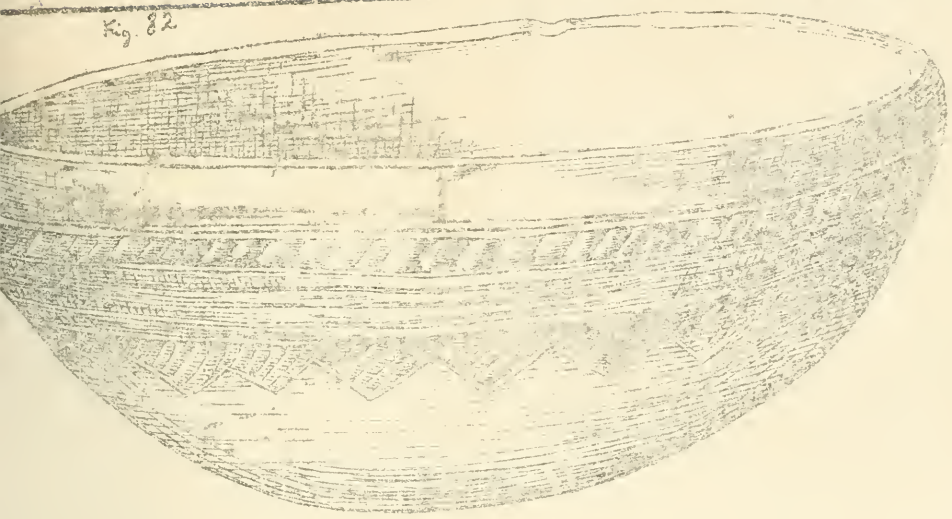


Fig. 83

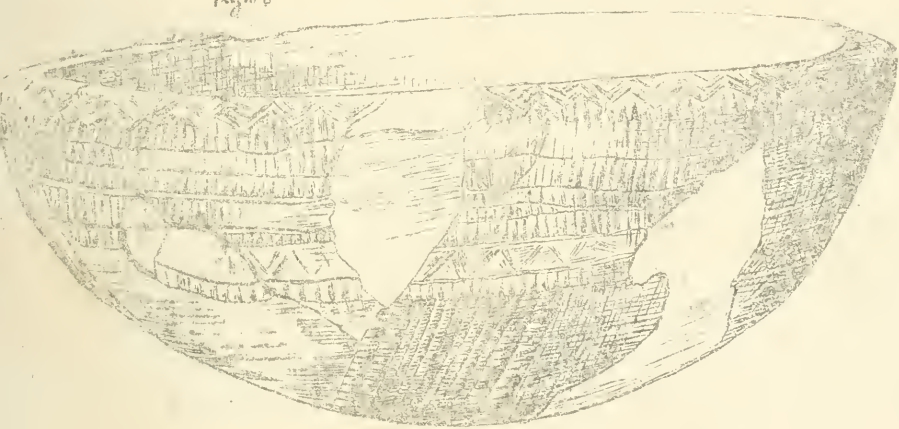
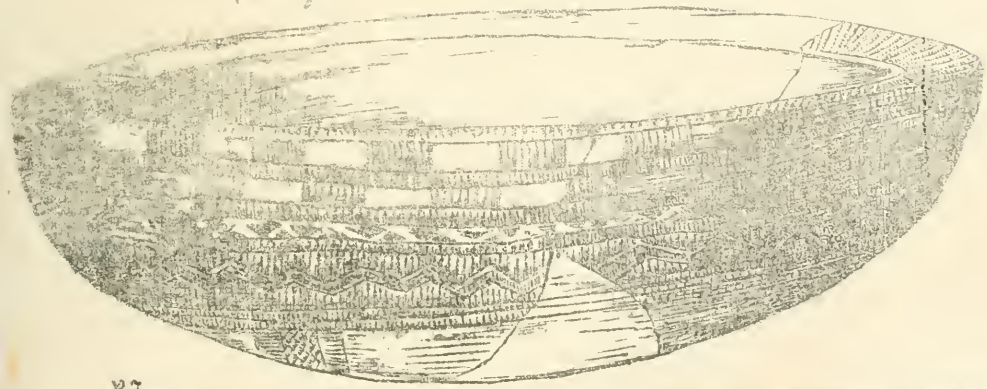


Fig. 84



R. Jordan



Est. RH

Fig. 85

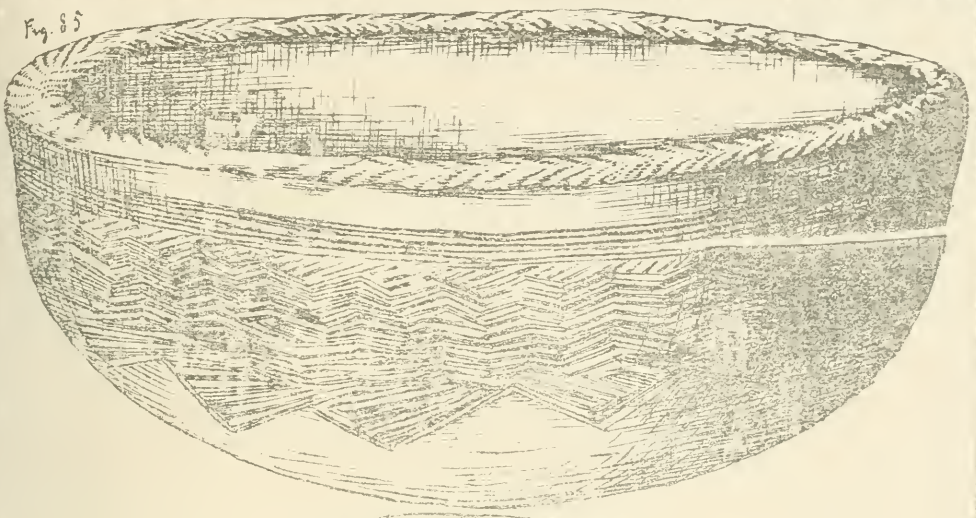
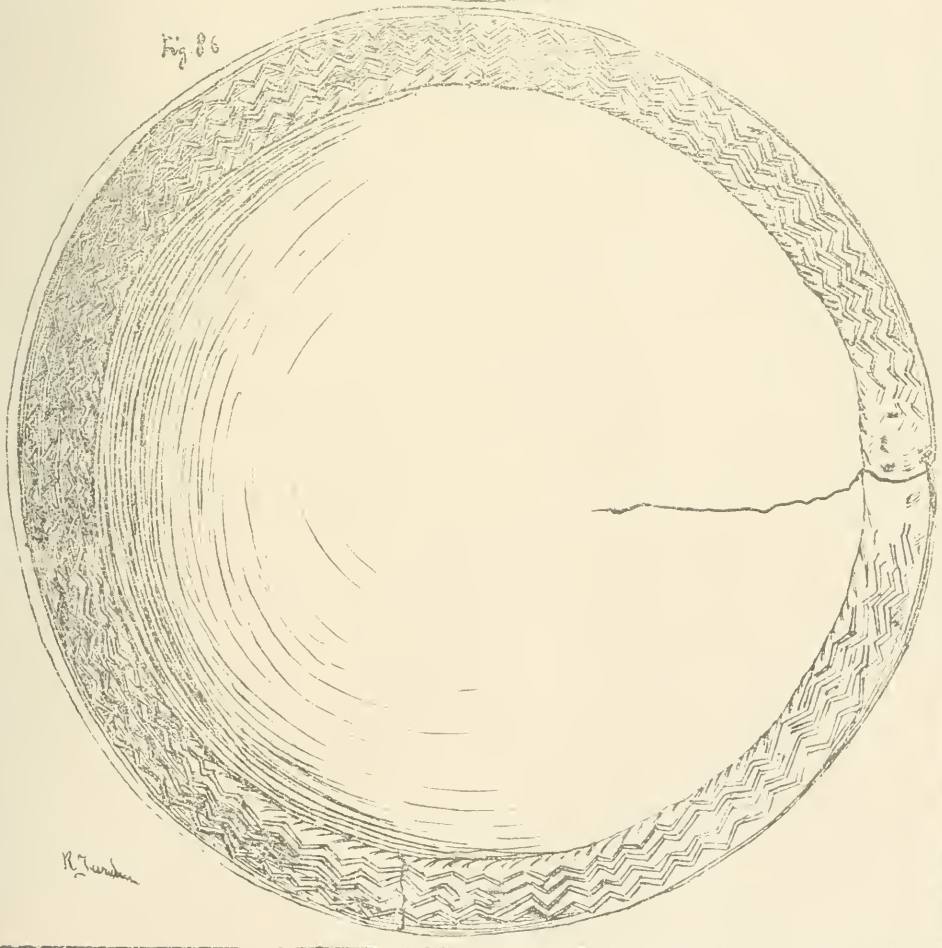


Fig. 86



R. T. ...

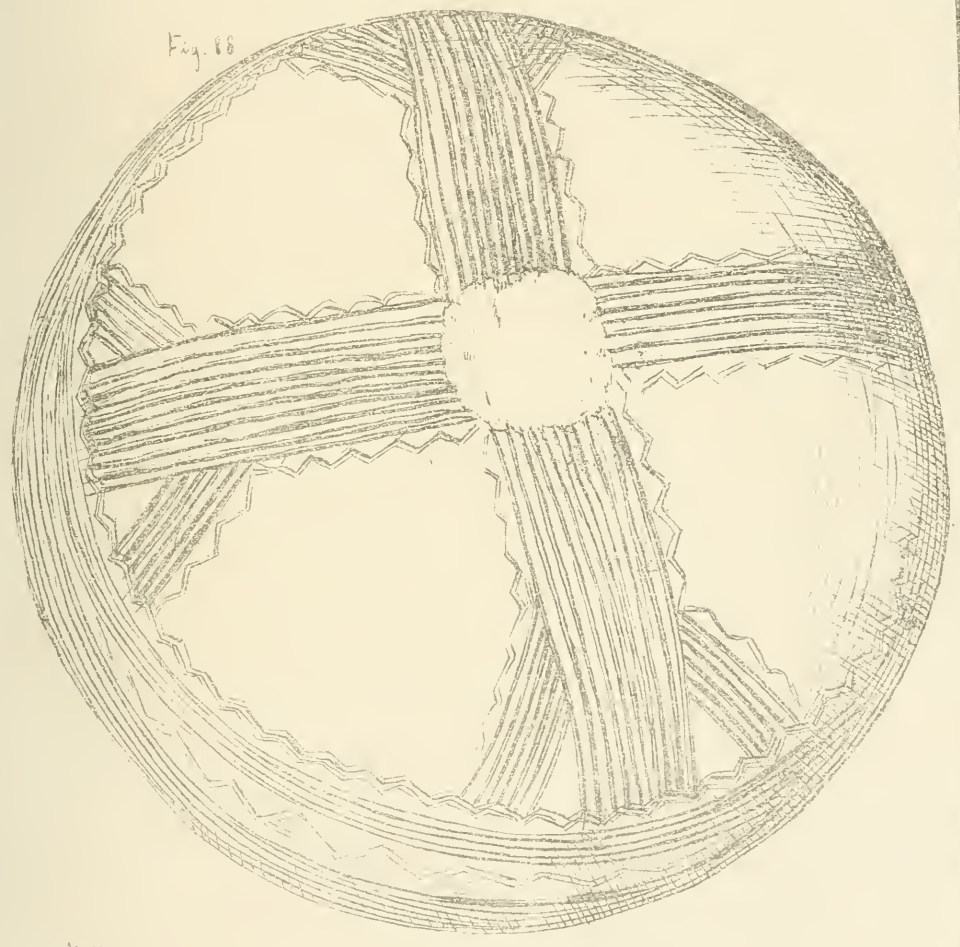




Fig. 84



Fig. 86



R. Farin





Fig. 89



Fig. 90

a Fig. 91

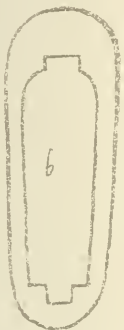


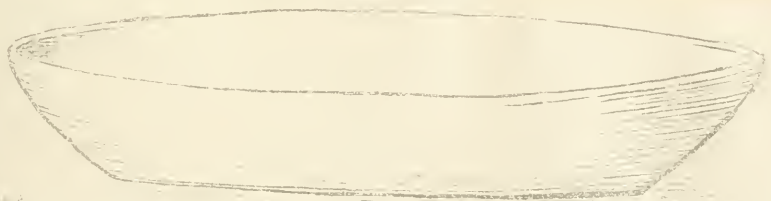
Fig. 92



Fig. 93



Fig. 94



R. T. ...





## EXPEDIENTE

---

○ Boletim é gratuito para os socios ordinarios.

Preço d'assignatura — 200 reis cada numero.

Os pedidos devem dirigir-se a José Netto Rocha, Figueira.

# BOLETIM

DA

# SOCIEDADE ARCHEOLOGICA SANTOS ROCHA

TOMO I — N.º 4

OITAVA SESSÃO PLENARIA

## SUMMARIO

- Relatorio da gerencia de 1902-1903.
- As grutas da Columbeira.
- Restos de dolmens em Santa Olaya.
- Material para o estudo da idade do cobre em Portugal.
- Os pequenos moinhos circulares de pedra nas estações pre-romanas do valle do Mondego.
- Restos da Figueira antiga.
- As carpideiras nos funeraes beirões.
- Fiação popular no concelho da Figueira.



FIGUEIRA  
IMPRESA LUSITANA

1907





# BOLETIM

DA

# SOCIEDADE ARCHEOLOGICA SANTOS ROCHA

---

TOMO I — N.º 4

OITAVA SESSÃO PLENARIA



FIGUEIRA  
IMPRESA LUSITANA

1907



## Sessão plenaria de 25 d'Outubro de 1903

---

**Presidencia do socio ordinario — Conselheiro José Luiz Ferreira Freire**

---

**Secretario — Pedro Fernandes Thomás**

---

### Relatorio da gerencia de 1902-1903

*Senhores:*

Desde a ultima sessão plenaria os nossos trabalhos de campo foram proseguídos com extraordinario vigor. A descoberta dos povoados protohistoricos de Santa Olaya tornara-se, para a vossa direcção, um poderoso estimulo. Nós sentiamos verdadeira avidez pelos resultados que poderia fornecer-nos a completa exhumação das ruinas. Por outro lado a presença do mobiliario neolithico, esparso nos entulhos d'esta rica estação, produzira em nós o mais vivo desejo de conhecer-lhe as causas; e nós pensavamos que deveriamos encontral-as por debaixo do primeiro povoado inferior.

Tão rude foi a faina das excavações e das operações que se lhes seguiram no gabinete, taes como a lavagem de alguns metros cubicos de ceramica fragmentada, selecção de fragmentos, restaurações de vasos, limpeza de numerosos objectos metalicos, etc., que no fim de dez mezes nos sentimos extenuados, com absoluta necessidade de suspender todos os trabalhos. Em compensação deixavamos a descoberto os envasamentos de dez casas, sendo seis pertencentes ao primeiro povoado inferior, e quatro ao immediato, restaurados muitos exemplares de preciosos vasos, alguns de grandes dimensões, e colligido um mobiliario variado, em barro, pedra, bronze, cobre, ferro e vidro, que foi enriquecer a sala de protohistoria do nosso Museu.

Não entraremos aqui em detalhes sobre todas estas riquezas archeologicas, que nos revelam um estado de civilisação que mal se suspeitava em Portugal. Basta dizer-vos que nas nossas colheitas encontrareis muitos productos industriaes com feição local associados a outros com typos mais ou menos generalizados na Europa, e a um grande numero d'objectos de typo manifestamente oriental.

Estes ultimos attestam a mesma influencia punica que se nota nas estações dos Alcores, proximas de Carmona, exploradas pelo sr. Jorge Bonsor; e, entre elles, vereis com espanto o vaso em fórma de barril, que nos apparece pela primeira vez, mas que é velho em Chypre, ao lado d'uma fibula de bronze que recorda a *namicella* da Italia, e do enorme alfinete ou espeto que os antiquarios portuguezes haviam tomado por um estoque!

Todo esse material está hoje coordenado. Vós podeis ler n'elle uma parte da historia dos habitantes do valle do Mondego n'esse periodo, até aqui obscuro, que precedeu immediatamente a influencia romana; e mais d'uma vez ficareis maravilhados de encontrar n'este extremo occidental do mundo antigo typos contemporaneos das guerras punicas, em plena idade do ferro, que recordam a civilisação premycena de Hissarlik, velha de mais de 2000 annos antes de Christo!

Da presença do mobiliario neolithico nos entulhos tambem conseguimos descobrir as causas: ellas são indicadas em uma communicação que hoje temos a honra de apresentar-vos.

Obtidos estes resultados, pensámos que seria conveniente desviar por algum tempo a nossa attenção para um novo campo de explorações, que o nosso consocio sr. dr. Joaquim Jardim nos havia assignalado alguns mezes antes. Tratava-se dos concelhos d'Obidos e de Peniche, onde constava existirem algumas cavernas inexploradas, capazes de terem servido de abrigo ao selvagem da idade da pedra ou das primeiras idades do metal.

Tendo ensejo de irmos ás Caldas da Rainha, em agosto ultimo, fomos alli informados pelo nosso consocio sr. dr. Cymbron de que havia um grupo de grutas, distante 15 kilometros, no sitio da Columbeira, concelho d'Obidos, que poderia interessar o nosso Museu; e isto nos foi confirmado, com maiores detalhes, pelo nosso consocio sr. José Henriques da Silva, que as visitara. Passados alguns dias, emprehendemos uma excursão ao sitio, de que tambem hoje vos apresentamos um relatorio, tão minucioso como nos era possivel fazer. Por elle vereis que na gruta denominada *Lapa do Suão*, á beira d'um abysmo, foram descobertos alguns restos do cavernicola do Valle do Rôto!

Eis, a largos traços, o mais importante da gerencia finda.

Não foi entretanto só o mobiliario proveniente d'estas explorações que deu entrada no Museu. As nossas colleções enriqueceram com varios donativos. Uma serie de azulejos portuguezes nos foi offerecida do Museu Municipal do Porto pelo seu director e nosso consocio sr. Antonio Augusto da Rocha Peixoto. De outro nosso consocio, sr. João dos Santos Pereira Jardim, 1.<sup>o</sup> tenente da armada, recebemos uma colleção de artigos gentlicos, provenientes do Congo portuguez; e do sr. Visconde de Taveiro, pae, uma colleção de 56 amostras de madeiras nacionaes.

No mesmo periodo o movimento dos associados não foi desanimador. O numero dos socios ordinarios elevou se a 56, e o dos socios correspondentes a 20; mas tivemos a lastimar a perda de um d'estes ultimos, que muito honrava a nossa Associação, o sr. dr. Pereira Caldas.

Aquelles factos vos provarão que a nossa instituição não definha, ao contrario de outras analogas de Portugal. Os nossos trabalhos de campo, de gabi-

nete e de propaganda são constantes, regulares, systematicos. Não decorre um anno que não seja assignalado por algumas descobertas interessantes. Não se passa um dia que não consagremos alguns momentos ás nossas collecções e á divulgação dos conhecimentos que lhes dizem respeito.

D'este modo, senhores, se tivermos continuadores nas gerações futuras, os resultados scientificos poderão vir a ser consideraveis; e a Figueira sentir-se-ha orgulhosa de ter emprehendido e levado a cabo, sem o auxilio de protecção official, uma das obras que mais interessam á civilisação da actualidade.

Figueira, 11 de Outubro de 1903.

O Presidente da Direcção

*Antonio dos Santos Rocha.*

## COMMUNICAÇÕES

---

### As grutas da Columbeira

por SANTOS ROCHA

---

Em 7 d'agosto ultimo partimos das Caldas da Rainha para explorar umas grutas no sitio da Columbeira, concelho d'Obidos, que nos haviam sido indicadas pelos nossos consocios srs. dr. Cymbron e José Henriques da Silva. O administrador do concelho d'Obidos, sr. Francisco Guilherme de Castro, conhecedor do sitio, tinha preparado tudo com muito acerto para facilitar-nos o trabalho, incluindo pessoal, ferramentas, archotes, cabos, abertura de atalhos pela encosta onde se acham as grutas, etc.; e teve ainda a amabilidade de tomar parte na excursão. Acompanhavam-nos tambem os nossos consocios srs. Henriques da Silva e Arthur Salles Henriques, assim como o illustre clinico de Coimbra, sr. dr. Vicente Rocha.

Pelo caminho informou-nos o sr. Castro que a unica gruta em que poderia fazer-se alguma investigação interessante, era a da Lapa do Suão; porque os nossos trabalhadores já alli haviam feito sondagens, e tinham encontrado n'essa gruta um fragmento d'osso humano e dous fragmentos de ceramica.

Chegados ao sitio pelo fundo d'um valle denominado — *do Rôto*, vimos á esquerda uma elevada e ingreme encosta, no cimo da qual se ergue uma cruz de pedra, que assignala a batalha de Roliça, e á direita uma chapada de mui rapido declive, quasi tão alta como a fronteira, formada por uma penha colossal de calcareo jurassico. Quasi a meia altura d'esta chapada descobria-se a Lapa Larga, grande abrigo sob rocha, no fundo do qual se abre uma pequena gruta.

Perguntámos pela Lapa do Suão, resolvidos a marcharmos para ella immediatamente; e indicaram-nos um nivel muito mais alto do que o da Lapa Larga, e em sitio onde o declive era verdadeiramente assustador.

Começámos a subir junto a uma penedia quasi vertical, passando pela gruta do Palheiro e depois pela Lapa Larga; e em seguida, agarrando-nos ás saliencias da rocha e a alguns arbustos selvagens, fizémos a travessia de parte da encosta até uns dez metros do ponto indicado e quasi ao nivel d'elle. A nossos pés abria-se então um abysmo de mais de 70 metros! Não tendo o habito

de semelhantes ascensões e de ver grandes espaços abaixo de nós, sentimos uma certa perturbação. Pareceu-nos que não poderíamos manter o equilibrio n'aquelle enorme plano inclinado; e resolvemos descer.

O sr. dr. Vicente Rocha, que caminhava adiante de nós, mais seguro dos seus nervos, aproximou-se da extremidade d'uma corda presa a uma saliência da rocha, que nos encobria a gruta, e alou-se até lá. Foi elle que tomou a direcção das pesquisas dentro d'aquelle recinto, com grande satisfação nossa, attendendo á sua competencia. Acompanharam-n'o os srs. Salles Henriques e Castro, para o auxiliarem

Installando nos com o nosso consocio sr. Henriques da Silva na Lapa Larga, fizémos sondagens no solo da pequena gruta que se abre ao fundo; mas nada colhemos. Passámos á gruta do Palheiro, onde tambem nada encontrámos. Visitámos em seguida a caverna do Caixão, que pela sua disposição e estado do pavimento nos pareceu absolutamente improductiva sob o ponto de vista archeologico.

Mais feliz, o sr. dr. Vicente Rocha, atacando o pavimento terroso da sua gruta, recolhia novos vestigios dos cavernicolos da Columbeira. A sua attenção, sendo fixada no fundo da gruta, onde esta baixava consideravelmente, alli trabalhou, deitado de bruços, durante mais d'uma hora; e afinal desceu, trazendo-nos fragmentos d'ossos humanos, e alguns de animaes, uma valva de concha marinha (*Tapes Decussata*, L.), restos de vasilhas de barro, carvões vegetaes e um precioso objecto de calcareo, semelhante a outros já descobertos em estações prehistoricas de Portugal

Reunidos todos os excursionistas na gruta do Palheiro, passámos a examinar, peça por peça, os objectos da colheita, emquanto o sr. dr. Vicente Rocha nos contava as circumstancias da exploração. A gruta apresenta a fórma d'uma galeria, como a do Palheiro; e é espaçosa até uns 10 metros da entrada. D'ahi por diante é tão baixa que só se torna accessivel, caminhando de rastos. O pavimento é formado por terra vegetal, manifestamente levada de fóra, e inclina-se suavemente para o interior. Os objectos recolhidos estavam disseminados em todos os niveis do solo.

Pela nossa parte o exame dos fragmentos ceramicos provou-nos que alguns pertenciam a grandes vasos, e não representavam senão parcelas insignificantissimas d'elles.

Estes factos e as circumstancias da jazida dos objectos desde logo nos denunciaram que o solo da gruta já tinha sido remexido anteriormente. Por quem, e em que epocha? O regedor da freguezia, sr. Pacheco, que se achava presente, deu nos a este respeito uma noticia interessante. Haveria vinte annos, disse elle, tres homens vieram explorar todas estas grutas. A ultima, unica que parece ter dado algum proveito, foi a Lapa do Suão; mas alli a exploração não passou da parte do solo mais proxima da entrada, porque os exploradores foram chamados para outro lugar em serviço do *governo*. Recolheram n'ella muitas louças e outros objectos, que fizeram encaixotar e expedir para Lisboa.

O pensamento que então nos occorreu, foi que um d'esses homens devia ter sido Carlos Ribeiro: e consultando, dias depois, n'esta cidade, o nosso respeitavel mestre e consocio honorario sr. Joaquim Philippe Nery Delgado, este não só reputou a hypothese muito verosimil, mas disse-nos que a exploração teria provavelmente sido feita por occasião do Congresso Internacional de 1880, porque então alguns congressistas fizeram com Carlos Ribeiro varias excursões scientificas pelo paiz.

Prometteu-nos entretanto o sr. Nery Delgado mais amplas informações, quando voltasse a Lisboa; e de facto, decorridos alguns dias, declarou nos que,

percorrendo as vitrinas do Museu da Direcção dos Serviços Geologicos, encontrara uma com a legenda — *Columbeira*, contendo muitos fragmentos de louça, machados de pedra, pontas de lança e de setta e facas de silex, um nucleo de quartzo hyalino, ossos de animaes, fragmentos d'ossos humanos, uns queimados e outros não, e enfim um fuso de cobre, tendo na parte superior uma canelura em espiral para receber o fio, com a seguinte nota por elle escripta:— «Profundidade 0m,30. Proximo da bocca. Esta gruta tinha sido remexida. Haste d'um fuso». O illustre geologo repetiu-nos que todo este mobiliario podia ter sido colligido pelo seu fallecido collega Carlos Ribeiro.

Tratando se d'uma gruta da Columbeira, e não nos tendo dado o regedor noticia de se haver recolhido mobiliario em outra gruta além da Lapa do Suão, pareceu-nos muito provavel que fosse esta a propria gruta de que provieram os objectos existentes no referido Museu; o que se confirma não só pelo estado analogo dos ossos humanos, mas até pela relação que deve existir entre o fuso de cobre e um dos fragmentos de louça recolhidos pelo sr. dr. Vicente Rocha, como adiante diremos.

E' deploravel que das explorações, que attribuímos a Carlos Ribeiro, não exista relatorio algum. Entretanto um facto importante ficou assignalado na nota escripta que acompanha o fuso: e é que essas explorações encontraram a gruta *remexida*.

Em que epocha e com que fim teria sido feito este remeximento anterior? O problema é de difficil solução.

Examinemos o nosso mobiliario.

A peça de calcareo brando, muito deteriorada, com a fórma do pé humano, apresentando vestigios de fractura em *a* e *b*, figura 1, pertence indubitavelmente ao typo já conhecido pelas explorações de Carlos Ribeiro no dolmen da Estria (1), e mais recentemente pelos trabalhos do sr. Maximiano Apollinario na necropole neolithica do valle de S. Martinho (2). Elle appareceu tambem nas grutas de Cascaes (3), que, como é sabido, pertencem á epocha cupro-lithica. O sr. Cartailhac, fundando-se em razões archeologicas e na ethnographia comparada, demonstrou que semelhantes objectos representam a *herminette* encabada (4); e esta opinião do sabio francez ainda não teve refutação.

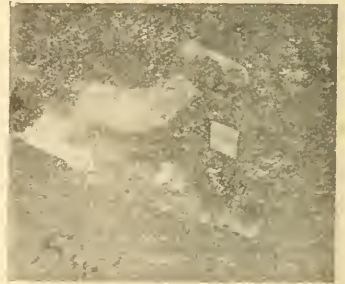


Fig. 1

E', a nosso ver, um symbolo da hacha, que, pelo facto de apparecer em logares de sepultura, devia ter um character funerario e religioso, a semelhança do que se tem encontrado em estações prehistoricas de outros paizes (5), e até entre povos selvagens da actualidade (6). A differença está apenas em que no nosso paiz, onde abundam as *herminettes*, o symbolo tomou por vezes a fórma d'estas.

Os fragmentos ceramicos, com excepção d'um, são de pasta mui grosseira,

(1) *Noticia d'algumas estações e monumentos prehistoricos*, pag. 66, e est. vii, fig.ª 1.

(2) *O Archeologo Portuguez*, vol. II, pag. 219-220.

(3) *Ibid.*

(4) *Les ages prehistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pag. 108-109.

(5) Vej. *Les temps prehistoriques en Suède*, por O. Montelius, pag. 39 e 97, trad. de S. Reinach; *L'Archeologie Prehistorique*, do sr. J. de Baye, pag. 95, 97 e 98-105; *Musé Prehistorique*, dos srs. de Mortillet, est. 48, fig.ª 442, e est. 60, fig.ª 580; obra cit. do sr. Cartailhac, pag. 110-112; *La France Prehist.*, do mesmo auctor, pag. 160, 236 e segg.

(6) *Revue de l'école d'anthropologie de Paris*, 10.ª année, x-xi, 1900, pag. 391.



negra, parda, castanha escura ou vermelha, misturada em alguns exemplares com grãos de quartzo, e trabalhada á mão, e apresentam ás vezes na superficie externa esse lustro tão frequente nas louças neolithicas, mas sem ornato algum. Alguns pertencem a pequenos vasos hemisphericos de bordo vertical, que são communs nos dolmens das visinhanças da Figueira, e outros indicam, pela sua espessura, que pertenciam a grandes vasos bojudos, como os que nos foram indicados em certos fragmentos descobertos nos dolmens de Alcalar (Algarve) (1). Para nós esta ceramica é neolithica ou cupro-lithica, e devia pertencer a mais de sete vasos.

Devemos notar tambem que ha fragmentos cujas fracturas estão cobertas pela stalagmite; prova manifesta de que os vasos foram quebrados em epocha bastante remota.

Um unico exemplar foi trabalhado á roda; e tem ornamentação na face superior do bordo, que é sensivelmente horisontal e projectado para fóra. Essa ornamentação consiste em uma linha ondulada e interrompida, traçada na pasta ainda fresca. Esta é aspera, vermelha nas superficies e cinzenta na massa interna.

Fundando-nos em criterios que temos adquirido nas explorações da nossa região, esta ceramica trabalhada á roda pode ter pertencido á segunda idade do ferro. Foi já n'esta idade, durante o periodo da influencia carthagineza, periodo em cujo mobiliario se notam caracteres *marneanos*, que o lusitano de Santa Olaya, do Crasto e dos Chões, começou a usar da roda do oleiro. Nós vemos n'estas estações, ao lado das louças mais communs, de pasta primitiva, impura e misturada com spatho calcareo ou grãos de quartzo, trabalhadas á mão, outras, menos abundantes, em que a mesma pasta é trabalhada á roda. Dir-se-iam os primeiros ensaios imitando o fabrico da ceramica importada. Vemos tambem alli exemplares em que a pasta se torna mais pura e se imitam as proprias fórmulas importadas. E' manifestamente um periodo de aprendizagem e de começo de transformação na industria ceramica. Por outro lado os vasos tronconicos e de bordo horisontal, que nos são indicados pelo fragmento da Lapa do Suão, apparecem frequentemente nas mesmas estações.

Mas se por ventura não alcança a segunda idade do ferro, tambem não é posterior á epocha romana: nós temos recolhido em estações romanas do Algarve louças com pasta muito semelhante.

Assim a gruta teria sido utilizada em epochas muito diversas.

Quanto aos fragmentos d ossos humanos, uns não têm vestigios de fogo, e são muito frageis, apresentando o aspecto de pedaços de madeira podre; e outros estão queimados. N'estes ultimos importa distinguir os que se acham simplesmente *carbonizados*, apresentando uma côr negra lustrosa, e os que se acham *calcinados*, apresentando uma côr branca.

Em estados semelhantes foram encontrados os ossos humanos das grutas de Cascaes; e o sr. Cartailhac pensou na hypothese da incineração dos corpos (2).

Nós tambem pensamos que a calcinação dos ossos exige um fogo violento, tal como devia ser feito para a cremação dos corpos, e não como o que foi feito nos dolmens da nossa região, para desinfecção das cryptas ou algum rito funebre, e que apenas chegou a produzir a carbonisação (3).

Estamos, porém, longe de attribuir estes vestigios de cremação ao primeiro periodo de utilização da gruta. Bastaria a presença da ceramica trabalhada á

(1) Vej. o nosso relatorio sobre estes monumentos, apresentado na 6.<sup>a</sup> sessão da Sociedade.

(2) Obr. cit., pag. 111-112.

(3) Vej. *Antiquidades prehistoricas do concelho da Figueira*, pag. 170 e 257.

roda para pôr em duvida semelhante factos; mas ha ainda o fuso de cobre, de que nos deu noticia o sr. Nery Delgado, para apoiar a nossa hesitação. Este objecto não pertence á idade do cobre. As sepulturas d'esta idade não forneceram cousa semelhante; e ainda ao tempo das estações de Santa Olaya, do Crasto e dos Chões os habitantes do valle do Mondego empregavam largamente a fusaióla.

Relacionando todos estes factos, concluimos que a gruta poderia ter recebido sepulturas por incineração na idade do ferro e até na epocha romana; o que explicaria o remeximento dos depositos mortuarios anteriores.

---

## Restos de dolmens em Santa Olaya

POR SANTOS ROCHA

---

Na ultima sessão tivémos a honra de apresentar-vos uma noticia sobre o mobiliario neolithico de Santa Olaya, esparso nos entulhos que cobriam as ruinas do povoado inferior; povoado onde se acentua, com a civilização do ferro, do periodo *marneano*, uma grande infiltração de productos com feição punica, e até uma notavel influencia d'estes productos na industria indigena. A presença de semelhante mobiliario, sem relação alguma com as civilizações representadas n'aquellas ruinas, e o perfeito acabamento d'algumas peças importantes fizeram-nos suspeitar que seriam provenientes d'algum monumento funerario que alli tivesse existido. A pratica adquirida nas nossas longas pesquisas sobre a epocha neolithica no valle do Mondego tinha-nos na verdade já feito notar que os objectos mais perfeitos se encontravam nos dolmens subsistentes ou provinham das immediações de dolmens destruidos. Parece que os mortos não levavam para a grande viagem senão armas e utensilios em bom estado de servirem, machados bem afiados, setas bem apontadas, etc. (1)

Entretanto aguardavamos que findasse a exploração das ruinas dos dois povoados para baixarmos a excavação até á rocha viva e verificarmos com segurança a verdadeira origem d'aquellas interessantes peças archeologicas.

Mas não foi preciso esperar tanto: a exploração d'esses povoados está talvez ainda longe do seu termo, e já a solução do problema surge do meio das proprias ruinas exploradas.

Entre as duas casas do povoado inferior, que occupam o recanto NE do outeiro, a excavação poz a descoberto, quasi ao nivel das mesmas casas, um renque de cinco lages calcareas em bruto, cravadas de cutello, e orientadas de NE a SO. Todas estas lages estavam inclinadas para NO. A altura de quatro não excedia 0<sup>m</sup>,70; mas provavelmente teriam sido mais altas, porque a quinta lage subsistente, a contar do SO, excedia aquella altura em 0<sup>m</sup>,30 aproximadamente, e estava fendida a ponto de fragmentar-se no acto da excavação. Algumas outras lages, em pedaços, se encontraram agglomeradas para o sul, e deviam ter feito parte da mesma construcção.

O renque media 2<sup>m</sup> no comprimento. Pelo lado do poente, ao nivel da base da casa contigua e a 3<sup>m</sup> de profundidade, contados da superficie do outeiro, appareceu parte d'um pavimento empedrado, como os dos dolmens. (Fig. 2). O entulho indicava um profundo remeximento, contendo mais de 100 kilogrammas de restos ceramicos eguaes aos do interior das casas, restos de cosinha consistentes em ossos de animaes passados ao fogo e valvas de moluscos marinhos,

---

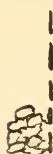
(1) Vej. *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira*, pag. 174 e 237.

e á mistura um machado de pedra polida, fragmentos d'outros e um pedaço de schisto polido, que faz lembrar a clava de pedra de Villar Secco (concelho de Nellas), existente no Museu da Figueira (1), assim como parte d'um chifre de veado, com dois galhos, golpeado a machado de pedra.

Fig. 2

Fig. 3

NE



SO

E 1/200

H



S

Para O d'este ponto, entre a primeira e a segunda casa do mesmo povoado, recolhemos um machado de pedra polida e alfinetes d'osso; e, profundando a excavação, descobriu-se um renque de 16 pequenas lages calcareas em bruto, cravadas de cutello, medindo o comprimento total de 4<sup>m</sup>,10, e orientadas de N a S. A altura d'estas pedras não excedia, termo medio, a 0<sup>m</sup>,60.

Fronteira á primeira lage do norte achou-se cravada outra, a distancia de 0<sup>m</sup>,40; e entre ellas o espaço estava obstruido com uma pedra de grés, que não é proveniente da localidade. Devia ser por alli a entrada da galeria. (Fig. 3)

Devemos notar que algumas das lages estavam um pouco sobrepostas, como temos visto muitas vezes nos renques de supportes dos dolmens.

O solo que encobria esta construcção estava bastante duro, mas indicava profundo remeximento. N'elle recolhemos restos de cosinha, muitos carvões vegetaes e alguns fragmentos ceramicos eguaes aos encontrados dentro das casas contiguas. No fundo da excavação notámos a presença

das areias, que em alguns dolmens da nossa região formavam o leito em que assentavam as lages do pavimento.

Em face de todos estes vestigios nós julgamos licito concluir que alli existiram dous megalithos, e que foi d'elles que proveio, no todo ou em parte, o mobiliario que temos encontrado nos entulhos.

A situação da galeria do primeiro d'estes monumentos entre duas casas e o facto de a profanação ter sido feita quando já eram abundantes á superficie do solo os restos ceramicos dos moradores das mesmas casas, indicam que na construcção d'estas não fôra atacado aquelle monumento. A sua destruição só teria sido feita muito posteriormente, embora pelos proprios habitantes do povoado, que tornaram a entulhar a sua excavação, para manterem a communicação entre as casas, arrastando então nos entulhos os reb. talhos das suas habitações.

O segundo monumento, pelo contrario, fôra destruido por occasião de se construirem as casas, pois que a parede occidental da segunda casa, contando do O, está construida pelo sitio que devia occupar o outro renque de supportes da galeria, e a parede meridional cortou o megalitho pela extremidade sul do renque subsistente; ao que acresce a circumstancia de a base d'estas paredes estar em nivel inferior ao da base dos supportes.

Se relacionarmos estes factos com outros já observados nos dolmens do Praso e do Cabeço dos Moinhos, pertencentes á necropole da Serra do Cabo Mondego (2), e no do Seixo, concelho d'Oliveira do Hospital (3), e attendermos a que hoje está reconhecido que as estações, em que appareceu ceramica semelhante á introduzida n'estes dolmens pelas profanações, são anteriores á influencia romana, é forçoso admitir que semelhantes profanações, no valle do Mondego, começaram muito antes de os romanos dominarem n'esta região.

(1) Vej. as nossas *Memorias sobre a antiguidade*, pag. 103 e segg.

(2) Vej. *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira*, pag. 193 e 266.

(3) *Portugalia*, t. 1.º, pag. 15.

## Material para o estudo da idade do cobre em Portugal

por SANTOS ROCHA

Por varias vezes nos temos occupado d'essa interessante phase da prehistoria peninsular em que apparece o cobre como o primeiro metal empregado pelo homem nas suas armas e instrumentos de trabalho. Começámos por dar conhecimento dos nossos estudos sobre a necropole da Campina, nas visinhanças de Faro, e dos machados de cobre existentes no Museu da Figueira (1); e depois, em diferentes communicações feitas a esta Sociedade, apresentámos algumas notas sobre o mobiliario do mesmo metal existente no Museu de Badajoz (2), duas noticias minuciosas sobre os primeiros vestigios da idade do cobre nas cercanias da Figueira (3), e enfim o relatorio das nossas explorações nas necropoles algarvias da Baralha e do Serro de Bartholomeu Dias, no concelho de Portimão (4).

E' facil comprehender que as pesquisas, na nossa região, sobre tal assumpto, tinham para nós particular interesse. Os dados palethnologicos que n'ella tinhamos colhido, á custa de muitos annos de sacrificios, accusavam uma enorme lacuna, qual a que deixava no escuro as civilisações que se succederam á idade da pedra até á epocha do dominio romano. As pontas de setta ou dardo de cobre do Crasto e da Cumieira foram os primeiros raios de luz que nos vieram d'essas remotas eras: emquanto da extractigraphia de Santa Olaya nos surgiram estações da idade do ferro anteriores ao dominio dos romanos no valle do Mondego. O proprio Crasto, onde viramos erradamente ao principio influencia romana, nos appareceu como uma estação similar á de Santa Olaya. Assim a lacuna diminuiu consideravelmente; mas os indicios da idade do cobre eram ainda poucos e isolados, e da idade do bronze e primeira idade do ferro nada colhemos até ao presente.

E' agora do sul do Mondego que nos vem uma nova prova de que as populações neolithicas visinhas do antigo estuario do rio viram raiar a aurora do metal. Communicou-nos o delegado da Sociedade no Paião, sr. Joaquim José dos Santos, que no outeiro do Forno da Cal, junto á Vinha da Rainha, concelho de Soure, onde nós já haviamos recolhido restos neolithicos, de que demos noticia (5), o sr. Julio Carlos Gonçalves, proprietario do terreno, encontrara uma

(1) Vej. as nossas *Memorias sobre a antiguidade*, pag. 111-140.

(2) *Portugalia*, t. 1.º, pag. 342.

(3) *Portugalia*, t. 1.º, pag. 132 e 341.

(4) Vej. o n.º 2 d'este Boletim, pag. 56 segg.

(5) Vej. as nossas *Memorias sobre a antiguidade*, pag. 91 e segg.

ponta de setta metálica, associada a ossos humanos, em uma excavação que mandara fazer. O nosso delegado enviou-nos este objecto, que, pelo aspecto, nos pareceu logo ser de cobre.

O facto causou-nos grande sobresalto; e, logo que pudémos, fomos ao sitio recommençar as nossas anteriores explorações. Alli soubemos que a arma fôra com effeito recolhida n'uma sepultura, situada quasi na base do outeiro, do lado meridional, junto á excavação da pedreira, e em nivel um pouco inferior áquelle que em tempo nos haviam indicado como sendo o das grutas funerarias destruidas. Indagámos da estructura, fórma e disposição de tal sepultura; mas nada soubémos senão que os ossos humanos e a setta estavam na terra. A descoberta fôra feita por trabalhadores do sr. Gonçalves, sem que este estivesse presente; e um d'elles levara alguns ossos, incluindo parte da cabeça, para mostrar como curiosidade, deixando os fragmentos dos outros nos entulhos da excavação.

Tentei ainda saber do destino dos primeiros e explorar os entulhos, onde os segundos deviam existir; mas tudo foi inutil.

No cimo do córte da pedreira, a 1<sup>m</sup> aproximadamente da superficie superior do outeiro, é que nós vimos um cranio empastado no tufo, parecendo ter escapado das ferramentas dos exploradores da pedra. O nosso consocio sr. dr. Cymbron, que nos acompanhava, empregou todos os esforços para recolher esta importante peça; mas verificou que estava incompleta e fragmentada, e aproveitou os restos, que se acham no Museu.

Verificámos tambem pela excavação feita n'este sitio que o cranio já não estava associado a outros ossos, parecendo-nos que as restantes peças do esqueleto deviam ter sido destruidas pela lavra da pedreira. N'esta hypothese teriamos alli uma inhumação na terra nua, como era provavelmente a que continha a ponta de setta, na base do outeiro.

Nós damos aqui o desenho d'esta ponta (Fig. 4). A natureza do metal foi determinada pela analyse a que procedeu o nosso presente consocio sr. Sotero Simões d'Oliveira, como consta da seguinte nota que nos enviou. «Analysei chimicamente, pelo processo já indicado nos relatorios das minhas anteriores analyses feitas para o Museu d'esta cidade, uma ponta de setta metálica, proveniente da estação do Forno da Cal, na Vinha da Rainha, e que tem o n.º 7:910 do mesmo Museu; e o resultado foi encontrar sómente o cobre.»

A peça foi manifestamente forjada a golpes de martello, que lhe deram notavel dureza, ficando com os bordos da metade superior acuminados. A sua espessura maxima, que é junto ao espigão, não excede 0<sup>m</sup>003; e a secção d'este appendice apresenta a fórma quadrangular.

Como se vê pelo desenho, pertence ao typo mais vulgar das que se têm descoberto nas estações portuguezas da idade do cobre (1).



Fig. 4

(1) *Antiquidades monumentaes do Algarve*, por Estacio da Veiga, t. 3.º, est. a pag. 124, fig.ªª 6 a 8, 12, 13 e 23, e t. 4.º, est. iv, fig. 5, est. x, fig. 1, est. xi, fig.ªª 5 A e 6 A.

## Os pequenos moinhos circulares de pedra nas estações pre-romanas do valle do Mondego

por SANTOS ROCHA

---

São muito vulgares nas antigas estações de Portugal as mós circulares de pedra, tendo geralmente o diametro de 0<sup>m</sup>,3c a 0<sup>m</sup>,50, umas com a superficie superior ligeiramente conica e gasta pelo attrito, apresentando ao centro um pequeno orificio circular pouco profundo, e com a face inferior quasi em bruto, e outras com uma das faces concava e tambem gasta pelo attrito, a face opposta mais ou menos lavrada, e inteiramente atravessadas ao centro por um largo orificio, tendo aberto lateralmente um outro pequeno orificio, pouco profundo, perpendicular ao primeiro.

Estas mós formavam moinhos portateis, como os que ainda hoje se usam em certas regiões do paiz. As mós da primeira especie eram *dormentes*; e o seu orificio central servia para fixar o eixo. As da segunda especie eram *volantes*, girando, por meio de peças supplementares de madeira, sobre o eixo das primeiras; e moviam-se com o auxilio d'uma manivela fixada no orificio lateral.

Na archeologia portugueza estes objectos são denominados *molae manuariae*, reputando-se d'origem romana: e nós, para nos conformarmos com o uso, tambem assim os temos designado. Entretanto podem ser tão graves os erros resultantes de se considerarem indistinctamente como romanas essas mós, que é forçoso darmos conhecimento d'alguns dados importantes que sobre o assumpto temos colhido no decurso das nossas explorações.

Sem duvida um grande numero de mós d'este typo, que chegaram ao nosso conhecimento, são provenientes de estações que apresentam caracteres de romanisação. Mas concluir d'ahi que o uso de semelhantes maquinas foi introduzido pelos romanos no nosso territorio, seria ir mais longe do que os factos permitem.

E' certo que na Suecia, segundo o sabio O. Montelius, pertencem a uma baixa epocha, porque não vão além do seculo 10.<sup>o</sup> da nossa era; seculo que elle comprehende na quarta idade do ferro escandinava. isto é, na epocha dos *Wikings* (1); que na Inglaterra, segundo J. Evans, remontam apenas á epocha romana (2); mas não é menos verdade que eram já usadas na antiga Grecia, e ainda hoje o são nas ilhas do Mar Egeu. (3)

Em Portugal apparecem na estação minhôta de Sabroso, que passa, como é sabido, por não ter recebido a influencia romana; e por isso o sr. Cartailhac

---

(1) *Les temps préhistoriques en Suède*, trad. de Reinach, pag. 102 e 141.

(2) *Les âges de la pierre*, trad. de Barbier, pag. 241.

(3) *La vie antique*, de Guhl e Koner, t. 1.<sup>o</sup>, pag. 266.

notou muito bem que podiam ser verdadeiramente archaicas, sobretudo tendo em vista que ellas são usadas por povos barbaros, como os kabilas da Algeria (1).

Os factos por nós observados confirmam plenamente a hypothese do illustre sabio francez. Temos descoberto duas estações pre-romanas no valle do Mondego, ambas pertencentes á idade do ferro, onde esses utensilios apparecem em pequeno numero associados á mó de typo primitivo, indicando que foi na epocha

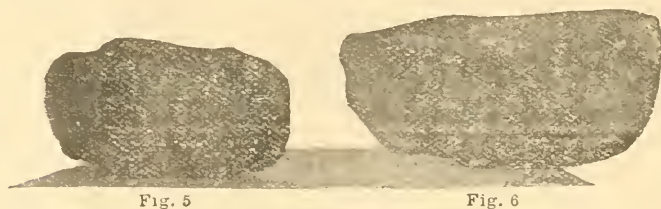


Fig. 5

Fig. 6

d essas estações que foram introduzidos na nossa região. No Crasto recolhemos dois fragmentos de mós volantes, com largo orificio ao centro, feitos de grés escuro muito brando. Em Santa Olaya encontrá-

mos, nas ruinas dos dois povoados inferiores, duas mós dormentes e metade d'uma volante, feitas de grés grosseiro, mas bastante duro.

Das estampas da obra que temos em preparação sobre estas estações extrahimos as figuras d'esses objectos.

O diametro das mós do Crasto, uma das quaes tem orificio lateral para a manivella (fig.<sup>s</sup> 5 e 6), mede 0<sup>m</sup>,35 e 0<sup>m</sup>,32, e a sua espessura é de 0<sup>m</sup>,13 e 0<sup>m</sup>,15. O diametro das mós dormentes de Santa Olaya (fig.<sup>as</sup> 7 e 8) mede 0<sup>m</sup>,28 e 0<sup>m</sup>,38, e a espessura 0<sup>m</sup>,08 e 0<sup>m</sup>,10. A mó volante da mesma estação (fig. 9) apresenta o diametro de 0<sup>m</sup>,35 e a espessura de 0<sup>m</sup>,13. Ellas differencam-se bem das mós usadas na epocha romana pela sua grosseria.

Em França a existencia d'estes pequenos moinhos antes da conquista romana parece hoje fóra de toda a duvida. Uma interessante memoria dos srs. J. Pages-Allary, J. Dechelette e Ant. Lauby, sobre um *tumulus* de Celles, pertencente á epocha da Tène I ou marneana, descreve minuciosamente uma d'essas maquinas alli encontrada. Ella differe das nossas em que as faces de trituração são horizontaes, a mó volante tem na face superior uma cavidade em fórmula de taça, no fundo da qual se abre o orificio central, e, além do orificio lateral para a manivella, apresenta outro que atravessa toda a peça até áquella cavidade superior; e a mó dormente é completamente atravessada pelo orificio central, onde devia fixar-se o eixo. Os auctores da memoria suppõem, e com razão, que n'este ultimo orificio era embutido um cylindro de madeira que penetrava no orificio, mais largo, do centro da mó volante, e que no topo d'este cylindro se fixava o eixo de ferro; ao passo que no orificio lateral que atravessa completamente a mó volante se embutia outra peça de madeira, contendo uma haste de ferro com anel na extremidade, que ficava ao meio do orificio central e recebia o eixo.

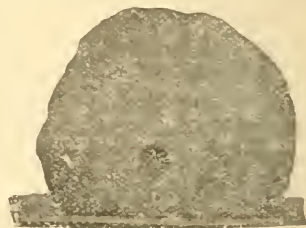


Fig. 7

Esta memoria cita ainda outros achados semelhantes em França, e lembra a estação da Tène, onde Victor Gross menciona mós concavas, furadas ao centro, com o diametro de 0<sup>m</sup>,38 e altura de 0<sup>m</sup>,16 (2).

Sendo os moinhos d'este typo introduzidos no valle do Mondego na epocha das estações a que alludimos, e sendo n'estas vulgares a fibula marneana e

(1) *Les âges prehist. de l'Espagne et du Portugal*, pag. 276-277.

(2) *L'Anthropologie*, t. 14, n.ºs 4-5, pag. 402 e segg.



os vestígios da industria carthagineza, podemos tambem fixar o seu apparecimento na nossa região em um periodo correspondente ao da Tène I, que coincide com o da influencia punica na peninsula.

Usaram tambem os romanos o moinho d'aquelle typo; e, sendo movido á mão, poderiam denominal o *mola manuaría*. Entretanto esta denominação não nos parece provada. Rich não o menciona sob tal nome. O que elle descreve como *mola manuaría* é a maquina, de que nós vimos exemplares em Pompeia, composta de mó dormente em fórma de campanula e de mó volante em fórma de ampulheta. O mesmo archeologo pensa que a *mola versatilis*, de que falla Plinio, tanto podia designar este moinho como a mó de afiar<sup>(1)</sup>. O mais notavel é que esse auctor até parece desconhecer no mobiliario romano aquillo que os archeologos portuguezes chamam *mola manuaría*; e todavia o moinho de que tratamos apparece em Italia, nas proprias ruinas de Pompeia<sup>(2)</sup>.

Schliemann não hesitou em applicar o nome de *mola versatilis* ao que Rich chama *mola manuaría*<sup>(3)</sup>. Funda-se no texto de Plinio — «*Item molas versatiles Volsinuis inventas*»<sup>(4)</sup>; e, se é certo que este texto nada diz sobre a fórma e fim de taes mós, de modo a conhecer-se se seriam as de amolar ou os moinhos, não é menos verdade que Plinio, em outros logares, parece indicar que a *mola versatilis* não era a mó d'afiar. Assim no capitulo 3o<sup>(5)</sup>, continuando a tratar d'aquella, diz que a pedra de que era feita se deixava polir pela pedra de afiar; e no capitulo 47<sup>(6)</sup> trata especialmente d'esta ultima, como sendo cousa diversa.

N'estas circumstancias, a dar-se um nome latino ao pequeno moinho portatil usado na peninsula, durante o dominio romano, seria talvez mais razoavel applicar-lhe o de *mola versatilis*.



Fig. 9

Fig. 8

(1) *Diction. des antiquités*, verbo *mola*.

(2) *Pompeia*, por E. Breton, 3.<sup>a</sup> ed. pag. 406-407.

(3) *Ilios*, pag. 294, trad. de M.<sup>me</sup> E. Egger.

(4) *Hist. Nat.* l. 36, c. 29 (t. 2.<sup>o</sup>, pag. 521 da trad. de Littré).

(5) *Hist. cit.*, t. 2.<sup>o</sup>, pag. 521-522.

(6) *Ibid.* t. 2.<sup>o</sup>, pag. 526.

## Restos da Figueira antiga

POR FERREIRA LOUREIRO

Na Figueira da Foz só conhecemos uma habitação senhorial — o chamado Paço.

Este palacio foi mandado construir por D. João de Mello, filho de D. Jorge de Mello, veador da Rainha D. Luiza de Gusmão e de D. Magdalena de Tavora.

Foi bispo d'Elvas, de Vizeu e Coimbra; e falleceu em 28 de junho de 1704, deixando o Paço a seu sobrinho D. Antonio José de Mello, cujos descendentes foram Condes da Figueira. (1)

E' um edificio de estylo dorico, vasto e severo, como são quasi todos os do seculo XVII.

O seu aspecto geral é imponente, e o torreão que o ladeia, elevando-se a grande altura, produz um bello effeito.

Consta que o outro torreão que devia existir do lado do sul, fazendo *pendant* com o que está feito, fôra apeado, segundo alguns, por ameaçar ruina; mas dizem outros que elle nunca se chegara a concluir: e é para esta segunda versão que nos inclinamos, pois que as paredes d'este edificio teem uma tal espessura e solidez que nos parecem capazes de resistir ainda durante seculos.

Os compartimentos do *rez-do-chão* são muito vastos e todos cobertos por altas abobadas perfeitamente construidas.

O andar nobre compõe se d'uma serie de salões communicando entre si, conforme o uso d'aquella epocha. Estes salões eram quasi todos abobadados, mas posteriormente foram apeadas algumas abobadas pelo seu mau estado de conservação

Algumas salas ainda têm hoje as paredes forradas com bellos azulejos de Delft. O maior numero representa marinhas de côr azul cobalto, pintadas á mão: outros, em menor quantidade, representam cavalleiros, uns em socego e outros batallhando, e são de pintura côr de castanho; outros, em muito menor numero, pois que guarneciam apenas uma pequena capella, são compostos com scenas biblicas.

Possuimos na nossa pequena colleccão um azulejo, da mesma proveniencia, com ornato geometrico, mas é o unico exemplar que conhecemos com tal desenho.

---

(1) *Materiaes para a historia da Figueira.*

Na sua primitiva, este palacio, ladeado por grandes torreões, e surgindo isolado, com seu enorme vulto, d'entre immensas penedias rodeadas d'agua, tendo por horisonte a vista do mar, devia produzir uma sensação de grandeza.

De architectura militar possuímos um exemplar no Forte de Santa Catharina, essa vetusta reliquia bem conhecida de todos nós.

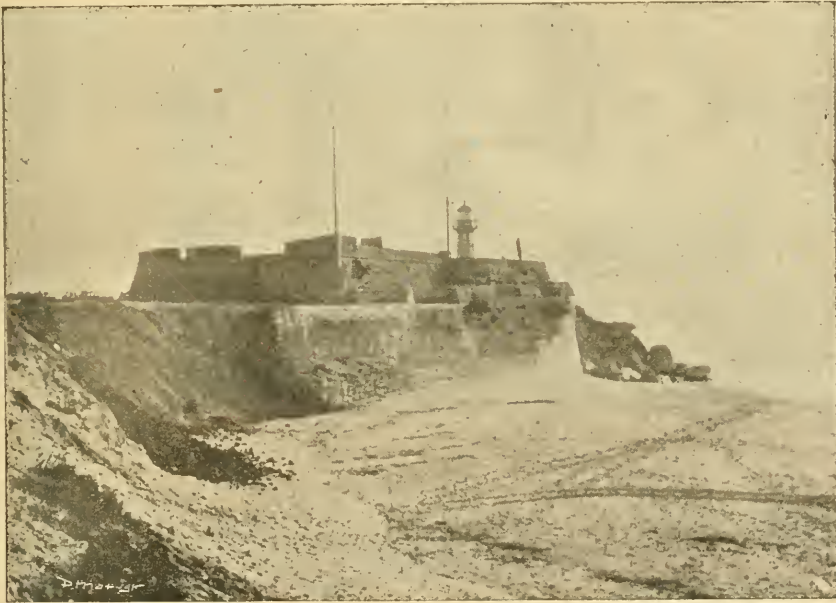


Fig. 10

serve: hoje o seu fim é outro. E' o complemento do admiravel panorama que se desenrola a nossos olhos quando o contemplamos.

Como ornamento é sempre bello, quer em dia de mar bonançoso, quer em occasião de grande temporal, em que as ondas impetuosas, arrojando-se sobre elle, ameaçam destruil-o.

E nem sempre tem sahido incolume d'essa lucta gigantesca. Felizmente que os poderes publicos lhe têm accudido com as restaurações indispensaveis (Fig. 10).

A chamada casa d'alpendre com escada exterior, tão caracteristica e tão usada por todo o paiz, tambem aqui chegou: Hoje, porém, apenas existe uma, cuja reproducção apresentamos na figura 11 (1). Outras que ainda conhecemos, foram substituidas, ha annos, por novas edificações.

Na rua de Santo Antonio ha uns portaes de casa de habitação que se tornam notaveis pelo modo perfeito com que foram esculpidos e pela sua orna-

Parece ter sido construido no seculo XVI; e fazia parte das fortificações de Buarcos e Redondos.

Por alvará de janeiro de 1643 foi mandado continuar por el-rei D. João IV.

Para a tactica de nada já

(1) Esta casa foi apeada já depois de escripto este artigo.

mentação em denticulos. Esta construcção deve pertencer ao 2.º quartel do se-

culo XVIII, pois que foi nos principios d'esse seculo que alli se aforaram, pela primeira vez, terrenos para edificação de predios. (Fig. 12).



Fig. 11

Foi na rua do Cotovello que encontrámos o portal de janella que igualmente reproduzimos em desenho, e que nos parece o mais antigo de todos. A sua construcção deve provir do seculo XVII (Fig. 14).

Ao cimo da rua Nova, em um largo bastante espaçoso, acha-se situada a Capella da Misericordia da Figueira. Fazia parte do Convento de Santo Antonio, cuja pobreza era proverbial; e assim se explicam as suas pequenas dimensões e falta de ornamentação.

Que n'aquelle local existiu outr'ora um monumento anterior ao que actualmente conhecemos, é facto plenamente averiguado pelo nosso consocio dr. Antonio Rocha, na sua obra «Materiaes para a historia da Figueira».

E' certo que o arco cruzeiro, que divide a nave central da capella-mór, não só tem um typo mais antigo do que a restante construcção, mas ainda em um dos capiteis do dito arco encontramos a data de 1536, emquanto que na fachada principal da capella, cujo desenho aqui representamos, está gravada a data da sua construcção—1725 (Fig. 15).

Basta observar com cuidado a capella do Senhor da Vida para reconhecer que as columnas e friso são da renascença, isto é, de uma

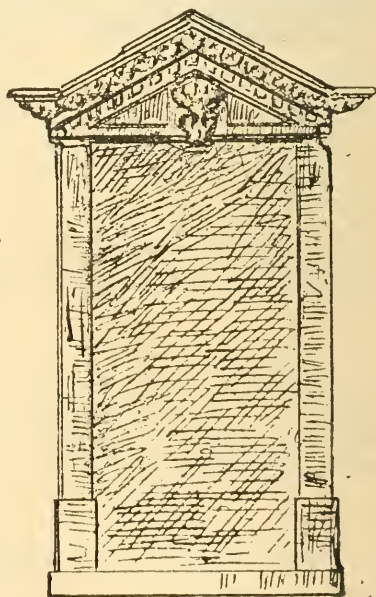


Fig. 12

ordem de architectura muito mais antiga do que a actual.

E nem isso é para admirar: antigamente os architectos commettiam anachronismos, sem mesmo terem consciencia do que faziam, empregando esculpturas antigas em construcções modernas, sem attenderem ao estylo ou ordem d'architectura.

Ainda faziam peor: muitas vezes tomavam esculpturas, aliás bem modeladas, e mettiam as na argamassa a fazerem parede. Aqui mesmo se deu esse caso: o nosso amigo dr. Rocha, de quem ha pouco fallámos, possui alguns fragmentos de entablamento e uma cabeça d'anjo esculpida em pedra que foram encontrados na demolição das paredes do Convento de Santo Antonio.

E' assim que o nosso Museu possui esculpturas que appareceram dentro das paredes da igreja das Alhadas, e outras n'uma igreja de Buarcos, que estavam assentes no chão, com a frente para baixo, e as costas servindo de pavimento

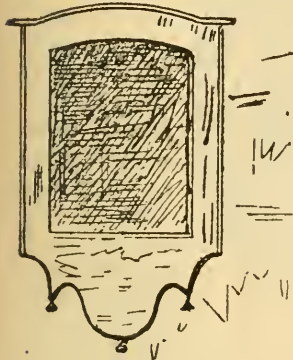


Fig. 14

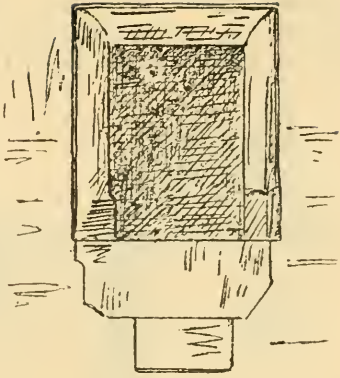


Fig. 13

E o que mais é para admirar (com vergonha o dizemos) é que ainda hoje, nos nossos dias, se commettem eguaes barbarismos.

Haverá dois ou tres annos, sabendo nós que em Montemór-o-Velho tinham demolido uma capella chamada da Senhora do Desterro, para n'esse logar fazerem nova construcção, fomos alli expressamente com o fim de ver se poderiamos obter, para o nosso Museu, uma inscripção gravada em pedra que existia na antiga capella, e que, segundo nos affirmaram, datava da fundação da Monarchia.

Depois de longas pesquisas, depois de consultado o mestre da obra, e depois de inquirido o mestre pedreiro, viémos no conhecimento de que a dita inscripção tinha sido mettida na parede para fazer alvenaria...

E houve um sacerdote que assistiu impassivel, de braços cruzados, a este vandalismo!



Fig. 15

Na primitiva as ruas da Figueira eram quasi todas estreitas, tortuosas, de pavimento irregular; as casas abarracadas, e, em grande parte, de madeira. Só mais tarde é que se generalisaram as construcções de alvenaria e appareceram

algumas casas com dois sobrados, segundo resam documentos d'essa epocha. Ainda hoje se encontra uma rua no Bairro Novo que podemos tomar para typo das antigas: é a rua de S. Lourenço, que reproduzimos na figura 16.

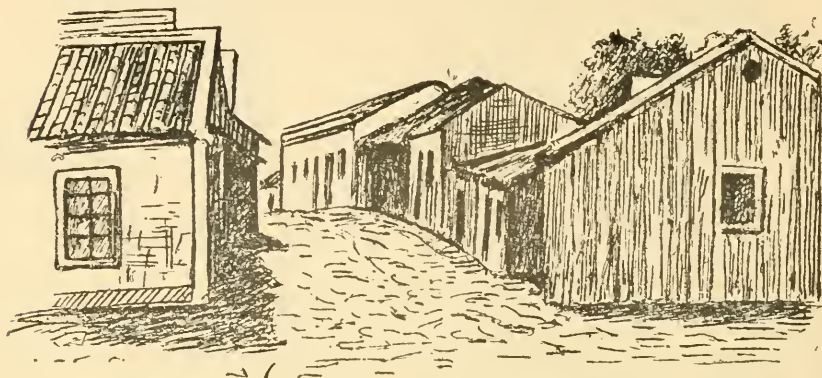


Fig. 16

Pelo que respeita a casas de habitação de gente pobre, eram ellas, nos seculos XVII e XVIII, muito simples. Quasi todas tinham o mesmo typo de construcção: — uma saleta com uma ou duas alcovas

ao fundo; ao lado o corredor de entrada que terminava na cosinha; e atrás d'esta o quintal.

Não havia sala de jantar. Comiam na cosinha, como ainda hoje é uso em muitas casas. (Fig. 17).

O mobiliario era tambem da maxima simplicidade. Os moveis eram de pinho; a louça de barro ordinario, e algumas alfaias de estanho.

As pessoas mais abastadas possuíam predios maiores e com maior numero de aposentos.

Entre a mobilia apparece o tamborete encourado, a meza de castanho, papeleira de madeira do Brazil, leito de pau santo, etc

A louça era hollandeza e ingleza; a bateria de cosinha em cobre.

E' notavel que em todas as casas de que tem apparecido inventario, encontra-se sempre, como sendo de uso geral, o taboleiro, a gamella, a dobadura e a bacia de sangrar <sup>(1)</sup>.

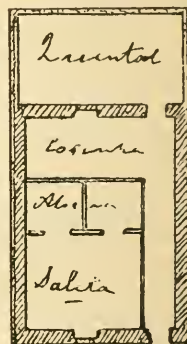


Fig. 17

(1) *Materiaes para a historia da Figueira.*

## As carpideiras nos funeraes beirões

POR A. CARLOS BORGES

---

Em alguns povoados do concelho de Celorico da Beira, cuja vida e costumes nos são mais familiares, mercê d'um largo contacto e de circunstanciada observação, logo que fallece qualquer individuo é o seu cadaver exposto n'uma camara mortuaria, illuminada dia e noite por velhos candieiros de metal, que as donas das casas abastadas enviam de proposito para esse fim.

Considerada como um dever piedoso, a remessa d'estes candieiros está en-volta em superstições, das quaes a que mais destaca, consiste em que são pre-parados adrede com azeite e torcidas novas, e cuidadosamente esvasiados e lim-pos logo que restituídos, para que o mesmo combustivel não sirva a pessoa viva.

De redor do catafalco senta se o mulherio em trajes de nôjo, soltando la-mentosos clamores, attenuados a espaços, porém logo recrudescidos ao avisi-nhar-se qualquer parente ou amigo intimo do defunto.

No torvo aposento em que os candieiros de azeite derramam uma luz in-decisa e sinistra paira um ruido estranho, mixto d'orações, suspiros e soluços que as mulheres soltam ao passo que, com a fimbria da saia, vão limpando os olhos betados de sangue pelo forçado pranto, sempre embiocadas nos chales negros ou nos fartos lenços de merino ou chita preta.

A espaços, alguém da assistencia enuncia, em voz intelligivel, rapidos com-mentarios sobre as qualidades do morto, quer enaltecendo as suas virtudes, quer lastimando a situação em que deixa a familia.

Se a caridade foi o lado relevante do seu caracter murmuram:—Faz muita falta á pobreza! . . .

Se a familia fica em circumstancias afflictivas exclamam:—Coitadinha da mulher!!—O que ha de ser d'aquelle rebanho de meninos!!

Por vezes chegam a entabollar-se pequenos colloquios sobre o mesmo thema, bruscamente sopitados pela auctoritaria reprimenda d'alguma velha man-tenedora dos bons costumes.

Quando os clamores são mais ruidosos, os gritos mais profundamente do-loridos e as lagrimas mais frequentes e copiosas é na occasião do sahimento do cadaver para a igreja ou para o cemiterio.

A gritaria attinge tal diapasão que, sahindo o cadaver d'uma casa do ex-tremo do logar, é ouvida distinctamente no extremo opposto.

A maior parte das mulheres encorpora-se no cortejo funerario, e durante o trajecto chora e resa mais recolhidamente, á medida que se alongam no cami-nho; porém, á beira da sepultura, quando o padre recita a derradeira oração e a terra se esborôa como que impaciente de tragar a sua nova preza, as lamen-

tações, os ais e os gritos sobem de ponto, e não raro succede verem-se mulheres desgrenhadas, de mãos na cabeça, torcendo se em convulsões de dôr.

As mulheres que mais choram e mais ardôr põem nos seus gritos de desolação, não pertencem, em regra, á familia do defunto, nem sequer figuraram na sua intimidade.

Fazem isto habitualmente, por tradição, quasi por dever.

Quando não solvem uma divida contrahida para com as mulheres da familia do fallecido, fazem-lhes um adeantamento de ostensivas lagrimas e de publico sentimento, que aquellas pagarão por seu turno.

Como explicar este singular costume?

Representará acaso a manifestação publica e constante da solidariedade dos membros d'um pequeno aggregado social?

Será o preito d'estima e de saudade offertado á memoria do morto e á sua familia?

Confessando a nossa incompetencia para aquilatar dos motivos causas d'estes pequenos phenomenos da vida collectiva, cujas origens se perdem por vezes nos meandros dos sentimentos humanos e nas recuadas praticas de gerações veladas pelo decorrer de muitos seculos aos olhos perscrutadores dos estudiosos, affigura-se-nos que, como a côr preta, branca ou rôxa dos vestuarios, o nôjo, o recolhimento em casa durante certo numero de dias, taxado pelas conveniencias, este uso não é senão a forma tangivel d'um pretendido pezar da familia e dos amigos pela morte d'uma pessoa que lhes era mais ou menos cara.

E como forma externa d'uma dôr verdadeira ou falsa este costume deve filiar-se nas carpideiras—*praeficae*— da antiga Roma, que as recebeu talvez da Grecia, da Assyria ou do Egypto, o que não está averiguado, posto se saiba que existiam no 8.<sup>o</sup> e 7.<sup>o</sup> seculos antes de Christo, visto serem representadas nos vasos de estylo geometrico d'esta epocha (1).

---

(1) *Estrabão*, tomo 3.<sup>o</sup>, pag. 317; *Vasos do Louvre*, por H. Pothier, tomo 1.<sup>o</sup>, pag. 21 e 26; *Historia da Arte*, de Perrot e Chipiez, tomo 7.<sup>o</sup>, figura 42.<sup>a</sup> e pag. 173 e 215, e *Rich*, dictionario, verbo—*praeficae*.



## Fiação popular no concelho da Figueira

POR PEDRO FERNANDES THOMÁS

---

Perde-se na mais remota antiguidade a arte de fiar e tecer as materias chamadas textis. A prioridade da applicação de certas plantas para este effeito, parece caber ao linho, cultivado pelo homem desde os tempos pre-historicos, pois apparecem já fragmentos de cordas, de redes, de tecidos mesmo, em alguns monumentos d'aquellas afastadas epochas.

Nos tempos propriamente historicos ha noticia da cultura do linho desde os primeiros alvores da civilisação, nos mais antigos paizes, no velho Egypto, na Assyria, na Chaldêa...

Os egypcios não tiraram grande partido do linho como planta textil; mas os assyrios e os chaldeus empregaram-n'o no seu vestuario, de preferencia a outros tecidos. A arte de o fiar e de o tecer adquiriu entre os gregos e os romanos uma perfeição nunca excedida pelos outros povos da antiguidade.

Além da applicação ao vestuario e usos domesticos, era tambem o linho empregado á confecção das vellas dos navios, e com elle eram tambem feitos os cabos e outras cordas, visto ser ainda desconhecida a applicação do canhamo como planta textil.

A lã d'um certo numero de animaes era tambem fiada e tecida desde tempos muito remotos.

As operações que precedem a fiação e tecelagem do linho, e o tornam proprio para este fim, são ainda hoje as mesmas adoptadas nos nossos campos, como o eram nos tempos heroicos nas margens do Euphrates ou nas campinas de Roma.

Consistem ellas, resumidamente, no seguinte.

Apanhado o linho, é necessario mergulhal-o em agua para o curtir; operação que tem por fim destruir o tecido cellular que une as suas fibras, isolando-as assim e libertando-as da gomma de que se acham impregnadas.

Depois é sêcco, tira-se-lhe a semente, e em seguida é batido com um masso de madeira, e espadelado, com um instrumento tambem de madeira — a espadela. Preparado assim, e tendo-lhe sido tiradas as fibras mais grossas, é assedado em sedeiros compostos de muitos bicos de ferro; operação que separa os fios mais grossos da planta, a *estopa*, dos outros que, divididos em meadas, constituem o que propriamente se chama o *linho*.

E' antiquissima a arte de fiar por meio da roca e do fuso, sendo impossivel determinar d'onde partiu a invenção d'estes modestos instrumentos da industria humana, tantas são as nações que reivindicam para si essa honra.

E' certo, porém, que o fuso apparece entre todos os povos do mundo. Co-

nhecerao n'os habitantes das margens do Nilo, do Tigre, do Euphrates; appareceu no extremo Oriente, na China e no Japão, quando os nossos antepassados no seculo XVI tornaram estes paizes conhecidos; encontraram-n'os na America os soldados de Pizarro e de Cortez . .

A fiação e a tecelagem do linho tornou-se na antiguidade occupação universal, entregando-se a ellas pessoas da mais alta cathogoria. E' por todos sabida a historia de Hercules, fiando aos pés de Omphale: de Penelope, rainha de Ithaca, fazendo e desfazendo a sua teia lendaria. . .

Tres são os meios ainda hoje empregues pelo povo para a fiação do linho — a roca e o fuso — a roda de fiar — a roda dos cordeiros.

E' quasi certo que a roca e o fuso, o meio mais simples e facil de fiar, foi primeiro applicado do que a roda.

Os historiadores e poetas dos tempos mais remotos a elle se referem, e as pinturas e baixos relevos antigos reproduzem nos frequentemente, pondo os até nas mãos de rainhas e princezas.

No concelho da Figueira a roca geralmente usada para fiar, não só o linho e a estopa, mas a lã, é toda de canna, e o fuso de madeira escura, tendo a ferreta de metal amarello ou de ferro. (Fig. 18 a 20).

Algumas rocas se encontram, porém, com a haste de madeira, sendo de canna só a parte em que é envolvida a materia que se pertende fiar, e tendo no interior duas rodellas de cortiça para produzir o alargamento em que é envolvida a estriça (Fig. 21).

Esta especie de rocas encontra-se principalmente nas povoações situadas ao norte do concelho, chamadas vulgarmente *as gandaras*.

A maneira de fiar por meio da roca é bem conhecida.

Envolvida a estriça na parte da roca destinada a recebela, e atada com uma fita ou correia para a manter fixa, a fiandeira põe a roca á cinta e começa a operação de fiar, puxando com a mão esquerda um certo numero de feveras de linho, que vai prendendo ao fuso, seguro com a mão direita, e que ella faz girar rapidamente entre o pollegar e o index, repetindo ininterrompidamente a operação a fim de formar um fio continuo e de igual grossura, no que consiste principalmente a habilidade technica da fiandeira.

A *roda de fiar* pôde ser movida com a mão ou com o pé, consistindo o apparelho n'uma roda fixa n'uma especie de banco, ou meza, e onde é envol-

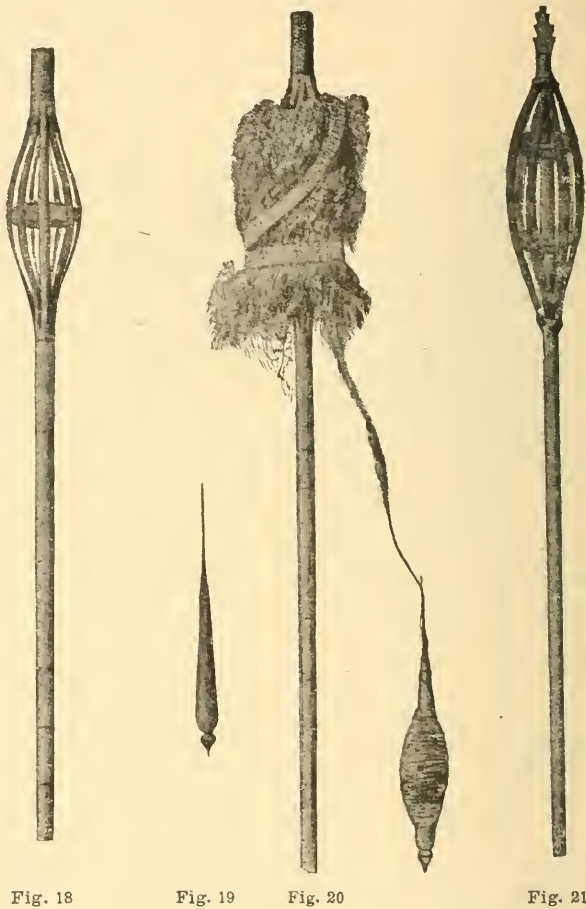


Fig. 18

Fig. 19

Fig. 20

Fig. 21

vida a estriça, e n'um fuso collocado verticalmente a certa distancia, onde vai enrolar-se o fio, que a fiandeira vai despreendendo da roda a que imprime movimento ou com o pé ou com a mão.

Esta maneira de fiar é muito vulgar no norte da Europa, mas hoje pouco usado entre nós.

Fiado o linho em novellos especiaes, as *maçarocas*, são estas reunidas em *meadas*, por meio de um aparelho—o *sarilho*, composto de duas hastes em cruz, collocadas em dois prumos de madeira com um eixo movel, a que se imprime um movimento de rotação para formar a *meada* com o fio contido na maçaroca.

Feitas as meadas, são estas submettidas a uma barréla, feita de agua a ferver com cinzas, depois passadas por agua fria, e finalmente postas ao sol a *córar*, o que as torna brancas. Enxutas e branqueadas são dobadas na *dobadoira*, sendo esta a ultima operação da fiação do linho.

O fabrico dos cordeis, cordas de rêdes, cabos de navios, etc. exige appa-relhos mais complicados.

Os que são usados na industria popular estão ordinariamente dispostos ao ar livre, pois demandam uma grande extensão de terreno para se poderem fiar as cordas.

Consistem elles n'uma grande roda onde giram cordeis grossos, sem fim, que põem em movimento quatro fusos (murêtas) collocados ao lado da roda n'uma prancha horisontal (crusêta) fixa no sólo por uma estaca a prumo.

Dois dos fusos giram para a direita, e dois para a esquerda.

O cordoeiro traz uma porção de linho ou da materia textil que quer em-pegar, em volta da cintura, e d'ali vae tirando as feveras que prende aos fusos, e vae acrescentando á proporção que vão sendo fiados, e aos quaes dá o comprimento que deseja.

Reune depois os fios dois a dois, que torce pelo mesmo processo, obtendo assim o cordel da grossura que quer.

De espaço a espaço ha uma prancha horisontal (alça), fixa tambem ao solo por uma estaca a prumo, onde descansam os cordeis no acto da fiação, impedindo-os de tocar no chão, e conservando-os a altura egual.

Para a fiação das cordas emprega-se um outro aparelho, consistindo em quatro manivellas de ferro com um gancho na ponta (*ferros de coxar*), onde é presa a materia textil e que giram n'uma *crusêta*, semelhante á que é empregada para fiar os cordeis.

Os fios vão prender todos a uma outra manivella egualmente de ferro e que gira n'um aparelho, o *carro*, que consiste n'uma crusêta, assente n'uma especie de estrado com rodas, e que se vae deslocando á proporção que vão estendendo os fios.

Um cubo de madeira, o *cipóte*, com tres ou quatro ranhuras (*vincas*) completa o aparelho, e serve para ajudar a torcer as cordas, que passam pelas *vincas*, e que o cordoeiro vae apertando. As manivellas (*ferros de coxar*) da crusêta e as do *carro*, giram, como é natural, em sentido contrario.

Eis resumidamente exposto o que resta ainda da fiação popular no nosso concelho.

A cultura do linho não é aqui importante, soccorrendo-se a industria ca-seira da fiação em grande parte ao linho importado do estrangeiro.

Em tempos constituiu esta importação uma importante fonte de receita para o commercio local, vindo todos os annos grande quantidade de linho do norte da Europa, pela via maritima, e sendo d'aqui expedida a maior parte para o interior do paiz.

A industria da cordoaria, bastante desenvolvida então na Figueira, como

subsidiaria da construcção de navios, então florescente, pois estavam em plena actividade os estaleiros d'aqui, d'onde saíam com frequencia barcos não só de cabotagem mas de longo curso, contribuia para o consumo do linho estrangeiro.

A cordoaria constituiu effectivamente uma industria local bastante desenvolvida ainda ha poucos annos na cidade e arredores, existindo até uma rua no bairro do Valle, conhecida entre o povo pelo nome de — *Rua dos Cordoeiros* — e onde não ha muito ainda se viam restos dos apparatus de fição.

Hoje só se exerce esta industria, e em pequena escala, na proxima povoação de Buarcos.

A industria da tecelagem do linho está bastante decadente no concelho, sendo apenas importante na freguezia de Maiorca, principalmente no logar de Anta, onde ainda existe um certo numero de teares em exercicio, que produzem alguns artefactos dignos de attenção.

---



## EXPEDIENTE

---

O Boletim é gratuito para os socios ordinarios.

Preço d'assignatura — 200 reis cada numero.

Os pedidos devem dirigir-se a José Netto Rocha, Figueira.

# BOLETIM

DA

# SOCIEDADE ARCHEOLOGICA SANTOS ROCHA

(PROPRIEDADE E EDIÇÃO DA MESMA SOCIEDADE)

TOMO I — N.º 5

NONA SESSÃO PLENARIA

## SUMMARIO

- Relatorio da gerencia de 1903-1904.
- A caverna da Fornea.
- Novas explorações na gruta da Lapa do Suão.
- Cryptas megalithicas em Antequera (Hespanha).
- Material para o estudo da idade do cobre.
- Inscripciones del convento de Santo Domingo del Campo en Alconera (antigo ducado de Feria).
- O carro agricola no concelho da Figueira da Foz.
- As conchas funerarias nos cemiterios da Figueira.
- A colher de pau nos usos populares do concelho da Figueira.



FIGUEIRA  
IMPRESA LUSITANA DE AUGUSTO VEIGA

1907





BOLETIM

DA

SOCIEDADE ARCHEOLOGICA SANTOS ROCHA

(PROPRIEDADE E EDIÇÃO DA MESMA SOCIEDADE)

---

TOMO I—N.º 5

NONA SESSÃO PLENARIA



FIGUEIRA  
IMPRESA LUSITANA DE AUGUSTO VEIGA

1907



## Sessão plenaria de 9 d'Outubro de 1904

---

**Presidencia do socio — Dr. Christiano Mendes Callado**

---

**Secretario — Pedro Fernandes Thomás**

---

### Relatorio da gerencia de 1903-1904

*Senhores:*

Decorrido mais um anno de gerencia, vimos dar-vos conta do modo como desempenhámos o vosso honroso mandato. Este acto da direcção não representa sómente o cumprimento d'um dever: é tambem um trecho indispensavel da nossa historia, uma synthese de trabalhos e descobertas que interessam á sciencia em geral, e que só tarde poderiam chegar ao conhecimento do publico.

No relatorio do anno anterior tivémos o prazer de annunciar-vos os largos progressos que tinhamos feito no estudo da idade do ferro no valle inferior do Mondego. A estação de Santa Olaya havia-nos fornecido até então os envasamentos de dez casas, pertencentes a dois povoados sobrepostos, com um mobiliario abundante em ceramica e objectos metallicos, indicando a epocha punica. Além d'estes povoados o córte praticado no outeiro tinha feito descobrir, para o fundo, abundantes vestigios da idade da pedra, epocha neolithica, e, para a superficie, uma camada da epocha romana, atravessada aqui e alli por alicerces medievaes. Assim eram cinco as estações assignaladas na área da nossa excavação, sendo tres pre-historicas.

Hoje ha descobertos os alicerces de 24 casas, e estas formam *tres* povoados sobrepostos, todos da idade do ferro, epocha punica! Do povoado mais

fundo são nove casas; do povoado medio outras nove; e do povoado superior seis. Estas ultimas surgiram-nos quando a excavação avançou para O, pelo bordo septentrional do outeiro.

Nós temos já levantada a planta d'estas preciosas ruínas, planta onde se indicam as sobreposições; e vamos preparando lentamente a obra destinada á descripção de tudo o que alli temos encontrado. Por agora basta dizer d'um modo geral que em todos os tres povoados se observa o mesmo systema de construcção e se encontram os mesmos typos de mobiliario, salvas algumas excepções de pouca importancia. E' para nós fóra de duvida que taes estações só differem nas datas em que foram habitadas, pois que os seus habitantes gosavam do mesmo estado de civilisação. Só as guerras continuas, em que viviam os povos da Lusitania, explicam satisfactoriamente este interessantissimo facto.

Para que o nosso asserto possa ser verificado pelos entendidos na materia, nós conservamos separado o mobiliario de cada uma das casas do povoado superior, guardando no archivo do Museu toda a ceramica que não pôde ser restaurada e exposta nas salas d'este estabelecimento.

As fibulas e outros objectos metallicos, assim como certos vasos accusam uma civilisação do ferro, que lembra o periodo da Tène I ou o marneano dos francezes; e por outro lado muitas fórmãs e a decoraçáo das louças de typo exotico apresentam uma influencia oriental bem acentuada. E' fóra de duvida, como já em tempo fizémos notar, que temos alli representada uma civilisação europeia anterior á romana e ao mesmo tempo uma poderosa infiltração das industrias carthaginezas.

Outro facto nos parece bem averiguado pelos nossos trabalhos: é que foi no periodo d'aquellas estações que o lusitano do valle do Mondego modificou profundamente a sua industria ceramica, imitando na pasta e nas fórmãs os vasos exoticos, e começando a usar da roda.

A camada luso-romana assenta immediatamente sobre as ruínas do povoado superior; mas deve ter mediado um espaço de tempo entre o abandono d'esse povoado e a occupação do local pelos indigenas já romanizados. Fundando-nos no texto de Estrabão, poderíamos talvez admitir que a influencia das populações d'origem phenicia estabelecidas no sul da peninsula continuasse a fazer-se sentir no valle do Mondego até ao fim do 1.º seculo da nossa era, isto é, mais de tres seculos depois da expulsão dos carthaginezes e quasi dois seculos e meio depois da destruição da Carthago punica, e que o povoado superior subsistisse até então: mas ainda assim ficariamos longe da epocha assignalada pelas moedas romanas encontradas na referida camada, que todas pertencem ao 4.º seculo da nossa era.

Além dos trabalhos de Santa Olaya, que nos absorveram os mezes decorridos de novembro do anno findo a junho do anno corrente, a Sociedade fez novas sondagens no parapeito setentrional do Crasto, freguezia de Tavarede, descobrindo restos d'um muro de fortificação, feito de pedra secca, e por debaixo d'elle alguns fragmentos de louça pintada, como a de Santa Olaya; e nas terras que formam o mesmo parapeito muitos outros fragmentos de louças semelhantes ás já recolhidas nos fundos de cabanas do interior do recinto fortificado. Estes factos indicam que a fortificação fóra levantada pelos proprios homens que deixaram alli os restos das suas habitações, em plena idade do ferro.

Por outro lado colligimos dos arredores de Brenha mais um vestigio interessante da idade do cobre na nossa região, e explorámos a gruta da Lapa do Suão, na Columbeira, concelho de Obidos, e a caverna da Fornea, em Alcaria, concelho de Porto de Moz, como tudo vos será communicado em memorias espezias na presente sessão. A exploração da Lapa do Suão foi executada pelo

nosso consocio sr. Arthur Salles Henriques, e a da Fornea pelo presidente da vossa direcção em companhia do socio sr. dr. José Jardim.

Apesar do interesse d'estas descobertas o anno ficou tristemente assignalado pela morte do nosso consocio Pedro Belchior da Cruz. Este moço, peia sua intelligencia e dedicação ao trabalho, era uma das nossas melhores esperanças. Ajudante do conservador do Museu, cargo que o puzera em contacto diario com todos os materiaes archeologicos d'este estabelecimento, não só estava prestando alli grandes serviços, mas collaborava assiduamente nos trabalhos das nossas sessões. Elle deixa-nos um trabalho importante, intitulado — *As grutas de Palmella*, que ha de ser publicado no nosso Boletim. N'este escripto não só nos apresenta o texto do relatorio da exploração d'essas grutas, mas os desenhos de todas ellas e do mobiliario em pedra, barro e metal n'ellas encontrado, cujos originaes se acham na direcção dos serviços geologicos.

A sua perda em um tão pequeno meio como o nosso, onde não abundam os operarios da sciencia, é um verdadeiro desastre, sobretudo para os serviços do nosso Museu.

Por isso concluo por propor-vos que na acta da presente sessão se consigne um voto de sentimento pela morte do nosso prestimoso companheiro.

Figueira, 9 d'Outubro de 1904.

O Presidente da Direcção

Antonio dos Santos Rocha.

## COMMUNICAÇÕES

---

### A caverna da Fornea

POR SANTOS ROCHA

---

Na circumscripção parochial de Alcaria, concelho de Porto de Moz, ha um monte alcantilado, em parte orientado de norte a sul, que, pelo aspecto frágoso da sua cumiada, recebeu o nome de Castello de Alcaria.

Em 23 de julho ultimo, sob um sol ardente, escalavamos este colosso jurássico pelo lado do nascente, seguindo um velho atalho; e, depois de attingirmos a cumiada, caminhámos por esta, sobre a massa da rocha nua e caprichosamente recortada, em direcção ao sul. A algumas dezenas de metros os nossos guias fizeram-nos tomar por um atalho de cabreiros que segue a vertente occidental alguns metros abaixo da cumiada, e fomos pelo plano fortemente inclinado d'esta encosta, muitas vezes amparados pelos nossos companheiros, ladeando, n'uma extensão de 600 metros aproximadamente, o grande precipicio que se abria a nossos pés, fazer alto á entrada da caverna da Fornea.

Um buraco de fôrma ellipsoidal e muito baixo apenas permittia que entrássemos de rastos; mas desde a madrugada d'esse dia o nosso amavel guia sr. Cacella, professor de Alcaria, tinha mandado alargar uma fenda natural que existia ao lado d'aquella entrada, e nós pudémos por alli descer mais commodamente ao interior da caverna.

As duas pequenas galerias d'accessão desembocam em um recinto de fôrma elliptica, com o eixo maior orientado de E a O, medindo 10<sup>m</sup>, e com a largura de 8<sup>m</sup> aproximadamente, cuja cupula afunilada se eleva a mais de 10<sup>m</sup> de altura. Grossos fragmentos de rocha afloravam o pavimento, que em alguns sitios é formado de terra vegetal. No fundo, isto é, do lado do nascente, a abobada fôrma um arco abatido com mais de 4<sup>m</sup> de vão, dando accessão para outro recinto um pouco mais pequeno. O pavimento d'este segundo recinto fica 4 a 5<sup>m</sup> abaixo do nivel do precedente. É preciso descer cautelosamente, ladeando um poço que se abre do lado do sul. A terra allí é muito humida e escorregadia.

D'este recinto passa-se a um terceiro, cujo pavimento se vae elevando para E; e ahi uma grande saliencia da rocha avança do lado do norte, formando uma

especie de abrigo, espaçoso e sufficientemente elevado para nos mantermos de pé e mover-nos em todos os sentidos, emquanto do lado do sul e ao fundo se abre um estreito poço ou canal feito pelas aguas.

O pavimento é coberto em grande parte de terra vegetal; mas ao fundo um resalto da rocha se eleva rapidamente para E, penetrando n'uma galeria que dá accesso para outros recintos em nivel muito superior, cujos pavimentos, segundo nos informaram, são de rocha viva, coberta por ligeira camada estalagmitica.

As nossas pesquisas começaram na primeira sala. A` esquerda do buraco da entrada e ao longo d'uma parte da parede da caverna notámos uma pequena elevação de terra, contendo particulas de carvão vegetal. Misturada com cascalhos é pouco coherente parecia ter sido accumulada artificialmente junto d'umas cavidades naturaes da parede, que depois se verificou serem antigos canaes das aguas obstruidos.

N'este entulho jaziam dispersos e em desordem muitos fragmentos de ceramica, uma trabalhada á mão e de typo neolithico e outra trabalhada á roda e com feição romana, á mistura com alguns ossos humanos e muitos de animaes, um pequeno nucleo de quartzo hyalino e raros fragmentos de objectos d'osso. Os ossos humanos e ceramica continuaram a apparecer para o interior das referidas cavidades da rocha, e alguns haviam descido a mais de 1<sup>m</sup> de profundidade.

Um grande remeximento era manifesto; e manifesto nos pareceu tambem que elle fôra praticado com o fim de colher os depositos mortuarios. Não se explica d'outro modo o desaparecimento dos esqueletos humanos e do mobiliario funebre, cujos restos colligiamos com o maximo cuidado.

Este resultado causou-nos profundo desalento! Previamente que todo o espolio d'esta caverna e todos os dados ethnographicos que deviam resultar aas condições de jazida estavam perdidos para a sciencia.

De facto outras sondagens na mesma sala foram estereis: alguns raros fragmentos ceramicos, e nada mais!

Passámos á terceira sala. No poço ou canal do sul recolheram-se até á profundidade de 1<sup>m</sup>,40 alguns pedaços de louça neolithica e de ossos humanos dispersos. Um osso de bovideo, coberto de ligeira camada estalagmitica, estava cimentado sobre a rocha, parecendo ter sido arrastado pelas aguas.

No abrigo notámos o solo excavado ao longo da parede e o entulho agglomerado ao pé. Continha terra vegetal, abundancia de cascalhos e de particulas de carvão vegetal, e estava muito incoherente. Explorada uma parte d'esse entulho, recolhemos alguns ossos humanos e de animaes e pedaços de louça neolithica misturada com outros de telha romana, tudo em desordem. D'um pequeno nicho natural extrahimos um percutor de schisto e tres fragmentos d'um esqueleto humano, um pertencente ao cranio, outro ao maxillar inferior e o terceiro ao humero. A este individuo ainda não havia nascido o dente do siso.

Reunidos todos os ossos humanos e confrontados entre si pensámos que pertenciam a cinco individuos. São fragmentos do fémur, tibia, peroneu, costellas, vertebrae, clavículas, ossos das phalanges e uma só placa craniana. Todos elles não dariam a massa ossea do esqueleto d'uma creança de 15 annos; e nenhum apresenta vestigios de fogo.

Os ossos de animaes pertencem ao veado, boi, porco, carneiro ou cabra e coelho.

O mais interessante do mobiliario é a ceramica neolithica. Os fragmentos recolhidos pertencem a mais de doze vasos. A pasta, trabalhada á mão, é geralmente impura, tendo mistura d'areia, spatho calcareo ou quartzo branco moído; mas ha exemplares de barro purificado, com as superficies polidas e lustrosas, como muitos que temos encontrado em outras estações neolithicas.

Na massa interna apresenta quasi sempre a côr negra, e nas superficies a côr avermelhada resultante da acção do fogo. Ha comtudo restos d'um vaso que apresentam a côr vermelha em toda a sua espessura.

A espessura, aspereza e forte cosedura d'alguns fragmentos fazem lembrar as louças da gruta da Lapa do Suão (Obidos), da caverna do Serro do Algarve e dos dolmens de Alcalar (Mexilhoeira Grande).

Das fôrmas dos vasos pouco podemos ajuizar com segurança, porque toda a restauração foi impossivel. O fragmento da figura 1, contendo parte do bordo, indica uma fôrma cylindrica com fundo convexo. Este typo appareceu já no dolmen do Outeiro do Rato, proximo da Lapa do Lobo, concelho de Nellas <sup>(1)</sup>. Com a fôrma cylindrica e fundo de prato recolhemos tambem exemplares no dolmen do Cabeço dos Moinhos, pertencente á necropole neolithica da Serra do Cabo Mondego <sup>(2)</sup>.



Fig. 1

Na fig. 2 representamos outro fragmento, contendo parte da pansa e bordo. Este é recurvado para fóra, e tem ornamentação de incisões transversaes, feitas na pasta humida. Este typo não é novo no neolithico da peninsula. Appareceu na *Cueva Lobrega* (Hespanha) <sup>(3)</sup>; e o ornato do bordo tem similar na ceramica da estação da Varzea de Lirio <sup>(4)</sup>, archivada no Museu da Figueira, e da gruta do Carvalhal e da Casa da Moura, archivada no museu da Commissão Geologica.



Fig. 2

A fôrma e ornamentação d'aquelle fragmento reproduzem-se em centenas de exemplares da idade do ferro, que temos recolhido nas estações de Santa Olaya, Crasto e Chões.

Em França notámol-as em exemplares da sala II e no neolithico lacustre da Suissa, colligido na sala IV, vitrina 12, do museu de *Saint Germain*.

Sob o ponto de vista da ornamentação ha ainda outras peças interessantes. A fig. 3 representa um grosso fragmento de vaso (espessura de 0<sup>m</sup>,02) tendo umas faxas em relevo na face externa; e a fig. 4 um fragmento com a espessura de 0<sup>m</sup>,14, coberto de camada estalagmitica na face externa, onde uma faixa em relevo está guarnecida de largas impressões talvez feitas com os dedos, como em certos exemplares da gruta da Furninha. O sr. Cartailhac assignala esta ultima ornamentação em vasos da *Cueva Lobrega* e das palafittas do lago Frimon na Italia <sup>(5)</sup>, e Gongora y Martinez na *Cueva de los murcielagos* <sup>(6)</sup>. Da primeira ha tambem exemplares nas grutas de Alcobaca <sup>(7)</sup>.



Fig. 3



Fig. 4

Na epocha romana é o ornato de faxas em relevo com impressões digitaes muito commum no valle do Mondego em louças trabalhadas á roda; e até apparece em vasos dos tempos modernos.

Na Italia notámos ornato semelhante em louças das terramaras do *Castellaccio* e de *Castelfranco*, archivadas no Museu Civico de Bolonha, sala I, vitrina F; e na França em louças gallo-romanas

(1) *Portugalia*, tomo 1.º, pag. 812 e 813, e fig.<sup>a</sup> 7.

(2) *Antiquidades prehistoricas do concelho da Figueira*, pag. 114, e est. xx, fig.<sup>a</sup> 280.

(3) *Les ages prehist. de l'Espagne et du Portugal*, do sr. Cartailhac, pag. 60 e fig.<sup>a</sup> 70.

(4) *Antiquidades prehistoricas* citadas, est. xi, fig.<sup>a</sup> 155, e est. xii, fig.<sup>a</sup> 154.

(5) *Obra cit.* pag. 61.

(6) *Antequedades prehist. de Andalucia*, pag. 44, fig.<sup>a</sup> 44.

(7) *Portugalia*, t. 1.º, fasc. 4.º, est. xx, fig.<sup>a</sup> 169.



do oppido de Puy d'Issolud (Mursens, communã de Cras), expostas no Museu de *Saint Germain*, sala XIII, vitrina 17; e em um grande vaso da sala XV do mesmo Museu.

Nas fig.<sup>as</sup> 5 e 6 representamos tambem dois exemplares de ornamentação geometrica gravada na pasta molle. O typo fundamental d'este ornato não é novo na palethnologia portugueza.



Fig. 5



Fig. 6

Existe n'uma placa de ardozia do dolmen da Estria (1), de que temos a moldagem no museu da Figueira, e em louças das grutas de Alcobaça (2).

Quanto á ceramica romana misturada pelos remeximentos aos restos neolithicos, julgamos não errar attribuindo-a ao 3.<sup>o</sup> seculo da nossa era, como se infere d'um fragmento de prato que tem similares na ceramica algarvia d'essa epocha.

(1) Obra cit. do sr. Cartailhac, pag 94.

(2) *Portugalia*, log. cit., fig.<sup>as</sup> 166 e 167.

## Novas explorações na gruta da Lapa do Suão

---

*Apresentação d'um relatório do socio  
Arthur Salles Henriques por Santos Rocha.*

---

Na ultima sessão, dando-vos noticia das grutas da Columbeira, no concelho de Obidos, tive occasião de relatar-vos as pesquisas feitas pelo sr. dr. Vicente Rocha na Lapa do Suão, a mais importante d'essas grutas sob o ponto de vista archeologico. Como viram pela minha exposição, essas pesquisas foram muito ligeiras; e eu ceixei encarregado o nosso consocio sr. Arthur Salles Henriques de proseguir nos trabalhos, em nome da Sociedade, e de registar as observações indispensaveis sobre a estractigraphia archeologica e mais condições de jazida dos objectos que encontrasse n'aquella gruta.

No fim de janeiro ultimo era o nosso consocio dr. Cymbron Borges de Souza o portador d'uma remessa para o Museu, contendo o espolio recolhido na mesma gruta, acompanhado d'um relatório em que o sr. Salles Henriques nos dava noticia das suas explorações.

Esta noticia e o exame do espolio vieram confirmar as ideias que eu tinha emitido na minha communicação anterior; e ao mesmo tempo forneceram-nos novos e interessantes dados sobre as civilisações representadas n'essa curiosa estação.

Eis como se exprime o sympathico explorador:

«Foi tarde; mas consegui explorar convenientemente a gruta da Columbeira, vulgarmente conhecida pelo nome de—*Lapa de Suão*, de que V. Ex.<sup>a</sup> me tinha encarregado.

«No primeiro dia que alli fui, a 17 de novembro do anno que findou, comecei as minhas pesquisas fazendo uma excavação, que levei até encontrar o fundo da gruta (rocha) a 1<sup>m</sup>,50 de profundidade aproximadamente. Encontrei apenas, á medida que ia removendo a terra, fragmentos de ossos humanos e de animaes, e de vasos, tudo disperso e em desordem.

«Da segunda vez, no dia 27 do corrente, em companhia do nosso amigo e distincto medico dr. Cymbron continuei na remoção da terra, methodica e

cuidadosamente feita á mesma profundidade, encontrando, como da primeira vez, ossos e fragmentos de vasos igualmente dispersos.

«A terra foi removida sempre com o maximo cuidado, sobretudo quando me parecia descobrir mais alguns ossos juntos, e examinada com muita attenção.

«Tudo me pareceu demonstrar que aquella gruta tem sido explorada varias vezes; o que todas as pessoas com quem fallei, confirmam.

«O que julgo ter escapado á observação dos que me precederam foi, n'um recanto da gruta, á direita, uma brecha estalagmitica com ossos e bocados de vasos espalhados em toda a sua massa.

«Pelo aspecto supponho ter existido n'aquelle ponto uma sepultura, que foi aberta por qualquer pessoa rude, que, na ideia de encontrar dinheiro, a revolveu, sendo depois, com o andar dos tempos, os ossos envolvidos pelo calcareo arrastado pela agua, que escorre na parede junta, á qual se ligaram, conforme os encontrei. A sua adherencia é tal que se torna impossivel arrancal-os sem se desfazerem.

«Tentei desagregar a propria brecha, não sem pensar que me seria muito difficil descer com esta até á estrada pela altura em que se encontra a gruta e perigoso caminho; mas só pude tirar uns bocados que juntos com outros de vasos envio a V. Ex.<sup>a</sup> n'um pequeno caixote.

«Envio mais duas pequenas caixas, contendo fragmentos de ossos humanos. N'ellas vão tambem dois machados, um dos quaes foi encontrado na minha quinta de Santo Antonio, e outro que me deu um homem da Columbeira, que commigo esteve na gruta da ultima vez.

«Encontrei ainda na gruta dois objectos que me despertaram bastante a attenção: — Um é de metal, de que ignoro a especie, e que se partiu. — Outro parece ser parte d'uma serra de silex.»

\* \* \*

Em carta posterior o sr. Salles Henriques informou que a brécha ossífera, cimentada á parede da gruta, estava 0<sup>m</sup>,30 acima do nivel actual do pavimento terroso da gruta e 1<sup>m</sup>,80 acima do fundo de rocha viva, fundo que apresenta a configuração de um V; e enviou-me a figura schematica da gruta, com notas explicativas, que reproduzo aqui e na fig.<sup>a</sup> 7. A brécha estava em *a*. Em *b* existe uma passagem obstruida. A passagem de A para B faz-se por cima do rochedo *c d*, no ponto *d*; ponto que, elevando-se acima do pavimento terreo da gruta, não chega comtudo ao tecto. E' d'allí que o rochedo se eleva para *c* até attingir a abobada. Por debaixo do ponto *c* ha outra passagem que em parte está obstruida. Em *e* ergue-se a rocha viva, e em *f* ha um estreito canal que sóbe em rapido declive.

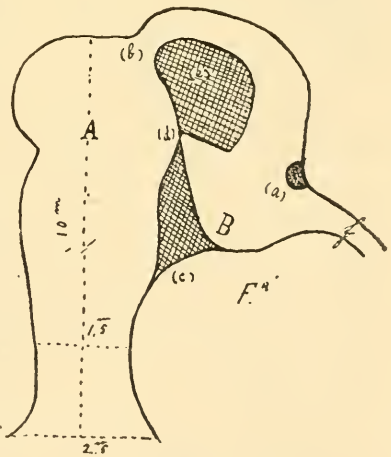


Fig. 7

\* \* \*

Nos fragmentos da brécha estão empastados alguns ossos humanos sem vestígios de fogo, tendo o aspecto de madeira apodrecida, á mistura com muitos outros, uns simplesmente carbonisados e os restantes calcinados, abundan-

cia de carvões vegetaes e restos de ceramica trabalhada á mão, de typo neolithico. Aqui e alli appareciam na massa uns pontos esverdeados com o aspecto do bronze oxydado.

A hypothese, lembrada pelo sr. Salles Henriques, de ter havido remeximento nas sepulturas, antes da formação da brécha, parece-me muito plausivel. Aquelles raros ossos apodrecidos e fragmentos de louça neolithica mettidos pelo meio dos ossos queimados, onde se denuncia a presença do metal, fornecem um argumento decisivo.

Dos remeximentos no solo da gruta depois da formação da brécha dá prova bastante a altura em que esta existia em relação ao nivel da terra.

Tambem me parece que a calcinação dos ossos humanos é o resultado da incineração; e este facto se confirma pela presença de restos d'urnas de barro, trabalhadas á roda, que na pasta e na forma se assemelham a certas urnas cinerarias das sepulturas romanas da Fonte Velha, em Bensafrin (Algarve), de que existem exemplares no Museu da Figueira. Como nas cinzas, ossos e nas proprias urnas da estação algarvia, muitos ossos queimados e os fragmentos d'urnas da Lapa do Suão acham-se impregnados d'uma substancia oleosa, talvez dos oleos perfumados que os romanos deramavam sobre as cinzas dos mortos. (1)

E', porém, difficil determinar se todos os vestigios d'incineração proveem d'uma só epocha, a romana. O sr. Salles Henriques recolheu parte d'uma ponta de setta e d'uma serra, em silex, que foram atacadas pelo fogo. Seria isto devido a alguma causa semelhante á que lembrámos a proposito do fogo feito nos dolmens da Serra do Cabo Mondego (2), ou o resultado de incineração na epocha neolithica? Não sabemos.

Os fragmentos d'ossos humanos que foram encontrados esparsos nos entulhos, são numerosos, quasi todos queimados e em grande parte branqueados pela calcinação. Os poucos exemplares sem vestigios do fogo apresentam o mesmo aspecto de podridão dos seus similares empastados na brécha.

Entre os primeiros appareceram alguns de criança.

Quanto a restos animaes, colligiu o sr. Salles Henriques alguns pertencentes ao cabrito, coelho, lebre e a uma ave pernalta.

O mobiliario compõe-se de objectos de pedra, osso, bronze e barro cosido, que passamos a relacionar.

*Pedra.* — Uma setta de silex com a ponta parida. Tem base concava, e está retocada por completo em uma das faces e sómente junto aos bordos na face opposta. E' um typo muito comum nos dolmens da nossa região. Fig. 8.

— Um fragmento de serra dupla, em silex, de secção trapezoidal. Fig. 9.

— Um fragmento de pequeno vaso de marmore polido, talvez um gral.

*Ossos.* — Duas esquirolas com forma ponteaguda, que podiam ter servido de pontas de dardo. Fig.<sup>as</sup> 10 e 11.



Fig. 9



Fig. 10

(1) *Memorias sobre a antiguidade*, pag. 212.

(2) *Antiguidades prehist. do conc. da Figueira*, pag. 257 segg.



Fig. 11

**Bronze.** — Um pequeno instrumento, com anel de suspensão, representado nas fig.<sup>as</sup> 12 e 13. Ao meio um quadrupede sentado, com o focinho voltado para cima, abócca uma peçazinha de dois ramos, um que termina em bico, com a fôrma de gancho, e o outro em fôrma de pá; e a cauda do animal enrosca-se n'uma haste inferior que termina por uma colher. Parece-nos um d'esses objectos usados na epocha romana para limpar os dentes e os ouvidos; e que, com fôrmas mais simples, têm sido encontrados em estações preromanas da idade do ferro na Italia, nas necropoles da Carthago punica e até em Portugal.

**Ceramica.** — Os fragmentos pertencem a tres grupos:—1.<sup>o</sup> vasos trabalhados á mão; 2.<sup>o</sup> vasos trabalhados á roda; 3.<sup>o</sup> telhas curvas.

No primeiro grupo ha fragmentos de grandes e pequenos vasos, com os caracteres já indicados na nossa comunicação anterior. Uma ligeira ornamentação de traços gravados na pasta molle apparece em tres exemplares. Estas louças apresentam feição neolithica.

Um dos fragmentos distingue-se pela pureza da pasta e notavel polido das superficies, e tambem pela fôrma. Vae representada na fig.<sup>a</sup> 14. Esta fôrma filia-se n'um typo de vasos que encontrámos no dolmen do Facho (Serra do Cabo Mondego) e em cistos da idade do cobre no Algarve. Outros tambem o recolheram em dolmens do Alemtejo (1).



Fig. 14

O segundo grupo de fragmentos parece-nos da epocha romana. Na fig.<sup>a</sup> 15 representamos um fragmento d'urna, que se aproxima muito das alludidas urnas cinerarias da Fonte Velha, em Bensafrim.

Romanos são tambem os do terceiro grupo, com excepção d'um, que parece moderno.

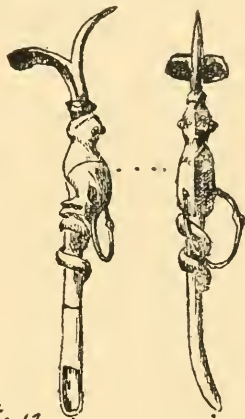


Fig. 12

Fig. 13



Fig. 15

(1) *Antiquidades prehist. do conc. da Figueira*, pag. 213 e 266 e est. xxiv, fig.<sup>a</sup> 318; *As necropoles da Baralha e do Serro de Bartholomeu Dias*, n.<sup>o</sup> 2 d'este Boletim, pag. 57 e segg.

## Cryptas megalithicas em Antequera (Hespanha)

---

*Apresentação do relatorio do socio  
D. Francisco de Sales Franco y Lozano,  
de Badajoz, por Santos Rocha.*

---

Tenho a honra de apresentar-vos a communicação que em novembro do anno passado nos enviou o nosso respeitavel consocio sr. D. Francisco de Sales Franco y Lozano, director do instituto d'ensino secundario de Badajoz, ácerca d'umas descobertas archeologicas feitas em Antequera.

Esta pittoresca povoação do reino visinho tinha já adquirido uma celebridade europeia por causa da galeria coberta, vulgarmente denominada *Cueva de Menga*, assignalada em 1847 por D. Rafael Mitjana y Ardison, architecto de Malaga. Na verdade este monumento, construido com grandes pedras, mede 24<sup>m</sup> de comprimento, 6<sup>m</sup>,15 de largura maxima e 2<sup>m</sup>,70 a 3<sup>m</sup> d'altura (1): é um colosso!

Agora esta estação redobra de valor para nós: uma verdadeira necropole nos é assignalada pela descoberta a que se refere o nosso consocio!

O sabio francez sr. Cartailhac parece ter previsto este resultado. Na sua obra sobre a pre-historia da peninsula havia notado a presença d'um relevo do solo, proximo da *Cueva de Menga*, que pensou ser outro *tumulus* (2). Seria precisamente n'este relevo que se verificou a descoberta indicada pelo sr. Lozano? Nós não sabemos.

Um monumento inteiro foi já excavado. Compõe-se de galeria e camara quadrangular, cujo eixo longitudinal não deve ser inferior a 18<sup>m</sup>. Em frente da entrada da galeria as excavações pozeram tambem a descoberto outra galeria, que se dirige para o monumento da *Cueva de Menga*. Assim temos já alli, pelo menos, tres monumentos funerarios.

---

(1) *Anteguedades prehist. de Andalucia*, de Gongora y Martinez, pag. 90; *Les ages prehist. de l'Esp. et du Port.*, do sr. Cartailhac, pag. 186 e segg.

(2) *Obra cit.*, pag. 187.

A disposição dos dois megalithos com as entradas oppostas, partindo do mesmo ponto, parece-nos excepcional. Nós nunca a encontramos nas nossas explorações; e também nos não lembra de ter sido observada por outros. A fôrma quadrangular das cryptas não é rara (1).

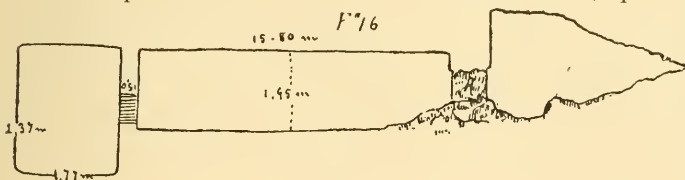
Se bem comprehendemos a descripção do pavimento do dolmen explorado, que apresenta o auctor da communicação, o seu empedramento offerece novidade. Em vez de as lages de revestimento assentarem immediatamente sobre a terra, apoiam-se sobre outras lages cravadas de cutello. Nós não conhecemos outro exemplar.

Quanto ao orificio quadrado, de 0<sup>m</sup>,69 por lado, que dá accesso á camara, encontram-se exemplos nos megalithos d'outros paizes (2).

Segue o relatorio:

«Dado el carácter de esa culta Sociedad, consagrada por su Reglamento al estudio de las antigüedades, monumentos en que se descubre el estado de progreso en las artes por que han pasado los pueblos que nos han precedido en el curso de la vida, creo oportuno y en armonia con los fines de la «Sociedad Arqueológica Figuerense», dar á la misma breve noticia de un descubrimiento realizado durante el presente mes en un pueblo de la provincia de Málaga, y como los trabajos prosiguen sin que sea fácil determinar si éstos llegarán ó nó á terminarse por la falta de fondos, no debe extrañar á los dignos consocios la brevedad de esta informacion sobre el *dólmen* encontrado en Antequera, desistiendo de entrar en consideraciones sobre esta clase de objetos, porque seria ofender la sólida y bien asentada nota de cultos é ilustrados, que me complazco en reconocer en cuantos individuos componen la Sociedad, cuyo nombre tras-pasa las fronteras y es respetado por cuantos cultivan estudios similares.

Sea permitido al ultimo de sus individuos, que siente verdadera simpatia



por los fines de la Sociedad, exponer en fôrma desaliñada, pero ingenua, el resultado del examen, no habiendo sido posible obtener fotografia del expresado

dolmen porque los trabajos no se encuentran en condiciones para ello; mas en mi deseo de proporcionar á tan respetable Sociedad el medio de conocer el mencionado objeto, que hubo necesidad de reconocer con el auxilio de luces artificiales y hacer las medidas en malisimas condiciones, acompaño los adjuntos dibujos que representan la planta y seccion vertical de lo hasta ahora descubierto (Fig. <sup>as</sup> 16 e 17).

Como se ve por ellos, no se ha obtenido más que una parte, á la que se entra por una abertura de escaso diametro, encontrándose, una vez pasada ésta, una galeria que mide 15,80 m. de longitud, 1,30 de ancho y 1,95 de alto. El techo está formado por 6 piedras y cada uno de sus lados lo constituyen 9.

El pavimento es de un derretido de grandisima dureza y se halla cubierto de un empedrado hecho con piedras sumamente planas, colocadas de canto y

(1) *Musée prehistorique*, est. 58, fig. 561, 562, 567 e 569; sr. Cartailhac, obra cit., pag. 158; *La France prehist.*, pag. 182 e 204; Gongora y Martinez, obra cit., pag. 98.

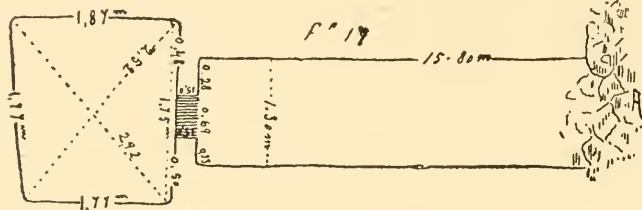
(2) Sr. Cartailhac, obra cit., pag. 171; *La France prehist.*, pag. 182 e 208.

unidas entre si por chapas muy delgadas de piedra negra de una consistencia singular.

El final de esta galería está formado por una sola piedra de 0'51 m. de espesor; habiendo en ella y al nivel del pavimento una abertura perfectamente cuadrada, midiendo cada uno de sus lados 0'69.

Pasando por este cuadrado, practicado en dicha losa, se encuentra un recinto de forma irregular, cerrado por sus cuatro lados.

Mide de altura 2,37 m. y 1,87 m. de extensión por el lado derecho y por el izquierdo 1,77 m. El techo lo forma una sola piedra y el suelo es de tierra sin derretido ni empedrado alguno.



En la misma abertura que da paso á la galería (figura 16) van descubriendo otra entrada, cuya dirección es en línea recta al dolmen, conocido vulgarmente por «La cueva de Menga», que se encuentra á pocos metros del sitio en que se están llevando á cabo las excavaciones del nuevo, que parece ser complemento de aquel, á juzgar por la distancia que media entre uno y otro: la clase de piedra que en ellos se observa revela el mismo género de construcción.

Entre los escombros se han encontrado algunas monedas romanas de escaso interés y fragmentos de barros que parecen ser de lámparas u otros objetos de tiempos remotos, si bien ninguno de ellos en condiciones de obtenerse dibujos que pudieran servir de alguna utilidad.

Creo que con estas brevisimas noticias podrá formarse juicio aproximado de la importancia del objeto hallado en la romana *Anticaria* y que puede servir á los diligentes é ilustrados arqueólogos para reconstruir edades pretéritas.

La prensa ha parado poco su atención en semejante hallazgo, el cual espera sin duda una detenida visita de parte de cualquiera de los doctos individuos de la Academia de la Historia, cuyo informe completará este pequeño bosquejo tan breve y mal expresado como ruego á la dignísima Sociedad que dispense en aras del profundo respeto que hácia ella siente el menos competente de sus individuos.

Badajoz, 19 de Noviembre de 1903.

*Francisco Franco y Lozano.*



## Material para o estudo da idade do cobre

POR SANTOS ROCHA



Um velho trabalhador, empregado desde 1886 no serviço das nossas explorações, amanhando um tracto de terreno nas cercanias de Brenha, encontrou ha pouco a interessante peça metallica de que damos o desenho na figura 18. O terreno é cultivado desde tempos que excedem a memoria dos vivos; e o nosso homem, que, pela sua longa pratica, soube distinguir o objecto, notou tambem que não se achava associado a quaesquer outros artefactos, nem mesmo a restos de ceramica, aliás tão communs nos terrenos da região, e de que elle tem recolhido milhares e milhares de peças á nossa vista.

A sua fôrma indica seguramente uma setta de largo e extenso pedunculo. A ponta é triangular e farpada nos angulos externos da base; e o pedunculo, de bordos connexos, termina por uma ponta muito aguda. No seu comprimento total mede 0<sup>m</sup>,057, sendo 0<sup>m</sup>,018 na ponta e 0<sup>m</sup>,39 no pedunculo; e na largura, entre os angulos externos da base, 0<sup>m</sup>,013, e na parte superior do pedunculo 0<sup>m</sup>,008.

A analyse chimica do metal, feita pelo nosso consocio sr. Sotero Simões d'Oliveira, segundo o processo que por muitas vezes tem indicado nos seus relatorios para o Museu, assignalou apenas o cobre. E', pois, um novo elemento para o estudo da primeira idade dos metaes na peninsula.

A fôrma é por emquanto rara, mas não absolutamente nova entre nós. Basta vêr o desenho que Estacio da Veiga apresenta com o n.º 7 na estampa xviii do tomo 4.º das *Antiguidades monumentaes do Algarve*. Em grutas de Alcobça a setta de cobre em fôrma de lozango aproxima-se ás vezes tambem do mesmo typo (1). E os srs. Henri e Luis Siret encontraram fôrmas analogas nas estações prehistoricas do sueste da Hespanha.

De resto a peça foi forjada a golpes de percutor, como todas as pontas da idade do cobre que temos colligido até ao presente.



Fig. 18.

(1) *Portugalia*, t. 1.º, fasc. 3.º, est. xxiii.

## Inscripciones del convento de Santo Domingo del Campo en Alconera (antiguo ducado de Feria)

---

*Comunicação enviada pelo socio  
D. Francisco Franco y Lozano, de Ba-  
dajoz, e apresentada por Santos Rocha.*

---

Tengo el honor de dar conocimiento á esta respetable sociedad de algunos restos epigráficos, antiguo uno y relativamente moderno otro que, merced á la diligencia de personas peritas han llegado a conservarse, y de los cuales no hace mención el Sr. Vin en su obra destinada al estudio de esta región extremeña, habiendo su autor recogido no pocas inscripciones, saliendo á luz con frecuencia algunas, que fueron desconocidas del célebre Hübner, a quien debe España un monumento consagrado á esta parte de estudios históricos, en los que se encuentra un copioso caudal de datos para aclarar puntos geográficos, y a cuya brillante luz se disipan las sombras proyectadas por largo espacio de tiempo, mientras no han salido á luz esas piedras que la tierra avara depositaba en su seno.

Las inscripciones de referencia existían en una villa de esta provincia, perteneciente al antiguo ducado de Feria, mereciendo uno de sus egregios representantes que el holandés Enrique Coquo Gorgomio un poema latino escrito en verso hexámetro, cuyo objeto era describir los lugares constitutivos del ya citado ducado, que tenía por asiento principal la «Contributa Julia» de los Romanos, hoy Zafra, ciudad que por su riqueza, posición topográfica y cultura de sus habitantes ocupa un lugar ó puesto de preferencia entre todas las cabezas de partido de la Baja Extremadura, como puede leerse en la obra «Glorias de Zafra», debida á la docta pluma del presbítero D. Manuel Vivas y Fabero.

La villa, á que hemos aludido, es «La Alconera», denominada por el escritor bávaro «Domus Falconum», cuya descripción es como sigue, y puede verse en el manuscrito que posee la Biblioteca Nacional de Madrid, tesoro ingente de preciosísimos y ricos materiales para ilustrar nuestra historia.

Héla aqui :

«Falconum domus est magno circumdata monte  
Agricolae hujus et arte parant ingentia saxa  
Dona caballinis cereris quibus annua costis  
Franguntur mortalibus atque alimenta ministrant,  
Juxta est alma domus fratrum cognomine Campus.»

Su interpretación literal es al tenor siguiente:

«La morada de los halcones está rodeada de una gran montaña; los labradores trabajan con arte enormes peñascos, con ellos son molidos los dones anuales de Ceres, que proporcionan alimentos à las caballerías y à los hombres. Junto à ella está la venerable casa de los frailes, apellidada El Campo.»

Es La Alconera una pequeña villa en la falda oriental de la cordillera, que desde las inmediaciones de Badajoz corre de N. O. à S. O. con los nombres de Monsalud, Barcarrota, Feria, Alconera y Valencia del Ventoso à unirse a Sierra Morena con más ó menos elevacion en sus cerros sobre los que se asientan los derruidos castillos de Nogales, Salvatierra, Feria, Burguillos, Valencia y Medina.

En la parte N. O. de la villa se trabajan canteras de piedra, de donde se extrae para diversos puntos de la provincia y aun fuera de ella, acstinándose à molinos de trigo y tahonas: en la parte opuesta y en la dirección del camino que conduce desde Zafra à Burguillos ofrece la sierra trozos de piedra marmórea, caliza, de jaspé y de otras clases, que en su mayor parte cebió de servir para las estatuas, columnas, frisos &, hallados en Medina, pueblo distante cinco kilómetros del de que nos ocupamos.

La piedra empleada recientemente en la construcción del magnífico edificio destinado en Madrid à Banco de España procede de las canteras del que componía el ya referido ducado de Feria, figurando entre los edificios que con piadosa y munífica liberalidad construyeron los Señores Duques el convento de PP. dominicos, llamado de Santo Domingo del Campo, al que cupo suerte idéntica à la de casi todos los edificios religiosos, que, en virtud de la funesta cuanto violenta ley desamortizadora, pasaron de las llamadas «manos muertas» à otras demasiado vivas, dando origen à un inmenso latrocinio, como ya sin distincion de escuelas proclaman los diversos partidos y reconocen que la nacionalización de aquellos bienes ha sido y es semilla fecunda de conmociones sociales, cuyos efectos se dejarán sentir en plazo no lejano.

Al ser extinguidas las órdenes religiosas quedó inhabitado el convento de referencia y à merced por tanto de particulares ambiciosos que fueron apropiándose sus despojos hasta el punto de que, cuando el Gobierno se propuso poner coto à semejantes desmanes, ya no encontró materia sobre la cual poder ejercer su acción protetora por haber desaparecido un edificio, en el cual se dejó sentir la accidentada marcha de los vándalos de la civilización moderna, para los cuales nada valen ni representan las obras de arte, máxime si éstas son templos ó casas de oracion: cuántas han desaparecido del suelo español desde que se proclamó la por antifrasis llamada «Gloriosa» del año 1868!

En el atrio de la Iglesia del precitado Convento existia, á modo de cipo, con la siguiente inscripci3n:

DIDIAE LF SEVER...  
 NAE EX TESTAMEN  
 TO F ABITV PRIMI  
 MARIT EIVS  
 Q POMPEIVS SOSIVS  
 PRISCVS ET DIDIA  
 SEVERIN HERED

*Quinto Pompeyo Sosio Prisco y Didia Severina, herederos, hicieron este monumento á Didia Severina segun el testamento de F. Abito su primer marido*

Otra más moderna habia en el lado de la pared que daba frente al atrio, destinada á encomiar al eximio español Santo Domingo de Guzmán por su celo en la defensa de la fé.

Hé aqui su texto:

FIDEI DEFENSORI, EVANGELICAE  
 TVBAE, ECCLESIAE LVMINI,  
 HAERETICORVM GLADIO, INQVI  
 SITIONIS FVNDATORI, PRE  
 CVRSORI SECVNDO, SSMI RO  
 Sarii INVENTORI, HISPANIA  
 RVM DECORI, BEATISSIMO DO  
 MINICO GVZMANI, ORDINIS  
 PREDICATORVM  
 VERITATIS PA

*Al bienaventurado Domingo de Guzman, del orden de predicadores, pa (trono?) de la verdad, defensor de la fé, trompeta evangélica, luz de la Iglesia, espada de los herejes, fundador de la Inquisición, segundo precursor, instituidor del santísimo rosario, honor de las Españas.*

Como se ve queda incompleta la serie de atributos en que resplandeci3 la vida del fundador de una gloriosa orden, en la cual han brillado astros de primera magnitud, cuyas vidas y hechos serán siempre modelos dignos de imitaci3n.

Badajoz, 8 de Julio de 1904.

*Francisco Franco y Lozano.*

## O carro agrícola no concelho da Figueira da Foz

POR MANOEL JOSÉ DE SOUZA

Como o carro agrícola do nosso concelho tende a modificar-se em cumprimento do disposto no novo Código de Posturas Municipaes, achei opportuno registar a sua fôrma actual, para a historia da evolução d'este meio de transporte: — e assim se justifica esta modesta e desprezenciosa memoria.

O carro agrícola, como o vemos ahi todos os dias em transporte de cargas n'esta cidade e em serviço nas propriedades rusticas (fig.<sup>a</sup> 19), tem semelhança

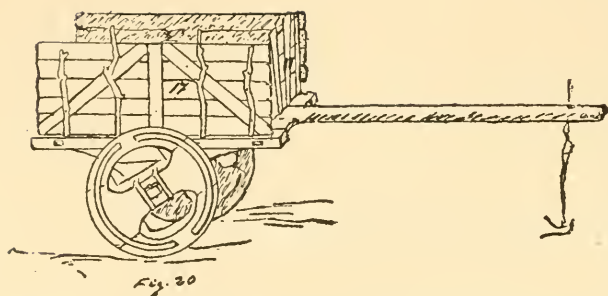


notavel com o *plaustrum* romano, sendo bem pequenas as modificações por que tem passado de ha muitos seculos até hoje.

Para transitar em azinhagas e caminhos vicinaes de pavimento irregular, cheios de barrancos e precipicios, só o carro agrícola nas

condições do nosso, solido e pesado, d'eixo movel, é que resistiria aos solavancos e baldões d'esses invios atalhos improprios para carros d'outra natureza;—e isso prova, a meu ver, a permanencia da fôrma do *plaustrum* através os seculos, sem modificações sensiveis, no nosso concelho.

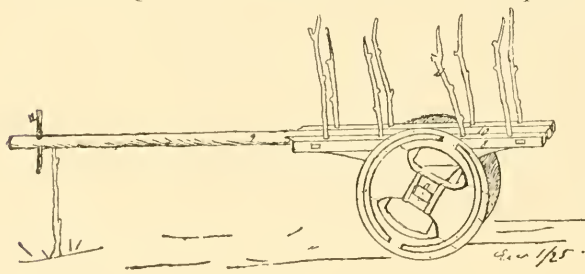
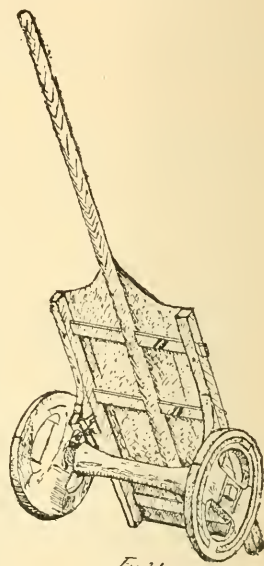
Deve notar-se de passagem que as estradas de mac-adam são de bem recente construcção no concelho da Figueira—aproximadamente uns 35 a 40 annos.



arduo esse trabalho pela substituição a cada momento dos rolos, como ainda hoje se pratica em algumas pedreiras para o transporte a curtas distancias de cantarias, é licito suppôr que pouco a pouco, por tentativas e lentas modificações, teria surgido a ideia, para aproveitamento de tempo e de esforço, de fixar nas extremidades d'esses rolos uns discos cortados d'um tronco grosso,—tendo assim origem a primeira roda cheia. Seguir-se-hia immediatamente o uso da plataforma de madeira descansando sobre o eixo, e ahí temos o *plaustrum* romano como se vê d'um baixo relevo da columna Antonina.

O carro agrícola romano transportava a carga sobre a plataforma, onde a ligavam, e, não sendo de natureza a ser assim conduzida, mettiam-na em uma especie de cesto ou então fixavam aos lados da plataforma umas anteparas de madeira de tirar e pôr, até determinada altura, para a carga não cahir.

Ora é precisamente esta a forma de carrear dos nossos carros de bois. N'estes transportam-se as cargas com o auxilio dos fueiros e das portas. Os fueiros são toscas estacas de madeira fixando-se pela extremidade inferior nos chedeiros do carro e servindo para amparar a carga. As portas são anteparas de madeira ou de vime que se fixam igualmente nos chedeiros e nos topos da manta, amparadas pelos fueiros em alguns casos, formando um cubo da capacidade de 0,5 a 0,1<sup>m</sup>³, e servindo para a conducção de sal, areia, grão não ensacado, etc., tudo quanto é de facil gerrame.



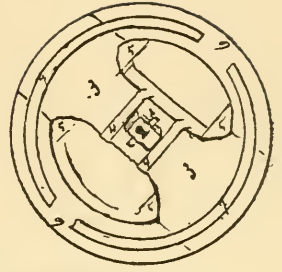
A roda do nosso carro é que differe da roda cheia do *plaustrum* romano, apesar de pessoas d'idade conservarem ainda memoria d'esta ser usada frequentemente em tempo não muito remoto. A roda do nosso carro agrícola é feita de duas peças curvas de madeira (sobre-relhas), ligadas a um grosso travessão (miulo), onde se embebe

Legenda das fig.<sup>as</sup> 20 e 21—13, cadeias—14, cantandeiros—15, bonecas—16, coifões—17, portas  
Legenda da fig.<sup>a</sup> 22—8, chedeiro—9, toicho—10, manta—11, fueiros—12, chavelha

e fixa o eixo, ficando rotos os espaços entre o miulo e a circunferencia interna da roda, o que lhe diminue o pezo sem prejudicar a solidez. Para evitar a usura rapida das sobre-relhas pelo attrito, na parte em contacto com o chão, são chapeadas de ferro em toda a circunferencia, e para que não abram ou rachim são reforçadas na sua face exterior tambem por chapas de ferro (cambas).

Junto ao cubo do eixo, para dar solidez e resistencia ao miulo, cingem-o com duas abraçadeiras de ferro a que o lavrador chama *gatos*.

Acompanha os desenhos juntos (fig.<sup>as</sup> 20 a 23), a nomenclatura usada no nosso concelho das diversas peças que compõem o carro, evitando-se a fastidiosa descripção de cada uma de per si.



*Fig. 23*

---

*Legenda da fig.<sup>a</sup> 23* — 1, tabilhão — 2, cubo do eixo — 3, miulo — 4, gatos — 5, relhas — 6, sobre-relhas — 7, cambas.

## As conchas funerarias nos cemiterios da Figueira

por PEDRO FERNANDES THOMÁS

---

Nos cemiterios da Figueira, principalmente no que ultimamente foi construido a nascente da povoação, nota o visitante a singular ornamentação feita de conchas maritimas, que cobre algumas sepulturas. No novo cemiterio é grande o numero de sepulturas assim ornamentadas, existindo tambem egual ornamentação no cemiterio de Buarcos.

A phantasia do artista varia por modo differente a disposição ornamental das conchas. Em algumas uma camada profundamente incrustada na argamassa cobre toda a sepultura; n'outras, feitas de terra, algumas fieiras dispostas em oval cercam-na; n'outras ainda as conchas desenhm cruces, flores, e outros ornamentos caprichosos.

Egual factó foi observado em França por Mr. P. Nicole, n'um cemiterio d'Hyères, perto do mar, e por elle communicada esta observação á *Société Pré-historique* d'aquelle paiz.

Qual seria a origem d'esta ornamentação de que só ha noticia nos cemiterios das povoações do littoral?

Será uma sobrevivencia dos tempos pre-historicos, pois é sabido que nas cavernas se tem encontrado grande numero de conchas que serviam ou de ornato (collares, braceletes, etc.) ou de amuletos e talvez até de moeda?

Constituirá este uso um simples motivo decorativo, sem se lhe ligar idéa alguma supersticiosa?

E' vulgar o uso das conchas de differentes côres e fórmãs na ornamentação popular, compondo-se com ellas flores, ornando vasos, caixas e outros pequenos objectos de mobiliario.

Parece isto indicar-nos que é com um fim puramente decorativo que actualmente se empregam as conchas nas sepulturas: e pelas averiguações a que procedemos por intermedio dos empregados dos cemiterios, sabemos que não é outro o motivo de semelhante uso n'esta parte do littoral.



## A colher de pau nos usos populares do concelho da Figueira

POR PEDRO FERNANDES THOMÁS

Qual seria a origem do util artefacto de uso indispensavel, que o homem emprega para tomar os alimentos liquidos, ou de facil desagregação?

A sua existencia apparece perfeitamente constatada desde os tempos mais afastados, porque d'ella usavam já os povos da epoca neolithica; e mesmo antes do homem ter submettido á cocção os alimentos, logo que inventou os vasos de barro capazes de supportarem a acção do fogo, apparece já um objecto semelhante á colher, e gestinado, segundo a opinião dos sabios, a tirar a medula dos ossos dos animaes ou a extrahir-lhes os miolos do craneo. Com este fim empregaram-se principalmente peças feitas de osso.

As estações neolithicas de França, como a do Campo de Chassey, tem fornecido colheres de barro cosido, inteiramente semelhantes na fórma, ás nossas de metal ou madeira (*Le Préhistorique*, de G. de Mortillet—pag. 561). Uma d'ellas vem desenhada no *Musée Préhistorique*, est. 55, pag. 533.

A caverna neolithica denominada *Cueva de los Murciélagos*, em Hespanha, forneceu tambem colheres de madeira do mesmo typo, de que vem desenhado um exemplar nas *Anteguedades préhistoricas de Andalucia*, de D. Manuel de Gongora y Martinez, pag. 34, fig. 17.

Colheres de barro neolithicas foram descobertas em fundos de cabanas do curso superior do Alt, affluente do Danubio (*L'Anthropologie*, vol. 15, n.ºs 3 e 4, pag. 391).

Colheres de barro redondas foram recolhidas em outras estações neolithicas da Suissa, da Allemanha, e da Hungria, e nas estações pre-myssenicás de Hissarlik (*Ilios*, pag. 502, n.ºs 502-503, e pag. 503), e n'estas ultimas tambem uma colher de marfim e outra de prata (*Ilios*, pag. 533, n.º 507—pag. 634, n.º 987).

A colher apparece-nos depois na velha civilisação do Egypto, na Assyria, entre os romanos, etc., e é de uso vulgar em certas tribus de selvagens modernos.

Os romanos, povo em que se reuniram e condensaram todas as civilisações antigas, fizeram uso de colher de pau (*Rudis-rudicula*), destinada principalmente a mexer os alimentos ou quaesquer ingredientes emquanto ferviam ao lume, ou cosiam nos fornos. Estas colheres eram redondas.

As colheres, porém, de que se serviam para comer (*Colchlear-Ligula*) eram de metal (principalmente de bronze), e tinham a fórma oval ou redonda.

O uso da colher de pau é antiquissimo nas classes populares de todas as nações, pela sua simplicidade e barateza, de preferencia ás colheres de metal, de custo mais elevado.

Em Portugal ha noticia da sua existencia desde os tempos mais remotos, e já no seculo XV a industria tanto da louça de pau como das colheres da mesma materia, estava espalhada por todo o paiz. A louça de pau desapareceu quasi por completo do uso domestico, sendo substituida pela louça de barro, mais bonita e açada, e de limitado custo, mas o uso das colheres de pau subsiste ainda entre as classes pobres de todo o paiz.

A sua forma não tem variado sensivelmente, conservando-se quasi estacionaria desde a primitiva: as colheres grandes destinadas a mexer os alimentos affectando a forma circular e munidas d'um cabo bastante comprido, as pequenas, servindo para introduzir na boca os alimentos, de forma oval e cabo curto.

O fabrico das colheres de pau constitue uma industria popular com um certo desenvolvimento, principalmente entre os habitantes da montanha e os pastores que a ella se entregam nas horas de forçado ocio.

Apesar do seu desenvolvimento, o fabrico d'estes artefactos populares não é sufficiente para occorrer á subsistencia d'aquelles que a elle se entregam, e por isso a maior parte dos operarios alternam o exercicio da sua profissao com os trabalhos agricolas.

Não se dá só este facto entre nós com a pequena industria de que nós occupamos: o mesmo succede com quasi todas as industrias locais.

No nosso concelho não se fabricam estas colheres, sendo extranhos á localidade os que exercem esta pequena industria, habitantes das aldeias montanhas dos districtos de Leiria e alto districto de Coimbra.

Aos domingos principalmente accodem ao mercado os vendedores do popular artefacto, que é fornecido por um preço insignificante aos revendedores, que em seguida as espalham por todo o concelho.

No tempo em que existiam no paiz as ordens religiosas, os pobres que todos os dias recebiam o caldo na portaria dos conventos, iam munidos da competente colher de pau.

Não seriam tambem de pau aquellas de que se serviam as nossas patrias, quando, ainda em principios do seculo passado, iam merendar a casa umas das outras as papas ou o arroz com leite, uso a que se refere o nosso illustre presidente no seu valioso livro sobre a historia da Figueira?







## EXPEDIENTE

---

O Boletim é gratuito para os socios ordinarios.

Preço d'assignatura — 200 reis cada numero.

Os pedidos devem dirigir-se a José Netto Rocha, Figueira.

# BOLETIM

DA

# SOCIEDADE ARCHEOLOGICA SANTOS ROCHA

(PROPRIEDADE E EDIÇÃO DA MESMA SOCIEDADE)

TOMO I — N.º 6

DECIMA SESSÃO PLENARIA

## SUMMARIO

- Duas peças neolíticas de Cortiçô, concelho de Celorico.
- Placas de suspensão neolíticas.
- Artefactos punicos encontrados no Algarve.
- Terceira moeda romana encontrada na area da cidade da Figueira.
- Epigraphia de Montemór-o-Velho.
- Os sobrenomes ou appellidos tirados da fauna e da flora entre as populações do valle inferior do Mondego.



FIGUEIRA  
IMPRESA LUSITANA DE AUGUSTO VEIGA

1908





## Sessão plenaria de 12 de Março de 1905

---

Presidencia do socio — Arthur Xavier Lopes da Silva

---

Secretario — Pedro Fernandes Thomás

---

### COMMUNICAÇÕES

---

#### Duas peças neolíticas de Cortiçô, concelho de Celorico

POR SANTOS ROCHA

---

Desde que colligimos a grande clava de pedra de Villar Secco <sup>(1)</sup>, concelho de Nellas, e certos fragmentos de fina cerâmica no dolmen do Seixo <sup>(2)</sup>, concelho de Oliveira do Hospital, temos suspeitado que o neolithico da Beira nos reserva grandes surpresas, quando um explorador experimentado e feliz puder estudal-o tranquilamente em bom numero de monumentos.

Eis dois objectos que veem apoiar a nossa suspeita, os das figuras 1 e 2. Foram colligidos pelo nosso consocio Sr. Dr. Antonio Carlos Borges no logar de Cortiçô, sua terra natal. Das circumstancias em que foram achados só soube que se encontraram esparsos em terras arroteadas nas visinhanças.

---

<sup>(1)</sup> Vej. *Memorias sobre a antiguidade*, pag. 103 e segg., e a *Portugalia*, vol. 1.º, pag. 810 e 811.

<sup>(2)</sup> Vej. *Portugalia*, vol. cit., pag. 16.

O primeiro é uma hacha enorme, de aspecto brutal, que pesa 6 kilogrammas! Nenhum exemplar do nosso Museu se lhe aproxima: é uma peça verdadeiramente excepcional. Lá fóra, porém, não seria estranhada. Nós vimos no



Fig. 1

museu de *Saint Germain*, sala II, moldagens de machados enormes. Gabriel de Mortillet cita um exemplar, feito de schisto, proveniente do dolmen de Mané — Er — H'oeck, em Locmariaquer (Morbihan), que mede no comprimento 0<sup>m</sup>,468. Exemplares com 0<sup>m</sup>,337 appareceram em outros dolmens do Morbihan, com 0<sup>m</sup>,340 na Dinamarca (1), com 0<sup>m</sup>,45 e peso de tres kilogrammas na Inglaterra (2), com 0<sup>m</sup>,50 no museu de Hakodate, com 0<sup>m</sup>,70 no museu do Ueno em Tokio, Japão (3).

O nosso exemplar é feito de schisto, polido, de secção quadrangular, e está fracturado do lado do gume. Indica que tinha a fórmula das *herminettes*, isto é, que o gume era em bisel.

As suas dimensões actuaes são as seguintes:—comprimento 0<sup>m</sup>,50, largura maxima 0<sup>m</sup>,65 e espessura maxima 0<sup>m</sup>,08. Inteiro devia medir no comprimento 0<sup>m</sup>,60! Em algumas das faces apresenta vestigios de ter servido modernamente de pedra de amollar.

Estas grandes peças eram meramente funerarias ou votivas? Nós não o pensamos. Manejadas por braços robustos, podiam servir para rachar madeira, excavar troncos d'arvores ou rochas brandas.

E seriam encabadas? A este respeito lembramos o facto, citado pelo Sr. John Evans, de se haver encontrado um exemplar, medindo no comprimento 0<sup>m</sup>,31 e na largura 0<sup>m</sup>,08, que apresentava vestigios de encabamento (4). Mas com 0<sup>m</sup>,60 de comprimento e 6 kilogrammas de peso o caso é muito diverso: difficil seria, qualquer que fosse a robustez dos braços, tornar o instrumento maneavel por meio d'um cabo.

O objecto da figura 2 é ligeiro, quasi delicado. A sua fórmula dir-se-ia o modelo das nossas picaretas: só lhe falta o alvado.

E' feito de schisto, polido na maior parte, de secção quadrangular; e mede no comprimento 0<sup>m</sup>,195, na maxima largura 0<sup>m</sup>,02 e na maior espessura 0<sup>m</sup>,027.



Fig. 2

Nós não conhecemos no mobiliario neolithico de Portugal objecto algum inteiramente semelhante a este. Com o gume estreito n'uma extremidade e empunhadura arredondada do lado opposto ha um exemplar encontrado no nosso concelho (5).

Tambem não temos lembrança de haver visto outro equal nos museus que visitámos em França, Suissa e Italia.

Entretanto, pela fórmula, deve pertencer á classe d'instrumentos que o illustre G. de Mortillet denominava *pics*, e que pensava terem servido para excavar a terra e as rochas brandas, posto que os exemplares que elle menciona, sejam de silex e apenas grosseiramente lascados (6).

(1) *Le Prehistorique*, 2.<sup>a</sup> ed., pagg. 540-541.

(2) *Les ages de la pierre*, de John Evans, trad. de Barbier, pag. 114 e seg.

(3) *L'Anthropologie*, t. 12, n.º 3 e 4, 1901, pag. 373, 374 e 378.

(4) *Obr. cit.*, pag. 147.

(5) *Antiquidades prehist. do concelho da Figueira*, pag. 72, 73 e 82, e est. XII, fig. 159.

(6) *Le Prehistorique*, pag. 516.

O exemplar de Cortiçõ tanto podia servir para excavar a terra como a madeira, e ser usado á mão ou encabado. Um cabo em fôrma de T com a haste transversal aplanada e bem ligada contra a superficie ligeiramente concava do instrumento, daria, a nosso ver, um resultado satisfactorio.

A região de Celorico não é representada pela primeira vez no nosso Museu. Este possuia já um pequeno espolio proveniente do castro do Monte-Verão, proximo do povoado de Rapa, e da estação lusitana que se estende ao pé da penedia onde se acha a necropole da *Moirama*, um kilometro para o norte de Celorico (1). As duas estações, porém, pertencem ao fim da idade do ferro, na transição para a epocha romana, como parecem demonstrar os fragmentos de ceramica romana que se acham misturados aos da ceramica indigena.

---

(1) Vej. a communicacão apresentada na 7.ª sessão da Sociedade, n.º 3 d'este Boletim.

## Placas de suspensão neolíticas

por SANTOS ROCHA

Na propriedade da Lameira, proxima da Aldeia da Matta, concelho do Crato, pertencente ao Barão de Gálfete, existe um dolmen de grandes proporções, que foi explorado pelo proprietario.

O mobiliario recolhido n'este monumento, em armas e outros objectos de pedra e em ceramica, foi, segundo nos consta, abundante; e nós tinhamos um grande interesse em conhecê-lo e assignalal-o aos estudiosos.

Infelizmente o nosso amigo Dr. Antonio Maria Gouveia, irmão do proprietario, que nos havia dado noticia da descoberta, e a quem pedimos com empenho que nos contemplasse com alguns objectos para o Museu da Figueira, declarou-nos que o mobiliario estava perdido para a sciencia, offerecendo-nos a unica peça que restava, que era uma placa de schisto ornamentada, com furo de suspensão, e informando-nos que outra placa da mesma proveniencia se achava em poder do nosso consocio Sr. Dr. Antonio Alvares Duarte Silva, a quem em tempo a havia offerecido.

E' d'estas duas peças que nós damos os desenhos nas figuras 3 e 4, em metade da grandeza. A primeira pesa 250 grammas, e a segunda apenas 125 grammas.

O ornato da segunda é semelhante ao d'uma placa recolhida pelo Sr. Dr. Manuel de Mattos Silva em um dolmen do concelho de Aviz. Na face opposta está roçada e estriada pelo attrito.

Como é sabido, estas placas caracterisam o neolithico de Portugal. Estacio da Veiga consagrou-lhes um capitulo inteiro da sua obra, no qual relacionou todos os exemplares até então descobertos e apresentou uma carta da sua distribuição (1). Partindo do sul para o norte do paiz, essa relação termina em Ancião.

Depois nós descobrimos restos de placas semelhantes, alguns com vestigios d'ornamentação, em dolmens da Serra do Cabo Mondego (2); e assim a area da distribuição d'esses objectos se estende hoje até á região da Figueira.

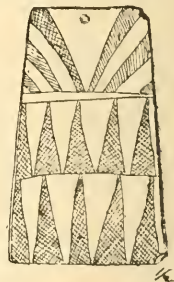


Fig. 3

(1) *Antiquidades monumentaes do Algarve*, vol. 2.<sup>o</sup>, pag. 429 e seg.

(2) *Antiquidades prehistoricas do concelho da Figueira*, pag. 110, est. XIX, fig. 270 e 271. e pag. 213.

E' interessante notar que nenhuns vestigios d'ellas appareceram no dolmen da Moita, concelho de Cantanhede, nem na caverna neolithica dos Alqueves, em Coimbra, nem no dolmen do Outeiro do Rato, concelho de Nellas, nem nos dolmens que explorámos no Seixo e na Sobreda, concelho d'Oliveira do Hospital. Provavelmente os povos neolithicos d'estas regiões não tinham semelhante uso.

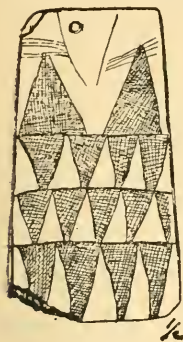


Fig. 4

Alguns sabios apresentam a ideia de que as gravuras d'estas placas seriam symbolicas, e teriam um caracter religioso; mas nada o prova. Pelo contrario a existencia de gravuras semelhantes em louças neolithicas indica que teriam apenas um caracter puramente ornamental. Na verdade o triangulo e a faxa de lozangos ou preenchida com linhas transversaes e parallelas apparece na ceramica do dolmen do Seixo <sup>(1)</sup> e das grutas de Alcobaça <sup>(2)</sup>, e a ultima tambem na ceramica da caverna da Fornea <sup>(3)</sup>, em Alcaria (Porto de Moz). O ornato de taes faxas é vulgar nas louças neolithicas da Italia <sup>(4)</sup>.

(1) *Portugalia*, vol. 1, pag. 15 e 16, fig. 2 a 5.

(2) *Ibid.*, est. xix e xx, fig. 152, 153, 157, 166 a 168 e 170.

(3) *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*, n.º 5.

(4) *Rapporte fra l'Italia ed altri paezi europei durante l'età neolithica*, pelo Sr. G. A. Colini, pag. 19 e seg.

## Artefactos punicos encontrados no Algarve

POR SANTOS ROCHA



No anno de 1895, estando em Faro, foram submettidos ao nosso exame, por um amigo, os objectos d'um pequeno thesouro que alguns dias antes fôra descoberto na excavação d'um terreno dentro da cidade.

As peças estavam juntas, a profundidade de dois metros; e o achador, cego de cubiça pelo metal precioso, não notara se no local haveria outros objectos que com ellas se relacionassem.

Depois de minuciosa observação concluimos que o typo artistico d'esses objectos era exotico, manifestamente oriental. Fizémos tenção de os desenhar desde logo; mas, sabendo que o nosso amigo desejava adquiril-os, e tinha n'isto facilidade, adiámos o trabalho para outra occasião.

Infelizmente, voltando a Faro dois mezes depois, soubémos que o achado estava perdido para a sciencia, porque o dono o vendera a peso para os cadinhos da ourivesaria!

Assim só nos restava o inventario que haviamos lançado na nossa carteira; e é esse que hoje temos a honra de apresentar-vos.

*«Reliquias orientaes descobertas em Faro no mez de Janeiro de 1895:*

— Uma pequena barra d'ouro, de secção polygonal, medindo approximadamente no comprimento 0<sup>m</sup>,05 e na espessura 0<sup>m</sup>,006.

— Um fragmento de vaso de prata, com a fôrma de tigella.

— Um bracelete d'ouro massiço, de secção polygonal, aberto e sem ornatos alguns. A sua espessura não diflere muito da que tem a barra supra mencionada.

— Um anel d'ouro massiço, com a fôrma do crescente unido pelas extremidades. Tem de notavel que a superficie interior, que deveria andar em contacto com o dedo, em vez de arredondada, fôrma um angulo ou aresta que devia tornar algum tanto incommodo o seu uso.

— Uma arrecada feita d'uma folha d'ouro estampada, apresentando no meio uma rosacea composta de numerosas petalas, largas e arredondadas na

base e pontegudas no topo. O diametro d'esta rosacea não é inferior a 0<sup>m</sup>,04. Das petalas só existem os engastes, indicando terem sido preenchidos com pedras vistosas ou com alguma pasta artificial e colorida, segundo os antigos usos orientaes.»

Nós podemos comtudo ampliar agora esta resumida descripção, invocando as imagens de objectos semelhantes a aois dos que ficam mencionados. Os typos do annel e do bracelete figuram no mobiliario punico recolhido pelo Sr. G. Bonsor nas estações dos Alcores. O primeiro está representado na argola da fig. 7, pag. 26, e o segundo no bracelete da fig. 5, pag. 81, da obra *Les colonies agricoles pre-romaines de la vallée du Betis*, aquelle encontrado em Acébuchal, e este na Cruz del Negro.

Anneis eguaes, mas muitos d'elles providos de engaste, recolheu o Rev. Padre Delattre em grande numero na necropole punica de *Douimés*, attribuida ao periodo decorrido do 7.<sup>o</sup> ao 5.<sup>o</sup> seculos antes de Christo, e tambem na necropole de Santa Monica (1). Eis como elle proprio os descreve:—«Leur forme est celle d'un croissant dont les extremités prolongées se rejoignent de façon á former un cercle (2).»

De resto este facto não causa surpresa, attendendo ao papel importante que representava o crescente na symbolica carthagineza.

Como nós, o Rev. Delattre notou que taes objectos eram pouco proprios para servirem d'anneis; e apresenta a hypothese de serem moeda. Referindo-se aos da necropole de Santa Monica, exprime-se n'estes termos:—«L'absence de monnaies d'or dans les tombeaux de notre nécropole et la relation presque constante qui existe entre les divers anneaux d'or recueillis au cours de nos fouilles me font soupçonner que pourrait bien être des monnaies primitives. Ces anneaux, en effet, ne paraissent pas avoir servi ni de bagues ni de pendants d'oreilles» (3).

Quanto á arrecada, as petalas da rosacea tinham precisamente a forma das que se vêem na estampa xx, fig. 6, do atlas do *Museu de Carthago*, só com a differença de estarem dispostas em sentido inverso.

Rosaceas estampadas em placas d'ouro, com as petalas cheias d'uma pasta azul ou verde, imitando o lapis-lazuli e a esmeralda, foram encontradas nas sepulturas phenicias da *Punta de la Vaca*, em Cadiz (4); e foram provavelmente os phenicios que tambem introduziram este typo de arrecadas na joalheria etrusca (5).

(1) *La necropole punique de Douimés. fouilles de 1893-1894*, pag. 23, fig. 41, e pag. 30, e *fouilles de 1895-1896*, pag. 19, fig. 3, pag. 32, fig. 13, e pag. 75, fig. 44; *Necropole punique voisine de Sainte Monique, 2.<sup>e</sup> trimestre de fouilles*, pag. 28; *Cosmos*, 48.<sup>o</sup> anno, n.<sup>o</sup> 754, pag. 48 e 49.

(2) *Cosmos*, 48.<sup>o</sup> anno, n.<sup>o</sup> 760, pag. 243.

(3) *Cosmos*, 49.<sup>o</sup> anno, n.<sup>o</sup> 808, pag. 81.

(4) *Les colonies agricoles pre-romaines de la vallée du Betis*, pag. 7.

(5) *L'Art Etrusque*, de J. Martha, pag. 567.

## Terceira moeda romana encontrada na area da cidade da Figueira

POR A. GOLTZ DE CARVALHO

---

Posto que as moedas romanas abundem no paiz, e o local da Figueira fosse singularmente apropriado para estacão humana e para ser frequentado pelos antigos navegadores, é certo que até ao presente só tres d'aquellas moedas tem sido encontradas na cidade.

O insigne archeologo, nosso illustre director, Sr. Dr. Antonio dos Santos Rocha, já publicou a descripção das duas primeiras que appareceram (1). Uma é do tempo da Republica e pertence á familia Vibia (1.º seculo a. C.). A outra é de Octavio Augusto, 1.º imperador.

A terceira foi achada agora pelo jardineiro municipal nas terras do Passeio Infante D. Henrique; terras que foram transportadas principalmente do local onde se acha o Mercado. E' um pequeno bronze apresentando no anverso o busto de Roma com a legenda VRBS ROMA e no reverso a Loba aleitando Romulo e Remo, tendo por cima duas estrellas e no exergo SMHB. Tem o n.º 2.075 na obra de Teixeira de Aragão, e julga-se que fôra cunhada no 4.º seculo da nossa era.

---

(1) *Memorias sobre a antiguidade*, pag. 244.



## Epi-graphia de Montemor-o-Velho

POR PEDRO FERNANDES THOMÁS

---

Era extremamente rico em monumentos archeologicos o velho burgo do abbade João, que ostenta ainda como testemunho d'um passado glorioso, alcançadas no elevado serro que domina a povoação, as ruinas do seu vetusto castello, um dos monumentos mais vastos e interessantes que no seu genero existem no paiz.

Ainda em meados do seculo 18, além do castello ao tempo muito bem conservado, se erguiam em differentes pontos da villa oito templos: os das seis freguezias — Alcaçova — S. João do Castello — S. Martinho — S. Salvador — S.<sup>ta</sup> Maria Magdalena — S. Miguel — as egrejas dos Anjos e de S. Francisco, além de cinco ermidas e capellas de menos importancia, encontrando-se em todos elles monumentos archeologicos e artisticos, que teria sido util conservar.

Os estragos do tempo, e mais ainda o desleixo e a incuria dos homens, têm feito desaparecer estes vestigios do passado; e de tantos monumentos notaveis restam de pé as muralhas e algumas torres derrocadas do castello, e as egrejas de Alcaçova, S. Martinho e Anjos.

As estupidas depradações commettidas a salvo e de animo leve nos monumentos que tanto notabilisavam aquella velha povoação, são extraordinarias, e despertam no espirito de quem por estas coisas se interessa, um vivo sentimento, mixto de tristeza e de indignação, pois dão ellas bem a medida intellectual não só de quem as pratica, como de quem as consente. . .

Para não avolumarmos estas ligeiras notas, citaremos apenas dois factos que mais de prompto nos occorrem.

Existia junto ao castello, na capella arruinada de S. Braz, um bonito portico da renascença, em bom estado de conservação. Pois ha poucos annos apearam as cantarias que constituam o portico, mandaram-nas picar, e applicaram-nas como pedra de alvenaria a não sei que construcção!

Na igreja de S. Martinho, hoje parochia da villa, n'uma das capellas lateraes do lado do Evangelho, existe o tumulo de Luiz Pessoa, fidalgo montemorense, fallecido em 1531, e donatario da capella. Sobre o tumulo via-se a sua estatua jacente, e no sarcophago que encerra os seus restos mortaes e de sua esposa um epitaphio e os brazões d'armas.

Pois alguém se lembrou de mandar tapar com alvenaria este notavel monumento, de que hoje se não vê senão o ediculo e parte dos dois brazões que ficaram a descoberto! . . .

Já os frades do convento dos Anjos tinham em meados do seculo 18.º construido o throno do altar mór da igreja sobre o tumulo do grande Diogo da Azambuja, fundador da casa, que ficou occulto debaixo de tão reles construcção, partindo até parte do ediculo d'aquella magnífica obra d'arte!

Os bons exemplos fructificam sempre, não ha que ver.

O nosso proposito não é, porém, agora descrever os monumentos de Montémór, o que nos levaria muito longe, mas archivar apenas as inscrições que ainda por lá se encontram, e que podem desaparecer, senão todas, pelo menos algumas, sem que d'ellas fique memoria.

Começaremos pois pelo templo mais notavel da villa pela sua antiguidade — a igreja da Alcaçova, intra-muros do velho castello — igreja de tres naves em estylo gothico, mas com algumas modificações introduzidas mais tarde pelo bispo D. Jorge d'Almeida, que a mandou reedificar pelos annos de 1490 a 1510, epoca em que governou o bispado de Coimbra. Ignora-se a data da fabrica primitiva, a que se attribue antiguidade coeva da fundação da monarchia.

Embebida na parede do lado do Evangelho vê-se uma lapide sepulcral em caracteres gothicos, que diz o seguinte :

*Martinus-Gontina jacent hic, vir et uxor cum charis natis justoque Maria, quos hic conjunxit Ferdinandus natus eorum, uberem quem tenuit patrem, pro quibus datur alma hostia quotidie juxta pellicis mara cernentis lapidem duant Deus his miserere, noscentes vere quod veniant ad idem sexto calendas Junni obiit Maria Martini soror Ferdinandi M. M. C. C. C. III.*

*II iduus Martii Martinus Piagü, pater Ferdinandi M. M. C. C. C. VIII. — VIII calendas Novebri obiit Uta Martini soror Ferdinandi Mater; E. M. C. C. C. nona XVII calendas Julii obiit Gontina Petri Mater; Pater Martini E. M. C. C. C. XIX.; horum ossa translata fuerunt VII idus Septembris. Era millessima trecentessima trigessima septima, quorum animae requiescant in pace.*

Esta inscrição está bem conservada, e os caractéres ainda bem legiveis.

No chão, junto ao pulpito, existe uma sepultura, cuja inscrição difficilmente se lê, mas que dizia o seguinte :

*Sepultura de Joam de Caminha Falcam, Fidalgo da Casa d'Elrey e Alcayde Mór deste Castello, e de sua molher Isabel Alves Borralha, Alcaydeça — ellegeram este jazigo com obrigaçam de todos os annos uma missa cantada dia de S. Lourenço, com suas vespas nocturnos e Laudes.*

No cruzeiro, e no chão egualmente, encontra-se uma grande lapide sepulcral, que parece ter sido para ali transportada d'outra parte, e avivados o escudo d'armas e a inscrição, que resa assim :

*Sepultura de Gaspar da Fonseca e Andrade, fidalgo da casa de sua magestade, que falleceo aos dose de Novembro do anno de 1559, e de sua molher Leonor de Mascaranhas filha legitima de Nuno Mascaranhas de Freitas, fidalgo que servio aos Reys nos reynos de Ceylam Bengala e Cochim donde falleceo na cidade de Santa Crus aos trinta de Julho do anno de 1526.*

Na frontaria da capella de S. Braz, junto ao Castello, hoje completamente arruinada, estava mettida como material de construcção, uma lapide sepulcral

que o Sr. General Adolpho Loureiro ali descobriu, e mandou arrancar, fazendo presente d'ella ao Museu de Archeologia do Instituto de Coimbra, onde hoje existe, e vem descripta a pag. 15 do respectivo catalogo. A inscripção é em romano gothico, faltando-lhe as ultimas letras que completavam a era :

*Hoc jaceh in tumulo q é in medio porte Petrus Alfonsus q obiit VII Kls Setembris in era M. CC....*

Tambem no terreiro contiguo á egreja de S. Joam do Castello havia uma lapide commemorativa da lenja da ressurreiçáo dos degolados no tempo do abbade João, padrão mandado levantar, ao que diz a *Historia Manlianense*, de Fonseca e Andrade, em 1713 pelo Juiz de Fora Dr. Gaspar Pimenta de Avellar, contendo na face anterior e posterior uma longa inscripção.

Esta lapide, que mede 0<sup>m</sup>,77 de alto por 0<sup>m</sup>,67 de largo, foi depositada pela Camara Municipal de Montemor, no Museu do Instituto de Coimbra em 1875, e ali se encontra ainda.

Eis a inscripção conforme vem descripta a pag. 34 e 35 do catalogo já citado do museu, completadas as falhas e mutilações que n'ella existem, conforme a interpretação do auctor da *Historia Manlianense* :

*Ad perpetuam rei memoriam: se mandou pelo nobre senado desta villa eregir este padrã pera q não só a boca dos homens in as també as mesmas pedras digão a todo o mundo o admiravel suseso q neste lugar aconteceo o pelos annos de Xpo de 85o em cujo tempo estava o castello desta encarogado ao abbade D. João parente de Elrei Ramiro q então reinava quando os moiros senhoriarã a maior parte de Espanha e somente se conserrarão algumas reliquias do reino catholico nas montanhas de Asturias Byscaia e pouca parte de Portugal e Galisa: aconteceo estupenda maravilha q reinando em Cordova Abde rranme 2.º do nome mandou contra as teras d os cristãos hu poderosissimo exercito contra este castelo, cõ animo barbaro de não le rãtarem o citio sem a fortaleza se entregar, e a não ser a Misericordia de Deos seria facil de conseguir, vendo o abade que estava cercado de tão poderoso exercito desconfiando da victoria se resolveo com os seus em degolarem mulheres e filhos por nã lhe ficarem em poder dos mouros exercitada a degolação não sem lagrimas sahirã os sercados aos inimigos obrando tantas proesas em q o braço de Deos louvado assistia que puseram os inimigos em vil fugida deixãdo os campos do Mondego cubertos de corpos mortos q se afirma passarão de LXX mil e seguindo aos imigos athé ás matas de Ceiça ali mandou cesar o abade João aos seus e solenisan*

*do o gosto da victoria dão graças a Ds  
pelos beneficios recebidos tãbem comearã  
a chorar a morte dos q deixarão degolados em  
cujo tempo chegou a noticia de que os degolados  
avião resucitado e roltandoce todos para  
este castelo so o abade quis naquelas matas  
ficar aonde com admiravel exeplo corou a  
vida cõ hua santa morte. Pasmem agora  
os homes admiremce os viventes de tão rele  
vante prodigio para q na devoção catholica  
especialmente nos moradores desta nobre V  
ila se não deixe nunca esquecer este mil  
agroso prodigio Anno de MDCCX12  
Ad ingeniosos viros*

A. V. S. E. P. E. M. Q. S. O. N. C.

Na sessão de 20 d'outubro de 1898, ao tratarmos da epigraphia do concelho da Figueira, referimo-nos com a precisa individuação a esta conhecida Jenda.

#### EGREJA DE S. MARTINHO

E' hoje a parochial da freguezia, e existia já no seculo 14.<sup>o</sup> — Successivas reedificações transformaram-na inteiramente, nada restando da antiga fabrica.

Antes de 1834 eram padroeiras da igreja as freiras do convento de Santa Clara de Coimbra, que apresentavam o parochio.

E' n'esta igreja que existe o tumulo de Luis Pessoa, a que já nos referimos, e que actualmente se encontra occulto debaixo d'uma camada de alvenaria.

N'esse tumulo deve existir o epitaphio seguinte:

*Nesta sepultura jaz o muito honrado fidalgo e de mui nobre e antiga geraçam dos Pessoas, Luis Pessoa com sua molher Mecia Coresma a qual falleceo no anno de 1524, e elle na era de 1531.*

Existiam tambem n'esta igreja os tumulos de Manuel Chixorro Pinheiro, cavalleiro professo do habito de S. Bento de Aviz, D. Manuel Leite Pereira, fidalgo da casa de Elrey e cavalleiro professo do habito de S. Joaõ da Matta, o qual mataram uma noite com um tiro, e Matheus da Cunha d'Eça, fallecido em 1657. Todas as inscrições que se liam n'estas campas, foram apagadas pelo decorrer dos seculos, sendo hoje impossivel a sua leitura.

#### EGREJA DOS ANJOS

Este formoso templo que fazia parte do convento de Santo Agostinho, sob a invocação da Senhora dos Anjos, grandiosa fundação do afamado guerreiro Diogo de Azambuja, é um dos monumentos mais interessantes não só de Montemor como de todo o districto.

Não nos alongaremos em narrar os feitos heroicos do fundador da igreja e convento, que deixou um nome illustre na historia dos descobrimentos e conquistas dos portuguezes nos seculos 15.º, e principios do seculo 16.º, pois o não comporta a indole d'este trabalho.

Diogo da Azambuja, á volta das suas viagens pela Africa, fixou ahi por 1510 a residencia na sua terra natal, a descansar das fadigas d'uma longa e trabalhosa existencia, e ahi, seguindo as tendencias da epoca, funda o convento que dotou com largas rendas.

Ali descança o heroico fronteiro d'Africa n'um rico e bem trabalhado monumento, em que se vê a sua estatua jacente, vestido com a pesada armadura de guerreiro, a cabeça descoberta, aos pés o capacete.

No tumulo lê-se a seguinte inscripção, que se não decifra sem emoção e respeito :

*Aqui jaz Diogo dasambuza do conselho del rei caraleiro da ordem daris comendador da cabeça da vida e altel pedroço o qual nas gueras de castela por elrei D. Afonso tomou aos castelhanos a vila d'alegrete onde lhe quebraram uã perna e fez o castelo de S. Jorge da Mina e sugigou toda aquella terra e fez o castelo real em Africa e tomou a cidade de Çafim aos mouros por sua soo industria e valentia e assi fez outras muitas cousas dinas de memoria e louvor em tempo dos reis Dom Afonso e dom joam o segundo e dom manuel o primeiro como em suas cronicas se pode ver e fes este mosteiro de nossa senhora dos Anjos faleceo de 86 anos dia de nosa senhora d'agosto da era de 1518.*

Como já dissémos, os frades que habitavam o convento, ao reedificarem no seculo 18.º o altar mór da igreja, esconderam o magnifico tumulo debaixo do throno de madeira pintada, e é hoje com difficuldade que se pode admirar esta notavel obra d'arte.

Na mesma igreja, e na capella da Senhora da Piedade, está embebida na parede uma lapide sepulcral com a seguinte inscripção:

*Aqui jase[m] os corpos do muito honrado fidalgo Fernam de Pina que por seos merecimentos teve neste reyno de Portugal muy honrados cargos: mandou o p[or] aqui a virtuosa senhora Mór Teixeira sua molher nesta capela a qual ella mandou fazer e dotar de certos bens para que se dissessem certas missas por suas almas e de seos filhos em 1542.*

Na parede do lado da Epistola da mesma capella, está uma longa e curiosa inscripção, aberta n'uma grande pedra com moldura, e que se refere a uma senhora pertencente a uma das mais nobres familias de Montemór, e foi uma das numerosas e innocentes victimas do horrendo tribunal da Inquisição.

Eil-a fielmente transcripta:

*Aqui jase[m] os ossos de Dona Margarida de Mello e Pinna, filha de Francisco de Pinna Prestrello, moço fidalgo da Casa de Elrey, e D. Johanna de Mello, que tinha o mesmo foro que aqui lhe mandou trasladar no anno de 1709 seu sobrinho Joam de Mello e Pinna, que teve o mesmo foro, irmam da dita D. Margarida de Mello e Pina, para esta rica capella da Senhora da Piedade da Inquisiçam de Coimbra onde esteve presa 17 annos e no fim delles lhe deram a sentença seguinte:*

*Satisfasendo ao despacho acima dos Senhores Inquisidores certificado eu*

*Francisco Nogueira Corrêa notario do Santo officio nesta Inquisiçam de Coimbra que para o effeito de passar a presente rerí o processo de D. Margarida de Mello, viuva de Manuel da Fonseca Pinto que vive de sua fazenda natural e moradora na villa de Montemor o Velho e nelle a folhas 366 está uma Sentença cujo theor he o seguinte:*

*Accordam os Inquisidores Ordinario e Deputados da Santa Inquisiçam que vistos estes autos culpa de Dona Margarida de Mello Christam Velha, viuva de Manuel da Fonseca Pinto que viua de sua fazenda natural e moradora na villa de Montemor o Velho Bispado de Coimbra, presa nos carceres da Inquisiçam da mesma cidade e nelles defunta porque se mostra que sendo denunciada ao Santo officio que tinha commettido crimes contra a nossa santa fé catholica, o que tudo visto com o mais que dos autos consta e o que resulta das diligencias que se fiseram por ordem do Santo officio a respeito da calidade da ré e constar della ser legitima e inteira christãa velha limpa e sem raça alguma de christã nova, absolvem a ré Dona Margarida de Mello da instancia do juiso, e declaram que a seos ossos se pode dar sepultura ecclesiastica e offerecer a Deus por sua alma os sacrificios e suffragios da Igreja; e mandam que esta sentença se lêa nesta salla da Inquisiçam e depois se publique na parochial egreja da dita villa de Montemor o Velho onde a ré era freguesia, na estação da missa conventual, para que venha á noticia de todos, e lhe seja levantado o sequestro que em seos bens se avia feito e delles se paguem as custas; Sebastiam Diniç Velho—Gonsalo Borges Pinto—E não contem mais em si a dita sentença que está no dito processo a que me reporto. Em fé do que passei a presente em que me assignei.—Coimbra no Santo officio em os quínse dias do mês de Outubro de 1683—Francisco Nogueira Corrêa.*

E' esta uma das mais extensas e curiosas inscripções que existe no paiz, e não foi ainda publicada.

Da parte da Epistola ha uma capella que tem por cima do arco de entrada a seguinte inscripção:

*Capella da muito antiga e nobre familia dos Cottas que instituiu e dotou Joam Peres Cottas com missa cotidiana e alampada accêsa em 1504: depois em 1617 seu bisneto legitimo o Doutor Hyeronymo de Almeida Cottas e sua mulher Giomar da Fonseca e Vasconcellos a reformou e acrescentou.*

As egrejas de S. Miguel, S. Salvador, e Santa Maria Magdalena não existem já.

Na de S. Miguel, transformada em curral de animaes domesticos, vimos ha annos fragmentos de inscripções, e um tumulo quebrado, que servia de deposito de diferentes objectos de uso domestico.

No nosso museu existe uma das lapides commemorativas da escolha feita por D. João IV da Senhora da Conceição para padroeira do reino. Estas lapides foram distribuidas pelas principaes terras do paiz, para que do facto ficasse memoria perduravel, e a que possuímos pertencia á villa de Montemor, sendo

depositada no nosso museu pelo Sr. Dr. José Galvão, illustre filho d'aquella localidade, ha pouco fallecido.

A inscripção exarada n'este padrão é a seguinte :

*Aeternit Sacr.  
Immaculatissimae  
Conceptioni Mariae  
Joan IV. Portugaliae Rex  
Una cum general. Comitibus  
Se, et regna sua  
Sub annuo cense tributaria  
Publice vorit,  
Atque deiparam in imperii tutelarem  
Electam  
A labe originali praeservatam perpetuo  
Defensurum  
Juramento firmit  
Viret ut pietas Lusitan.  
Hoc viro lapide memoriale  
Perenne  
Exarari jussit  
Ann. Christi M. DC. XL. VI.  
Imperii sui VI*

Esta inscripção foi composta por Antonio de Sousa de Macedo, conforme elle declara no seu livro — *Era e Are.*

## Os sobrenomes ou appellidos tirados da fauna e da flora entre as populações do valle inferior do Mondego

POR ANTONIO CARLOS BORGES

---

Nas sociedades hodiernas, como n'aquellas que mais remotamente a historia nos mostra diluidas nos nevoeiros do passado, o nome foi sempre objecto d'especial veneração.

A moral, as conveniencias, os prejuizos, todas as regalias n'uns, todas as sujeições n'outros, se significavam e affirmavam pelo *nome*, na sua accepção mais lata e mais corrente.

Elle é um signal da procedencia, um indicador, por vezes fallaz, da origem.

Sacrificam-se-lhe as paixões mais assoladoras, os affectos mais profundos e até os interesses mais imperiosos.

Em tudo se insinua e a todos avassala.

E' sómente pelo nome que muitos ascendem ao fastigio das grandezas, das honrarias, das vaidades, e é ainda elle que, chumbado ao esforço e ao talento d'um homem, como uma grilheta, lhe vedá ou accidenta o caminho legitimo da ambição e da gloria.

Nas sociedades aristocraticas (e são-no todas ainda, sem embargo das declamações demagocicas) o nome exalta ou humilha consoante inculca uma origem nobre ou plebeia, rica ou miseravel.

Ao amor do nome se devem, porventura, as mais inolvidaveis manifestações da intelligencia e da actividade humana.

Quantos homens obscuros pelo nascimento e pela pobreza não lançaram o seu nome a uma nação como a nota mais vibrante d'um hymno patriótico, pela grandeza d'uma obra em que o corpo e o espirito se quebrantaram, na intensa continuidade do trabalho e do esforço!

A notoriedade ou a immortalidade do nome é o que almejam os empreendedores das grandes obras. Sahir da massa dos ignorados, ter um nome que corra fama, é entrar n'uma sociedade d'eleição, n'um circulo restricto, privilegiado e aristocratico.

Afóra este character inteiramente pessoal o *nome*, isto é, o appellido, representa quasi sempre uma familia, e serve para a distinguir na collectividade.

Em Roma e na Grecia o *nomen* (sobrenome, appellido) servia para designar não só cada familia, mas ainda o aggregado social chamado *gens*, grupo de familias procedentes d'um tronco commum, a que corresponde sob certos aspectos, senao em todos, a *tribu* ou *clan* d'outros povos.



O uso e transmissão do *nomen* liga-se em Roma á religião familiar, e era pela sua unidade que se fazia notar a egualdade do nascimento e do culto <sup>(1)</sup>.

A origem historica do appellido difficilmente pode precisar-se.

Os guerreiros barbaros mandavam pintar nos escudos e nas proprias vestes certos animaes que lhes serviam de symbolo ou divisa, e é talvez d'esta pratica que derivam os appellidos de Leão, Lobo, Carneiro, Rapozo, etc.: d'onde alguns escriptores pretendem inferir que taes nomes são uma manifestação do totemismo, isto é, da crença de que a familia descende do animal cujo nome se adoptou <sup>(2)</sup>.

Nos paizes onde o feudalismo teve alguma preponderancia, os senhores tomam o appellido do local em que é sito o seu castello ou solar, ou da povoação em que nasceram; e assim temos, por exemplo, Ruy Dias de Bivar, Gonçalo de Cordova, Gonçalo Mendes da Maia, Francisco d'Almeida, Afonso d'Albuquerque, Bertran Du Gueuxclin, etc.

Tambem na Edade Media era costume outhorgar a um guerreiro appellido que celebrasse o seu mais luzido feito d'armas, appellido que este quasi sempre perfilhava, mandando historiar allegoricamente a façanha no escudo e no balsão.

Para exemplo citaremos uma noticia heraldica, que n'este museu se encontra, sobre o nome de Machado, cujo brasão consistia n'um escudo esquartellado, vendo-se no primeiro quartel tres machados sobre campo verde.

Eis a origem do nome: Como no cerco de Santarem um cavalleiro desconhecido houvesse arrombado, a machado, uma das portas da cidade, os seus companheiros d'armas passaram a designal-o por — o do Machado — e mais tarde sómente por — Machado — sobrenome que o cavalleiro acceitou e legou á sua posteridade.

Entre nós era vulgar formar o appellido d'um individuo alterando a terminação do nome proprio do seu progenitor, assim temos Vasques, filho de Vasco, Alvares, filho d'Alvaro, etc., o que denuncia uma influencia arabe <sup>(3)</sup>.

Entre nós ainda muitos appellidos são allusivos ás profissões e ao local de residencia de quem os usa: taes são Maria do Forno, José da Fonte; e outros são formados pelo nome proprio da mulher que fica em substituição do primitivo sobrenome, taes como Antonio da Carlota, Manuel da Rosaria, etc., mas estes raramente passam aos descendentes.

Um exemplo, relativamente recente, mostra como em muitos casos se formam os appellidos.

A mae de José da Silva e Sousa, ha pouco fallecido, fabricava brôa em uma casa do Largo da Egreja, d'esta cidade, e o povo chamava-lhe Marianna da Brôa. A alcunha passou ao filho, que só era conhecido por José Brôa, e que por isso passou a assignar-se José Brôa de Sousa.

De tal modo se radicou n'elle este novo appellido que em 1879 teve de propôr no juizo d'esta comarca uma justificação para demonstrar que era o mesmo José da Silva e Sousa.

Pelo que toca á transmissão dos appellidos tambem não existe uniformidade, adoptando-se n'uns paizes os matronimicos e n'outros os patronimicos.

Em Roma e na Grecia antigas, na França, Inglaterra e Portugal são os ultimos que passam á geração.

(1) Fustel de Coulanges—*La Cité Antique*, pag. 122 e seg.

(2) Telesforo de Aranzadi—*Etnologia*, pag. 441.

(3) Oliveira Martins—*A Vida de Nun'Alvares*, pag. 5.

Telesforo de Aranzadi—obra e loc. cit.

Entre as populações do Valle do Mondego, como em quasi todo o paiz, grande numero d'appellidos é extrahido de nomes d'animaes e plantas.

Consultando, por exemplo, o ultimo recenseamento eleitoral do concelho da Figueira da Foz, onde se acham inscriptos 5:531 nomes, encontram-se 1:329 appellidos, isto é, quasi a quarta parte, n'essas condições.

Os mais frequentes são dois, do reino vegetal — Silva e Oliveira — mas n'aquelle recenseamento e n'outros documentos figuram para cima de oitenta variedades.

Podemos agrupal-os do modo seguinte :

*Nomes de mammiferos* — Leão, Lobo, Raposo ou Raposa, Camello, Carneiro, Cordeiro, Leitão, Lebre, Coelho, Gato, Rato e Lontro.

*Nomes de reptis* — Sardão e Cobra.

*De aves* — Gallinha, Pato ou Pata, Pavão, Rolla, Pêgo ou Pêga, Côrvo, Pelicano, Perdigão, Corujo, Falcão, Grou, Marreco ou Marreca, Cartaxo e Pardal.

*De peixes* — Robalo, Ruivo, Lampreia, Cação, Chôco, Bacalhau, Sardinha, Camarão, Roubaco, Picha (camarão pequeno) e Segum.

*De conchas* — Vieira e Lapa.

*De insectos* — Aranha, Grillo, Abelhão, Abelha, Mosquito.

*De plantas, fructos e sementes* — Laranjeira, Limão, Lima, Pereira, Cerejeira, Figueira, Oliveira, Nogueira, Pinheiro, Carvalheiro, Carvalho, Castanheiro, Amieiro, Salgueiro, Faia, Loureiro, Louro, Sylva, Silveira, Silveirinha, Figo, Macieira, Maçã, Milheiro, Cevada, Feijão, Ameixa, Pinhão, Trigo, Tremoço, Batata, Bogalho, Carrapato, Murta, Feno, Palha, Saramago, Sargaço, Carqueja, Grama, Linhaça, Açafrão, Alecrim, Alho, Cardo, Cravo e Craveiro, Rosa, Alfazema, Ervilha, Pecegueiro.

Os appellidos que não teem correspondentes na fauna e na flora são extrahidos da geographia physica, como Serra, Valle, Campos, Veiga, Costa, Bahia; ou dos metaes, como Ferro e Bronze; dos mineraes, como Rocha e Louza; dos phenomenos atmosphericos, como Chuva, Saraiva; dos astros, como Estrella; dos elementos, como Aguas, Luz; dos nomes de povoações, como Chaves, Almeida, Lisboa, Porto, Gouveia, Coimbra, Cantanhede, Carvalhaes, Liceia, Alhadã; de symbolos religiosos, como Cruz; de nomes de santos, como S. Pedro e S. Thiago; de certas construcções, como Castello, Fontes, Paredes; ou de certos utensilios, como Machado, Caldeira; mas o maior numero é meramente pessoal, não correspondendo a qualquer coisa ou facto conhecido, como Lemos, Soares, Fontoura, Cardoso, Marques, Novaes, Borges, Esteves, Galvão, Mendes, Fonseca, Sousa, etc.

Era de presumir que entre as populações pescadoras predominassem os appellidos apropriados da fauna marinha: mas tal não succede.

Entre ellas é que encontramos sobrenomes mais exóticos, havendo alguns que são obra de pura phantasia, e outros que muito se avisinham de certos termos das linguas africanas, como Mujanga e Muxinha, ou do Extremo Oriente, como Taitai, Taihé.

Eis uma lista d'estes appellidos, por ordem alphabetica, que nos forneceu o nosso consocio Sr. Augusto Goltz de Carvalho, de Buarcos:

Abença, Acafata, Arrola, Assentista, Balela, Bagão, Beca, Boia, Boeira, Bolorio, Bónes, Bósana, Bodegas, Broegas, Buço, Bulala, Bulé, Cafum, Calima, Canaxa, Carramanha, Carramona, Carrapito, Catum, Coxinha, Cerola, Chaxa, Chaófa, Chau, Chibantão, Chilia, Chilrão, Chiné, Chipum, Clones, Cóninha, Coteló, Cuncuna, Escarapela, Fanga, Farraguda, Gaiteiro, Ganhitas, Garnim, Garnizé, Jinóca, Larila, Labrego, Lálá, Larão, Laraxa, Lé, Manévé, Mangona, Maniversa, Mantana, Mujanga, Muxinha, Nanóra, Ningóca, Nico, Patêlo, Parada, Parrinhola, Pineu, Pingota, Piórro, Pirralho, Pitada, Pité, Rabaceiro, Rão, Rajado, Rasgado, Ronca, Sacananca, Sangalego, Salamim, Séca, Taihé, Taitai, Tarino, Taranta, Trulha, Tuquilha.

Assim dos factos observados infere-se apenas, como norma presumível, quanto á formação dos appellidos, mesmo os extrahidos da fauna e da flora, que elles foram attribuidos aos individuos para distinguir uma qualidade dominante physica ou moral, ou para celebrar e memorar um acto da sua vida.

Assim a um homem audacioso e bravo, chamar-lhe-iam, Leão; áquelle que se tornasse notavel pelos seus ardis, Raposo, etc. . . .

Quanto á sua transmissão é regra quasi uniforme tomarem os filhos o appellido do pae de preferencia ao da mãe.

---





## EXPEDIENTE

---

O Boletim é gratuito para os socios ordinarios.

Preço d'assignatura — 200 reis cada numero.

Os pedidos devem dirigir-se a José Netto Rocha, Figueira.

# BOLETIM

DA

# SOCIEDADE ARCHEOLOGICA SANTOS ROCHA

(PROPRIEDADE E EDIÇÃO DA MESMA SOCIEDADE)

TOMO I — N.º 7

DECIMA PRIMEIRA SESSÃO PLENARIA

## SUMMARIO

- Relatorio da gerencia de 1904-1906.
- Silo prehistorico da Redinha.
- O «tumulus» do monte de Ferrestello.
- Alguns objectos luso-romanos das ruinas de «Conimbriga».
- Os animaes na medicina popular.
- Dois contos tradicionaes portuguezes.



FIGUEIRA  
IMPRESA LUSITANA DE AUGUSTO VEIGA

1908





BOLETIM

DA

SOCIEDADE ARCHEOLOGICA SANTOS ROCHA

(PROPRIEDADE E EDIÇÃO DA MESMA SOCIEDADE)

---

TOMO I — N.º 7

DECIMA PRIMEIRA SESSÃO PLENARIA



FIGUEIRA  
IMPRESA LUSITANA DE AUGUSTO VEIGA

1908



## Sessão plenaria de 28 d'Outubro de 1906

---

**Presidencia do socio — Dr. José dos Santos Pereira Jardim**

---

**Secretario — Pedro Fernandes Thomás**

---

### Relatorio da gerencia de 1904-1906

SENHORES:

A gerencia de que vimos prestar-vos contas comprehende todo o tempo decorrido de 9 d'outubro de 1904 até ao presente.

Durante este largo espaço de tempo apenas tivemos uma sessão plenaria, em março de 1905; e n'essa só nos occupámos de assumptos puramente scientificos.

Muitas causas concorreram para este fraco movimento na nossa vida collectiva; mas nenhuma que affectasse a nossa boa vontade e o nosso zelo pelos progressos da nossa associação, como vamos mostrar-vos.

Uma grande parte d'esse periodo foi passado nas ultimas explorações de Santa Olaya e do Crasto, como vereis pelas contas, e em escrever a nossa monographia sobre estas estações, que vaé brevemente ser publicada na *Portugalia*. E' preciso dizer-vos que n'esta obra, bastante difficil, illustrada com centenas de desenhos, tivemos de lidar com todos os materiaes accumulados durante quatorze annos de investigações, e que enchem toda a secção de proto-historia do Museu Municipal; e que, para a concluirmos, tivemos de fazer uma viagem a Hespanha em 1905.

No mesmo período concluímos o Catalogo Geral do Museu, que offerecemos ao municipio, e em seguida dirigimos a sua publicação, ordenada pela Câmara Municipal. Este livrinho de 200 paginas regista toda a documentação das nossas investigações durante o espaço de vinte annos.

Entretanto proseguimos tambem as nossas pesquisas sobre a idade da pedra. Um *tumulus* foi descoberto no monte do Ferrestello, proximo de Santa Olaya; e logo procedemos á sua exploração, cujos resultados constam da comunicação que hoje temos a honra de apresentar-vos.

Em março do corrente anno a nossa attenção foi attrahida para a região da Recinha, concelho de Pombal, onde nos haviam annunciado varias cavernas nas proximidades do povoado dos Poios. No dia 8, acompanhados do nosso consocio sr. José Netto Rocha, fomos á serra da Senhora da Estrella. Percorremos alguns kilometros de pessimos caminhos, atravessando serros inhospitos, onde as massas de calcareo jurassico afloram por toda a parte. Em toda esta região não havia uma corrente d'agua, uma unica nascente. O solo é arido e bravo, raramente aproveitado aqui e alli para a cultura dos cereaes ou da oliveira; região pobrissima, açoutada pelas tempestades e cortada por torrentes pluviaes durante o inverno, e abrazada pelo sol durante o estio.

Chegados ao cimo da serra, encontramos de facto muitas grutas naturaes, abertas no calcareo, geralmente com espaçosas entradas. Fizemos sondagens em algumas, mas sem resultado. No planalto vimos um algar largo e profundo, de que partiam galerias subterraneas; mas nem lá descemos, porque esta especie de *fuits*, muito nossos conhecidos na Serra do Cabo Mondego, despeja torrentes pluviaes para o seio da terra, não permitindo a habitação nem os depositos mortuorios nos seus canaes interiores.

No dia seguinte a nossa excursão foi para o monte onde se acha a caverna do Poio Novo. Chegãos a meia encosta tivémos de retroceder. Era forçoso caminhar em um plano tão inclinado, que não podiamos manter-nos de pé. Só os nossos serviçaes, familiarisados com semelhantes ascensões, attingiram a caverna. Elles fizeram alli algumas sondagens, e trouxeram-nos uns punhados de terra, em que não notámos vestigios interessantes.

Este sitio é inteiramente selvagem e sem agua. O valle onde se abre a caverna, e no fundo do qual passa o caminho para Ancião, é quasi todo de rocha viva, n'alguns pontos cortada quasi a prumo. É uma região triste e desolada, sem elementos alguns de vida, impropria para habitação do homem, ainda o mais proximo do estado primitivo.

É talvez por isto que os vestigios da idade da pedra são por alli raros: ao passo que nas proximidades da Recinha, onde abundam as aguas e ha fertes terrenos, são vulgarissimos.

Em abril ultimo uma descoberta importante nos fez voltar á Redinha. Nós tivémos a fortuna de encontrar um grande silo campaniforme, typo já conhecido no sul do paiz e da Hespanha, e de contemplar nas paredes da excavação os vestigios deixados pelos seus rudes obreiros ha milhares de annos! Dois ossos humanos tinham escapado á profanação do recinto, para nos attestarem o seu funebre destino; e nós pudémos ainda recolher estes preciosos restos para o Museu da Figueira.

Finalmente em 30 de setembro partimos para o Algarve com o nosso consocio sr. dr. Joaquim Pereira Jardim, afim de explorarmos a região da Mexilhoeira Grande, no concelho de Portimão. Na freguezia da Mexilhoeira descobriram-se e exploraram-se quatro novas necropoles. Uma na Varzea do Farelllo, proxima do Serro de Bartholomeu Dias, outra na base do Serro do Poio, outra no Vidigal, todas da idade do cobre, e outra no Serro do Algarve, que ainda

não está classificada. Em um serro do Monte Velho, freguezia de Alvor, descobriu-se e explorou-se uma necropole dolmenica de transição para o cobre. O material recolhido foi muito importante, e já se acha archivado no Museu.

Não se dirá, pois, senhores, que repousámos durante estes dois annos. O trabalho foi consideravel, e muitas vezes interrompido por dolorosos incidentes. Durante este periodo perdemos o nosso amigo e collega na direcção, sr. Francisco Ferreira Loureiro, um dos fundadores do Museu e da nossa sociedade, os nossos consocios srs. Joaquim José de Sousa, John Hannah Smart e Manuel Gonçalves d'Azevedo, o nosso delegado no Paião sr. Joaquim José dos Santos e o nosso velho collector Francisco Dias Cardoso, de Brenha, a quem o Museu devia muitos e importantes serviços.

Todos estes companheiros são mortos; e nós cumprimos um dever, prestando aqui homenagem á sua memoria.

Tambem a nossa direcção em julho ultimo recebeu a communicacão official da morte do insigne palethnologo francez sr. Louis Edouard Stanislas Piette. Este sabio, que tanto illustrou a Prehistoria, mereceu uma consagração universal; e nós, honrando tambem a memoria do mestre, não podemos deixar de consignar aqui o nosso profundo e doloroso sentir por tão funesto acontecimento.

O Presidente da Direcção

*Antonio dos Santos Rocha.*

---

## COMMUNICAÇÕES

---

---

### Silo prehistorico da Redinha

POR SANTOS ROCHA

---

---

Estacio da Veiga encontrou no Algarve numerosos silos, que elle reputava prehistoricos e terem servido de habitações (1). Entre os exemplares que menciona, figuram alguns com a fórma de campanula, como o da Nora (2); fórma que parece predominar nos de Aljezur, onde se recolheu mobiliario neolithico (3). Outros, de mui pequenas dimensões e com fórma ovoide, aliás improprios para habitação, como os de Bensafirim, foram tambem pelo illustre investigador equiparados aos primeiros, negando-lhes formalmente o character de *celeiros mouriscos*, que o povo lhes attribue (4).

Nós seguimos opinião diversa quanto a estes ultimos, pelas razões já expostas em outro lugar (5); e trabalhos posteriores vieram justificar-nos (6).

Quanto aos silos campaniformes, as descobertas do sr. Bonsor em Carmona (Hespanha) confirmaram a sua antiguidade, e vieram demonstrar que alguns, pelo menos, serviram de sepulturas ou ossarios nas epochas neolithica ou cupro-lithica. Taes os de Acébuchal e de Campo Real (7).

Entretanto é certo que em tempos que a historia alcança, anteriores ao dominio arabe, o uso dos silos tambem existia na Iberia. Plínio falla d'elles (8); e Romey, fundado em antigos textos, menciona-os entre os vaccenses, ao norte do Douro (9).

---

(1) *Antiquidades mon. do Algarve*, t. 2.º, pag. 417 e seg.

(2) Obra e tomo cit., est. 28 A.

(3) Obra cit., t. 1.º, est. A.

(4) Obra cit., t. 2.º, pag. 318-319.

(5) *Memorias sobre a antiguidade*, pag. 193.

(6) *Boletim da Socied. Archeol.*, n.º 1, pag. 20-21, e est. m, fig. 27 e 28.

(7) *Les colonies agric. pre-rom. de la vallée du Betis*, pag. 31-34, 36-39 e 88-89.

(8) *Hist. Nat.*, trad. de Littré, t. 1.º, liv. 18, c. 73, § 4.º

(9) *Hist. de Hesp.*, versão de Monteiro e Cunha, 1844, t. 1.º, pag. 50 e notas 4 e 5.

Não é facil ajuizar da fôrma d'estes recipientes, que apparecem nos alvares da historia peninsular. Um estudo minucioso de todos os exemplares já descobertos ou assignalados, até ao presente, no nosso paiz, seria indispensavel, para chegar a algum resultado util n'este importante capitulo da ethnographia; e infelizmente esse estudo está ainda por fazer.

Entretanto nós já temos encontrado na nossa região vestigios de silos que verosimilmente poderão attribuir-se a esta epocha. Em um terreno junto á fonte de Cabanas, a oeste de Brenha, pozémos a descoberto restos de cinco excavações circulares, abertas no tufo calcareo, com o diametro de  $1^m,45$ , muito proximas entre si, conservando ainda algumas d'ellas a profundidade de  $0^m,60$ . O fundo era ligeiramente concavo, e não ovoide, como o dos silos mouriscos. Continham terra com carvões vegetaes, cinzas e conchas marinhas passadas ao fogo, principalmente de *Purpura*.

E' certo que nada recolhemos nos entulhos que nos denunciase a epocha a que pertenceriam; mas ao pé d'uma d'ellas encontrámos fragmentos de ceramica, trabalhada á mão, que nos pareceu semelhante á do *Crasto*, estação da segunda idade do ferro, que não dista muito do local.

N'este estado dos nossos conhecimentos sobre o assumpto chegou-nos a noticia de que na Redinha, concelho de Pombal, fôra descoberto um subterraneo, com o orificio tapado por uma grande mó de moinho moderno. Foi o sr. João Dias Saraiva Junior, nosso delegado na localidade, que nos communicou o facto em 9 de março ultimo, informando-nos de que estava completamente vazio, e não se haviam encontrado dentro d'elle senão alguns ossos, que pareciam d'animal.

Pedimos-lhe mais pormenores sobre a descoberta; e em sua carta de 12 do mesmo mez mandou-nos um esboço do subterraneo e as suas dimensões, declarando-nos que estava aberto em rocha calcarea muito branda, a que na localidade dão o nome de *caieiro*.

Era um verdadeiro silo campaniforme, como os da Nora, de Acébuchal e de Campo Real!

Esta descoberta, no coração do paiz, causou-nos tão vivo interesse, que logo no dia 17 do referido mez fomos á Redinha examinar o monumento; e eis o resultado da nossa investigação.

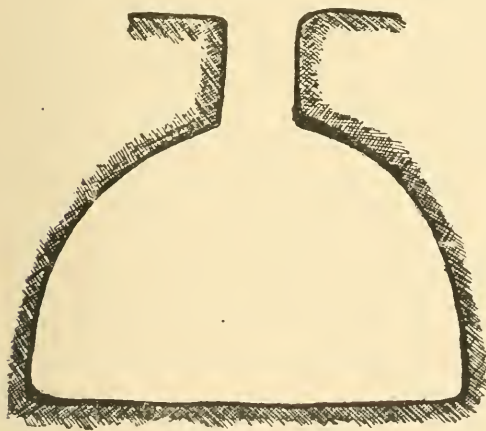


Fig. 1

O silo demora a uma centena de metros aproximadamente para E das ultimas casas da povoação, no local denominado *Caieiros dos Algarres*, sob a orla d'um caminho publico, dentro do predio dos herdeiros de José Cordeiro; e é excavado n'uma possante camada de tufo calcareo. Aqui damos o desenho do córte vertical da excavação, que mede  $0^m,80$  no diametro da bocca,  $5^m$  no diametro do fundo,  $4^m,50$  de profundidade total e  $1^m,30$  na altura do collo. E' um dos maiores exemplares de que temos noticia. (Fig. 1)

Em muitos sitios das paredes são ainda bem visiveis os vestigios dos instrumentos com que foi excavado. Os golpes apresentam ora uma superficie sensivelmente plana ora ligeiramente concava. A sua largura, correspondente á dos instrumentos operadores, regula entre  $0^m,05$  e  $0^m,07$ . N'alguns pontos a fôrma

cos gumes está perfeitamente indicada. Era convexa e regular em relação á linha media longitudinal do instrumento. Estes factos provam, a nosso ver, que a excavação foi feita com *herminettes* de pedra ou com machados chatos de pedra ou cobre. De resto a rocha é tão branda que se desfaz com as unhas.

No proprio local nos confirmaram pessoas que desceram ao silo na occasião da descoberta, que o pavimento, sensivelmente horisontal, estava completamente limpo d'entulhos, não se encontrando sobre elle senão alguns ossos dentro das perpendiculares da bocca.

Estes ossos foram guardados por um morador da Redinha; e nós tivemos o cuidado de os examinar. Alguns pareceram-nos de raposa; mas uns fragmentos, que nos foram offerecidos, são manifestamente humanos. Um d'estes ultimos, com golpes dós incisivos de pequenos roedores, é de criança, e pertence á diaphyse do humero. O seu aspecto é semelhante ao de muitos ossos dos dolmens. São levissimos, extremamente alvos e avidos de humidade.

O pavimento estava excavado de poucos dias. Depois d'algumas sondagens que n'elle fizera o sr. Saraiva, para verificar que era formado pela propria rocha, alguns sonhadores de thesouros escondidos tinham ido proseguir na sua demolição. Entretanto restavam junto ás paredes algumas parcelas intactas do mesmo pavimento, que nós pudémos observar, não nos deixando duvida que era allí o primitivo nivel do fundo.

Assim este silo, datando da epocha neolithica ou cupro-lithica, conteve restos humanos, como os de Carmona, e foi profanado e despojado em tempos modernos. Dizem-no os golpes de hacha nas paredes e esses poucos ossos humanos que escaparam ao despejo, assim como a moderna mó de moer trigo, com o diametro de 1<sup>m</sup> aproximadamente, que tapava a abertura. O feliz descobridor, em epocha que excede a memoria dos vivos da localidade, explorou-o só no interesse da sua cobiça; e desilludido afinal, pensou em aproveitar a excavação, vedando-lhe cuidadosamente a entrada, e cobrindo-a de terra.

Não accusemos por isto o ignoto vandalo! Provavelmente no seu tempo ainda em Portugal não se pensava em Prehistoria. Hoje mesmo somos nós os primeiros que propagamos entre o povo da localidade algumas noções sobre a materia. O terreno allí é ainda virgem para a sciencia. Os machados de pedra são recolhidos como *raios* e *coriscos*, e occupam ás vezes as chaminés das casas, como preservativos das trovoadas. O silo era tido por um esconderijo feito no tempo dos francezes. Para explicar as obras da epocha romana existente nas proximidades, a memoria do povo não ia além dos mouros.

Povo simples, sem duvida, mas docil á verdade! Duvidando ao principio que os seus *raios* e *coriscos* fossem instrumentos de trabalho de remotissimas eras, verdadeiros machados, passou a manifestar certo espanto pela novidade, e dias depois estava convertido, e os preciosos objectos desciam dos borrhinhos e das chaminés e vinham parar ao Museu da Figueira!



## ○ «tumulus» do monte de Ferrestello

POR SANTOS ROCHA

---

O monte de Ferrestello demora na margem direita do Mondego, a E do outeiro de Santa Olaya, distante d'este uns 80 metros. Está pelo sul e contiguo á estrada de Coimbra, com a qual se prolonga na extensão d'algumas centenas de metros. Nas suas linhas geraes segue o rumo EO, mas descrevendo uma curva, cuja convexidade está voltada para o sul.

A cumiada do monte não segue a linha media longitudinal. Fica quasi na orla do sul, dominando a rapida vertente d'este lado; vertente que em alguns pontos se aproxima da vertical, como no outeiro de Santa Olaya. Da cumiada para o norte o pendor é extenso e suave, e em alguns sitios expira ao nivel da estrada.

Está pela maior parte coberto de matto; vegetação bravia que alli cresce ha muito tempo sem estorvo do homem. Do cimo o panorama é magnifico. Avista-se em redor toda a parte da bacia do Mondego que fica n'esta região, cercada de montes, onde assentam pittorescos povoados. O rio atravessa os campos de E a O, a um kilometro de distancia, passando contiguo a essa pequena elevação de terra que se chama a Ereira, e que se acha em frente do lado do sul.

Foi no ponto mais alto da cumiada que se assignalou, no meio do arvoredo selvagem, um grande *tumulus*. Tem uma fôrma oval alongada, cujo eixo maior, orientado de norte a sul, não mede menos de 20 metros, e o menor, de E a O, não é inferior a 12 metros. A altura é diversa conforme o lado pelo qual se examina. Assim pelo norte não se eleva a mais de 1 metro, emquanto pelo sul o relevo é superior a 4 metros. Isto é devido ao desnivelamento do proprio solo em que assenta.

A sua fôrma alongada, quando nos da Serra do Cabo Mondego só apparece a circular <sup>(1)</sup>, fez-nos logo suspeitar uma deformação do primitivo monumento em consequencia de qualquer remeximento; e nós resolvemos seguir na exploração precisamente o seu eixo maior, atacando a maior massa d'entulhos, na esperança de irmos colhendo vestigios da profanação.

Um fosso com 2 metros de largura foi aberto pelo lado do sul. Até 0<sup>m</sup>,50 de profundidade o solo era durissimo; mas d'ahi para baixo appareceu brande e por vezes sem cohesão alguma.

A primeira cousa que se descobriu na excavação foi o esqueleto do proprio *tumulus*, formado com pedras irregularmente amontoadas, como nos seus

---

(1) *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira*, pag. 18 e 120, e est.<sup>as</sup> I, XIII e XXI.

símilares da Serra do Cabo Mondego (1). Muitas d'estas pedras eram estranhas á formação calcarea do monte.

Nós contornámos para os lados a base d'esta agglomeração de pedras, cuja altura não excedia 0<sup>m</sup>,60, e verificámos que pelo sul do *tumulus* formava um arco de circulo, cuja corda media 7 metros, tendo o centro para o meio do monumento.

Em cima da camada de pedras começaram a apparecer para o interior do *tumulus* muitos carvões vegetaes. Era uma vasta lareira, cujo deposito media 0<sup>m</sup>,05 de espessura, occupando uma superficie de mais de quatro metros quadrados.

N'este deposito e aos lados d'elle recolhemos fragmentos de ceramica, ossos de animaes, raras conchas marinhas, dois anneis de bronze ligacos pela oxydação e um pedaço de mó de typo primitivo em grés.

A ceramica é de duas especies, uma trabalhada á mão e outra feita com roda. A primeira apresenta uma pasta impura muito grosseira, misturada com spatho calcareo moído; e os bordos dos vasos são verticaes ou ligeiramente inclinados para fóra. A segunda tem a pasta bastante purificada, de côr parda, cinzenta ou vermelha, esta ultima com vestígios de pintura na face externa e azas com cannelura media longitudinal. E' precisamente a ceramica dos povoados pre-romanos de Santa Olaya: os mesmos vasos de fabrico indigena á mistura com louças d'importação, taes como os pratos tronconicos, as taças e os pequenos *pithoi* listrados, como facilmente pode verificar-se pela confrontação das peças archivadas no Museu.

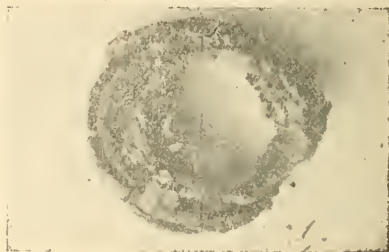


Fig. 2

Os ossos de animaes pertencem ao boi e ao veado; e as conchas são de ostraceas e de mexilhão. Algumas esquirolas osseas estavam calcinadas; e não foi possível determinar as especies de animaes a que pertenceram.

Os anneis de bronze vão representados na fig.<sup>a</sup> 2, em tamanho natural. Pertencem ao typo singelo e uniforme que assignalámos nas estações pre-romanas de Santa Olaya e do Crasto.

O fragmento de mó não é sem valor. Elle vem confirmar o facto já observado n'estas duas estações de que na segunda idade do ferro os povos do valle inferior do Mondego ainda usavam, para moerem os cereaes, as primitivas machinas da idade da pedra, embora já então comesçassem a ser substituidas pela mó circular e girante.

Proseguindo a excavação para o norte, quasi a meio do *tumulus*, e na profundidade de 1<sup>m</sup>,30, encontraram-se duas lages cravadas de cutelo e orientadas de E a O, isto é, no sentido transversal do fosso. Mediam ambas o comprimento total de 0<sup>m</sup>,70, e na altura, acima da rocha viva em que se apoiavam, apenas 0<sup>m</sup>,65. Uma outra pedra mais pequena, tendo 0<sup>m</sup>,30 d'espessura e 0<sup>m</sup>,50 de comprimento, estava deitada a formar um angulo aproximadamente recto com as duas primeiras. Eram indubitavelmente as ruinas da crypta funeraria; ruinas que nós tinhamos suspeitado desde o começo dos trabalhos.

A profanação fóra geral e até ao fundo; e os depositos mortuorios desapareceram completamente com as outras lages que formavam o monumento.

(1) *Antiquidades prehist.* cit., est. 1, fig. 5, e pag. 264.

Para o norte d'aquellas lages descobriram-se vestigios continuos de fogo em dois niveis, um d'elles inferior 0<sup>m</sup>,30 ao do topo das lages; vestigios que se estendiam a mais de 3 metros. Consistiam na argila meio cosida pelo calor e coberta aqui e alli de carvões vegetaes.

Nos entulhos recolheram-se muitos ossos de veado e alguns dentes de bovidos; uma lasca de silex com os presumidos caracteres da percussão intencional e dois fragmentos d'um femur humano, que se ajustaram entre si.

Estes ultimos ossos não apresentam vestigios alguns de fogo; e têm os mesmos caracteres de leveza, avidéz pela humidade, alvura e fragilidade, que temos observado em milhares d'ossos dos dolmens. Tudo nos leva a crer que são restos do espolio funebre da idade da pedra, que a crypta encerrava.

Submettidos a exame no Laboratorio Anthropologico da Universidade de Coimbra, eis o quadro das medidas que devemos ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. J. G. de Barros e Cunha:

|                                                |                     |
|------------------------------------------------|---------------------|
| Circumferencia minima .....                    | 85 <sup>mm</sup>    |
| Diam. ant. <sup>o</sup> post. (no meio).....   | 29 <sup>mm</sup> ,5 |
| » transverso ( » ).....                        | 27 <sup>mm</sup>    |
| » ant. <sup>o</sup> post. sub-trocheriano..... | 28 <sup>mm</sup>    |
| » transverso » .....                           | 32 <sup>mm</sup>    |

Indices:

|                     |        |
|---------------------|--------|
| Pilastrico.....     | 100,29 |
| De platymeria ..... | 87,5   |

O fosso chegou quasi ao extremo norte do *tumulus*; e ahi, na profundidade de 0<sup>m</sup>,30, recolheram-se ainda fragmentos de louça dos povoados pre-romanos de Santa Olaya e uma cabeça de alfinete ou prégo, com fórma hemispherica, feita de bronze, que representamos na fig. 3.

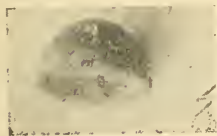


Fig. 3

Do que fica exposto podemos inferir o seguinte:

— 1.<sup>o</sup> Que o monticulo é artificial, um verdadeiro *tumulus*; e a sua estrutura é analoga á dos que cobrem os dolmens das visinhanças da Figueira.

— 2.<sup>o</sup> Que este *tumulus* encerrava um monumento funerario de lages brutas, provavelmente um dolmen.

— 3.<sup>o</sup> Que os homens da segunda idade do ferro, contemporaneos dos povoados pre-romanos de Santa Olaya, e muito provavelmente os proprios habitantes d'estas estações, excavaram o *tumulus* até descobrirem inteiramente o dolmen, e destruíram este monumento, extrahindo os depositos mortuarios que elle encerrava; e este trabalho levou muito tempo, tanto quanto indicam as dimensões das lareiras que alli fizeram e os abundantes restos de cosinha que n'ellas deixaram.

Esta profanação em epocha tão remota nada nos surprehende. Ha muito tempo que nós tínhamos notado que os moradores do Crasto, contemporaneos d'aquelles povoados de Santa Olaya, profanaram todos os dolmens da Serra do Cabo Mondego que lhes ficavam proximos, deixando nos entulhos muitos fragmentos da sua ceramica.

No proprio outeiro de Santa Olaya existiram dolmens, que foram destruídos pelos constructores do povoado pre-romano mais fundo, como já relatámos em uma das nossas sessões anteriores.

## Alguns objectes luso-romanos das ruínas de «Conimbriga»

POR SANTOS ROCHA

O sr. Luiz Henrique d'Almeida, sub-inspector do círculo escolar da Figueira, offereceu ao Museu Municipal algumas peças interessantes, encontradas no prédio denominado *Olival da Alameda*, pertencente ao professor sr. Adriano Rodrigues d'Almeida, e que é situado dentro dos muros da velha *Conimbriga*, em Condeixa-a-Velha.

A nota sobre estes achados, fornecida pelo próprio offerente, que visitou o local da descoberta, diz-nos que os objectos se encontraram esparsos no espaço de um metro quadrado, á mistura com abundantes restos de telhas e de tijolos, fragmentos de vasos, carvões vegetaes, um gonzo e uma pequena mó circular tendo aproximadamente o diâmetro de 0<sup>m</sup>,50 (*mola versatilis*).

Nenhuns ossos humanos foram vistos no local; e o terreno parece estar virgem de pesquisas archeologicas, segundo as informações do proprietario.

As peças mais importantes, feitas de bronze, osso, vidro e ferro, são as que vamos descrever.

Fragmento d'um vaso de bronze, pertencente ao ligamento da aza, que

representamos em tamanho natural na fig. 4. E' manifestamente uma peça de applicação, que se fixava junto ao bordo do vaso.

Na parte superior conserva resto do orificio onde penetrava uma das extremidades da aza. Na parte inferior uma especie de medalhão circular representa ao meio um rosto humano estylisado, com nariz grosso e saliente, olhos redondos

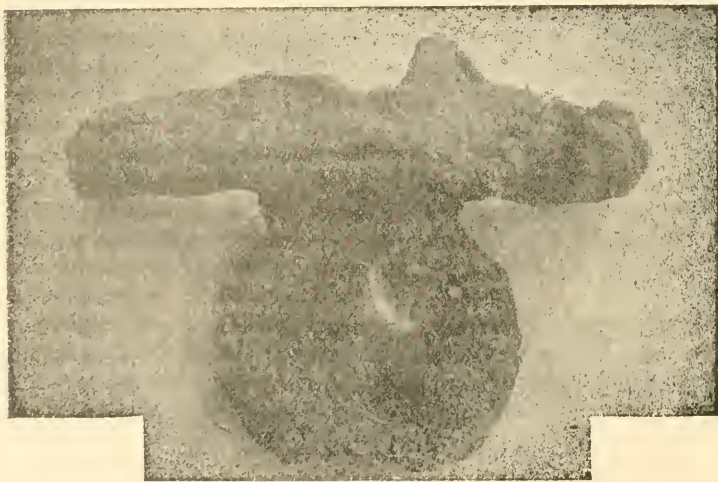


Fig. 4

quasi imperceptíveis e bocca figurada por dois traços transversaes e paralelos; e em torno d'esta figura radiações para a periphèria, gravadas ligeiramente, e com os espaços intermedios cortados por traços transversaes.

O sr. Pierre Paris apresenta os desenhos de tres objectos semelhantes, existentes no Museu de Madrid, e provenientes, segundo crê, da região de Murcia e Alicante, que elle reputa obras *ibericas* archaicas. Sobre o seu destino o illustre sabio francez pensa como nós. «Ces objets, diz elle, sont en effet, selon toute vraisemblance, destinés à être appliqués au bord des lèvres des chaudrons, pour en soutenir l'anse dont les pointes recourbées en boucles passaient à jeu libre dans les anneaux» (1).

O sr. Déchalette, fallando dos mesmos objectos e concordando no seu destino, pondera comtudo que elles foram achados na Galiza, e não pertencem á industria primitiva da Hespanha, mas sim á epocha imperial romana. Elle affirma que os seus prototypos se encontram em vasos de bronze italicos, apresentando, como exemplo, um desenho que figura uma cabeça humana, tendo por debaixo uma palmetta d'estylo hellènic; palmetta que elle julga transformada, nos exemplares hespanhoes, em *une sorte d'auréole striée* (2).

E' fóra de duvida que o nosso exemplar veio confirmar o conceito d'este ultimo sabio quanto á epocha a que pertencem taes objectos, visto ter sido encontrado em um meio inteiramente romanizado; mas, se elles não são um producto da primitiva industria da Iberia, não se segue, a nosso ver, que não sejam em todo o caso obra *iberica*. A propria transformação da palmetta de estylo hellènic usada na Itália, que o sr. Déchalette invoca, prova, em favor do conceito do sr. Pierre Paris, que estas peças têm um cunho *iberico*. Certamente ellas não foram importadas da Italia. O seu fabrico é muito mais grosseiro do que o dos prototypos italicos indicados, pois que o rosto humano e a palmetta se acham estylisados por um modo especial e muito rudimentar.

Por outro lado é sabido que ha vasos gregos em que os ligamentos das azas apresentam já o rosto humano cercado d'uma especie d'aureola estriada. O sr. Oscar Montelius fornece o desenho d'um exemplar encontrado na Escandinavia (3). Assim o modelo dos exemplares *ibericos* podia ter sido genuinamente grego, e não italico.

O objecto de bronze que representamos na fig. 5, em tamanho natural, deve tambem ter sido o ligamento da aza d'um vaso. Conserva na parte superior o respectivo anel, com vestigios manifestos de longo atrito da aza.

Esta peça apresenta no meio um relevo triangular, que parece indicar o nariz, por debaixo, no sitio da bocca, dois traços em X, por cima do nariz traços horisontaes que podem indicar os olhos, e mais acima dois traços a separa-



Fig. 5

(1) *Essai sur l'art et l'industrie de l'Espagne primitive*, t. 2.<sup>o</sup>, pag. 238, fig. 376 e 377, e pag. 239.

(2) *Les petits bronzes iberiques*, pag. 38-39.

(3) *Les temps prehistoriques en Suède*, trad. de S. Reinach, pag. 150-151 e fig. 203.

rem esta figura do anel. Em volta nota-se uma estriação semelhante á do objecto antecedente, mas sem os traços transversaes nos espaços intermedios.

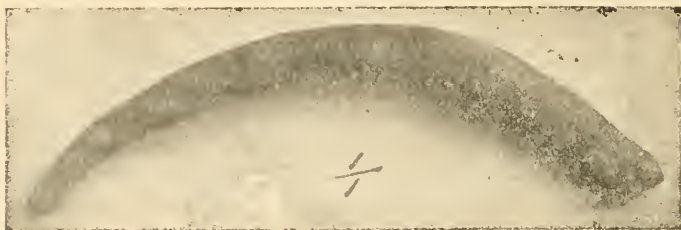


Fig. 6

está claramente indicado, e a aureola estriada é tambem cortada por traços transversaes como no exemplar da fig. 4, e em alguns dos existentes no Museu de Madrid.

O sr. Dechelette, reproduzindo o desenho do *Archeologo*, aproxima-o dos exemplares hespanhoes (2); mas se a aureola estriada é semelhante, o estylo do rosto humano é muito diverso. Nós não estamos longe de admittir, como o sr. dr. Leite de Vasconcellos, que o exemplar do *Archeologo* tem uma origem estrangeira; mas o de Condeixa-a-Velha parece antes uma grosseira imitação ibérica.

São talvez restos d'azas dos mesmos vazos os bronzes das fig. 6 a 8. A espessura que nas curvas apresentam os dois primeiros d'estes objectos amolda-se bem ao entalho produzido pelo attrito no anel da fig. 2.

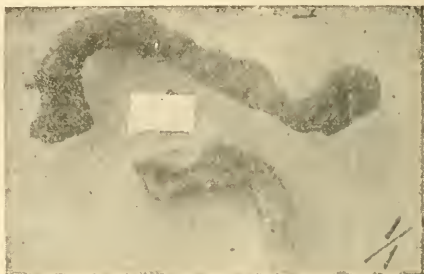


Fig. 7 e 8

Do mesmo metal ha tambem uma agulha (*acus*) com o comprimento de 0<sup>m</sup>,14, que representamos na fig. 9.

D'estas longas agulhas, feitas de osso, já nós tinhamos colligido um exemplar nas ruinas romanas da Bocca do Rio, em Budens (Algarve) (3). Daremberg e Saglio dão-lhe o nome de *passe-lacet*, e dizem que são communs em todas as collecções (4).

Fig. 9

Dois objectos são de osso. Um é manifestamente fragmento d'um alfinete de cabelo (*acus crinalis* ou *comatoria*). Tem cabeça pyramidal quadrada; e a haste, de secção circular, en- grossa para a parte media. Mede no comprimento 0<sup>m</sup>,068. Fig. 10.

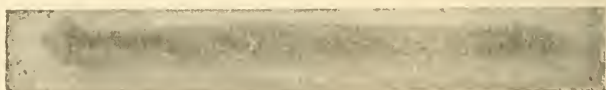


Fig. 10

O outro objecto, que representamos na fig. 11, parece ter feito parte d'um instrumento semelhante ou d'algun *stilus* ou ponteiro de escrever sobre cera.

(1) Vol. v. pag. 281.

(2) *Obra e log. cit.*

(3) *Memorias sobre a antiguidade*, pag. 231.

(4) *Dicc.*, v. *acus*, pag. 61.



Fig. 11

concelho da Figueira, estação da segunda idade do ferro, período *marneano* ou da Tene I, de que nos occupamos em outro lugar <sup>(1)</sup>. Vae representada na fig. 12.

Como é geralmente reconhecido que estes artefactos têm uma origem exotica, egypto-phenicia, somos naturalmente levados a admittir que a sua importação, assignalada no nosso paiz durante o periodo da influencia punica, continuou a fazer-se durante o dominio romano; o que contraria o pensar d'aquelles que attribuem as contas semelhantes ás de Conimbriga e do Crasto ao 4.º seculo antes da nossa era.



Fig. 12

Com estas peças foram recolhidos dois objectos de ferro e dois fragmentos de placas de marmore polidas. Um dos primeiros parece ter pertencido a um duplo gancho, talvez d'alguma balança romana <sup>(2)</sup>. Fig. 13. O outro é um grosso instrumento de secção quadrangular, pontegudo n'uma das extremidades, que vae representado na fig. 14. Nós ignoramos qual fosse o seu destino.



Fig. 13



Fig. 14

Esta colheita de pequeno mobiliario mostra quanto ha ainda a fazer no estudo das ruinas da cidade luso-romana. Se só um metro quadrado de terreno forneceu tudo o que temos descripto, licito é esperar grandes surpresas com uma exploração em maior escala.

<sup>(1)</sup> *Estações pre-romanas da idade do ferro nas visinhanças da Figueira*, in *Portugalia*, t. 2.º

<sup>(2)</sup> *Diction. de Rich, verbo statera.*

## Os animaes na medicina popular

por PEDRO FERNANDES THOMÁS

---

Desde os tempos primitivos da humanidade, e entre todos os povos, o homem, buscando allivio para as doenças que o assaltavam, sem poder determinar-lhes as causas, procurou desde logo o antidoto para as combater.

Na crença geral a origem das doenças foi ao principio talvez attribuida aos espiritos maus, que produziam, entrando no corpo, a desordem do organismo. Esta crença na origem sobrenatural das doenças, é ainda hoje vulgar entre os povos selvagens, e não sabemos nós tambem que n'um estado de civilisação já bastante adiantado, e na culta Europa, foram durante muitos seculos considerados posséssos do demonio os doentes atacados de affecções nervosas como a hysteria e epilepsia, crença que ainda hoje existe viva e arreigada entre as classes pouco illustradas?

Entre os varios meios imaginados pelo homem para combater as doenças, occupa notavel logar a confecção de drogas ou mesmo a applicação directa do corpo de certos animaes, ou de parte d'elle, na crença de que muitos d'elles possuíam propriedades curativas. O proprio homem não era excluido d'esta virtude therapeutica, sendo, por exemplo, a sua carne considerada entre alguns povos do Oriente como utilissima nas doenças pulmonares.

Qual seja a origem d'esta crença não é facil de averiguar, mas vêmo-la perfilhada principalmente durante a idade media e até ao seculo XVII mesmo pelos homens de sciencia; o que facilmente pode verificar-se pelos tratados da especialidade publicados n'esta epoca.

Modernamente alguns sabios pertendem explicar a sua origem e persistencia n'uma sobrevivencia do *Totemismo*. Tal é por exemplo a opinião do eminente homem de sciencia Salomão Reinach, que em artigos publicados nas revistas—*Antropologie*, *Revue Scientifique* e *Revue Celtique*—apresenta e defende esta hypothese, com as seguintes razões:

«Do animal *totem* ao animal *augur* vae pouca distancia, como vae d'este ultimo ao animal dotado de virtudes curativas. A ideia dominante, é sempre a mesma: solidariedade entre a mesma especie d'homens (clan) e uma determinada especie de animaes, solidariedade que se confirma por uma troca de bons serviços, e cuja recordação persiste nos usos e nas superstições populares, mesmo depois que a noção do animal *totem* desapareceu ou está completamente esquecida.»



Deixando, porem, de parte a maior ou menor plausibilidade d'esta explicação, limitamo-nos n'este modesto trabalho a registrar alguns factos de que temos conhecimento sobre a applicação do corpo dos animaes na medicina popular.

São innumerables as mésinhas applicadas ainda actualmente pelo povo na cura de certas doenças, e em que entra o corpo de animaes. Muitas d'ellas acham-se registradas em dois famosos tratados que tiveram grande celebridade nos seculos 17 e 18: a *Polyanthea*, do medico Curvo Semedo, e o *Portugal Medico*, do dr. Braz Luiz d'Ábreu.

A lista completa d'estes medicamentos é ainda extensissima e difficil de obter. Limitamo-nos por isso a apontar alguns dos mais caracteristicos.

Para as affecções cardíacas, deve tomar-se o pó do coração de perçiz; o oleo de pato para as convulsões; o sangue de bode para a asthma. O sangue da crista d'uma gallinha preta cura o anthraz e o carbunculo; o sangue do burro, tirado detraz das orelhas, é grande remedio para as doenças cerebraes; o panario cura-se com o ouvido d'um gato vivo, cortado e applicado sobre a parte enferma; para curar a quebradura, põe-se-lhe em cima um cão vivo, e faz-se ali estar 3 ou 4 horas.

Quem não ouviu fallar na virtude da enxundia de gallinha para as inflamações, do oleo de forneiras para as dores de ouvidos, e do oleo de rans para o rheumatismo, drogas que ainda se encontram á venda nos hervanarios das cidades mais civilisadas do paiz?

A applicação d'estas drogas é feita por alguma benzedeira ou mulher de virtude, que a acompanha muitas vezes de rezas e ensalmos.

Veja-se por exemplo esta receita para curar dôres de ouvidos, muito vulgarisada entre o nosso povo:

— Sangue de gallo novo — Farinha de trigo ou centeio — Clara de ovo — Aguardente — Vinagre — Incenso macho — Mel de enxame novo — Tres dentes d'alho —

Prepara-se este remedio na madrugada de S. João, estende-se em um pannó e põe-se na bocca do estomago d'um doente, dizendo:

Santo *Ouidio*  
Tirai-me esta dôr  
Em nome do Senhor  
Da Virgem Maria  
Alleluia! Alleluia!

E' crença de ha muito espalhada entre o povo, que o pêllo do cão damnado, posto sobre a ferida produzida pelo mesmo cão, attrae a si o virus rabico, e cura o doente. D'aqui o conhecido proloquio — *A mordedura do cão cura-se com o pêllo do mesmo cão.*

Um dos remedios mais preconizados antigamente, era o oleo de cão, para obter o qual era assado no espeto um d'estes animaes depois de convenientemente recheado comervas aromaticas, minhocas, caracoés e *sebo de homem esquarterjado*, recolhendo-se n'um recipiente qualquer o pingo que ia caindo d'este extraordinario assado...

O sapo e a vibora tinham, e ainda conservam, larga applicação na medicina popular.

Já alludimos ao facto de se empregarem certas partes do corpo humano, como medicamento, e a credence popular offerece a este respeito curiosos exemplos.

Assim acreditava-se que o suor de um agonisante ou a agua em que era lavado um cadaver curava certas doenças; um osso humano trazido ao pescoço curava as maleitas; um dente de defunto tocado n'um dente que doesse, fazia-o cair, etc., etc.

Ainda actualmente no Oriente o corpo humano é empregado como medicamento.

O dr. Macgrowan, medico americano, que residiu mais de 40 annos na China, publicou ha tempos um curioso trabalho n'uma revista de Hong-Kong, subordinado ao titulo — *Superstições medicas na China* — artigo que foi traduzido em portuguez e publicado pelo sr. Demetico Cinatti, nosso consul em Cantão.

N'este escripto são apontados factos extraordinarios que ainda hoje se praticam na China, sendo vulgar os filhos cortarem uma porção de carne do braço ou da perna, com que fazem um caldo que administram aos paes, que sejam atacados d'alguma doença perigosa. O fel humano é tambem considerado como agente medicamentoso, e largamente empregado principalmente nas febres intermitentes. Segundo affirma o dr. Macgrowan na materia medica chinesa figuram 37 substancias fornecidas pelo corpo humano!

Muitos factos curiosos poderia ainda citar a este respeito, mas limito-me aos apontados, para não alongar demasiadamente esta communicação.

---

## Dois contos tradicionaes portugêses

por M. CARDOSO MARTHA

---

O conto, a lenda, a tradição e o romance populares são indisputavelmente dos mais ricos e preciosos materiaes que podemos haver á mão para avaliar o character ethnographico dum povo. A raça archivou inconscientemente n'esses documentos o proprio temperamento religioso, erotico e supersticioso, e ali deixou a cada passo vestigios de factos historicos, de lendas, de mythos primitivos, deturpados, transformados ou accommodados a um novo meio, a novas condições e novos modos de vêr.

Ora isto são determinantes que bastariam exclusivamente por si a aguçar o appetite dos mais indifferentes ao assumpto. Por mim declaro que gostosamente me dedico de ha certo tempo a esta parte a recolher e colleccionar, estudando-o intrinsicamente nas suas relações com o meio, na sua genese, no seu vario assumpto, indole e representação historica, e, exteriormente, nas suas figurações, modos de linguagem, usos e costumes archaicos—essa fôrma tradicional de expressão popular—o conto. Dessa collecção de historietas ligeiras, vivas e graciosas, mas muitas vezes cheias de intenção moral e proveitoso exemplo, collecção que a breve trecho virá a publico em volume, selecciono dois contos que deixam bem evidente na sua contextura uma analogia com certas narrativas mythicas dos antigos. A não serem um caso pouco provavel de atavismo criador, dão a nota evidente da perpetuidade, no espirito popular, de velhos factos e velhas crenças, bem que deturpados e transformados no decorrer de muitas gerações.

### I

#### O MAU RICO

Era uma vez um homem rico que vigiava os seus creados, emquanto tiravam agua d'um poço.

Passou por ali Christo com os discipulos e disse ao tal:

—Dás-me de beber e a estes que me acompanham, que temos sêde e vimos cançados da jornada?

O rico, que era de seu natural descaroavel, respondeu:

—Tomára eu mais agua para uso de minha casa, que é numerosa, e das minhas terras, que são extensas, quanto mais para ta dar a ti e aos teus!

Jesus insistiu, supplicou, mas foi tudo em vão. Vendo que não conseguia demovê-lo, disse por fim:

— Pois que não cumpres o preceito da caridade, dando de beber a quem tem sede, eu quero que te fartes de agua emquanto vivo fôres. Ran, salta para dentro do poço!

E logo o mau rico se transformou n'aquelle animal, e se precipitou no poço.

—\*—

Confronte-se com o mytho de Latona, mãe de Apollo, que fugida ás perseguições de Juno, pediu agua a uns homens que lavravam junto d'uma lagôa. Negaram-lha elles, e a filha de Cælo dirigiu-se então a Jupiter para que os mudasse em rans, súpplica que para logo foi attendida pelo pae dos deuses.

## II

### A PRINCÊSA DOS CHAPINS DE OIRO

Era uma vez um rei muito poderoso dum paiz distante, que tinha uma filha com fama de ser a princêsa mais formosa do seu tempo.

Quando chegou a sazão propria do casamento, foram muitos os pretendentes que vieram á côrte na intenção de desposa-la; mas o rei mandou lançar um banco em que se dizia que a princêsa só seria dada a quem fosse capaz de vencê-la na carreira. Quem perdesse, seria morto irremediavelmente.

Apezar d'esta espinhosa alternativa, por muito tempo se apresentaram personagens importantes, esperando obter com a victoria a mão da filha do rei. Mas ella, que corria como o vento, a todos vencia, e todos sem excepção iam morrendo á ordem do monarcha.

Ora succedeu que um pobre camponio dos arredores quiz tambem sujeitar-se á prova; e, apezar dos conselhos da familia e dos amigos, pôz-se a caminho da capital.

Como era muito esperto e ladino, estranhou logo á primeira vista que a princêsa, sendo, se bem que formosa, de compleição franzina e pouco resistente, levasse de vencida tantos homens ágeis e robustos, e calculou que por ali havia de andar marósca. Na esperanza de lobrigar qualquer coisa que pudesse esclarece-lo, foi viver para uma casa defronte do palacio real. Não se enganou nos seus presentimentos.

Todos os dias de manhã uma creada da princêsa lhe vinha abrir as janelas e arrumar o quarto. Metteu-se em cabeça ao nosso aldeão que era por ella que devia começar, e assim fez.

Tanto andou, tanto andou, que tendo-se relacionado com a creada, esta por fim acabou por lhe revelar que uma fada tinha offerecido á princêsa, de quem era madrinha, uns chapins de oiro, que davam a quem os calçasse a facultade de poder attingir a maxima velocidade na carreira. Foi o que o homemzinho quiz saber. Propoz logo á creada fazer por aquelles uns perfeitamente eguaes que viriam substituir os verdadeiros no dia em que a princêsa tivesse de bater-se com elle, promettendo-lhe desde já, se viesse a casar, enche-la de honras e beneficios. A creada acceitou, levada pela ambição, e chegando o dia desejado, a troca realisou-se em plena segurança.

A princêsa calçou secretamente os chapins por dentro das botas sem sus-

peitar coisa alguma, tal era a semelhança d'elles com os antigos, e preparou-se para a corrida. O camponio, que calçára tambem os seus pelo mesmo processo, saiu a campo, a dar começo á experiencia.

Ao vê-lo, destacando no grupo dos príncipes e fidalgos que se preparavam a acceitar o repto, a côrte, a princêsa e o proprio povo o motejavam e apupavam. Alguns achavam-lhe graça, e riam a bandeiras despregadas; outros indignavam-se com a audacia do labróste. Mas qual não foi o espanto geral quando começou a corrida! O nosso homem parecia que levava azas, emquanto a princêsa, faltando-lhe o auxilio providencial que a fizera até então vencedora, perdeu vergonhosamente por uma distancia consideravel.

E como «palavra de rei não volta atraz» o monarcha honrou a sua, dando, embora com grande pezar, a princeza em casamento ao rude mas astucioso camponez.

—\*—

Parece-me encontrar n'este conto certas reminiscencias da fabula dum antigo rei da Elida, Enomáo. Tendo o oraculo predito a este monarcha que seria morto por seu neto, assentou desde logo que não casaria uma filha unica que tinha. Todos os pretendentes eram obrigados a entrar numa corrida de coches que o proprio rei disputava, tendo a certeza de que ninguem lhe levaria deanteira. Já muitos tinham pago com a vida o seu intento, quando appareceu Pelops, filho de Tântalo, futuro colonizador da peninsula grega a que deixou ligado o seu nome. Este conseguiu intender-se com o segeiro de Enomáo, que preparou o carro de modo a voltar-se durante a corrida. O rei não resistiu á queda, e Pelops desposou a princêsa.











## EXPEDIENTE

---

O Boletim é gratuito para os socios ordinarios.

Preço d'assignatura — 200 reis cada numero.

Os pedidos devem dirigir-se a José Netto Rocha, Figueira.

# BOLETIM

DA

# SOCIEDADE ARCHEOLOGICA SANTOS ROCHA

(PROPRIEDADE E EDIÇÃO DA MESMA SOCIEDADE)

TOMO I — N.º 8

DECIMA SEGUNDA SESSÃO PLENARIA

## SUMMARIO

- Mobiliario neolithico esparso na freguezia da Redinha, concelho de Pombal.
- Ara romana da Povoia da Atalaya.
- Lagar luso-romano do Vidigal.
- Necropole visigothica do Serro do Algarve.
- Cemiterio do seculo xv em Lirio.
- Antigas fórmulas populares do casamento no concelho da Figueira.



FIGUEIRA  
IMPRESA LUSITANA DE AUGUSTO VEIGA

1908



# BOLETIM

DA

# SOCIEDADE ARCHEOLOGICA SANTOS ROCHA

(PROPRIEDADE E EDIÇÃO DA MESMA SOCIEDADE)

TOMO I — N.º 8

DECIMA SEGUNDA SESSÃO PLENARIA



FIGUEIRA  
IMPRESA LUSITANA DE AUGUSTO VEIGA

1908



## Sessão plenaria de 14 d'Abril de 1907

---

Presidencia do socio — Antonio Gonçalves

---

Secretario — Pedro Fernandes Thomás

---

### COMMUNICAÇÕES

---

#### Mobiliario neolithico esparso na freguezia da Redinha, concelho de Pombal

POR SANTOS ROCHA

---

O homem neolithico deixou assignalada a sua presenca no territorio da freguezia da Redinha pelo mais caracteristico dos seus instrumentos — a hacha de pedra polida. Esta apparece dispersa por toda a região; e o lavrador recolhe-a na velha crença de que caíra das nuvens.

Nós temos já colligido nove d'estas peças, sendo seis inteiras ou quasi inteiras e tres fragmentos. Seis foram encontradas nas circumvisinhanças do povoado da Redinha; e tres perto do povoadosinho dos Poios, na região alpestre e arida da Serra da Senhora da Estrella.

A rocha predominante n'estes instrumentos é o schisto; e nos de secção quadrangular a polidura não vae geralmente além das faces maiores.

Distinguem-se n'elles dois typos fundamentaes, a saber: — fôrma de triangulo espherico alongado e fôrma de cunha.

No primeiro typo ha duas variedades, uma em que a secção do objecto é ellipsoidal, e outra em que a metade superior apresenta secção quasi circular,

tomando n'este caso o instrumento uma forma conica. Nas fig. 1 e 2 representamos dois exemplares do primeiro typo, notando que o da fig. 2 está fracturado co lado superior e que o da fig. 1 tem o gume obliterado. Nas fig. 3 e 4 representamos dois dos exemplares do segundo typo, que tambem têm fracturas no gume.



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3

Fig. 4

No typo de cunha, cuja secção é quadrangular, ha tambem a distinguir os exemplares que apresentam um contorno sensivelmente trapezoidal, e os que têm a mesma largura em toda a sua extensão, ou em que a largura, na parte media do instrumento, é superior á do gume. Na fig. 5 representamos uma forma completa; e na fig. 6 a metade inferior d'um exemplar, que se alarga sensivelmente no gume.

As restantes peças são variedades do primeiro typo, e vão representadas nas fig. 7 e 8.

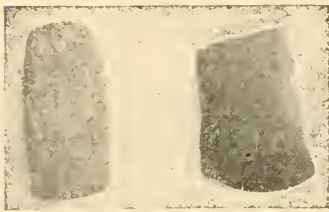


Fig. 5

Fig. 6



Fig. 7



Fig. 8

Todas estas formas são vulgares na região da Figueira (1).

(1) *Antiquidades prehistoricas do concelho da Figueira*, est. III, fig. 15 a 18 e 21, est. IV, fig. 24 a 26 e 30, est. V, fig. 35, 40 e 41, est. XIV, fig. 296, est. XXIII, fig. 311, e est. XXIV, fig. 334.



## Ara romana da Povea da Atalaya

POR SANTOS ROCHA



O sr. Alfredo Ferreira Pinto Basto, de Lisboa, offereceu-nos em janeiro ultimo um monumento luso-romano muito interessante, encontrado na Povea da Atalaya, concelho do Fundão, provincia da Beira Baixa.

E' a ara representada na fig. 9, — feita de granito, com a altura de 0<sup>m</sup>,54. A secção d'este monumento é quasi quadrada, medindo no plinto 0<sup>m</sup>,22 por cada lado. As molduras do coroamento, comprehendendo a cornija, abrangem na altura 0<sup>m</sup>,14; e as da base, comprehendendo o plinto, 0<sup>m</sup>,135.

O co.oamento é formado por um frontão triangular, com o tympano liso, cujas extremidades como que se enrolam em forma de volutas.

No meio da face superior existe o *foculus*, com o diametro de 0<sup>m</sup>,08, tendo o bordo em relevo (fig. 10). Notam-se alli manchas negras resultantes do fogo dos sacrificios.

Pelas suas pequenas dimensões e pela ausencia de orificio para escoamento dos liquidos das libações e das offertas consumidas pensamos que esta ara apenas seria destinada a queimar incenso em honra da divindade.

A inscripção é correcta e em bellos caracteres que lembram a epocha dos primeiros imperadores.

Diz ella:

VICTO  
RIAE  
CVRIVS  
PRIVATVS  
V L S



Fig. 9

As siglas V L S, como é sabido, significam: *rotum libens solvit*.



Fig. 10

Assim temos um Curio Privato, que, partindo para a guerra, fez voto de erigir um altar á deusa Victoria; e, tendo saído vencedor, cumpriu de bom grado (*libens*) o seu voto.

Mais duas aras, pelo menos, consagradas á mesma divindade, têm sido encontradas em Portugal.

*O Archeologo Portuguez* (vol. 1, pag. 226-228 e 231) falla d'ellas, e julga-as tambem provenientes da Beira Baixa, como a nossa.

## Laçar luso - romano do Vidígal

POR SANTOS ROCHA

Na freguezia da Mexilhoeira Grande, concelho de Portimão (Algarve), proximo da região denominada — Vidígal, mas no sitio da Serra, que fica ao poente, encontrámos uma obra que nos parece da epocha romana. Está em um predio de Manuel José, de Monchique, sobre a encosta occidental d'um outeiro, que fórma um dos contrafortes da Serra.

Consiste em um lagar (*turcularium*), excavado na possante camada de grés vermelho que alli existe a descoberto. Na fig. 17 damos a planta d'este curioso monumento.

Como no exemplar da Fonte Velha, freguezia de Bensafrin, de que em outro lugar nos occupámos (1), e no seu similar do Valle do Marinho, por nós descoberto e descripto por Pedro Belchior da Cruz (2), a obra compõe-se d'um tanque e d'uma pia; mas aqui a pia é rectangular, como o tanque, e não arredondada, como n'aquelles exemplares.

O eixo longitudinal do monumento está orientado de N a S. O tanque *a* mede no comprimento 2<sup>m</sup>,35, na largura 1<sup>m</sup>,90 e na profundidade 0<sup>m</sup>,40. O seu pavimento está mais alto 0<sup>m</sup>,45 do que o fundo da pia *b*; e o rasgo pelo qual despeja n'esta ultima mede na largura 0<sup>m</sup>,80.

A pia *b* mede 1<sup>m</sup>,10 de norte a sul e 1<sup>m</sup>,30 de nascente a poente. A sua profundidade é de 0<sup>m</sup>,55; e no meio do fundo ha uma pequena fossa *c*, para aproveitamento dos restos do liquido que recebia.

No angulo sul-poente da pia existe um rasgo que a comunica com a fossasinha *d*; e do bordo d'esta parte um rego *e*, tambem aberto na rocha.

Pelo sul e a pequena distancia da pia ha dois orificios *ff*, com o diametro de 0<sup>m</sup>,20 e profundidade de 0<sup>m</sup>,25. Seriam destinados a fixar os postes verticaes (*stipites*)? Como é sabido, era entre estes postes que a vara (*prelum*) era levantada por meio d'uma corda passada na roldana pendente da travessa

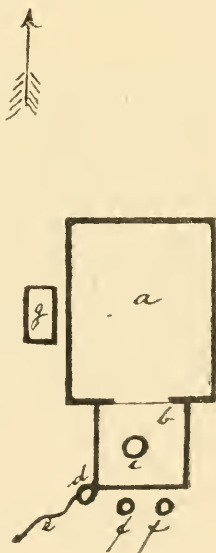


Fig. 17

(1) *Memorias sobre a antiguidade*, pag. 213 e segg.

(2) *Boletim da Sociedade Archeologica*, n.º 2, pag. 68.

que ligava os topos dos mesmos postes, ou era forçada a comprimir a massa a espremer por meio d'um cabrestante (*sucula*) montado na parte inferior d'esses supportes.

Para aceitar a hypothese de que taes orificios pertenciam aos *stipites*, parece que deviam existir outros orificios ao norte do tanque, que podessem ter servido para fixar as *arbores*, a que era ligada, por um eixo, a outra extremidade da vara (*lingula*), ou que na propria rocha estivesse talhada alguma obra destinada ao mesmo fim, como no exemplar da Fonte Velha: e nós nada d'isto encontrámos.

Entretanto nada nos assegura que na bancada de rocha ao norte do tanque não tenha antigamente existido alguma d'essas obras. Pode ter sido destruída, sem nos deixar o menor vestigio.

É muito para notar a excavação rectangular ao lado occidental do tanque e sem comunicação alguma com elle. Está indicada na planta pela letra *g*; e mede no comprimento 0<sup>m</sup>,65, na largura 0<sup>m</sup>,40 e na profundidade 0<sup>m</sup>,30.

Nos ignoramos absolutamente qual fosse o seu destino.

Este typo de lagares excavados na rocha viva apparece tambem no norte do paiz <sup>(1)</sup>; mas não é o unico que se encontra no nosso territorio. Junto ás thermas romanas do Milreu, em Estoi, ao norte de Faro, vimos um exemplar que conservava o pavimento do tanque, que fôra construído de alvenaria. Esse pavimento era de *opus signinum* revestido com cimento. Em vez de pia tinha uma pequena excavação em fôrma de vaso, tambem revestida com cimento. No sitio do Moledo, em Nellas, descobrimos outro que não tinha pia ou recipiente fixo, mas uma bica para despejar o liquido em vasos <sup>(2)</sup>.

(1) *Portugalia*, t. 1.<sup>o</sup>, pag. 606 e segg.

(2) *Memorias sobre a antiguidade*, pag. 236-238.

## Necropole wisigóthica do Serro do Algarve

POR SANTOS ROCHA

A E da Mexilhoeira Grande e muito proximo d'esta povoação ha um valle, orientado de norte a sul, que, descendo das alturas do Vidigal, vem desembocar em face da bahia de Alvor. A planície que fórma o fundo d'este valle, nas proximidades da Mexilhoeira Grande, tem o nome de *Varzea do Farello*.

Ao norte d'esta varzea um monte divide longitudinalmente o valle em dois, um que fica a nascente, passando pelo Poio, e outro que fica a poente. Esse monte é o Serro do Algarve.

O sitio era já muito nosso conhecido. Foi no Serro do Algarve que nós explorámos uma gruta (1), celebrada entre a gente dos arredores e de que Estacio da Veiga dera noticia na sua obra sobre as antiguidades algarvias (2).

N'esse serro, para o norte da gruta, ha um predio, pela maior parte plantado de figueiras, pertencente a José Medronho, do lugar do Cano, freguezia de Monchique; e quasi no cimo da encosta do poente d'esse predio, junto d'uma figueira, foi o sr. Dr. Joaquim Jardim descobrir as ruínas d'umas singulares sepulturas, muito estreitas, formadas sómente por dois renques paralelos de lages de grés vermelho, cravadas de cutello. A melhor conservada apresentava tres lages em cada renque, n'uma extensão correspondente ao comprimento do corpo d'um adulto inhumado em posição horisontal.

N'estas ruínas encontrou o sr. Dr. Jardim muitos fragmentos d'ossos humanos, assim como o osso d'uma phalange, tendo ainda adherente pela terra um anel de metal. Fig. 11.

D'accordo com o descobridor procedemos a sondagens para nascente d'aquelle sitio, em ponto mais elevado; e foram descobertas mais duas sepulturas, orientadas de norte a sul, uma das quaes conservava a cobertura.

Esta tampa era formada por quatro lages, toscamente afeiçoadas a martello nos bordos, e media no comprimento total 1<sup>m</sup>,72 e na largura 0<sup>m</sup>,70. Fig. 12.



Fig. 11

(1) *Boletim da Sociedade Archeologica*, n.º 2, pag. 36-37.

(2) *Antig. mon. do Algarve*, t. 1.º, pag. 62.

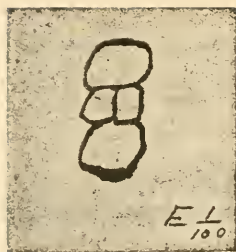


Fig. 12

Por debaixo appareceram dois renques de lages de grés vermelho, cravadas de cutello, na extensão de  $1^m,60$ . Eram quatro de cada lado, e tão inclinadas para dentro, sobretudo as do lado do poente, que se tocavam nos topos. Descobertas até ao fundo, verificou-se que este facto fôra devido a uma antiga deslocação causada pela pressão lateral das terras.

Na fig. 13 damos a planta do monumento, tal como se offereceu á nossa vista, quando se descobriram os topos das lages.

A sepultura estava cheia de terra muito branda, quasi pulverisada. Empregando a faca e o colherim puzemos a descoberto o esqueleto d'um adulto, estendido horisontalmente sobre as costas, com a cabeça para o norte, face ligeiramente inclinada para o poente, e o maxilar inferior descaído sobre as vertebraes cervicaes, braços ao longo do tronco e a mão direita sobre os illiacos.

Nós recolhemos cuidadosamente todos os ossos; mas era tal o seu estado, que no transporte para a Mexilhoeira e depois para esta cidade ficaram pela maior parte reduzidos a minusculos fragmentos.

No entulho, do lado da cabeça do esqueleto, encontrou-se uma pequena argola feita com um fio de prata. Por mais que fizessesmos passar as terras ao crivo e pelas mãos dos nossos serviçaes não se descobriu outro vestigio de mobiliario.

Limpa a sepultura, verificou-se que a largura no fundo media  $0^m,40$  e a altura ou profundidade  $0^m,50$ .

A outra sepultura estava ao norte e distante apenas  $1^m$ . Já não tinha cobertura. Era formada por dois renques de lages de grés vermelho, seis no renque oriental, ligeiramente inclinadas para dentro, e cinco no renque occidental, todas cravadas de cutello; e media no comprimento  $1^m,90$ , na largura  $0^m,30$  e na altura ou profundidade  $0^m,46$ . A espessura das lages regulava entre  $0^m,1$  e  $0^m,15$ . Fig. 14.

Dentro puzemos a descoberto um esqueleto de adulto, na mesma posição e orientação do anterior, mas com as mãos estendidas ao lado dos illiacos. O seu estado de conservação era muito peor do que o do primeiro.

De mobiliario não se encontrou vestigio algum.

D'este modo, para determinarmos a idade da necropole, estamos reduzidos á fórma das sepulturas, ao modo de inhumacão, e ao anel e argola de que fallámos. Poderão estes dados resolver o problema? E' o que vamos ver.

O anel é de cobre. Não era possivel fazer-lhe a analyse chimica, sem sacrificar uma parte consideravel do objecto; mas, ferido com um ponção, o aspecto e pouca dureza do metal indicam o cobre puro.

Consiste em uma placasinha muito fina, enrolada no diametro de  $0^m,22$ , com as extremidades sobrepostas, mas não soldadas entre si. Augmenta de largura na parte media, que corresponde á face externa do dedo, e ahi apresenta duas pequeninas fracturas nas bordas. Fig. 11.

Limpo da oxydación, descobriram-se, gravados na face

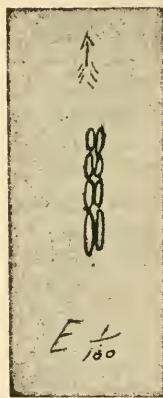


Fig. 13



Fig. 14

externa, por meio d'uma lima, diversos traços mais ou menos profundos, dispostos em modo de ornamentação; e, rolando em seguida o objecto sobre uma placa d'argila fresca, aquelles traços produziram o relevo que representamos, no dobro da grandeza, na fig. 15. Dir-se-ia um sinete!

Na parte central os traços estão dispostos de modo a formarem alguma cousa semelhante a duas estrellas, de oito raios cada uma, dentro de lozangos. Aos lados estão duas figuras em fórma de espigas.

Uma outra figura, composta d'uma haste deitada e cortada por tres hastes transversaes, que está por debaixo da espiga da esquerda, e outra semelhante, que se distingue por debaixo da extremidade direita da outra espiga, fazem lembrar o *samekh* do antigo alphabeto de Tyro.

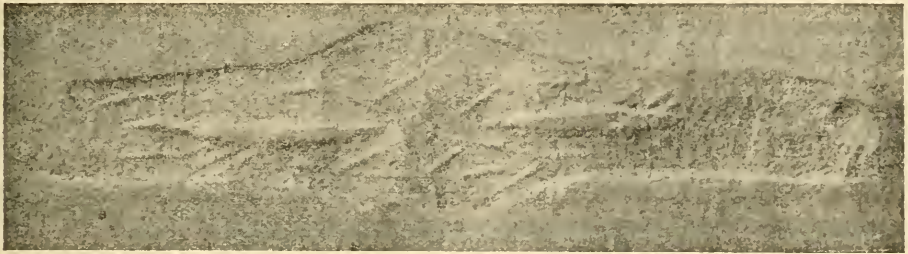


Fig. 15

Os aneis feitos d'uma delgada lamina de cobre são bastante velhos na Península, e não caracterizam uma epocha. Foram encontrados pelos srs. Siret em estações do bronze na Hespanha <sup>(1)</sup>, e por Estacio da Veiga na necropole da Fonte Velha, em Bensafirim, pertencente á primeira idade do ferro <sup>(2)</sup>. Exemplos do mesmo typo, mas feitos d'ouro ou bronze, foram recolhidos em estações da idade do ferro da Bohemia <sup>(3)</sup>.

A lima, com que foi decorado o nosso anel, não é, só por si, bastante para levar-nos a preferir qualquer d'aquellas idades. Esse instrumento não só existia na idade do ferro <sup>(4)</sup>, mas até na do bronze <sup>(5)</sup>.

A argola é formada por um fio cylindrico muito delgado, ponteagudo em uma das extremidades. O seu maior diametro interno mede apenas 0<sup>m</sup>,12. Fig. 16.

Arrecadas de fio de cobre, aguçadas em uma das extremidades, encontrámos nós nas estações pre-romanas de Santa Olaya, pertencentes á segunda idade do ferro ou periodo *marneano*, e que se acham archivadas no Museu. O sr. Bonsor tambem recolheu um exemplar nas estações ibero-punicas das Alcores <sup>(6)</sup>. De achados semelhantes, argolas abertas, feitas de fio de cobre,



Fig. 16

(1) *Les premiers âges du metal dans le sud-est de l'Espagne, extrait de la Rev. des quest. scientif.*, 1888, pag. 50-51.

(2) *Antig. mon. do Algarve*, vol. 4, pag. 254, est. 29, fig. 7.

(3) *Le Hradischt de Stradonitz*, pag. 51, est. 7, fig. 5 e 6.

(4) *L'Anthropologie*, t. xiv, n.ºs 4 e 5, pag. 394; *Les temps prehistoriques en Suède*, do sr. O. Montelius, pag. 168, fig. 229. *Le Hradischt de Stradonitz*, de J. L. Pic, trad. de Mr. Déchélette, pag. 86.

(5) *Musée Prehist.* dos srs. Motillet, est. 77, fig. 835.

(6) *Les colonies pre-romaines de la vallée du Betis*, pag. 74.

bronze ou ferro, e aguçadas em uma das extremidades, falla o sr. Gongora y Martinez em sepulturas andaluzas (1).

As peças do Museu da Figueira, porém, são muito maiores e mais regulares do que o exemplar do Serro do Algarve. Onde este tem notaveis semelhanças é em alguns dos desenhos que illustram a obra dos srs. Siret, representando o mobiliario por estes recolhido em estações do bronze do sueste da Hespanha, acrescendo que a prata já apparece trabalhada n'estas estações (2).

E o rito funerario? Na archeologia prehistorica de Portugal não abundam os elementos de comparação; todavia os que existem são taes que manifestamente excluem a nossa necropole não só da idade do cobre, mas tambem da idade do bronze, e até da primeira idade do ferrô no Algarve.

Temos já estudado n'esta provincia seis necropoles da idade do cobre, estando quatro nas visinhanças do Serro do Algarve, ao norte, sul e nascente, e não distando uma d'ellas, a do Poio, mais de 600 metros d'aquelle serro. Em todas estas necropoles a sepultura é uma pequena caixa feita com lages, onde o corpo, dobrado pelas articulações, era deitado de flanco, e excepcionalmente de bruços.

Se este era o rito em torno do Serro do Algarve, não é verosimil que n'este local um povo da mesma epocha sepultasse os seus mortos d'outro modo.

Por outro lado Estacio da Veiga explorou duas sepulturas no Campo da Trindade, em Faro, uma das quaes continha exclusivamente o bronze, que mediam 0<sup>m</sup>,90 a 0<sup>m</sup>,95 no comprimento, 0<sup>m</sup>,65 a 0<sup>m</sup>,72 na largura e 0<sup>m</sup>,57 a 0<sup>m</sup>,63 na profundidade (3); e semelhantes monumentos só permittiam a inhumação do corpo sendo dobrado pelas articulações. Isto prova, até novos factos em contrario, que na idade do bronze o rito funerario no Algarve subsistia fundamentalmente o mesmo que na idade do cobre.

Nem esta sobrevivencia surprehende; porque o mesmo rito continuou ainda na primeira idade do ferro no Algarve. Estacio da Veiga explorou parte da necropole pre-romana da Fonte Velha, em Bensafrin, onde encontrou o ferro e as contas de vidro esmaltadas; e as sepulturas eram tambem pequenas caixas feitas com lages, que só permittiam a inhumação de adultos com o corpo encolhido (4). Nós explorámos outra parte da necropole, encontrando sepulturas semelhantes, geralmente rectangulares ou trapezoidaes; e pela agglomeração dos ossos humanos a um lado pareceu-nos que os corpos seriam na verdade dobrados pelas articulações, mas postos de cocoras, como na idade da pedra, e não deitados. Pelo mobiliario e pelas inscrições concluímos, como Estacio da Veiga, que a necropole pertencia á idade do ferro, mas não aos primeiros tempos (5).

Estes cistos com inhumação de cocoras appareceram tambem em França no *tumulus* hallstattiano de Airoles (Gard) (6).

Para encontrarmos no nosso paiz o rito da inhumação-horisontal, em tempos posteriores á idade do cobre, é preciso talvez baixar até á segunda idade do ferro, periodo *marneano*. Não é no Algarve que este facto se acha verificado, porque não conhecemos ainda alli sépulturas d'esse periodo; mas temos a necropole do Ferrestello, no valle do Mondego, visinha de Santa Olaya, onde

(1) *Anteguedades prehistoricas de Andalucia*, pag. 86, fig. 100 e 101, pag. 99, fig. 115, e pag. 104, fig. 125.

(2) *Obra cit.*, pag. 50-51 e 55.

(3) *Obra cit.*, vol. iv, pag. 191.

(4) *Obra e vol. cit.*, pag. 250 e segg.

(5) *Memorias sobre a antiguidade*, pag. 143 e segg.

(6) *Revue Préhistorique*, 1.º anno, pag. 209.



as toscas sepulturas de lages brutas, com inhumação horisontal, parecem representar o rito pre-romano, contemporaneo das estações da segunda idade do ferro de Santa Olaya.

\* \* \*

Entretanto a necropole do Serro do Algarve é muito posterior a tudo isto.

Nas cercanias de Cascaes explorou o fallecido Paula e Oliveira varias necropoles, em que se encontraram sepulturas de lages brutas, differindo das nossas apenas em terem fórma ligeiramente trapézoidal e os lados menores tambem revestidos com lages. O modo de inhumação era o mesmo: — corpo deitado sobre as costas e braços estendidos ao longo do tronco.

O pequeno mobiliario recolhido n'essas necropoles está archivado no Museu da Comissão Geologica; e entre as peças ali expostas figuram as seguintes: (1)

— 1.º Anneis feitos d'uma estreita e fina lamina de cobre, com ornamentação de traços gravados na face externa.

— 2.º Annel aberto, de bronze, com as extremidades do arco sobrepostas.

— 3.º Annel de bronze, enfiado n'uma phalange, tendo gravada uma figura em fórma de estrella de oito raios.

— 4.º Argolinha feita d'um fio de bronze, com fórma semelhante á do nosso exemplar de prata.

Estas analogias indicam sufficientemente que se trata do mesmo povo e da mesma epocha representados na nossa necropole.

Ora no mobiliario das necropoles de Cascaes encontram-se objectos com typos familiares aos barbaros do norte. Taes são as fivellas de bronze com a porca do fuzilão recurvada e as grandes contas de vidro canneladas ou esmaltadas (2). A semelhança já foi tambem notada pelo sr. Dr. José Leite de Vasconcellos (3).

Por conseguinte a necropole do Serro do Algarve deve ser wisigothica.

Nós podemos até, sem esforço d'imaginação, ver nas gravuras do nosso annel um symbolo christão. Examinando a figura que nós comparámos a uma estrella de oito raios, nota-se que os dois raios lateraes não se ligam á figura central; de sorte que esta fica reduzida a um X cortado por uma haste vertical, passando pelo cruzamento das outras duas hastes. Por esta fórma tão simples está o monogramma de Jesus Christo representado em monumentos christãos dos primeiros tempos (4) e em varios objectos da arte dos barbaros (5).

De resto os wisigodos usaram tambem sepulturas feitas com lages cravadas de cutello; e os mortos eram ali depositados do mesmo modo que os das sepulturas do Serro do Algarve (6).

(1) *Antiquités prehistoriques des environs de Cascaes*, por Paula e Oliveira, pag. 5 e segg., e est. I e III, fig. 6 e 15.

(2) *Obra cit.*, est. III, fig. 1, 2 e 11; *Les cémítères antiques de Mouceau - le Neuf*, por J. Piloy, *siguanter* est. 4, fig. 7; *Industrie Longobarde*, por J. de Bayc, pag. 104 e est. 8.ª e segg. Vej. tambem a obra — *Etude sur les sepultures barbares du midi et de l'ouest de la France*, por Mr. Barrière Flavy.

(3) *O Archeologo Portuguez*, vol. XI, pag. 325, nota 2.

(4) *Pompei. les catacombes, l'Alhambra*, por Lagréze, pag. 307.

(5) *Obra cit.* do sr. J. de Bayc, est. 8, fig. 1 e 4, e pag. 67.

(6) *Obra cit.* de Mr. Barrière-Flavy, pag. 42, 135, 202 e 206.

## Cemiterio do seculo XV em Lirio

POR SANTOS ROCHA



Junto ao pequeno povoado de Lirio, na freguezia de Brenha, concelho da Figueira, em uma encosta voltada ao sul, que tem o nome de *terra das olayas*, pertencente a José Vaz dos Santos, de Brenha, descobriu este, excavando o solo para plantação de vinha, varias ossadas humanas e uma sepultura coberta com lages brutas.

Este homem teve o bom senso de suspender immediatamente o trabalho, communicando o facto á direcção do Museu e enviando-lhe um cranio recolhido no local.

Sem demora fomos encetar a exploração do terreno; e o proprietario então offereceu-nos uma pequena moeda ali encontrada.

Descobriram-se algumas sepulturas em simples fossas, abertas na terra, com a profundidade de 0<sup>m</sup>,40. D'ellas extrahimos dois cranios.

A sepultura coberta estava na profundidade de 0<sup>m</sup>,70. A cobertura era feita com quatro lages calcareas em bruto, e na sua totalidade media 2<sup>m</sup> no comprimento e 0<sup>m</sup>,95 na maior largura. Por debaixo encontrou-se uma fossa revestida com muros de pedra e barro tendo a espessura de 0<sup>m</sup>,20.

Esta fossa tinha a fórma de dois trapezios de altura desigual unidos pelas bases, como já haviamos encontrado no cemiterio da Igreja Velha em Alvaia-zere; e estava orientada a EO. Media no comprimento 1<sup>m</sup>,90, na largura das extremidades 0<sup>m</sup>,30 e do ponto de união da base dos trapezios 0<sup>m</sup>,55, e na profundidade 0<sup>m</sup>,40.

Encontraram-se dentro alguns ossos humanos desirmanados, indicando que ali houvera successivas inhumações; e por debaixo d'elles jazia o esqueleto d'um adulto, deitado sobre as costas, com os braços ao longo do tronco, a cabeça para O e a face ligeiramente inclinada para o sul. Este esqueleto representava todo o espolio funerario do inhumado.

Não nos offereceu duvida que este cemiterio era christão e datado apenas de alguns seculos, visto o estado de conservação dos ossos. Interrogando algumas pessoas, que assistiam ao nosso trabalho, sobre a existencia d'algum templo antigo nas visinhanças do local, recolhemos a tradição de que houvera no cimo da mesma encosta uma capella consagrada a S. Braz.

A moeda é um ceutil de D. Alfonso V, como nos informa o nosso consocio sr. Dr. Antonio Alvares Duarte Silva, encarregado da secção numismatica do

Museu. Outras semelhantes já haviam apparecido no mesmo terreno em annos anteriores, e tinham tambem sido offerecidas ao Museu.

Assim o cemiterio de Lirio data, pelo menos, do seculo XV.

E' interessante notar que á mesma epocha ou ao seculo XVI pertence o pequeno cemiterio do Serro da Fonte de Cabanas, que dista dois a tres kilometros de Lirio, e estava junto das ruinas d'uma capella; e que ali as sepulturas eram rectangulares, formadas por pequenas lages brutas cravadas de cutello, e tão estreitas que mal podiam receber os mortos.

---

## Antigas fórmulas populares do casamento no concelho da Figueira

por PEDRO FERNANDES THOMÁS



Não desapareceram inteiramente dos costumes do povo certas fórmulas tradicionaes que desde tempos remotos acompanhavam as epochas mais notaveis da vida humana; e assim encontramos ainda vestígios d'esses velhos usos acompanhando o nascimento, a morte, o casamento, etc., usos que o decorrer do tempo faz desaparecer, mas que é interessante registrar, nas suas fórmulas ás vezes tão originaes e características, e que constituem os ultimos élos que ligam o presente a um passado longínquo e meio apagado já.

Sobre o casamento na Beira já o nosso illustre consocio sr. Dr. Carlos Berges nos forneceu curiosas informações na interessánte communicacão lida na sessão plenaria d'esta Sociedade de 12 d'outubro de 1902 — *Barreiras ou trincheiras no casamento beirão*.

Vamos hoje registrar n'estas desprezenciosas e succintas notas algumas fórmulas populares do casamento, que persistem ainda em certas freguezias do concelho, ou d'ellas restam ainda vestígios na tradiçãõ local.

Entre estes antigos usos, o que representa maior caracter de generalidade e persistencia, é o que tem por objecto a demora na consumaçãõ do acto matrimonial.

Assim em algumas freguezias e particularmente nas de Brenha e Quiaios, depois de terminada a cerimonia religiosa do casamento, noivo e noiva ao sair da igreja separam-se, e vão, a noiva acompanhada das suas amigas e o noivo dos seus convidados, para casa dos respectivos paes, onde se banqueteam e se entregam aos folguedos proprios da occasião.

Oito ou mais dias depois é que o noivo acompanhado dos seus parentes e amigos vai buscar a noiva para a casa onde juntos devem habitar.

Nas aldeias espalhadas pelo extenso tracto de terreno denominado — Gandaras — revestem as fórmulas do casamento ainda maior originalidade.

Como a maior parte das povoações fica distante da séde da freguezia, o cortejo nupcial faz-se a cavallo, indo o noivo e a noiva montados em eguas caprichosamente ajaezadas.

Os convidados almoçam antes de partir, em casa dos paes dos noivos, dirigindo-se em seguida á igreja, onde se apeia toda a comitiva, celebrando-se em seguida a cerimonia nupcial; e, regressando pela mesma fórma á povoação, vão

os noivos cada um para casa dos respectivos paes, onde offerecem um jantar aos seus convidados.

No fim da refeição um dos convivas levanta-se, e diz :

— Agora vamos a fazer a offerta ao noivo (ou á noiva, conforme a casa em que a scena se passa)—e, pondo uma bandeja ou um prato em cima da meza,—começam a deitar n'elle dinheiro, principiando pelos padrinhos ou pessoas mais edosas e respeitaveis, dando cada um o mais que póde, conforme os seus haveres e generosidade e subindo muitas vezes esta offerta a uma quantia importante.

Em casa dos paes do outro conjuge succede outro tanto, fazendo cada um dos convivas egualmente a sua offerta.

Chegada a noite, realisa-se a parte mais original das bodas— a *Sécca*— que consiste no seguinte: o noivo, acompanhado da familia e amigos, dirige-se a casa da noiva, cuja porta está fechada. Dentro de casa está ella com a familia e convidados, e disfarça-se com outros trajos, escondendo-se em qualquer sitio onde não seja facil dar com ella.

Trava-se então um dialogo entre o noivo e os que estão dentro de casa, dialogo mais ou menos longo, mas que consiste pouco mais ou menos no seguinte: Depois de bater tres vezes á porta, de dentro perguntam: — Quem é e o que pretendem? — Somos passageiros que vamos de viagem, e pedimos commodo para esta noite. — Aqui não se dá commodo a ninguem: vá procurar outra casa. — Já é muito tarde para procurar outra casa; vimos muito enfadados, e mesmo n'outra casa não encontro o que procuro. — Pois hoje é que não entram cá, porque a familia da casa está incommodada; só se quizerem ficar na casa da eira ou no palheiro. — Na companhia trazemos um medico que talvez lhe dê com a cura...

E assim proseguem n'este sentido durante o tempo que lhes parece, até que o noivo diz :

— Trazemos aqui uma prenda, e queriamos ver se ella condizia com outra que ahi deve estar dentro.

Abre-se então a porta, entrando todos e indo procurar a noiva, que ás vezes custa a encontrar ou a conhecer no seu disfarce.

Muitas vezes o noivo não dispõe de sufficiente loquéla para sustentar o dialogo, e então arranja um individuo qualquer, práctico no caso, para *fallar á sécca*.

Logo que a noiva é encontrada, veste-se com os seus trajos nupciaes e senta-se ao lado do marido com os padrinhos e madrinhas, tomando todos uma refeição variada, e seguindo-se-lhe o baile que dura até altas horas da noite. Finda a diversão, o noivo volta para sua casa, e no dia seguinte vai elle e os convidados almoçar a casa da noiva, jantando as mesmas pessoas em casa do pai d'elle.

Alguns recém-casados vão viver em commum passados dois ou tres dias, repetindo-se os folguedos ora em casa dos paes d'um, ora na do outro, durante o tempo que estão separados; outros porém, fieis aos antigos usos, deixam passar dez e ás vezes quinze dias, e só depois é que se juntam.

Nas freguezias do sul, e principalmente na do Paião, havia tambem usos semelhantes.

Eis como ali se passavam as coisas.

No dia aprazado para a cerimonia nupcial, dirigia-se o noivo com os padrinhos e convidados a casa da noiva, encontrando a porta fechada.

O padrinho batia tres vezes á porta, obtendo á terceira vez a resposta:

— Quem está ahi?

A esta pergunta respondia o padrinho quem era, e quem o acompanhava. Abria-se então a porta, e perguntavam de dentro:

— O que desejam?

— Vimos aqui procurar uma prenda que está prometida a este meu afilhado.

— Entrem, procurem, e, se a encontrarem, levem-n'a!

O padrinho dirigia-se então a um quarto, cuja porta estava também fechada, e onde se encontrava a noiva com as madrinhas; batia tres vezes e entre elle e uma das madrinhas travava-se dialogo igual ao antecedente, entrando em seguida no quarto, onde a noiva estava escondida atraz da porta, e onde o padrinho a ia buscar.

Vinham depois todos para a sala, onde já estava uma esteira ou coberta estendida no chão, e ali ajoelhavam os noivos, um ao lado do outro, para receberem a benção dos paes e padrinhos, aos quaes beijavam a mão.

Partia depois o cortejo para a egreja, e, finda a cerimonia, iam todos acompanhar a noiva a casa dos paes d'ella, indo o noivo e os seus convidados para casa dos paes d'elle, onde jantavam. Finda a refeição o noivo com o seu séquito ia buscar a noiva, e conduzia-a para a casa onde deviam viver, e ali havia baile e descantes até altas horas da noite, assistihdo a elles os recém-casados, sentados ao lado um do outro.

No dia seguinte os noivos offereciam na sua nova casa um jantar aos padrinhos e amigos, dos quaes recebiam presentes em generos, alfaias domesticas, e até em dinheiro.

Em Lavos não havia o costume de se esconder a noiva; mas, concluida a cerimonia na egreja, passavam-se as cousas como no Paião.

Durante a semana são os noivos visitados pelos seus amigos e parentes que lhes levam presentes quasi sempre em generos. No meio da sala está sempre posta a mesa com biscoitos, pão, fructas, azeitonas e vinho, para offerecer aos visitantes.

Durante o periodo *das visitas* os noivos teem algumas camas muito bem preparadas, com as melhores roupas que possuem (os mais pobres até as pedem emprestadas), e em cima da cama em que dormem, collocam os seus melhores fatos, e dependurados nas portas os chales, lenços, etc.

Em ambas as freguezias, vão os noivos no primeiro domingo após o casamento visitar os padrinhos, fazendo-se acompanhar por uma mulher levando á cabeça uma grande cesta coberta por alva e rendada toalha, e contendo as classicas travessas de arroz doce para offerecer aos padrinhos, que em troca devem presentear-os com um alqueire de trigo, feijão ou milho.

Em Lavos, quando se realisa algum casamento, juntam-se os rapazes e raparigas e arranjam uma casa perto da habitação dos noivos e ali se divertem e dançam toda a noite. Ordinariamente apparece um *empregario* que se encarrega de arranjar a casa, fornecer luzes, etc., pagando cada um dos que tomam parte na funcção uma certa quantia.

A isto chamam — *As Festas*.

Na Cova de Lavos, os noivos vinham para a egreja, precedidos de um numeroso grupo de rapazes e raparigas cantando ao som de guitarras e violas, tudo descalço, e ellas com as saias *traçadas*. Antes de chegarem á egreja parava o cortejo para todos se calçarem, e finda a cerimonia tornavam a descalçar-se, e assim iam até á povoação.

Junto á porta dos noivos, paravam, e o noivo e a noiva *botavam versos* um ao outro antes de entrarem.

Em algumas povoações dos concelhos de Soure e Pombal, limitrophes do

nosso, quando ha algum casamento, os padrinhos e as madrinhas dão á noiva dois potes para agua e dois massos de estopa ou de linho, que lhe mandam a casa n'uma cesta coberta com um lençol de fólhos.

No dia do casamento, e no trajecto para a egreja, os visinhos e amigos põem ás portas de suas casas mezas enfeitadas de flores, com fructas da estação, garrafas de vinho e aguardente, pratos com trigo, etc. O cortejo é acompanhado por mulheres levando á cabeça cestas cheias de bolos, que, ao passarem pelas mezas recolhem tudo quanto lá está, deixando em cada meza um bôlo.

Concluida a cerimonia na egreja, os noivos efferecem um jantar aos seus amigos, dando cada conviva 500 reis.

---









GETTY CENTER LIBRARY



3 3125 00612 5864

